

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Isabela Cristina de Assis Berg

**PAISAGENS RESILIENTES:  
uma abordagem das relações entre o fenômeno da percepção e a conservação  
de sítios de valor patrimonial**

Belo Horizonte

2023

Isabela Cristina de Assis Berg

**PAISAGENS RESILIENTES:  
uma abordagem das relações entre o fenômeno da percepção e a conservação  
de sítios de valor patrimonial**

**Versão final**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a defesa do título de Doutora em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanessa Borges Brasileiro

Área de concentração: Teoria, Produção e Experiência do Espaço

Belo Horizonte

2023

## FICHA CATALOGRÁFICA

B493p

Berg, Isabela Cristina de Assis.

Paisagens resilientes [manuscrito] : uma abordagem das relações entre o fenômeno da percepção e a conservação de sítios de valor patrimonial / Isabela Cristina de Assis Berg. - 2023.

305 f. : il.

Orientadora: Vanessa Borges Brasileiro.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Patrimônio Cultural - Preservação - Teses. 2. Paisagem - Proteção - Teses. 3. Fenomenologia - Teses. I. Brasileiro, Vanessa Borges. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 712.2



FOLHA DE APROVAÇÃO

**Paisagens Resilientes: uma abordagem das relações entre o fenômeno da percepção e a conservação de sítios de valor patrimonial**

**ISABELA CRISTINA DE ASSIS BERG**

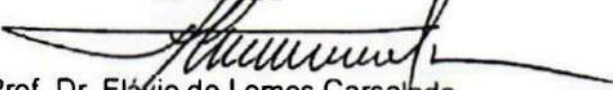
Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG como requisito para obtenção do grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço.

Aprovada em 13 de fevereiro de 2023, pela Comissão constituída pelos membros:

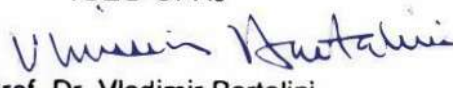
  
Vanessa Borges  
Brasileiro:76007  
227634  
Vanessa Borges  
Brasileiro:76007227634  
2023.03.03 20:11:42  
+01'00'  
Profa. Dra. Vanessa Borges Brasileiro - Orientadora  
EA-UFMG

  
Prof. Dr. Altamiro Sérgio Mol Bessa  
EA-UFMG

  
Prof. Dr. Carlos Antônio Leite Brandão  
EA-UFMG

  
Prof. Dr. Flávio de Lemos Carsalade  
EA-UFMG

  
Prof. Dr. Rafael Winter Ribeiro  
IGEO-UFRJ

  
Prof. Dr. Vladimir Bartalini  
FAU-USP

Belo Horizonte, 13 de fevereiro de 2023.

*À mãe e ao pai tão amados.*

*Às paisagens do coração  
e a seu feliz futuro  
por mim tão desejado.*

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, agradeço pelas bolsas de doutorado e doutorado sanduíche que me foram concedidas ao longo dos últimos anos. Essas constituíram suporte absolutamente essencial ao desenvolvimento de minhas pesquisas, realizadas no Brasil e no exterior, tornando possível, assim, a construção da presente tese.

À Fondazione LINKS do Politecnico di Torino, instituição na qual realizei o doutorado sanduíche no período de junho a novembro de 2022, agradeço, através especialmente das figuras de Marco Valle – seu responsável científico e meu tutor no período em questão –, Patrizia Borlizzi e Silvia Soldano, pela imensa gentileza demonstrada em minha acolhida e no apoio prestado à condução de minhas investigações acerca do sítio das paisagens vitivinícolas do Piemonte. Esse apoio, exercido de variadas formas, foi fundamental, afinal, para que eu pudesse alcançar os principais objetivos vinculados a tais investigações.

À Associazione per Il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato, na qual destaco a figura do senhor Roberto Cerrato, seu diretor, e a de Giulia Pelassa, agradeço pelas igualmente imensas e gentis acolhida e cooperação. Esta última, efetuada principalmente na organização das entrevistas realizadas com habitantes do sítio anteriormente citado, foi imprescindível, pois, para que essas pudessem ocorrer de forma satisfatória, contribuindo expressivamente, logo, com a elaboração deste trabalho.

Aos entrevistados – senhores Daniele Ronco, Federico Scarzello, Giorgio Pelissero, Luca Cravanzola, Marisa Fogliati e Michela Adriano –, meu agradecimento se volta, para além da cortesia e atenção com que me receberam, às preciosas lições que me proporcionaram. Aludo notadamente àquelas que dizem respeito a seu cuidado com seu território, sua história e sua cultura, que para mim realçam e reforçam tanto a importância quanto a beleza do papel capaz de ser exercido pelo patrimônio na vida das pessoas.

À minha orientadora, professora Vanessa Borges Brasileiro, por quem tenho o verdadeiro privilégio de ser tutorada desde a graduação, passando pelo mestrado até chegar a esta etapa, agradeço não só pelos valiosos aprendizados obtidos especificamente no decorrer da atual jornada como também por seu sempre

atencioso, gentil e generoso apoio em todos os momentos dessa e pela luminosa inspiração que representa para mim. Embora já tenha expressado em outras ocasiões o tanto que a admiro, não considero que seja um exagero repeti-lo e, deste modo, reitero tal admiração a fim de que também aqui se faça marcada, afirmando, inclusive, a sincera estima que nutro por sua figura.

Aos professores Altamiro Sérgio Mol Bessa, Carlos Antônio Leite Brandão e Flávio de Lemos Carsalade, que também muito admiro e estimo e com os quais tive igualmente a oportunidade de adquirir valiosos aprendizados no âmbito de suas respectivas disciplinas ministradas na Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, agradeço, particularmente na condição de membros de minha Banca de Qualificação, pelas proveitosas orientações que me forneceram durante a etapa em questão. Essas me permitiram ajustar pontos importantes de meu trabalho, tendo contribuído significativamente, assim, para o seu aprimoramento.

Ao bibliotecário Marco Antônio, da Biblioteca da Escola de Arquitetura, agradeço pelo atencioso e gentil auxílio prestado durante o processo de formatação deste trabalho.

A meus pais, Sonia e Walmir, base de minha existência, agradeço, dentre tantas outras coisas dignas de meu agradecimento, especialmente pelo amor e pelo apoio incondicionais sem os quais não teria podido chegar aonde cheguei. Esta conquista, que para mim representa a concretização de um verdadeiro sonho, é, portanto, além de a eles dedicada, igualmente a eles enormemente pertencente, devendo ser pontuado, porém, o fato de que considero que não há nada no mundo – feitos, palavras, etc. – com que eu sinta que consigo expressar-lhes devidamente o tamanho de minha gratidão.

Por fim, a Deus, agradeço por Sua permanente e infinita bondade em me acompanhar, guiar e sustentar em cada um de meus passos. A Ele é devido ainda o profundo agradecimento pelas inúmeras valiosas oportunidades-bênçãos recebidas em minha vida que, somadas, abriram caminho para as realizações que hoje posso, enfim, vislumbrar diante de meus olhos.

*“É em nós que as paisagens têm paisagem.”  
(PESSOA, 2006, p. 409).*



## RESUMO

O trabalho dedica-se a identificar as relações existentes entre os modos dos indivíduos perceberem as paisagens e o potencial de resiliência destas últimas, considerando, especialmente, a perspectiva da preservação de seus elementos identitários ao longo do tempo diante de processos de transformação territorial ocasionados por fatores diversos. Adota como referencial teórico fundamental a fenomenologia da percepção proposta pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty, à qual articulam-se contribuições de outros autores vinculados especialmente às temáticas do patrimônio cultural e da filosofia da paisagem. A metodologia de investigação contempla, entre outros itens, a análise de sítio selecionado segundo critérios estabelecidos no âmbito da própria pesquisa, correspondente àquele das paisagens vitivinícolas italianas de Langhe-Roero e Monferrato, integrantes da lista do Patrimônio Mundial da UNESCO desde o ano de 2014. Como objetivos principais figuram o lançamento de novas luzes sobre o campo da tutela de sítios e paisagens a partir da abordagem fenomenológica da percepção, assim como a divulgação e ampliação dos debates em torno da aplicação do conceito de resiliência paisagística no campo da preservação patrimonial.

Palavras-chave: Paisagem. Patrimônio cultural. Fenomenologia da percepção. Resiliência patrimonial. Paisagens vitivinícolas de Langhe-Roero e Monferrato.

## **ABSTRACT**

This work aims to identify the existing relationship between the way individuals perceive the landscape and its resilience potential, especially considering heritage preservation of sites and their identity elements through the years. The fundamental research reference is phenomenology of perception proposed by the philosopher Maurice Merleau-Ponty, to which contributions from other authors especially linked to the issues of cultural heritage and philosophy of the landscape are articulated. The methodology includes the analysis of a site, selected according to criteria established by the research, which corresponds to the Italian Vineyard Landscapes of Langhe-Roero and Monferrato, recognized as a World Heritage Site by UNESCO since 2014. The main goals are to promote a new approach to the protection of sites and landscapes through the phenomenology of the perception, as well as to disseminate and amplify the discussions about the application of the concept of landscape resilience in the context of heritage preservation.

**Keywords:** Landscape. Cultural heritage. Phenomenology of the perception. Heritage resilience. Vineyard landscapes of Langhe-Roero and Monferrato.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                                                                                                                      |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Ilustração 1 – Pinturas do Monte Sainte-Victoire, por Paul Cézanne. Data das obras, da parte superior esquerda à inferior direita: 1885, 1887, 1904, 1906.....                                                                       | 60  |
| Ilustração 2 – Afresco <i>A Primavera</i> (século XIV a.C.), encontrado em parede de construção soterrada no sítio arqueológico grego de Akrotiri pela grande erupção vulcânica na ilha de Santorini durante a Idade do Bronze ..... | 80  |
| Ilustração 3 – Afresco encontrado em parede do Templo de Ísis localizado na cidade de Pompeia, soterrada pela erupção do vulcão Vesúvio no ano 79 da era cristã .....                                                                | 80  |
| Ilustração 4 – Mosaico presente na abside da Basílica de Santo Apolinário em Classe em Ravena (549 d.C.) .....                                                                                                                       | 85  |
| Ilustração 5 – <i>A Tempestade</i> (1508), de Giorgione.....                                                                                                                                                                         | 89  |
| Ilustração 6 – <i>Caminhante sobre o mar de névoa</i> (1817), de Caspar David Friedrich .....                                                                                                                                        | 92  |
| Ilustração 7 – <i>Castelo de Hadleigh</i> (c. 1828-1829), de John Constable.....                                                                                                                                                     | 93  |
| Ilustração 8 – <i>Ville-d'Avray</i> (c. 1867), de Jean-Baptiste Camille Corot .....                                                                                                                                                  | 94  |
| Ilustração 9 – <i>Paisagem com um conjunto de árvores</i> (c. 1844), de Théodore Rousseau .....                                                                                                                                      | 94  |
| Ilustração 10 – Mapa indicativo da localização da região do Piemonte e do território da <i>Paisagem Vitivinícola</i> no contexto do território italiano .....                                                                        | 126 |
| Ilustração 11 – Mapa da região do Piemonte contendo os componentes da <i>Paisagem Vitivinícola</i> e suas respectivas <i>core zone</i> e <i>buffer zone</i> .....                                                                    | 127 |
| Ilustração 12 – Vista de parte do território do componente 1 da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte, La Langa del Barolo</i> .....                                                                                                  | 128 |
| Ilustração 13 – Vista do <i>Castello di Ginzane Cavour</i> , correspondente ao componente 2 da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> .....                                                                                        | 128 |
| Ilustração 14 – Vista de parte do território do componente 3 da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte, Le colline del Barbaresco</i> .....                                                                                            | 129 |
| Ilustração 15 – Vista de parte do território do componente 4 da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte, Nizza Monferrato e il Barbera</i> .....                                                                                        | 129 |
| Ilustração 16 – Vista de adega presente no território do componente 5 da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte, Canelli e l'Asti spumante</i> .....                                                                                   | 130 |
| Ilustração 17 – Vista de adega escavada na rocha conhecida como <i>Pietra da Cantoni</i> , pertencente ao território do componente 6 da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte, Il Monferrato degli Infernot</i> .....                 | 130 |

|                                                                                                                                                                                                                             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Ilustração 18 – Representação de lebre alimentando-se de um cacho de uvas contida em estela de Lucio Campio Mansueto, datada do século II d.C. ....                                                                         | 133 |
| Ilustração 19 – Técnicas para disposição das filas de videiras na <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> .....                                                                                                            | 136 |
| Ilustração 20 – Representação de 1668 da organização da paisagem agrária na região entre Tigliole, Celle e San Damiano .....                                                                                                | 137 |
| Ilustração 21 – Roseira plantada ao final de uma fileira de videiras na <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> .....                                                                                                      | 138 |
| Ilustração 22 – Figura datada do período tardo-medieval contendo a representação da atividade de poda das videiras durante o mês de março .....                                                                             | 140 |
| Ilustração 23 – Registro da vindima de 1893 realizada no município de Cassine...                                                                                                                                            | 141 |
| Ilustração 24 – Registro de vindima realizada no território da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> com data estimada entre fins do século XIX e primeira metade do século XX .....                                     | 142 |
| Ilustração 25 – Registro da vindima de 1974 realizada no município de Barolo .....                                                                                                                                          | 142 |
| Ilustração 26 – Registro da vindima de 1980 realizada no município de Barolo .....                                                                                                                                          | 143 |
| Ilustração 27 – Registro da vindima de 2021 realizada no município de Barbaresco .....                                                                                                                                      | 143 |
| Ilustração 28 – Registro da vindima de 2021 realizada no município de Barbaresco .....                                                                                                                                      | 143 |
| Ilustração 29 – Cartaz de divulgação da <i>Festa da Uva</i> de 1937 do município de Cassine .....                                                                                                                           | 144 |
| Ilustração 30 – Cartaz de divulgação da <i>Festa de Maio</i> de 1891 do município de Asti .....                                                                                                                             | 145 |
| Ilustração 31 – Cartaz de divulgação da <i>1ª Mostra de Vinhos Piemonteses e Feira de Degustação</i> , realizada no município de Asti em 1924.....                                                                          | 146 |
| Ilustração 32 – Representação do traçado da Via Fulvia à época romana .....                                                                                                                                                 | 147 |
| Ilustração 33 – Vista dos núcleos urbanos dos municípios de Castiglione Falletto (no plano intermediário, à direita) e La Morra (aos fundos, à esquerda) a partir de praça no centro do município de Serralunga d'Alba..... | 153 |
| Ilustração 34 – Registro feito no verão de vinhas e áreas não cultivadas presentes no território da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> .....                                                                          | 154 |
| Ilustração 35 – Registro feito no outono de vinhas e áreas não cultivadas presentes no território da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> .....                                                                         | 154 |
| Ilustração 36 – Registro feito no inverno de vinhas presentes no território da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> .....                                                                                               | 155 |

|                                                                                                                                                                                                                     |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Ilustração 37 – Mapa representativo do território do município de Barolo, inserido na <i>core zone</i> do componente 1 da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte, La Langa del Barolo</i> .....                       | 160 |
| Ilustração 38 – Vista da inserção do núcleo urbano de Barolo em planalto circundado por colinas.....                                                                                                                | 161 |
| Ilustração 39 – Vista do antigo Castello Comunale Falletti di Barolo .....                                                                                                                                          | 161 |
| Ilustração 40 – Rótulo de 1885 do vinho Barolo produzido nas caves da Ópera Pia Barolo. Destaque para a representação do castelo, no canto inferior esquerdo do rótulo, realizada segundo seu aspecto à época ..... | 166 |
| Ilustração 41 – Registro, com data estimada da primeira metade do século XIX, do Castello di Barolo em seu funcionamento como Collegio Barolo .....                                                                 | 166 |
| Ilustração 42 – Vista de sala dedicada à exposição da relação do vinho com as diversas culturas ao redor do mundo presente no interior do atual WiMu.....                                                           | 167 |
| Ilustração 43 – Vista da antiga igreja dedicada a Santo Agostinho, à esquerda, e da Igreja Paroquial de São Donato, à direita.....                                                                                  | 168 |
| Ilustração 44 – Vista da antiga igreja dedicada a Santo Agostinho e da Igreja Paroquial de São Donato junto ao Castello di Barolo a partir de via no entorno do núcleo urbano de Barolo .....                       | 169 |
| Ilustração 45 – Vista do Castello della Volta a partir do núcleo urbano de Barolo na qual evidencia-se sua posição em porção mais elevada do território .....                                                       | 170 |
| Ilustração 46 – Edificações presentes no núcleo antigo de Barolo .....                                                                                                                                              | 172 |
| Ilustração 47 – Edificações presentes no entorno do núcleo antigo de Barolo .....                                                                                                                                   | 173 |
| Ilustração 48 – Vista panorâmica de Barolo com data estimada do início do século XX .....                                                                                                                           | 174 |
| Ilustração 49 – Vista panorâmica de Barolo na atualidade .....                                                                                                                                                      | 174 |
| Ilustração 50 – Vista do núcleo de Barolo com data estimada do início do século XX .....                                                                                                                            | 175 |
| Ilustração 51 – Vista do antigo núcleo de Barolo na atualidade.....                                                                                                                                                 | 175 |
| Ilustração 52 – Mapa representativo do território do município de Barbaresco, inserido na <i>core zone</i> do componente 3 da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte, Le colline del Barbaresco</i> .....             | 178 |
| Ilustração 53 – Vista da implantação do núcleo urbano de Barbaresco em topo de colina.....                                                                                                                          | 179 |
| Ilustração 54 – Vista da Torre di Barbaresco .....                                                                                                                                                                  | 179 |
| Ilustração 55 – Vista parcial do território obtida a partir do alto da Torre di Barbaresco.....                                                                                                                     | 184 |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                     |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Ilustração 56 – Vista parcial de exposição realizada no acesso à Torre di Barbaresco e em sua base com fotografias associadas à cultura vitivinícola local .....                                                                                                                    | 185 |
| Ilustração 57 – Vista da Igreja Paroquial de São João Batista a partir do eixo da Via Torino .....                                                                                                                                                                                  | 186 |
| Ilustração 58 – Vista do Castello di Barbaresco .....                                                                                                                                                                                                                               | 187 |
| Ilustração 59 – Fotografia antiga (com data estimada do período entre fins do século XIX e início do século XX) do núcleo urbano de Barbaresco na qual observa-se a presença destacada do Castello di Barbaresco, além daquela da Igreja de São João Batista e da torre .....       | 188 |
| Ilustração 60 – Vista atual, obtida a partir do alto da Torre di Barbaresco, do Castello di Barbaresco na qual observa-se a conservação das características gerais do edifício e de sua relação com a paisagem .....                                                                | 188 |
| Ilustração 61 – Vista da antiga Igreja de São Donato .....                                                                                                                                                                                                                          | 189 |
| Ilustração 62 – Vista obtida, a partir do alto da Torre di Barbaresco, do caminho ao longo do qual o assentamento medieval de Barbaresco se estabeleceu. Em primeiro plano observa-se a Igreja de São João Batista e, aos fundos (em destaque), a antiga Igreja de São Donato ..... | 190 |
| Ilustração 63 – Vista do interior da antiga Igreja de São Donato em seu atual uso como sede da Enoteca Regional do Barbaresco .....                                                                                                                                                 | 190 |
| Ilustração 64 – Edificações presentes no núcleo antigo de Barbaresco .....                                                                                                                                                                                                          | 191 |
| Ilustração 65 – Edificações presentes no entorno do núcleo antigo de Barbaresco                                                                                                                                                                                                     | 192 |
| Ilustração 66 – Fotografia, com data desconhecida, do que aparenta ser a construção de uma nova residência nas imediações do Castello di Barbaresco ....                                                                                                                            | 193 |
| Ilustração 67 – Panorama de Barbaresco datado de 1910 .....                                                                                                                                                                                                                         | 194 |
| Ilustração 68 – Panorama de Barbaresco datado de 1930 .....                                                                                                                                                                                                                         | 194 |
| Ilustração 69 – Panorama de Barbaresco datado de 1950 .....                                                                                                                                                                                                                         | 195 |
| Ilustração 70 – Panorama de Barbaresco datado de 1965 .....                                                                                                                                                                                                                         | 195 |
| Ilustração 71 – Panorama de Barbaresco datado de 1970 .....                                                                                                                                                                                                                         | 196 |
| Ilustração 72 – Panorama atual de Barbaresco .....                                                                                                                                                                                                                                  | 196 |
| Ilustração 73 – Desenho representativo da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> .....                                                                                                                                                                                            | 207 |
| Ilustração 74 – Desenho representativo da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> .....                                                                                                                                                                                            | 208 |
| Ilustração 75 – Desenho representativo da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> .....                                                                                                                                                                                            | 208 |
| Ilustração 76 – Gravura de porção do território da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> realizada por Francesco Gonin .....                                                                                                                                                     | 215 |

|                                                                                                                                                                 |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Ilustração 77 – Pintura <i>Estrada de Monferrato com o Castelo de Uviglie</i> realizada por Angelo Morbelli.....                                                | 215 |
| Ilustração 78 – Pintura de porção do território da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> situada na região de Monferrato realizada por Angelo Morbelli ..... | 215 |
| Ilustração 79 – Desenho representativo da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> .....                                                                        | 219 |
| Ilustração 80 – Desenho representativo da <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte</i> .....                                                                        | 219 |

## LISTA DE SIGLAS

|            |                                                                                              |
|------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|
| DOC        | Denominação de Origem Controlada                                                             |
| DOCG       | Denominação de Origem Controlada e Garantida                                                 |
| IPHAN      | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional                                       |
| NPGAU/UFMG | Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais |
| PNAP       | Política Nacional de Arquitetura e Paisagem                                                  |
| SES        | Sistema Socioecológico                                                                       |
| SIG        | Sistema de Informação Geográfica                                                             |
| SiTI       | Istituto Superiore sui Sistemi Territoriali per l'Innovazione                                |
| UFMG       | Universidade Federal de Minas Gerais                                                         |
| UNESCO     | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura                         |



## SUMÁRIO

|                                                                                              |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....                                                                    | <b>18</b>  |
| 1.1 O ponto de partida .....                                                                 | 21         |
| 1.2 A hipótese .....                                                                         | 26         |
| 1.3 O conceito de resiliência no campo patrimonial: breves considerações ....                | 31         |
| 1.4 Objetivos .....                                                                          | 41         |
| 1.5 Metodologia .....                                                                        | 42         |
| <b>2 A PERCEPÇÃO</b> .....                                                                   | <b>46</b>  |
| 2.1 Dos fenômenos à Fenomenologia: síntese de um percurso formativo.....                     | 46         |
| 2.2 Maurice Merleau-Ponty: o primado da percepção e suas consequências filosóficas.....      | 55         |
| 2.2.1 A natureza da percepção .....                                                          | 57         |
| 2.3 O papel do corpo .....                                                                   | 67         |
| 2.3.1 A motricidade e a espacialidade do corpo próprio.....                                  | 70         |
| 2.3.2 O corpo e o espaço percebido .....                                                     | 72         |
| <b>3 A PAISAGEM</b> .....                                                                    | <b>77</b>  |
| 3.1 A paisagem percebida .....                                                               | 79         |
| 3.2 A paisagem refletida .....                                                               | 95         |
| 3.3 As paisagens da Paisagem .....                                                           | 114        |
| <b>4 A PAISAGEM VITIVINÍCOLA DO PIEMONTE: LANGHE-ROERO E MONFERRATO</b> .....                | <b>124</b> |
| 4.1 Caracterização geral do sítio.....                                                       | 124        |
| 4.1.1 Barolo, de La Langa del Barolo .....                                                   | 159        |
| 4.1.2 Barbaresco, de Le colline del Barbaresco.....                                          | 177        |
| <b>5 DA PERCEPÇÃO À RESILIÊNCIA DA PAISAGEM</b> .....                                        | <b>198</b> |
| 5.1 Era uma vez na <i>Paisagem Vitivinícola do Piemonte: Langhe-Roero e Monferrato</i> ..... | 203        |
| 5.2 Era uma vez em Barolo... ..                                                              | 223        |
| 5.3 Era uma vez em Barbaresco... ..                                                          | 232        |
| 5.4 Perceber, significar, valorar, cuidar... e continuar .....                               | 239        |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                                          | <b>244</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                                                     | <b>250</b> |

|                                                                                                                                                                                   |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>APÊNDICE A – Roteiro original de entrevista semiestruturada realizada no idioma italiano com indivíduos vinculados às localidades de Barolo e Barbaresco .....</b>             | <b>262</b> |
| <b>APÊNDICE B – Tradução do roteiro original de entrevista semiestruturada realizada no idioma italiano com indivíduos vinculados às localidades de Barolo e Barbaresco .....</b> | <b>263</b> |
| <b>APÊNDICE C – Transcrição de entrevista realizada com Daniele Ronco .....</b>                                                                                                   | <b>264</b> |
| <b>APÊNDICE D – Transcrição de entrevista realizada com Federico Scarzello .....</b>                                                                                              | <b>270</b> |
| <b>APÊNDICE E – Transcrição de entrevista realizada com Giorgio Pelissero .....</b>                                                                                               | <b>279</b> |
| <b>APÊNDICE F – Transcrição de entrevista realizada com Luca Cravanzola .....</b>                                                                                                 | <b>287</b> |
| <b>APÊNDICE G – Transcrição de entrevista realizada com Marisa Fogliati .....</b>                                                                                                 | <b>291</b> |
| <b>APÊNDICE H – Transcrição de entrevista realizada com Michela Adriano .....</b>                                                                                                 | <b>300</b> |

## INTRODUÇÃO

*Paisagens, quero-as comigo.  
Paisagens, quadros que são...  
Ondular louro do trigo,  
Faróis de sóis que sigo,  
Céu mau, juncos, solidão...*

*Umás pela mão de Deus,  
Outras pelas mãos das fadas,  
Outras por acasos meus,  
Outras por lembranças dadas...*

*Paisagens... Recordações,  
Porque até o que se vê  
Com primeiras impressões  
Algures foi o que é,  
No ciclo das sensações.*

*Paisagens... Enfim, o teor  
Da que está aqui é a rua  
Onde ao sol bom do torpor  
Que na alma se me insinua  
Não vejo nada melhor.  
(PESSOA, 1996, p. 419).*

Diz-se que os homens imprimem suas marcas nas paisagens. Motivados por seus próprios desígnios, moldam a natureza e o território conforme consideram apropriado ao atendimento de suas necessidades, sejam essas materiais ou espirituais, e, assim, convertem então as paisagens em espécies de espelhos nos quais terminam de algum modo vendo sua autoimagem representada.

Esquece-se frequentemente, porém, do fato de que também as paisagens imprimem suas marcas nos homens, pois, não obstante estejamos habituados a concebê-las como entidades autossuficientes e distantes que se colocam como simples panoramas **diante** de nós, a verdade é que toda a nossa vida, desde o princípio, é vivida **em** paisagens e, logo, é por essas igualmente marcada.

Deve-se compreender, em primeiro lugar, que tais paisagens não despontam senão de relações especiais que estabelecemos com os ambientes que experimentamos. Desta forma, na infância há, por exemplo, as paisagens dos lugares das brincadeiras e das descobertas, na juventude há aquelas dos lugares do desfrute de aventuras junto dos amigos, bem como na vida adulta, em particular, para além das paisagens que nos habituamos a frequentar em nosso cotidiano, ocasionalmente podem existir também aquelas que nos são reveladas em viagens a territórios desconhecidos, das quais uma única experiência pode bastar para torná-

las inesquecíveis. Essas paisagens, pois, que vão sendo de algum modo incorporadas à nossa existência no curso de sua duração acompanhadas de uma significação própria, são, afinal, paisagens que nos marcam. E o fazem de um modo às vezes tão sutil, mas simultaneamente tão intenso, que suas cores e texturas, seus sons, aromas e sabores atam-se arraigadamente a nossas percepções. É o que ocorre, por exemplo, com as tonalidades do azul e do verde vislumbrados respectivamente no céu e nas montanhas de uma determinada região, com as rugosidades que sentimos nos caminhos e nas superfícies de construções antigas em pedra de uma cidade secular, junto dos sons característicos dos sinos de suas igrejas, de suas ruas e do gosto da comida local, etc. Trata-se de dados que passam, pois, a referenciar o modo como percebemos e experimentamos outros azuis e outros verdes, outras rugosidades, sonoridades e gostos; passam a referenciar, enfim, a forma como percebemos e experimentamos outros ambientes e suas paisagens.

Daí torna-se correto, portanto, afirmarmos que **a paisagem está em nós tanto quanto nós estamos na paisagem**, complexificando, por outro lado, a precisa definição dos limites entre aquilo que verdadeiramente nos pertence e o que pertence à paisagem; pois nessa espécie de intercâmbio que termina conformando-a como o *locus* privilegiado da elaboração e transmissão de nossas identidades e de nossas memórias a partir de sua receptividade à expressão de nossos ideais e aspirações humanos, somos levados a admitir que a paisagem é igualmente o *locus* privilegiado de nossa experiência de ser-no-mundo. Por conseguinte, não podemos dizer apenas que estamos, senão que **somos na paisagem e com a paisagem**, do mesmo modo que a paisagem, dado o caráter de sua constituição, é **paisagem em nós e conosco**.

Desta concepção, porém, que teremos a oportunidade de explorar melhor ao longo deste trabalho, é forçoso dizer que nem sempre – ou raramente, diga-se de passagem – encontra-se à luz da consciência dos indivíduos, sendo, inclusive, comumente eclipsada por entendimentos que tendem a objetivar em demasiado o homem e o meio na abordagem das relações que estabelecem entre si. Ela logra aflorar, contudo, ainda que implícita e timidamente, nos instantes em que nosso espírito nos impele ao desejo de contato com a natureza e com o mundo exterior, de modo geral, ou mesmo na recordação saudosa das paisagens presentes em outros tempos de nossas vidas. Referimo-nos, assim, a paisagens que podem se encontrar

distantes de nós tanto espacial quanto temporalmente, incluindo, neste último caso, também aquelas paisagens porventura já irremediavelmente perdidas, conservadas vividas apenas na memória daqueles que nelas radicaram especialmente os seus afetos.

Neste sentido, deve-se apontar aqui a constatação de que nosso tempo infelizmente apresenta como uma de suas características, ao menos com maior veemência do que outras épocas, a gradativa destruição de paisagens, da qual pode-se dizer que é ocasionada, em uma espécie de segundo nível causal, pelo atendimento de interesses particulares de determinados atores ou grupos sociais vinculados à exploração de recursos naturais, à especulação imobiliária, etc., mas é também provocada – e aí está a primeira causa do problema, tal como o vemos – pela ignorância em relação à condição de nossa profunda necessidade da paisagem e ao fato de que aquilo que diz respeito a essa termina, afinal, sempre por dizer respeito a nós mesmos: a nossa cultura, a nossa civilidade, a nosso desenvolvimento, a nosso bem-estar, a nossa felicidade.

A um desejo de resposta a este contexto, contudo, relacionamos o crescimento, ocorrido no transcorrer das últimas décadas, da atenção concedida ao tema da paisagem, para o qual têm contribuído as diversas áreas de conhecimento que o abarcaram como parte de seus campos de investigação: a pioneira Geografia, a Sociologia, a Filosofia e a Arquitetura, para citar as principais. Embora haja variações na definição e na abordagem do conceito nessas áreas – o que o torna, logo, polissêmico –, verifica-se que há entre as mesmas uma preocupação compartilhada referente às condições presentes e ao futuro das paisagens diante das profundas e cada vez mais céleres transformações que vêm ocorrendo de forma particularmente intensa nas porções do globo ativamente ocupadas pelo homem.

Portanto, podemos identificar que, enquanto de um lado há um cenário constituído por ameaças e degradações, felizmente de outro há uma reunião de esforços orientados à proteção das paisagens e ao resgate de seu valor em suas diversas dimensões. Inserem-se aí os debates promovidos no âmbito científico, as ações de conservação tanto de caráter ecológico quanto patrimonial, além da criação de tecnologias que contribuem com o processo de gestão dos territórios, a exemplo do geoprocessamento e da modelagem paramétrica, desenvolvidos especialmente nas últimas décadas do século XX. Importa notar, sobretudo, que estes esforços também se prestam, cada um a seu modo, à gradual formação de

uma nova consciência paisagística nos indivíduos em geral, na qual o cuidado para com as paisagens estaria, final e devidamente, (re)integrado à vida cotidiana das comunidades. É neste sentido que se orienta o propósito deste trabalho.

### 1.1 O ponto de partida

A presente tese, em grande parte motivada pela contínua observação das questões acima expostas, corresponde à investigação que se serve também do desejo de aprofundar, aprimorar e avançar sobre algumas contribuições elaboradas por nós em etapa anterior, mais especificamente durante o mestrado realizado entre os anos de 2015 e 2017 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (NPGAU/UFMG). No período em questão, foi desenvolvida pesquisa voltada à formulação de aportes teóricos para a abordagem de núcleos urbanos antigos e respectivas áreas de entorno sob a perspectiva paisagística – defendida como aquela capaz de proporcionar um tratamento mais adequado àqueles sítios –, à qual foram integrados referenciais do campo do patrimônio, da estética urbana e da filosofia da paisagem, e na qual reconheceu-se a existência de um fator imprescindível à aplicabilidade de tal modelo de abordagem: a capacidade perceptiva dos sujeitos.

Essa capacidade, apontada como indispensável, na ocasião, especialmente aos agentes ligados ao trabalho de definição e implementação de políticas e práticas de planejamento, preservação e gestão de ambientes patrimoniais – sobretudo aqueles submetidos a processos de transformação de caráter descaracterizante –, traduzia-se em saber reconhecer as relações que esses mesmos ambientes apresentavam entre seus elementos representativos e as relações estabelecidas entre estes últimos com a totalidade do território. A percepção, assim, ficava compreendida como uma espécie de habilidade orientada a uma leitura mais ampliada e cuidadosa do sítio, interessada também em apreender o *genius loci* ou “espírito do lugar” contido e expresso na paisagem, abarcando seus signos e respectivos significados.

Três elementos, então, articulavam-se e despontavam como peças-chave no universo da referida investigação: a paisagem, os signos na/da paisagem<sup>1</sup> e a

---

<sup>1</sup> Poderíamos considerar, em outro tipo de estudo, a caracterização da própria paisagem como um signo – da natureza, de uma sociedade de um determinado período, de uma cultura, etc. Neste

percepção. Suas inter-relações poderiam ser elucidadas com o auxílio de uma metáfora literária emprestada de um dos diálogos entre o explorador Marco Polo e o imperador Kublai Kahn, presente na conhecida obra *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino (1923-1985). No diálogo em questão, o explorador põe-se a descrever para o imperador cada pedra a compor uma determinada ponte, o que logo desperta neste a dúvida sobre qual seria a pedra principal, aquela responsável pela sustentação do conjunto. Polo lhe responde que tal função não poderia ser desempenhada por uma ou outra dessas pedras, senão pelos arcos que juntas formavam, levando o pragmático Kublai Kahn a afirmar serem apenas esses, pois, os alvos de seu interesse. Ele, contudo, é advertido em seguida pelo explorador, que acrescenta em tom conclusivo: “sem pedras o arco não existe.” (CALVINO, 1990, p. 79).

É necessário substituir "ponte" por "paisagem", "pedra" por "signo" e "arco" por "percepção" a fim de que se possa compreender, de fato, as mencionadas inter-relações dos três elementos. Desse modo, chega-se ao entendimento de que a paisagem depende do arranjo de seus signos e da percepção dos indivíduos, que suporta a reunião dos primeiros na condição de paisagem, ao mesmo tempo em que os signos dependem da paisagem como substrato e da percepção para se revelarem e se sustentarem como tais. A percepção, por sua vez, é dependente de elementos que a estimulem, tendo em vista que, como dirá o filósofo fenomenólogo Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) em uma reelaboração do enunciado de Edmund Husserl (1859-1938) acerca da consciência, toda percepção é sempre percepção de algo (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 108). Encontram-se aí, a propósito, raciocínios que também são oportunos para ressaltar o risco da geração de graves lacunas no tratamento da paisagem quando essa é considerada apenas como um amontoado de elementos, sejam eles naturais e/ou antrópicos, ou no tratamento desses elementos como unidades autônomas, apartados de suas próprias inter-relações, de sua relação com a totalidade da paisagem e com a percepção dos sujeitos. Afinal, se para falar de pontes não se pode prescindir de falar de suas pedras e arcos, do mesmo modo, tratar de qualquer um desses implica em considerar as demais partes. Nem sempre, porém, como se sabe e se nota, é o que ocorre.

---

trabalho, entretanto, atendendo a razões de ordem metodológica, optamos por tratar como signos exclusivamente os elementos constituintes da paisagem que condensam, em relação a esta, um forte caráter identitário. Trata-se, no caso, dos mesmos elementos aos quais o geógrafo Eugenio Turri (2011) designará, como veremos, através do conceito de iconemas.

Cumpre-nos, neste sentido, elucidar melhor aqui a qual paisagem exatamente nos referimos ou, dizendo de outro modo, qual o conceito de paisagem adotamos na condução da presente pesquisa diante da já mencionada polissemia do termo. Diversos são os autores que nos permitem afirmar que a paisagem se configura, pois, como **uma construção cultural essencialmente apoiada em uma base de caráter sensível-existencial**. Trata-se de uma definição que, junto de seus desdobramentos, será melhor explorada ao longo desta tese, mas por ora já nos permite dar um direcionamento mais preciso à nossa fala. Começamos, deste modo, por explicitar que a atribuição de uma base sensível à paisagem indica o reconhecimento de um substrato perceptivo que constitui seu suporte mais fundamental, o que quer dizer que a paisagem, antes de existir como tal, é dependente da manifestação primeira dos dados sensíveis dos elementos que a compõem aos nossos sentidos, porque só então tornam-se possíveis as conceituações e categorizações que a ela atribuímos em momento posterior através do uso de nossa racionalidade. Ainda antes dessas, porém, a atribuição de uma base existencial nos indica que a experiência da paisagem é igualmente condição *sine qua non* desse processo, o que equivale a afirmar que é necessário também **vivermos a paisagem** para sermos capazes de apreendê-la como tal acompanhada de um sentido próprio. O reconhecimento da paisagem como construção cultural vem, assim, desdobrar-se como uma consequência dessas considerações – à medida que também percebemos e vivemos sob influências culturais –, bem como da ponderação acerca do fato de que, se a paisagem dependesse somente de suas qualidades sensíveis e de nossa percepção pura e simples para constituir-se, poder-se-ia admitir a possibilidade da existência da paisagem para outras espécies animais igualmente dotadas da mesma faculdade, o que, no entanto, sabemos não ser procedente. O caráter cultural da paisagem, neste sentido, reforça o **condicionamento de sua existência à experiência existencial humana**, de modo que, sem nossa presença, podemos dizer que a realidade antepredicativa do mundo teria permanecido o que sempre foi, ou seja, o *locus* por excelência da natureza absoluta, como veremos melhor através de discussões que serão apresentadas mais adiante.

Disso deriva, ainda, nossa consideração a respeito da relativa redundância do termo “paisagens culturais”. Entendemos que o adjetivo “cultural” compõe uma qualificação que, por um lado, é útil à distinção entre categorias paisagísticas – isto



é, quando se busca definir aspectos que são próprios de paisagens resultantes de intervenções antrópicas e daquelas ditas naturais –, mas, por outro, pensamos que contribui para ocultar o caráter essencialmente cultural que possuem **todas** as paisagens. Esta é, a propósito, a razão de optarmos, mesmo diante de nossa predominante dedicação às paisagens ditas culturais, pela utilização dos termos simples “paisagem” e “paisagens”.

Retomando, pois, o conceito de paisagem, observamos que ele dialoga com a metáfora da ponte e, deste modo, simultaneamente suporta e reforça a pertinência de seu uso para indicar as relações observadas entre os três elementos citados: paisagem, signo e percepção. A metáfora, por sua vez, nos é útil ainda à tessitura de outras oportunas reflexões, a começar por aquela acerca da observação de que, para os indivíduos de modo geral, há uma facilidade relativamente maior em realizar a descrição do aspecto de uma ponte e de suas pedras do que em identificar e descrever as forças atuantes sobre os arcos capazes de garantir-lhes o adequado funcionamento no trabalho de sustentação do conjunto – tarefa que usualmente se atribuiria e seria certamente melhor desempenhada por indivíduos dotados de conhecimento especializado sobre o assunto. Substituindo os termos novamente, temos então que se não nos é exigido tanto esforço para, diante de uma paisagem, reconhecer suas características e apontar os elementos que nela nos são mais representativos, saltam à nossa vista e nos tocam de alguma forma, por outro lado torna-se já deveras complexo explicar como tudo isto pode ocorrer, ser para nós aquilo que é, envolver-nos do modo como o faz ou, em outras palavras, explicar a seguinte questão: como as paisagens se tornam paisagens por meio dos mecanismos perceptivos e quais as influências destes nas relações que desenvolvemos com elas?

Simultaneamente, conforme prosseguíamos com a observação ora da degradação de paisagens ocasionada pela ocorrência de processos que chamaremos de predatórios – expansão urbana incontrolada, instalação de ocupações irregulares, demolição de preexistências, desmatamento, superexploração de recursos naturais, etc. –, ora de uma certa resistência de algumas paisagens em um largo espaço temporal, começávamos a identificar uma segunda questão relativa a qual exatamente seria o diferencial entre estes dois comportamentos distintos ou, mais especificamente, o que seria capaz de garantir aquela aparente resistência. Apenas podíamos antecipar, a partir do conhecimento

prévio de muitos casos de sítios protegidos (incluindo-se aqui tanto paisagens chanceladas quanto aquelas representadas pela ambiência de antigos núcleos urbanos), não se tratar exclusivamente de uma questão de falta ou existência de mecanismos legais de proteção, fazendo com que mantivéssemos, assim, nossa inquietação por buscar uma melhor compreensão dos fatores que poderiam estar envolvidos.

No tocante ao tema da transformação das paisagens, é essencial esclarecer que o consideramos a partir da premissa de que as paisagens são organismos vivos – para usar o mesmo termo adotado pelo teórico do patrimônio Gustavo Giovannoni (1873-1947) em referência ao caráter de sítios antigos –, dotadas de uma dinâmica própria; logo, devem manter-se abertas a mudanças e não ser submetidas a um radical esforço de congelamento, como há um tempo se pensava ser a melhor estratégia de preservação. Compete, todavia, compreender que essa abertura, especialmente no caso de paisagens de valor patrimonial, obviamente não pode corresponder a uma total permeabilidade ou permissividade diante de qualquer tipo de mudança, o que reforça a necessidade do cuidado, sobretudo por parte dos agentes responsáveis pela conservação dos sítios, com o tipo, a qualidade e o modo como ocorrem as transformações, além da necessidade de se criar e fortalecer a consciência paisagística das comunidades que habitam – e continuamente modificam – esses lugares.

Tal premissa, a propósito, foi o que nos conduziu à decisão de adotar, como o fizemos já no título desta tese, o termo “resiliência” no lugar do termo “resistência”, utilizado há pouco. Entendemos ser o primeiro mais apropriado, pois, se por um lado a palavra “resistência” pode eventualmente nos remeter à ideia de uma reação de oposição, de caráter mais negativo, “resiliência”, por outro, nos remete à ideia positiva de uma certa flexibilidade contida na possibilidade de acolhimento e adaptação a novas condições, desde que salvaguardada a manutenção de características essenciais. Na Física, ciência da qual se origina, o conceito de resiliência refere-se especificamente à propriedade dos corpos de retornarem à sua forma original após o sofrimento de algum tipo de deformação. Aplicado às paisagens – movimento que somente muito recentemente vem ocorrendo no campo patrimonial de um número ainda bastante limitado de países –, diria de sua capacidade de conservar, em processos de mudança, seus traços e valores

fundamentais, portanto, sua legibilidade, assim como seu *genius loci*. Mas, voltamos à nossa pergunta: em quê, fundamentalmente, residiria essa capacidade?

## 1.2 A hipótese

Nas questões apresentadas anteriormente, acerca de qual seria a atuação dos mecanismos perceptivos na constituição e relação com a paisagem, bem como sobre o que determinaria o comportamento diferenciado de determinados sítios perante processos de transformação, podemos identificar facilmente, como indicamos ao formular tais questões, a presença articulada de todos os elementos da tríade paisagem-signos-percepção. Contudo, mesmo que, como dissemos, um elemento estabeleça com os outros uma relação de interdependência que não pode ser subtraída em nenhuma das partes sem prejuízos, consideramos justo destacar a percepção, dentre todos, por seu papel de suporte fundamental da ligação entre os demais; ou antes, como o fator determinante da própria existência dos signos e da paisagem. Vejamos o porquê.

No início desta introdução, mencionamos o papel da percepção relacionando-a a um tipo de sensibilidade no tratamento de sítios antigos capaz de permitir o reconhecimento de sua dimensão paisagística e a adequada identificação de seus valores tangíveis e intangíveis. Prosseguindo, porém, com nossas investigações acerca do tema, compreendemos que essa era uma acepção relativamente limitada, o que se confirmou, sobretudo, ao aportarmos na abordagem fenomenológica da percepção pelo contato com a obra do já citado filósofo francês Maurice Merleau-Ponty – em especial, com sua tese intitulada *Fenomenologia da Percepção*, defendida e publicada pela primeira vez no emblemático ano de 1945.

Ocupando-nos neste momento de realizar apenas uma breve apresentação do tema, temos que, na acepção mais simples do termo, “fenomenologia” significa o estudo dos fenômenos. E um fenômeno, por sua vez, é aquilo que, segundo a tradição filosófica kantiana, manifesta-se à consciência primeiramente como algo percebido e se constitui perante esta mesma consciência a partir das experiências do indivíduo<sup>2</sup>, dadas suas insuperáveis limitações para a obtenção do pleno acesso

---

<sup>2</sup> Pode-se induzir daí que a própria paisagem caracteriza-se como um fenômeno. No entanto, não sendo objeto de nosso trabalho a realização de uma fenomenologia da paisagem propriamente dita,

à essência das coisas em si. A proposta de uma fenomenologia da percepção, daí, pode ser entendida como a de compreender a essência do fenômeno perceptivo tratando de não o apartar de sua relação intrínseca com a dimensão existencial humana ou aquilo que se designa como experiência do mundo. E vem revelar a percepção como a forma de contato mais original e íntima que temos com esse último, esclarecendo que ela, a percepção, “não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é **o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles.**” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 6, grifo nosso).

Tal definição implica o reconhecimento da percepção como fonte primária de todo conhecimento formulado sobre o que integra a realidade à nossa volta, incluindo-se aí não somente aquele de caráter racional ou científico, mas também imaginativo e intuitivo. E esta será a razão pela qual Merleau-Ponty (2017) falará na instituição do primado da percepção, defendendo que:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. **Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido** e, se queremos pensar a ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3, grifo nosso).

Nesta perspectiva, deve-se acrescentar, a percepção se associa a um real que não é exatamente correspondente ao real do qual se ocupa a ciência (MERLEAU-PONTY, 2017, p. 12), porque enquanto esse deriva de elaborações racionais que visam à constituição de um real transparente e absoluto a partir da transcendência de uma pretensa consciência universal, a percepção, por outro lado, não provém de sínteses “da ordem do juízo, dos atos ou da predicação” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 5): ela deixa-se afundar na “espessura do mundo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 275) reconhecendo e acolhendo sua opacidade, de forma que, como dirá o filósofo, “não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: **o mundo é aquilo que**

---

o que nos demandaria seguir por um caminho diverso daquele que por ora pretendemos, optamos por não adotar tal classificação de forma extensiva ao longo dos textos.

**nós percebemos.”** (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 13-14, grifo nosso). Na percepção, portanto, já “estamos na verdade, e a evidência é ‘a experiência de verdade’.  
**Buscar a essência da percepção é declarar que a percepção é não presumida verdadeira, mas definida por nós como acesso à verdade.”** (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 14, grifo nosso).

Em se tratando da paisagem, isso nos leva a considerar que, antes de a definirmos por intermédio de um conceito, ou de uma chancela no caso daquelas dotadas de reconhecido valor patrimonial, é a **experiência da paisagem** que institui primeiramente que **a paisagem é paisagem para nós**, como dizíamos, pois “a atividade categorial, antes de ser um pensamento ou um conhecimento, é uma certa maneira de relacionar-se com o mundo e, correlativamente, um estilo ou uma configuração da experiência.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 259). A condição de verdade, ou a própria manifestação da paisagem, portanto, dá-se no momento em que o mundo percebido se articula ao mundo vivido, para tanto servindo-se, como buscamos expor no início deste capítulo, particularmente de nosso corpo e de nossos sentidos. São também oportunas no reforço a essas considerações as palavras do filósofo italiano Rosario Assunto (1915-1984) que, ao abordar o caráter da experiência estética e do sentimento vital que obtemos em nossa relação com a paisagem, pondera que

Visão, audição; e cheiro, e sabores, e tacto: a contemplação da natureza quando nos encontramos numa paisagem, é identificação de todo o nosso ser, sem distinção entre espírito e corpo: porque a fruição da alma, desinteressada, é aqui uma espécie de juízo que tem por tema não só a paisagem como tal, por aquilo que nela se pode assimilar a uma obra de arte, mas também as sensações físicas do nosso estar na paisagem, do nosso viver da natureza que se apresenta à contemplação como a paisagem da qual somos parte, porque a vivemos enquanto nela nos encontramos; e o nosso estar na paisagem é todo um com o nosso viver a paisagem e viver **da** paisagem, viver **da** natureza que é a paisagem. Contemplação que é também prazer físico pelo ar que respiramos.

A paisagem com os seus aromas, mas também com as suas cores, as suas luzes. Com o seu céu, as suas águas, as suas rochas, a sua vegetação, as suas aves e insectos e animais de todo o tipo; que chega aos nossos pulmões, entra-nos, literalmente, no sangue, e expande-se pelos membros, fazendo-nos sentir unos com a natureza: e exalta o nosso ser natureza, a natureza que está em nós, e reaviva-a; e dela faz objecto de deleite, para a alma, suscitando em nós a alegria de nossa identificação com a natureza, de fazer da sua a nossa alegria. (ASSUNTO, 2011, p. 368, grifos do autor).

Há, portanto, esta fundamental **participação do corpo na percepção e experiência da paisagem**, e o trecho transcrito nos é oportuno, inclusive, para

evidenciar que não se trata de uma experiência oferecida exclusivamente à visão – usualmente mais enfatizada na cultura de supervalorização da imagem em que vivemos atualmente, diga-se de passagem –, mas a todos os sentidos, de modo que da experiência perceptiva se pode afirmar que é sempre **inteira** por nos oferecer

[...] uma realidade absoluta – a minha plena coexistência com o fenômeno, o momento em que sob todos os aspectos ele estaria em seu máximo de articulação, e os “dados dos diferentes sentidos” estão orientados em direção a este polo único, assim como, ao microscópio, minhas diferentes visadas oscilam em torno de uma visada privilegiada. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 427).

Todavia, não se trata aqui, enfatizamos, de limitar a constituição da paisagem à articulação das qualidades sensíveis de seus componentes com nossas experiências sensoriais. Assim já não o seria, devemos lembrar, desde o momento em que admitimos ser a paisagem dotada de uma dimensão existencial e resultante de uma série de contribuições da cultura, sendo de todo modo válido esclarecer que, quando aqui nos referirmos à questão da experiência, consideramos implícita a referência à participação de uma temporalidade e de uma intersubjetividade que, intrínsecas à condição do ser-no-mundo, igualmente atuam em nossas percepções. Temporalidade essa que diz respeito à relação com o passado, o presente e o futuro – seja no desenrolar dos eventos de nossa vida, seja na sobreposição dos momentos em que nos voltamos à percepção de um objeto tentando efetuar dele uma síntese (que não pode, entretanto, nunca se dar por acabada diante da condição de opacidade das coisas e do mundo) –; e a uma intersubjetividade relacionada ao fato de que

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas **o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras**; [de modo que] ele é portanto inseparável da subjetividade e intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 18, grifo nosso).

Tal é, enfim, a própria paisagem: uma intersecção do mundo dado com nossa percepção, sendo essa, por sua vez, conformada pela intersecção de nossa experiência do sensível do mundo com a experiência de nossa existência no mundo. E trata-se aí, a propósito, precisamente da condição que, somada aos demais

raciocínios que até aqui viemos apresentando, nos conduz finalmente à formulação da hipótese de que **no modo como aquilo a que chamamos paisagem se articula à nossa percepção e, logo, à nossa existência, é que reside parte expressiva do potencial de resiliência dessa paisagem** – estando este potencial associado, no caso, à temática patrimonial. Afinal, se admitimos que o mundo em si, pré-consciente e pré-objetivo, é um dado universal, o mesmo não pode ser dito da experiência do mundo e, por conseguinte, da relação que cada indivíduo ou comunidade de indivíduos estabelece e sustenta com as coisas desse mesmo mundo – incluídos os elementos da paisagem (seus signos), além da paisagem em si – em sua existência. A questão dos modos dessa articulação, assim, torna-se central porque está relacionada à atribuição de um significado e um valor à paisagem que tendem a desdobrar-se em conservação no longo prazo e, logo, em resiliência. Poderíamos, inclusive, retomar aqui nossa metáfora para expressar essa relação de outro modo, dizendo que, se os arcos (percepção) não suportam adequadamente a ponte (paisagem), em algum momento a estabilidade dessa, além do estado de suas pedras (signos), resultam comprometidos. Não seria, pois, a causa do atual processo de arruinamento de muitas paisagens o comprometimento das condições necessárias à sua sustentação? E quais seriam tais condições? Acreditamos serem aquelas relacionadas ao que influi diretamente sobre a percepção, a experiência da paisagem e a capacidade dos indivíduos se reconhecerem ao nível individual e coletivo como parte dela, dedicando-se, por conseguinte, a seu cuidado.

Partindo da percepção como fator primordial neste processo, esta é, pois, a principal justificativa para adotarmos a fenomenologia merleau-pontyana como nosso maior referencial neste trabalho. Entendemos que, sendo crucial compreender como se estruturam e se sustentam as mencionadas articulações com o intuito de garantir uma efetiva resiliência da paisagem, devemos ir em direção às origens e reencontrar, portanto, justamente a percepção como meio e suporte primeiro de nossa relação com o espetáculo do mundo ou, diríamos até, como amplificadora da potência de nosso ser, uma vez que, ao retomar este contato com a percepção, dirá Merleau-Ponty (2011, p. 278), "é também a nós mesmos que iremos reencontrar"; afinal, somos nós os próprios sujeitos dessa percepção.

### 1.3 O conceito de resiliência no campo patrimonial: considerações iniciais

Após o *boom* do conceito de sustentabilidade verificado na década de 1990 e nos anos 2000, recentemente se tem ouvido falar cada vez mais em "resiliência" – palavra derivada do latim *resilire*, cujo significado original é “voltar atrás” ou “retornar”. Imbuído das acepções atuais, trata-se de um conceito que, apesar de eventualmente parecer, não é, no entanto, de todo uma novidade. São atribuídas à Psicologia sua apropriação e difusão iniciais para além dos limites da Física, e aponta-se que as primeiras referências ao termo no campo das Ciências da Saúde datam da década de 1970, em estudos realizados com indivíduos submetidos a traumas agudos ou prolongados nos quais observava-se que, ao invés de sofrerem os efeitos colaterais negativos que normalmente lhes poderiam ser resultantes, isso, ao contrário, não se verificava (SOUZA; CERVENY, 2006, p. 119). Deste modo, dentro deste campo,

Aliado a teorias da psicopatologia, desenvolvimento e estresse, o conceito de resiliência foi definido a princípio como um conjunto de traços de personalidade e capacidades que tornavam invulneráveis as pessoas que passavam por experiências traumáticas e não desenvolviam doenças psíquicas, caracterizando assim, a qualidade de serem resistentes. (ANTHONY & COHLER, 1987 *apud* SOUZA; CERVENY, 2006, p. 119).

Na Ecologia, outro campo que também se apropriaria do conceito, os primeiros movimentos no sentido de sua definição também começaram a ser delineados por volta da mesma época. Durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano, realizada em 1972 em Estocolmo – e considerada um marco na trajetória da causa ambientalista –, chefes de Estado que encontravam-se reunidos pela primeira vez para tratar dos efeitos negativos associados ao crescimento populacional e ao progresso científico e tecnológico sobre o planeta ocuparam-se da formulação de 26 princípios destinados a orientar a dinâmica de desenvolvimento das sociedades, e a conseqüente transformação de seus territórios, prezando pelo cuidado com o meio ambiente, além do bem-estar das populações (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE, 1972). Embora no texto da declaração resultante do encontro não tenha constado o termo propriamente dito, não seria equivocado afirmar que a noção de resiliência encontrava-se de certo modo contemplada, presente ainda que de forma



latente. E atualmente ela é, não muito distante do sentido geral que lhe atribuem as outras ciências, correspondente neste campo à capacidade dos ecossistemas de adaptarem-se a perturbações sem sofrerem danos estruturais, e recuperarem-se em seguida, uma vez cessadas as causas dessas perturbações.

Quando passamos ao campo do Patrimônio Cultural, falar em resiliência se configura, sim, ainda como uma relativa novidade, tendo em vista, por exemplo, a reduzida quantidade de trabalhos e publicações científicos dedicados especificamente à abordagem do tema. Entretanto, temos o cuidado de nos referirmos a essa como uma relativa novidade no que se refere, particularmente, à abordagem paisagística pelo fato de considerarmos que, de certa forma, já haviam, dentro do referido campo e mesmo antes do reconhecimento mundial das paisagens como bens culturais – ocorrido em 1992 a partir da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) –, iniciativas que poderiam, nos mesmos moldes da Conferência de 1972, ser perfeitamente associadas a preocupações com a questão. A nosso ver, este é o caso, por exemplo, da *Recomendação de Nairóbi*, referente à salvaguarda dos ditos conjuntos históricos e à função por esses exercida na vida contemporânea, resultante de conferência organizada pela UNESCO em 1976. O documento manifesta os temores da época diante dos prejuízos acarretados ao patrimônio representado por esses conjuntos e suas respectivas ambiências<sup>3</sup> em função dos processos de “uniformização” e “despersonalização” das construções, das destruições realizadas em nome da “expansão” ou “modernização”, além das “reconstruções irracionais e inadequadas”, e defende, assim, a salvaguarda e integração daqueles primeiros como “elementos fundamentais na planificação das áreas urbanas e do planejamento físico-territorial” (UNESCO, 1976). Revela, pois, uma preocupação com a condução dos processos de transformação dos sítios e suas paisagens, ou, dizendo de outro modo, com a possibilidade de garantir a sobrevivência de seus atributos e valores identitários no curso do tempo – sua resiliência, afinal. Neste sentido, defende ainda que os mesmos conjuntos e ambiências devam ser sempre considerados em sua globalidade, isto é, “como um todo coerente cujo equilíbrio e caráter específico dependem da síntese dos elementos que o compõem e que compreendem tanto as

---

<sup>3</sup> Destacamos aqui a definição para o conceito de ambiência dos conjuntos históricos ou tradicionais apresentado no documento, que corresponde ao “quadro natural ou construído que influi na percepção estática ou dinâmica desses conjuntos, ou a eles se vincula de maneira imediata no espaço, ou por laços sociais, econômicos ou culturais.” (UNESCO, 1976).

atividades humanas como as construções, a estrutura espacial e as zonas circundantes.” (UNESCO, 1976).

Formuladas cerca de seis décadas antes, as reflexões encabeçadas por Gustavo Giovannoni em princípios do século XX em sua lida com a tutela de núcleos urbanos antigos e paisagens italianos são igualmente consideradas por nós passíveis de serem associadas à questão da resiliência paisagística no âmbito patrimonial – podendo, diga-se de passagem, talvez até mesmo serem qualificadas como precursoras. Isso, aliás, quiçá nos ajude a compreender o porquê de a Itália, hoje, encontrar-se à frente no pequeno grupo de países nos quais se observam tanto debates quanto o efetivo emprego do conceito de resiliência nas práticas vinculadas à preservação e gestão patrimoniais. Reconhecemos como referenciais, neste sentido, os trabalhos desenvolvidos pela Fondazione LINKS, instituição de pesquisa vinculada ao Politecnico di Torino – destacando-se para nós aqueles realizados junto à Associazione per il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato –, e o trabalho do pesquisador Giampiero Lombardini – associado à Università degli Studi di Genova e dedicado ao estudo dos Sistemas Socioecológicos (SES), que são sistemas que se definem a partir das interações entre fatores ecológicos, econômicos e sociais transformadas continuamente em ciclos que se alternam entre fases de crise e adaptação e que são traduzidos, por sua vez, em modos de ordenamento do território e da paisagem.

Para além da Itália, Portugal – detentor da primeira chancela de paisagem cultural concedida após a criação da categoria pela UNESCO, oferecida ao sítio de Sintra no ano de 1995 –, é outro país cujas iniciativas em relação ao tema gostaríamos de destacar. Apontamos primeiramente a realização, desde 2018 e com periodicidade bienal, do Congresso Ibero Americano em Estudos da Paisagem (CIBAM), promovido principalmente pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, além da realização, em 2016, do Seminário Internacional em Paisagens Resilientes: conceitos e estratégias para a intervenção, promovido pela Universidade do Algarve e direcionado à abordagem paisagística também pelo viés dos SES – considerando mais precisamente dois de seus principais atributos, a memória e a diversidade. Na oportunidade, aproveitamos para transcrever parte do texto de apresentação deste último evento disponibilizado em

sua página na internet e, em seguida, parte do texto de apresentação da edição do CIBAM realizada no ano de 2021<sup>4</sup>, divulgado igualmente em sua respectiva página:

O que torna uma paisagem resiliente? Mais capaz de enfrentar as perturbações, adaptando-se e reorganizando-se?

A **Resiliência** é a capacidade dos sistemas complexos e dinâmicos se adaptarem a novas condições sem perderem as suas estruturas e processos fundamentais, bem como a sua identidade. A **sustentabilidade** da paisagem é, atualmente, inseparável da sua **resiliência**.

Na edição de 2016 do colóquio de arquitetura paisagista, parte-se do pressuposto que a paisagem pode ser entendida como um sistema sócio ecológico complexo e dinâmico e discute-se o contributo da profissão para construção de paisagens resilientes.

A reflexão faz-se em torno de dois temas reconhecidos como atributos fundamentais dos sistemas sócio ecológicos para a promoção da sua capacidade de **resiliência**: a **Memória** e a **Diversidade** [...]. (UNIVERSIDADE DO ALGARVE, 2016, grifos do autor).

Hoje, torna-se difícil de referenciar uma paisagem do nosso planeta onde não se encontrem vestígios da presença humana, e grande parte das que existem são já paisagens construídas pelo homem.

No entanto, a maioria das intervenções humanas sobre o território – explorando-o, poluindo-o, e consumindo-o muito para lá das capacidades regeneradoras do planeta – está a destruí-lo, de modo irreversível, afetando em diferentes graus a qualidade ambiente do mundo onde vivemos.

O conhecimento das paisagens que nos rodeiam pode contribuir para a perceção da sua importância histórica, patrimonial, cultural, social, económica, ecológica ou medio ambiental. (UNIVERSIDADE DE LISBOA, 2019).

Ocorre, porém, que, tanto na Itália quanto em Portugal, apesar de serem países nos quais já se observa essa maior aplicação do conceito de resiliência associada à conservação da dimensão patrimonial das paisagens, há ainda outras tantas iniciativas relevantes vinculadas a essas últimas que, tal como as iniciativas às quais nos referíamos no início desta seção, não se referem diretamente ao conceito ainda que com ele pareçam dialogar abertamente.

Na Itália, isto ocorre, a nosso ver, no Decreto Legislativo de 22 de janeiro de 2004, através do qual é estabelecido o *Código dos Bens Culturais e da Paisagem* (*Codice dei beni culturali e del paesaggio, ai sensi dell'articolo 10 della legge 6 luglio 2002, n. 137*). O decreto contempla uma seção voltada exclusivamente à tutela e valorização dos assim chamados bens paisagísticos (*beni paesaggistici*), realçando a importância do planejamento da paisagem (*pianificazione paesaggistica*) através

---

<sup>4</sup> Evento adiado em um ano em relação à data prevista inicialmente (abril de 2020) em função da pandemia da COVID-19.

do instrumento dos planos paisagísticos (*piani paesaggistici*) que, adotados e amplamente defendidos por Giovannoni à época de sua atuação como consultor e legislador no campo do patrimônio do país, orientam-se a definir

[...] **as transformações compatíveis com os valores paisagísticos**, as ações de recuperação e requalificação dos imóveis e das áreas colocadas sob tutela, bem como as intervenções de valorização da paisagem também em uma perspectiva de desenvolvimento sustentável. (ITALIA, 2004, tradução nossa<sup>5</sup>, grifo nosso).

Em Portugal, o exemplo que destacamos pertence igualmente ao âmbito legislativo. Corresponde à própria Constituição da República Portuguesa de 1976 que, em seu artigo 66<sup>o</sup>, estabelece, pois, o seguinte:

Artigo 66.<sup>o</sup> – (Ambiente e qualidade de vida)

1. Todos têm direito a um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado e o dever de o defender.
2. Para assegurar o direito ao ambiente, no quadro de um desenvolvimento sustentável, incumbe ao Estado, por meio de organismos próprios e com o envolvimento e a participação dos cidadãos:
  - a) Prevenir e controlar a poluição e os seus efeitos e as formas prejudiciais de erosão;
  - b) Ordenar e promover o ordenamento do território, tendo em vista uma correcta localização das actividades, um equilibrado desenvolvimento sócio-económico e a valorização da paisagem;
  - c) Criar e desenvolver reservas e parques naturais e de recreio, bem como classificar e proteger paisagens e sítios, de modo a garantir a conservação da natureza e a preservação de valores culturais de interesse histórico ou artístico;
  - d) Promover o aproveitamento racional dos recursos naturais, salvaguardando a sua capacidade de renovação e a estabilidade ecológica, com respeito pelo princípio da solidariedade entre gerações;
  - e) Promover, em colaboração com as autarquias locais, a qualidade ambiental das povoações e da vida urbana, designadamente no plano arquitectónico e da protecção das zonas históricas;
  - f) Promover a integração de objectivos ambientais nas várias políticas de âmbito sectorial;
  - g) Promover a educação ambiental e o respeito pelos valores do ambiente;
  - h) Assegurar que a política fiscal compatibilize desenvolvimento com protecção do ambiente e qualidade de vida. (PORTUGAL, 1976).

Portugal, cumpre-nos acrescentar, dispõe atualmente de cinco categorias do que designa como áreas protegidas a nível nacional e regional/local, e uma delas corresponde à categoria de paisagem protegida. Conforme definição apresentada pelo seu Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (2017), trata-se de

<sup>5</sup> Original em italiano: “[...] le trasformazioni compatibili con i valori paesaggistici, le azioni di recupero e riqualificazione degli immobili e delle aree sottoposti a tutela, nonche' gli interventi di valorizzazione del paesaggio, anche in relazione alle prospettive di sviluppo sostenibile.”

“uma área que contenha paisagens resultantes da interação harmoniosa do ser humano e da natureza, e que evidenciem grande valor estético, ecológico ou cultural.” Cada uma dessas paisagens é, portanto, determinada e protegida por meio de legislação específica, além de serem abarcadas pela Política Nacional de Arquitetura e Paisagem (PNAP) instituída em 2015 com a finalidade de “garantir as funções ecológicas da paisagem, e promover a qualidade ambiental, as características do património construído e a identidade dos lugares.” (PORTUGAL, 2015, p. 4657).

Ampliando nossa abordagem para a escala do restante da Europa, gostaríamos de pontuar ainda outras ações que se seguiram ao estabelecimento da chancela da paisagem, e que para nós evidenciam a relevância do tratamento do tema da resiliência paisagística na contemporaneidade – ainda que essas mesmas ações, como algumas das que mencionamos anteriormente, igualmente não apresentem referências diretas ao conceito. Trata-se de ações que permanecem relacionadas a uma sempre crescente preocupação com a conservação do caráter dos sítios e paisagens, aplicando-se a esses em função da aceleração de transformações provocadas pelo avanço e intensificação de processos já bastante conhecidos: urbanização desenfreada, destruição ambiental, etc.

A primeira dessas ações corresponde à redação da assim chamada *Recomendação Europa*, oriunda do encontro dos ministros do Conselho da Europa realizado no ano de 1995. Neste documento, que abarca um conjunto de recomendações para a “conservação integrada das áreas de paisagens culturais como integrantes das políticas paisagísticas”, é válido destacar que a paisagem é “definida e caracterizada da maneira pela qual determinado território é **percebido** por um indivíduo ou uma comunidade”, entendendo-se ainda que ela “dá testemunho ao passado e ao presente do relacionamento existente entre os indivíduos e seu meio ambiente; ajuda a especificar culturas e locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições.” (CONSELHO DA EUROPA, 1995, grifo nosso). Tal definição contempla, pois, as dimensões existencial e cultural que para nós encontram-se intrinsecamente relacionadas à constituição paisagística e, no que diz respeito à questão da resiliência, vemo-la abarcada notadamente pela ideia de “evolução orientada” ou “evolução controlada da paisagem” (CONSELHO DA EUROPA, 1995) contida no mesmo documento. Essa consiste no propósito central

das políticas paisagísticas<sup>6</sup> que são objeto da *Recomendação* e, considerando a existência de dinâmicas que são inerentes às paisagens, corresponde à proposta de gestão e condução dessas dinâmicas no sentido da obtenção de um “equilíbrio harmonioso de relações entre a sociedade e seu meio ambiente” e, por fim, da “proteção unificada dos interesses culturais, estéticos, ecológicos e sociais do respectivo território” (CONSELHO DA EUROPA, 1995).

A *Convenção Europeia da Paisagem* do ano 2000, outra ação que elencamos aqui, à distinção da *Recomendação Europa* é destinada às paisagens em geral, isto é, não somente àquelas ditas culturais, e por esta razão sequer chega a fazer uso desse termo caracterizador. Compartilha com aquela, porém, o entendimento de que a paisagem “designa uma parte do território, tal como é **apreendida** pelas populações, cujo carácter resulta da acção e da inter-acção de factores naturais e/ou humanos” (CONSELHO DA EUROPA, 2000, grifo nosso). A *Convenção* reconhece a paisagem como componente fundamental do patrimônio europeu, que contribui para a “consolidação da identidade europeia” e o bem-estar das populações, e, por tal razão, defende a necessidade de sua proteção, gestão e ordenamento (CONSELHO DA EUROPA, 2000), definindo cada um desses termos da seguinte maneira:

- d) “Proteção da paisagem” designa as acções de conservação ou manutenção dos traços significativos ou característicos de uma paisagem, justificadas pelo seu valor patrimonial resultante da sua configuração natural e/ou da intervenção humana;
- e) “Gestão da paisagem” designa a acção visando assegurar a manutenção de uma paisagem, numa perspectiva de desenvolvimento sustentável, no sentido de orientar e harmonizar as alterações resultantes dos processos sociais, económicos e ambientais;
- f) “Ordenamento da paisagem” designa as acções com forte carácter prospectivo visando a valorização, a recuperação ou a criação de paisagens. (CONSELHO DA EUROPA, 2000).

Proteção, gestão e ordenamento são, portanto, estratégias que, ao lado de outras contempladas pela *Convenção*, como a “sensibilização da sociedade civil, das organizações privadas e das autoridades públicas para o valor da paisagem, o seu papel e as suas transformações” (CONSELHO DA EUROPA, 2000), podemos reconhecer como direcionadas à conformação de paisagens resilientes; pois visam

---

<sup>6</sup> No texto da recomendação, essas políticas são definidas como “todas as estruturas concorrentes definidas pelas autoridades competentes e relativas a diferentes atividades do poder público, de proprietários de terras e de outros interessados na evolução orientada de uma paisagem e em sua valorização, de acordo com os desejos da sociedade como um todo.” (CONSELHO DA EUROPA, 1995).

garantir, em síntese, que essas paisagens possam seguir se desenvolvendo e se transformando com a incorporação de dinâmicas distintas sem, contudo, permitir que estas dinâmicas causem a perda daquilo que lhes confere seu caráter.

Este objetivo, a propósito, foi o mesmo que levou, em 2011, à criação da *Recomendação sobre as Paisagens Urbanas Históricas* pela UNESCO, que, do mesmo modo, podemos tomar como uma ação fundamentada na preocupação com a resiliência paisagística no tocante à sua dimensão patrimonial. A *Recomendação* consiste, pois, em um instrumento normativo voltado à proteção das paisagens associadas especificamente aos ditos sítios históricos, e a paisagem histórica urbana por ela é, assim, caracterizada como “a área urbana que resulta da estratificação histórica de valores e atributos culturais e naturais, que transcende a noção de ‘centro histórico’ ou de ‘conjunto histórico’ para incluir o contexto histórico mais abrangente e a sua envolvente geográfica.” (UNESCO, 2011). Seu texto atesta o reconhecimento da “natureza dinâmica das cidades vivas”, porém no mesmo é sinalizado que “o desenvolvimento rápido e frequentemente descontrolado está a transformar as áreas urbanas e suas envolventes, o que poderá causar a fragmentação e a deterioração do patrimônio urbano com impactos profundos nos valores das comunidades, por todo o mundo” (UNESCO, 2011). São listados como principais fatores dessa degradação a “excessiva densidade construtiva, uniformização e monotonia das edificações, perda de espaços públicos e equipamentos urbanos, inadaptação de infraestruturas, pobreza debilitante, isolamento social”, além de um “crescente risco de catástrofes naturais associadas às alterações climáticas” (UNESCO, 2011). Deste modo, como relatado pela própria UNESCO,

11. A abordagem da paisagem histórica urbana tem por finalidade preservar a qualidade do ambiente humano, melhorando a utilização produtiva e sustentável dos espaços urbanos, embora reconhecendo o seu caráter dinâmico e promovendo a diversidade funcional e social. Integra os objetivos de conservação do património urbano com os de desenvolvimento económico e social. Baseia-se numa relação equilibrada e sustentável entre o ambiente urbano e o natural, entre as necessidades das gerações presentes e futuras e o legado do passado.

12. A abordagem da paisagem histórica urbana considera a diversidade e a criatividade cultural como recursos essenciais para o desenvolvimento humano, social e económico, e disponibiliza os instrumentos para gerir as transformações físicas e sociais e para assegurar que as intervenções contemporâneas sejam integradas de forma harmoniosa com o património numa envolvente histórica e respeitem os contextos regionais.

13. A abordagem da paisagem histórica urbana aprende com as tradições e as percepções das comunidades locais, respeitando os valores das comunidades nacionais e internacionais. (UNESCO, 2011).

Quando voltamos o olhar aos países pertencentes ao contexto latino-americano, atribuímos à vizinha Argentina o lugar de destaque na condução de discussões afins à resiliência das paisagens. E isto se deve, para além da organização de uma rede nacional da paisagem subdividida em *nodos* (nós) regionais, especialmente à apresentação, em 23 de abril de 2019, à Câmara de Deputados da Nação, do projeto de uma lei dedicada à proteção, gestão e ordenamento da paisagem, extensiva a todo o território e na qual estipula-se a realização da “plena integração da paisagem no planejamento e desenvolvimento das políticas de ordenamento territorial, assim como das demais políticas que sobre ela incidam de forma direta ou indireta.” (ARGENTINA, 2019, tradução nossa<sup>7</sup>). A Argentina compõe, a propósito, ao lado de outros 11 países da América Latina, dentre os quais o Brasil, a Iniciativa Latino-americana da Paisagem (LALI), que, liderada pela Colômbia, no ano de 2012 consolidou-se como uma declaração de “princípios éticos fundamentais” orientados a promover “o reconhecimento, a valorização, a proteção, a gestão e o planejamento sustentável da paisagem latino-americana” (INICIATIVA LATINOAMERICANA DEL PAISAJE, 2020, tradução nossa<sup>8</sup>). Cumpre-nos pontuar, aliás, que essa iniciativa ensejou também a elaboração da então denominada *Carta Latino-Americana da Paisagem*, mais tarde chamada de *Carta da Paisagem das Américas*, a qual, inspirada em grande medida na *Convenção Europeia da Paisagem*, defende a valorização e proteção das paisagens como representantes da identidade latino-americana, ou melhor, como se define no próprio documento, de nossa “americanidade” (INTERNATIONAL FEDERATION OF LANDSCAPE ARCHITECTS – AMERICAS, 2018, p. 3). Neste sentido, julgamos oportuno destacar o seu princípio de número 5, que consiste em “(re) descobrir as raízes da americanidade como condição para o futuro” (INTERNATIONAL FEDERATION OF LANDSCAPE ARCHITECTS – AMERICAS, 2018, p. 7) e é definido como

<sup>7</sup> Original em espanhol: “[...] plena integración del paisaje en el planeamiento y en el desarrollo de las políticas de ordenamiento territorial, así como en las demás políticas que incidan en el mismo de forma directa o indirecta.”

<sup>8</sup> Original em espanhol: “[...] principios éticos fundamentales para promover el reconocimiento, la valoración, la protección, la gestión y la planificación sostenible del paisaje latino-americano [...].”



[...] o princípio que superpõe todos os outros na redescoberta das raízes que nos alicerçam como americanos e nos possibilitam continuar a projetar a paisagem do futuro consolidando nossa identidade. A condição de futuro está associada ao respeito à natureza, à cultura, aos valores estabelecidos, às singularidades da diversidade e ao direito à paisagem como um bem comum e patrimônio coletivo, que também incorpora, o direito à felicidade para todos. (INTERNATIONAL FEDERATION OF LANDSCAPE ARCHITECTS – AMERICAS, 2018, p. 7).

No Brasil há uma chancela da paisagem instituída pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) através da Portaria N.º 127 de 2009<sup>9</sup> – onde se manifesta preocupação com o fato de que “os fenômenos contemporâneos de expansão urbana, globalização e massificação das paisagens urbanas e rurais colocam em risco contextos de vida e tradições locais em todo o planeta” (BRASIL, 2009) – e mesmo uma *Carta Brasileira da Paisagem* – auxiliar na construção da *Carta da Paisagem das Américas*, sendo por sua vez orientada ao tratamento da paisagem como “instrumento de planificação do desenvolvimento sustentável do país”, além de defender a necessidade do respeito e da preservação das paisagens associada ao direito democrático à qualidade ambiental e paisagística (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARQUITETOS PAISAGISTAS, 2010). Entretanto, consideramos as discussões ainda incipientes pelo fato de não reverberarem em políticas efetivas de cuidado para com a paisagem no que diz respeito, particularmente, à sua dimensão patrimonial. Trata-se de uma condição especialmente preocupante pelo fato de o país ser atualmente detentor de quatro chancelas concedidas pela UNESCO<sup>10</sup>, além de possuir uma quantidade considerável de sítios de valor patrimonial que, mesmo não chancelados, não deixam, por isso, de constituir paisagens.

Observamos, então, que na maioria dos países ao redor do planeta as preocupações relativas a formas de se garantir a conservação e o desenvolvimento pelo viés da sustentabilidade ainda continuam se sobressaindo na ordem do dia. É importante que assim seja, porque são fatores que contribuem enormemente com a preservação do patrimônio local. Entendemos, no entanto, tal como expresso no texto de apresentação do seminário português de 2016, que a efetiva

<sup>9</sup> A portaria encontra-se atualmente suspensa, tendo entrado em processo de revisão no ano de 2019 em cumprimento ao disposto em seu Artigo 15, no qual determina-se que “A chancela da Paisagem Cultural Brasileira deve ser revalidada num prazo máximo de 10 anos.” (BRASIL, 2009).

<sup>10</sup> A saber: *Rio de Janeiro: Paisagens Cariocas entre a Montanha e o Mar*, de 2012; *Conjunto Moderno da Pampulha*, de 2016; *Paraty e Ilha Grande: cultura e biodiversidade*, de 2019, e *Sítio Roberto Burle Marx*, de 2021.

sustentabilidade da paisagem é inseparável de sua capacidade de resiliência, pois, inclusive, consideramos que depende da existência prévia desta última; em outras palavras, sítios e suas paisagens apenas são capazes de manter-se ao longo do tempo de modo sustentável se primeiramente são, no esforço de conservar suas identidades, igualmente capazes de ser adaptáveis – na justa medida, deve-se acrescentar – às dinâmicas do mundo contemporâneo. Para nós não há, portanto, efetiva sustentabilidade sem resiliência – reiterando-se, com isso, a necessidade de que o conceito adquira gradativamente maior espaço nas discussões afins ao campo do patrimônio e deixe de ser visto, tal como dizíamos anteriormente, como uma espécie de novidade –, assim como não há resiliência sem aquilo que garanta a manutenção dos vínculos capazes de assegurar a sustentação da estrutura identitária da paisagem. Reiteramos nossa hipótese de que isso possa estar associado primordialmente a questões de percepção e de relação dos indivíduos e comunidades com a paisagem, e é o que tentaremos demonstrar com as investigações que neste trabalho nos comprometemos a realizar.

#### **1.4 Objetivos**

Diante do exposto, são dois aqueles que figuram como objetivos principais deste trabalho. O primeiro refere-se à intenção de lançar novas luzes sobre a problemática da conservação das paisagens de valor patrimonial a partir do estudo da percepção sob a ótica da fenomenologia merleau-pontyana. Acreditamos que esta abordagem possa ser útil à compreensão dos mecanismos envolvidos na garantia de um maior potencial de resiliência dos sítios e suas paisagens, como já o dissemos, e, conseqüentemente, à mitigação de problemas decorrentes de intervenções e processos de transformação em desconformidade com a identidade desses mesmos sítios. O segundo objetivo principal, por sua vez, consiste na ampliação das discussões acerca do conceito de resiliência paisagística no campo do patrimônio cultural, fundamental, a nosso ver, para se pensar holisticamente a questão da preservação no contexto da contemporaneidade.

## 1.5 Metodologia

Para o alcance dos objetivos listados, nossa metodologia de trabalho foi estruturada em três etapas fundamentais. Seu ordenamento, refletido, como se verá a seguir, no ordenamento dos capítulos subsequentes a esta introdução, foi determinado de modo a favorecer a realização das devidas articulações entre os conteúdos requeridos ao apropriado desenvolvimento de nossas investigações.

Tratando da primeira dessas etapas, consistiu, pois, na abordagem do fenômeno perceptivo a partir da fenomenologia proposta pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty, a qual entendemos ser capaz de nos fornecer uma visão mais aprofundada e profícua da percepção ao revelá-la, como indicado anteriormente, como forma original de contato do sujeito com o mundo e, logo, ponto de partida para a experiência e constituição da paisagem. Visando obter as adequadas caracterização e compreensão do pensamento do filósofo a referida abordagem – apresentada no capítulo 2 – iniciou-se, assim, pela realização de um percurso introdutório ao universo fenomenológico, no qual foram abarcadas concepções de correntes filosóficas e científicas sobre a participação da percepção sensível na construção de nosso conhecimento sobre o mundo, além das principais contribuições daquele que é considerado o "pai" da Fenomenologia e mestre de Merleau-Ponty, o filósofo alemão Edmund Husserl. Na sequência, partindo dessa síntese das reflexões que antecederam e de certa maneira prepararam a formulação da filosofia merleau-pontyana, dirigimo-nos ao tratamento específico desta última, centrando-nos aí, então, na análise daquela que é, sob a ótica de Merleau-Ponty, a verdadeira natureza da percepção e em sua concepção sobre o papel do corpo como veículo primordial dessa percepção e do exercício do ser-no-mundo.

Na segunda etapa, debruçamo-nos sobre o tema da paisagem – ao qual é especialmente dedicado o terceiro capítulo deste trabalho. Para tanto, primeiramente buscamos retomar aqueles que são reconhecidos como seus marcos históricos principais – como a subida de Francesco Petrarca (1304-1374) ao Monte Ventoux em 1336, a aquisição pela paisagem de um protagonismo na pintura durante o Renascimento, o surgimento do termo "paisagem" no Ocidente no século XVI e a instituição do pensamento filosófico sobre a paisagem em princípios do século XX – a fim de podermos compreender o processo daquele que chamamos de seu desvelar. Organizando, então, esse processo em três momentos fundamentais,

correspondentes a três abordagens paisagísticas – a primeira ligada à manifestação da paisagem como coisa percebida; a segunda, à sua inserção entre os objetos passíveis de análise pela ciência; a terceira, à sua admissão como categoria de pensamento –, focamos na primeira e terceira dessas abordagens em função de sua maior vinculação ao modo como a paisagem é concebida e considerada no âmbito de nossa pesquisa. Na primeira, assim, inserimos e analisamos os marcos citados acima, à exceção do último fornecido como exemplo, associado à terceira abordagem. Nesta, iniciando, pois, precisamente por tal marco com a apresentação da filosofia da paisagem de Georg Simmel (1858-1918), inserimos e analisamos concepções elaboradas para/em torno do conceito de paisagem por outros relevantes autores vinculados ao campo da filosofia paisagística, cujos nomes correspondem, citados aqui em ordem alfabética, aos de Alain Roger (1936- ), Anne Cauquelin (1926- ), Arnold Berleant (1932- ), Augustin Berque (1942- ), Eugenio Turri (1927-2005), Jean-Marc Besse (1956- ), Joachim Ritter (1903-1974) e Rosario Assunto.

É necessário pontuarmos que, em cada uma dessas duas abordagens, oportunamente acrescentamos considerações fundamentadas na fenomenologia merleau-pontyana com o intuito de evidenciarmos as relações por nós identificadas entre o fenômeno perceptivo e a experiência e constituição da paisagem pelos sujeitos. Neste sentido, tendo em vista a dimensão coletiva dessas mesmas constituição e experiência, é necessário pontuarmos também que, na sequência de tais abordagens, incluímos uma análise da maneira como pode ser conformada uma percepção e noção da paisagem em certa medida compartilhadas entre os mesmos sujeitos, apoiando-nos, no caso, nas discussões em torno do tema da intersubjetividade elaboradas por Merleau-Ponty.

Passando à terceira etapa, essa correspondeu à seleção de um sítio a ser trabalhado como estudo de caso da pesquisa e sua análise à luz dos conceitos e da hipótese adotada pela mesma. Quanto à seleção, deste modo, foi então feita pelo sítio da já mencionada *Paisagem Vitivinícola do Piemonte: Langhe-Roero e Monferrato*<sup>11</sup>, localizada na região norte da Itália e reconhecida como Patrimônio

---

<sup>11</sup>Na tradução do italiano para o português, o termo "*Paesaggi Vitivinicoli*" corresponde, na verdade, ao plural "*Paisagens Vitivinícolas*", sendo esta uma designação atribuída ao sítio por razões específicas que serão detalhadas adiante. Contudo, o que nos cumpre esclarecer no momento é que, a fim de gerar o entendimento de que estamos nos referindo precisamente a um determinado

Mundial pela UNESCO desde o ano de 2014. Escolha especialmente motivada, deve-se acrescentar e ressaltar, pelo fato de ter sido através do contato com o trabalho realizado no referido sítio tanto por membros da Fondazione LINKS<sup>12</sup> (Marco Valle, responsável científico) quanto por membros da associação dedicada à gestão do sítio (Roberto Cerrato, diretor da Associazione per il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato) que obtivemos conhecimento da inserção do conceito de resiliência paisagística no âmbito patrimonial – o que se deu na ocasião do 2º Seminário sobre Gestão da Paisagem Cultural realizado na Escola de Arquitetura da UFMG em dezembro de 2017.

No que diz respeito à análise do sítio – contemplada nos capítulos 4 e 5 – foi realizada em dois passos principais: o primeiro – inserido no capítulo 4 –, correspondente à caracterização e análise do mesmo sítio, abarcando a conformação de sua paisagem ao longo do tempo; o segundo – inserido no capítulo 5 –, correspondente à caracterização e análise do modo como tal paisagem é percebida, experimentada e em seguida cuidada pelos indivíduos a ela vinculados. Diante, no entanto, das consideráveis dimensões do sítio em questão, com a finalidade de nos permitir uma abordagem mais aproximada e, logo, mais detalhada desse, optamos por efetuar as referidas caracterizações e análises partindo de uma visão mais geral do mesmo à visão de dois de seus recortes, os quais foram definidos, pois, como os sítios de Barolo e Barbaresco por encontrarem-se vinculados, tanto geográfica quanto toponimicamente, à produção de dois dos mais tradicionais e conhecidos vinhos piemonteses, como posteriormente se poderá ver melhor.

Tratando dos processos atinentes à realização dos dois passos há pouco mencionados, o primeiro envolveu a pesquisa de dados e informações sobre o sítio e seus recortes em fontes (dossiês, livros, documentários, etc.) elaboradas sobretudo pela Fondazione Links e pela Associazione per il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato acompanhada da coleta de dados e informações feita por nós através de trabalho de campo. Nessas pesquisa e coleta buscamos obter também, particularmente em relação aos recortes, registros antigos

---

sítio, optamos por adotar o termo no singular, “Paisagem Vitivinícola”, o que, a nosso ver, não incorre em qualquer prejuízo ao caráter da paisagem em questão.

<sup>12</sup>A referida fundação abarca, desde 2019, o Istituto Superiore sui Sistemi Territoriali per l'Innovazione (SiTI), criado, por sua vez, em 2002, e no âmbito do qual desenvolveu-se o processo de candidatura do sítio da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte: Langhe-Roero e Monferrato* à lista do Patrimônio Mundial da UNESCO.

e recentes de suas respectivas paisagens de maneira a podermos dispor, para além de uma maior compreensão de aspectos fundamentais ligados à história de sua formação, daquela referente ao caráter das transformações dessas paisagens no curso dos anos. Quanto à realização do segundo passo, à qual serviram igualmente as atividades de pesquisa em fontes diversas e de trabalho de campo, essas foram direcionadas à coleta de narrativas relacionadas às paisagens do sítio e de seus recortes, efetuada, no caso específico desses últimos, principalmente por meio de entrevistas semiestruturadas (ver APÊNDICES A e B) com indivíduos vinculados a seus territórios. Nas narrativas obtidas buscamos identificar, então, essencialmente as percepções desses indivíduos em relação às paisagens consideradas, a fim de podermos verificar, na sequência, as relações entre essas mesmas percepções e a capacidade de resiliência apresentada por tais paisagens quanto a sua dimensão patrimonial.

Uma vez concluída tal etapa, no capítulo 6 apresentamos nossas considerações finais acerca dos resultados alcançados por meio de nossas investigações. Apontando aí, além disso, aquelas que vislumbramos como as principais contribuições dessas, tratamos de apontar também caminhos oportunos a sua continuidade, a serem trilhados, portanto, em futura oportunidade.

## 2 A PERCEPÇÃO

*Não basta abrir a janela  
 Para ver os campos e o rio.  
 Não é bastante não ser cego  
 Para ver as árvores e as flores.  
 É preciso também não ter filosofia nenhuma.  
 Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.  
 Há só cada um de nós, como uma cave.  
 Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora,  
 E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,  
 Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.  
 (CAEIRO, [20--], p. 7).*

A palavra "percepção" deriva da junção entre o radical latino *perceptio* e o sufixo *onis* e pode significar “compreensão” ou “recepção”. Em dicionários da língua portuguesa é definida como o “ato ou efeito de perceber”, a “capacidade de distinguir por meio dos sentidos ou da mente; inteligência”, uma “representação mental das coisas” ou ainda como “qualquer sensação física manifestada através da experiência” (MICHAELIS, 2018), entre outros significados. Trata-se, enfim, de definições que permitem um entendimento geral do termo, útil à comunicação interpessoal, por exemplo, mas, sob determinada perspectiva, pode-se dizer que são definições que não esgotam e podem, inclusive, em alguns casos até mesmo empobrecer a noção daquilo que a percepção **fundamentalmente** é.

A perspectiva em questão corresponde, pois, àquela da fenomenologia – mais especificamente da já mencionada fenomenologia da percepção proposta em meados do século passado pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty. Apresentada por nós de forma introdutória no capítulo anterior, neste será abordada de maneira mais aprofundada a fim de podermos, então, tanto caracterizá-la quanto compreendê-la melhor. Julgamos oportuno, assim, iniciar a referida abordagem pela realização de um breve percurso pelo universo fenomenológico, o qual nos permitirá, por sua vez, entender como se conforma e como a ele se articula, afinal, o pensamento do filósofo em questão.

### 2.1 Dos fenômenos à Fenomenologia: síntese de um percurso formativo

Edmund Gustav Albrecht Husserl, ou simplesmente Husserl, como costuma ser referenciado, é o filósofo considerado o fundador deste que, embora usualmente tratado como uma das várias correntes de pensamento no campo filosófico, consiste

na verdade em um método de investigação que busca, em síntese, apreender a essência das coisas tomadas como fenômenos. Por “coisas” pode-se entender tudo o que é passível de integrar o mundo percebido (objetos, animais, pensamentos, linguagens, etc.) e por “fenômeno”, como já o dissemos anteriormente, pode-se compreender a manifestação destas mesmas coisas à consciência dos indivíduos – o que significa, em outras palavras, tratar do que passa a existir para nós a partir de uma **experiência**.

Entretanto, é necessário pontuar que, muito tempo antes de Husserl, a Filosofia já se ocupava da questão dos fenômenos e das essências, como vê-se em Platão (428 a.C-327 a.C.) e seu conhecido *Mito da Caverna*, estruturado a partir dos preceitos básicos de sua *Teoria das Formas*. Nela, o fundador da Academia de Atenas defendia que a realidade sensível, isto é, aquela que percebemos através de nossos sentidos, não correspondia exatamente à verdadeira essência das coisas, a qual residiria apenas no mundo das ideias e estaria acessível somente aos olhos da alma, ou seja, à razão. A realidade, assim, podia ser dividida em duas: aquela do mundo dos sentidos – fundada e moldada a partir das percepções individuais –, e aquela do mundo das ideias – forma da realidade em estado puro, na plenitude de sua essência.

Tal concepção dual, que incidia diretamente sobre os modos dos membros da sociedade grega daquele tempo – ao menos de uma parcela, os iniciados em tal modelo de pensamento – verem e se relacionarem com o mundo à sua volta, ultrapassou, no entanto, seu período histórico, vindo a ecoar ainda por muitos séculos à frente e influenciar, ora mais explícita ora mais veladamente, a configuração de várias correntes filosóficas. Essas, de modo geral, permaneceram inclinadas à valorização da razão em detrimento das contribuições da percepção, mantendo por pelo menos até meados do século passado esta condição. Assim foi, por exemplo, com o Racionalismo do século XVII, sintetizado na máxima do “*cogito, ergo sum*” (“penso, logo existo”), claramente indicativa da concessão de um patamar privilegiado à racionalidade que, segundo René Descartes (1596-1650), seria capaz não só de instituir a própria existência através de uma reflexão sobre si mesma, como também de aportar, enquanto dotada da habilidade de efetuar a chamada dúvida metódica, naquela que seria a verdade das coisas. A percepção, por sua vez, vista como incapaz de fornecer dados sempre precisos e comprováveis, ainda que



influenciasse sob diversos aspectos a vida dos indivíduos, não poderia ser tomada como nada além de uma faculdade enganosa.

No século XIX, a ênfase no trabalho da razão na apreensão das ditas coisas do mundo esteve representada sobretudo pelo Positivismo de Auguste Comte (1798-1857). Em linhas gerais, a visão positivista defendia que uma teoria só poderia ser admitida como válida caso estivesse associada a experimentos de fato comprováveis e repetíveis, os quais então permitiriam que se obtivesse um conhecimento que pudesse ser considerado efetivamente científico e, logo, verdadeiro. Como consequência, prontamente se teria a refutação da participação de elaborações de natureza subjetiva na produção desse tipo de conhecimento, como tradições, crenças e aquelas provindas das percepções.

Neste interstício, o idealismo kantiano do século XVIII merece ser destacado como um movimento de caráter relativamente distinto por seu tratamento próprio do sensível. Caracterizado como uma tentativa de revisão do *cogito* de Descartes, partia da admissão do “eu penso” não como um ato originário, mas sim como uma constatação de natureza transcendental que correspondia a uma primeira evidência da realidade a partir da qual, então, o conhecimento se faria possível. Constatação transcendental porque, para Kant (1724-1804), sua origem estaria situada além dos limites do poder constitutivo da racionalidade humana, não podendo ser, assim, sequer intuída por um eu encarnado e já por princípio constituído que seria, em verdade, inacessível a si mesmo:

A raiz desconhecida deve permanecer como tal. Ela não é passível de nenhuma intuição. Até poderia ser percebida, mas nunca intuída. A causa disso é que a intuição humana é sensível, e, nesse caso, seria necessária uma **intuição intelectual** para operar esse movimento.

Kant, entretanto, fecha as portas à intuição **intelectual** para o humano. Ela só seria possível se considerássemos, ao menos uma vez, a possibilidade de um entendimento criador. Nesse caso, o objeto seria constituído a partir do próprio intelecto, semelhante ao ato divino. Esta impossibilidade encerra, portanto, o intelecto no mundo sensível e estabelece a sua referência a objetos sensíveis, como ele mesmo explica ao afirmar que “sem sensibilidade, nenhum objeto nos seria dado” [...]. (MOTA, 2019, p. 208, grifos do autor).

Assim, na visão kantiana, o conhecimento não poderia fundar-se **unicamente** no trabalho da consciência, mas se encontraria duplamente dependente das faculdades da sensibilidade e do entendimento, cabendo à primeira dispor as coisas do mundo – na condição de fenômenos – a este último (MOTA, 2019, p. 207-208). A

consciência, mais especificamente a consciência de si, porém, seguiria sendo o ponto de partida da experiência do mundo, de modo que Merleau-Ponty avalia que

Descartes e sobretudo Kant desligaram o sujeito ou a consciência, fazendo ver que eu não poderia apreender nenhuma coisa como existente se primeiramente eu não me experimentasse existente no ato de apreendê-la; eles fizeram aparecer a consciência, a absoluta certeza de mim para mim, como a condição sem a qual não haveria absolutamente nada, e o ato de ligação como o fundamento do ligado. Sem dúvida, **o ato de ligação não é nada sem o espetáculo do mundo que ele liga** [...]. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 4, grifo nosso).

Kant, portanto, não chega a atribuir um caráter fundante ao trabalho da percepção, mas não seria equivocado reconhecer em sua abordagem uma busca pela aproximação do sujeito com o mundo – ainda que realizada de forma relativamente distorcida, talvez, se considerarmos as críticas de Husserl ao caráter mundano da filosofia kantiana, retomadas por Merleau-Ponty em sua fala de que ela “**utiliza** nossa relação com o mundo, que é o motor da dedução transcendental, e torna o mundo imanente ao sujeito, em lugar de **admirar-se** dele e conceber o sujeito como transcendência em direção ao mundo.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 10, grifos do autor).

Essa admiração, na perspectiva de Merleau-Ponty, seria ponto-chave no estabelecimento de todas as nossas relações com o universo fenomênico e, logo, elemento fundamental em sua fenomenologia da percepção. Antes que viesse a formulá-la, porém, dependeria das contribuições de Husserl, como se sabe, as quais, por sua vez, vincular-se-iam a outras condições surgidas na Europa em fins do século XIX: referimo-nos aqui ao desenvolvimento dos primeiros estudos do campo da Psicologia e, especialmente, ao aparecimento do assim chamado psicologismo.

Partindo da consideração de que nossos pensamentos, dos mais simples aos mais complexos, advinham de processos mentais e de que a ciência que se ocupava de tais processos era a Psicologia, o psicologismo defendia que deveria ser ela, então, a responsável por embasar e liderar a abordagem de todas as questões relacionadas ao trabalho da consciência. Considerando, ainda, que a Psicologia àquele tempo admitia a natureza como único campo possível do conhecimento, isto significava assumir a naturalização do psiquismo assim como das leis lógico-matemáticas integradas ao campo científico, submetendo-os às mesmas leis causais

aplicáveis aos processos naturais e reduzindo-os à condição de “mais um objeto entre os objetos reais da natureza”, com “seu lugar, sua objetividade e sua duração temporal” (ANDRADE, 2013, p. 10-11). Estariam, por conseguinte, subordinados tanto às estruturas físicas quanto ao regime de contingência característico dessa mesma natureza.

Husserl, inserido no contexto de tais discussões e igualmente dedicado a problemas do campo da Lógica e da Matemática (no qual possuía formação além da Filosofia), enxergava neste tipo de abordagem um grave problema, que em síntese correspondia a tratar como equiparáveis duas coisas completamente distintas. Afinal, era necessário compreender que

A lógica não é uma ciência empírica e não se relaciona, de modo algum, com os objetos que existem factualmente. Pelo contrário, ela investiga as estruturas e leis ideais; e suas investigações são caracterizadas pela certeza e exatidão. Em contraste, a psicologia é uma ciência empírica que investiga a natureza factual da consciência, e seus resultados são caracterizados pela mesma imprecisão e mera probabilidade que marcam os resultados de todas as outras ciências empíricas. (ANDRADE, 2013, p. 12).

Em um esforço, pois, de buscar uma alternativa às concepções equivocadas do psicologismo, Husserl realizou algumas tentativas de formulações filosóficas datadas dos primeiros anos do século XX (ANDRADE, 2013, p. 14-21) que culminaram, por fim, na apresentação do conceito de *epoché*<sup>13</sup>, o qual, por sua vez, abria o caminho para seu método fenomenológico e sua abordagem própria da experiência subjetiva. A *epoché* consiste em uma proposta de suspensão do juízo sobre as coisas e àquele tempo proporcionava a liberação tanto do psiquismo ou consciência quanto das leis lógico-matemáticas da abordagem pelo viés dos pressupostos comuns às ciências naturais (ANDRADE, 2013, p. 20). Por conseguinte, isso permitia que a consciência passasse a ser vista não mais como “algo constituído no mundo e sujeito ao mesmo, mas como uma existência absoluta e independente em que o mundo é constituído”, e ainda que as leis lógico-matemáticas fossem tidas não mais como “dependentes das leis causais e contingentes, mas desconectadas de toda espacialidade e temporalidade e independentes de qualquer pensamento.” (ANDRADE, 2013, p. 20-21).

---

<sup>13</sup> Trata-se de conceito surgido originalmente no âmbito do ceticismo, corrente filosófica iniciada na Grécia durante o século III a.C.

Centrando-nos na questão que particularmente nos interessa, da consciência, é necessário ressaltar que, ao defini-la como dotada de uma existência absoluta e independente, Husserl não o faz aos moldes cartesianos, mas, sim, atribuindo-lhe a responsabilidade pela constituição de suas próprias estruturas e do mundo a partir da experiência que cada indivíduo tem de **estar consciente de algo**. Dito de outro modo, isto significa dotar a consciência de uma intencionalidade própria, fazendo também com que se conceda uma maior atenção não tanto ao mundo dado, mas especialmente à maneira como ele se manifesta à consciência dos indivíduos, isto é, se oferece na forma de fenômenos. Quanto a essa intencionalidade atribuída por Husserl à consciência, podemos então dizer que

[...] se trata da aposição de sentido. A consciência quando pensa o mundo dá-lhe um significado, sujeito e objeto não mantêm relação de causalidade, contiguidade ou de cópia do real. Tornou-se comum dizer que a consciência fenomenológica é “consciência de” para deixar claro que o sujeito põe um sentido nas coisas, não há consciência vazia de sentido sobre o objeto ou mundo. De um lado, isto significa que a consciência para Husserl é uma totalidade, dar sentido significa que se trata de um todo irreduzível às suas partes, desqualificando as tentativas neoempirista, pragmatista e behaviorista de abordar partes da consciência. A escola fenomenológica e gestáltica inauguram, com o método de Husserl, uma nova forma de estudar os fatos psíquicos com base no princípio que **o todo é mais que a soma das partes**. (CARVALHO, 2013, p. 4, grifo nosso).

A intencionalidade da consciência, portanto, representa seu poder de unificar as percepções que cada indivíduo tem das coisas do mundo atribuindo-lhes um sentido que ultrapassa aquele das puras sensações e simples impressões e não pode, pois, ser apreendido na forma de um total, isto é, enquanto simples soma de partes, senão de um **inteiro**. À medida que tal concepção diferencia-se daquela kantiana, segundo a qual a unidade do mundo é “posta pelo conhecimento e em um ato expresso de significação” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 15), a intencionalidade da consciência em Husserl significa ainda

[...] reconhecer a própria consciência como projeto do mundo, destinada a um mundo que ela não abarca nem possui, mas em direção ao qual ela não cessa de se dirigir – e o mundo como este indivíduo pré-objetivo cuja unidade imperiosa prescreve à consciência a sua meta. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 15).

Assim se pode, pois, entender como “a ‘compreensão’ fenomenológica distingue-se da ‘intelecção clássica’, que se limita às ‘naturezas verdadeiras e

imutáveis”, tratando-se esta de uma distinção que permite, inclusive, que a fenomenologia se torne uma “fenomenologia de gênese” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 16), uma vez que

Quer se trate de uma coisa percebida, de um acontecimento histórico ou de uma doutrina, "compreender" é reapoderar-se da intenção total — não apenas aquilo que são para a representação as "propriedades" da coisa percebida, a poeira dos "fatos históricos", as "ideias" introduzidas pela doutrina —, mas a maneira única de existir que se exprime nas propriedades da pedra, do vidro ou do pedaço de cerca, em todos os fatos de uma revolução, em todos os pensamentos de um filósofo. Em cada civilização, trata-se de reencontrar a Ideia no sentido hegeliano, quer dizer, não uma lei do tipo físico-matemático, acessível ao pensamento objetivo, mas a fórmula de um comportamento único em relação ao outro, à Natureza, ao tempo e à morte, **uma certa maneira de pôr forma no mundo** [...]. (MERLEAU-PONTY, p. 16, grifo nosso).

Mas, mantendo no horizonte a discussão própria da fenomenologia sobre as essências, vê-se que a concepção de Husserl abria espaço ao questionamento do quanto aquelas manter-se-iam alcançáveis após a operação dos atos de significação. É novamente através da *epoché* que ele tenta dar uma resposta ao problema, propondo “colocar entre parênteses o mundo dos objetos e o fluxo das impressões do sujeito” (CARVALHO, 2013, p. 5) com a intenção de que, nessa suspensão e nesse distanciamento promovido entre ambos, pudesse se constituir o espaço de contato dessas essências. Cumpre destacar, todavia, seguindo as ponderações de Merleau-Ponty, que a essência constitui não mais que “um meio” e “nosso engajamento efetivo no mundo é justamente aquilo que é preciso compreender e conduzir ao conceito e que polariza todas as nossas fixações conceituais” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 11), de modo que

A necessidade de passar pelas essências não significa que a filosofia as tome por objeto, mas, ao contrário, que nossa existência está presa ao mundo de maneira demasiado estreita para conhecer-se enquanto tal no momento em que se lança nele, e que ela precisa do campo da idealidade para conhecer e conquistar sua facticidade. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 11-12).

É nestes moldes, portanto, que a *epoché* é empregada e se afirma como conceito-chave para Husserl na construção de seu método fenomenológico. Outros dois conceitos fundamentais, entretanto, ainda viriam a ser apresentados pelo filósofo em 1931, na obra *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*, e

são os conceitos de *noesis* e *noema*, respectivamente correspondentes ao ato de perceber ou tomar consciência de algo e à coisa tal como representada pelo sujeito a partir de sua percepção. Ele buscava, com ambos, justamente diferenciar aquele que seria o mundo **em si** daquele que seria o mundo enquanto fenômeno, dado à consciência do sujeito perceptor na forma de um **para si**.

*Noesis* e *noema* serviam, pois, para integrar e apurar a proposta da *epoché* participando da assim denominada redução eidética, isto é, a redução à essência, que não deve, no âmbito da fenomenologia husserliana, ser confundida como uma proposta de separação entre essências e existência. E não se deve fazê-lo primeiramente porque, retomando a discussão anterior sobre admitir as essências como meio e não como fim, quando se fala em buscar a essência do mundo de acordo com Husserl é preciso compreender que elas, as essências, “devem trazer consigo todas as relações vivas da experiência, assim como a rede traz do fundo do mar os peixes e as algas palpitantes.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 12). Em seguida, porque tampouco essa separação seria possível, tendo-se em vista que “o maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 10), de modo que o próprio Husserl, como nos informa Merleau-Ponty (2011, p. 10), sempre retoma, ao longo de sua obra, os questionamentos acerca da possibilidade de se alcançar sua plena realização. Fato é que não nos apartamos jamais de nossa condição de seres encarnados no mundo e nos é impossível desfazer das implicações dessa condição, como o é, afinal, a experiência do mundo. Resta-nos apenas a possibilidade de recuar, dirá o filósofo francês, “para aquém de nosso engajamento”, de modo a fazer com que tanto esse engajamento quanto o mundo, através de um estranhamento necessário, mostrem-se a nós como “espetáculos” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 11).

Retomando e articulando, então, os três conceitos de *noesis*, *noema* e redução eidética, temos, pois, que, tomando de um lado a visão de um objeto qualquer tal como ele existe (*noesis*) e de outro as várias representações que ele é passível de assumir em uma dada consciência (*noema*), é possível identificar aí certas características imutáveis que constituem, por esta razão, a essência desse mesmo objeto (redução). Assim, diante de um conjunto de cadeiras, por exemplo, por mais que variem para nós suas formas, proporções, cores e materiais, reconhecemos e mantemos a ideia de cadeira como artefato composto basicamente por apoios no chão sobre os quais há um plano horizontal sobre o qual nos

assentamos, sendo este plano fixado, por sua vez, a outro plano vertical no qual apoiamos nossas costas. Tal concepção nasce de nada além de um **processo descritivo** que passa a ser, portanto, visto como aquele capaz de nos aproximar das essências das coisas, e ao qual Husserl atribuiu o nome de intuição do invariante.

Para o filósofo, toda intuição está sempre vinculada a uma percepção, mas o contrário não é necessariamente verdadeiro, uma vez que é perfeitamente possível para um indivíduo perceber a existência de algo sem ser, contudo, capaz de apreender ou intuir seu significado ou seu sentido. Assim, entre intuição e percepção, Husserl entendia que era exatamente a primeira que nos permitia ir ao encontro das verdadeiras essências, fazendo com que sua fenomenologia se caracterizasse como um **movimento em direção à intuição**. “Movimento” que se configura como termo bastante oportuno, aliás, para exprimir o sentido de processo através do qual o método fenomenológico husserliano constitui simultaneamente a si e a seus objetos, e que não é outra coisa senão o traço identitário da própria fenomenologia. Ela é, afinal, como dirá Merleau-Ponty, uma filosofia que “se deixa praticar e reconhecer como maneira ou como estilo; ela existe como movimento antes de ter chegado a uma inteira consciência filosófica.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 2). E assim o é, inclusive, por seu diálogo permanente com o *Lebenswelt* ou “Mundo da Vida”, por natureza indefinido e inconstante, no qual, como já nos ensinava Heráclito desde aproximadamente o século V a.C. com sua dialética e hoje experimentamos ainda mais intensamente, imersos no contexto da modernidade líquida baumaniana, nada **é**, tudo **está sendo**.

A fenomenologia husserliana, pois, associada a tal ideia de movimento, vincula-se também à proposta de uma **abertura** para o mundo à medida que, como dirá Husserl em seus inéditos apresentados a nós por seu discípulo, “o filósofo [...] é alguém que perpetuamente começa”. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 11). Na visão de Merleau-Ponty,

Isso significa que ele não considera como adquirido nada do que os homens ou os cientistas acreditam saber. Isso também significa que a filosofia não deve considerar-se a si mesma como adquirida naquilo que ela pôde dizer de verdadeiro, que ela é uma experiência renovada de seu próprio começo, que toda ela consiste em descrever este começo e, enfim, que a reflexão radical é consciência de sua própria dependência em relação a uma vida irrefletida que é sua situação inicial, constante e final. Longe de ser, como se acreditou, a fórmula de uma filosofia idealista, a redução fenomenológica

é a fórmula de uma filosofia existencial: o "In-der-Welt-Sein" [ser-no-mundo] de Heidegger só se manifesta sobre o fundo da redução fenomenológica. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 11).

Husserl, como vimos, busca exercer essa reflexão centrando-se, a seu modo, no trabalho da consciência, construindo uma nova forma de tentar responder a questões apresentadas por sua época aos campos científico e filosófico. Colhendo as contribuições de seu mestre, Merleau-Ponty se dedicará a esta "reflexão radical" buscando precisamente aquela "vida irrefletida" anterior a toda análise, considerada o real ponto de partida de todo o conhecimento. Irá ao encontro, pois, do que está situado para além dos atos da consciência, ou melhor dizendo, os precede e constitui seu suporte fundamental, aportando, enfim, no fenômeno perceptivo. E será este o passo primeiro da construção de seu próprio método fenomenológico e da instituição do assim designado primado da percepção.

## **2.2 Maurice Merleau-Ponty: o primado da percepção e suas consequências filosóficas**

Maurice Merleau-Ponty nasceu na pequena cidade de Rochefort-sur-Mer, no sudoeste da França, em 14 de março de 1908 e iniciou seus estudos de Filosofia no ano de 1927 em Paris, na École Normale Supérieure, onde conviveu com figuras da estirpe de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Com a filosofia de Husserl, a primeira aproximação ocorreu dois anos mais tarde e em 1939, já na universidade belga de Louvain, obteve acesso a textos inéditos do filósofo alemão, os quais viriam a exercer influência decisiva sobre seu modo de pensar (CAMINHA, 2019, p. 15-16). Mas, não seriam somente os textos husserlianos a fazê-lo, como também, senão sobretudo, as particularidades do contexto em que se vivia àqueles tempos, que solicitavam, ou mesmo exigiam, a elaboração de novos modos de se olhar para o mundo e buscar compreendê-lo.

É assim que no período entre as duas grandes guerras mundiais, época de profundas transformações na sociedade, Merleau-Ponty elabora seu projeto de pesquisa sobre a natureza da percepção com o caráter de uma revisão sobre o tema, justificando sua validade pelo surgimento das ideias da então recentíssima Escola da Gestalttheorie, além do desenvolvimento de campos como o da fisiologia do sistema nervoso, o das patologias mentais e o da psicologia infantil (MERLEAU-



PONTY, 2017, p. 15). A *Fenomenologia da Percepção*, sua tese de doutorado defendida e publicada no último ano da Segunda Grande Guerra, configura-se, pois, como o resultado de suas investigações, nas quais a faculdade da percepção e o corpo, **com** o qual ela se realiza, despontam como os elementos primordiais do acesso à experiência do mundo e base da formulação de todo o conhecimento.

A abordagem de Merleau-Ponty, cumpre notar, viria romper com a tradição de uma ênfase absoluta na racionalidade e no extremo objetivismo, que permaneceram, como vimos, dominantes por muitos séculos no âmbito do pensamento filosófico e científico. Tratava-se, entretanto, de uma ruptura em conformidade com a própria orientação da fenomenologia husserliana de repor as essências na existência, entendendo não ser possível “compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 1). Por isso o filósofo afirmará, no prefácio da *Fenomenologia da Percepção*, que “todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3), defendendo que a ciência deve ser admitida como “uma determinação ou uma explicação dele” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3), pois, afinal,

Eu não sou um "ser vivo" ou mesmo um "homem" ou mesmo "uma consciência", com todos os caracteres que a zoologia, a anatomia social ou a psicologia indutiva reconhecem a esses produtos da natureza ou da história – **eu sou a fonte absoluta**; minha experiência não provém de meus antecedentes, de meu ambiente físico e social, ela caminha em direção a eles e os sustenta, pois sou eu quem faz ser para mim (e portanto ser no único sentido que a palavra possa ter para mim) essa tradição que escolho retomar, ou este horizonte cuja distância em relação a mim desmoronaria, visto que ela não lhe pertence como uma propriedade, se eu não estivesse lá para percorrê-la com o olhar. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3-4, grifo nosso).

Merleau-Ponty recupera para o sujeito, assim, o papel que até aquele momento as filosofias precedentes haviam-lhe usurpado. Descarta a ideia de uma consciência constituinte universal para a qual o mundo poderia apresentar-se em sua transparência, e também o faz com a ideia de uma consciência mecanizada definida por processos comuns a todos os indivíduos – tal como se dava, por exemplo, na acepção do psicologismo. Apresentando o mundo vivido como anterior ao mundo refletido – logo, como seu suporte –, devolve a esse mesmo sujeito a posse do poder de constituir, a partir de sua própria experiência existencial, os

fenômenos que só em um segundo instante adquirem a forma de representações, de forma que, se retomamos o tema da redução, entendemos que sob essa perspectiva ela consiste em “retornar a este mundo anterior ao conhecimento e do qual o conhecimento sempre **fala**, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 4, grifo do autor). Como o filósofo pondera, “primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho”, permitindo-nos dizer que, de igual maneira, a própria paisagem, tema de nossa investigação, antes de ser oferecida na forma de um conceito, é apreendida por nós a partir de um certo modo de nos relacionarmos com o mundo.

A ideia de que “todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 280) é, portanto, o que nos permite falar, acolhendo a proposta merleau-pontyana, em um primado da percepção, do qual derivam diversas implicações especialmente de ordem filosófica<sup>14</sup>. Cabe-nos agora, então, avançar um pouco mais, para além do que expusemos até aqui, na definição dos contornos do que seria propriamente dita essa percepção de que trata o filósofo, a fim também de, oportunamente, revermos as relativas deficiências que anteriormente dissemos poder haver quanto ao entendimento do significado fundamental do termo.

### 2.2.1 A natureza da percepção

Se para Husserl toda consciência é consciência de algo, quando nos referimos a Merleau-Ponty o enunciado passa a ser o de que **toda percepção é percepção de algo**. Se consideramos a relação figura-fundo, definida como um dos elementos centrais da Teoria da Gestalt e admitida pelo filósofo como o “dato sensível mais simples que podemos obter” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 24), observamos já indicada a dependência da percepção em relação à existência de **algo a se perceber**, de modo que “uma superfície verdadeiramente homogênea, não oferecendo **nada para se perceber**, não pode ser dada a **nenhuma percepção**.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 24, grifos do autor). Observamos,

---

<sup>14</sup>Algumas destas implicações são amplamente debatidas em uma reunião entre o filósofo e a Sociedade Francesa de Filosofia ocorrida no ano de 1946. Seu conteúdo está contemplado na publicação intitulada *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*, datada de 2017 e indicada nas referências deste trabalho, e da qual a esta seção tomamos a liberdade de emprestar o título.

também, que este algo a se perceber mostra-se, por sua vez, na dependência de ser sempre dado **em relação** a outra coisa, bem como de estar sempre integrado a um campo, sendo este correspondente a “uma montagem que tenho para um certo tipo de experiência” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 440); em outras palavras, corresponde a uma estrutura que nos abre para um determinado canal de comunicação com o mundo. Fala-se aqui na relação da percepção com os campos visual, auditivo, tátil, olfativo e gustativo, cada um vinculado a um de nossos sentidos, sendo necessário lembrar e reforçar, entretanto, que não há experiência perceptiva com a participação exclusiva de um sentido ou campo apartado dos demais. Semelhante à percepção que temos de nosso corpo próprio (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 425-427), como compreenderemos melhor adiante, a percepção não se dá segundo uma síntese de nossas várias experiências sensoriais, como se se tratasse da composição de uma totalidade a partir de suas partes; ela é sempre, por natureza, como deve-se igualmente reiterar, uma experiência que se vive na forma de um inteiro.

Ao dizer que vemos uma coisa, portanto, o que desejamos expressar é que essa coisa em particular estabelece uma comunicação mais direta com nosso campo visual, e converte-se em figura em relação a outras coisas que, no momento, tornam-se parte de seu horizonte ou fundo. E, enquanto a vemos, todos os outros sentidos mantêm-se ativos e atuantes, de modo que um certo aspecto visual de um objeto pode nos sugerir uma certa qualidade tátil ou, em se tratando de um alimento, por exemplo, uma certa característica olfativa pode nos remeter a um certo sabor que pode, por sua vez, ser modificado em razão de um determinado tipo de sonoridade presente no ambiente<sup>15</sup>. Assumir que percebemos algo e destacá-lo como percebido segundo um campo em particular não significa, pois, nem dizer que deixamos de perceber ou que percebemos menos os outros elementos presentes no horizonte da coisa percebida, nem que há somente um sentido ativo nessa comunicação com ela. No primeiro caso, o que há é a evidência do poder de nossa percepção de privilegiar certos elementos no momento em que se dirige a eles e, no outro, tem-se a evidência da **experiência sinestésica** que é a percepção:

---

<sup>15</sup>Interessante notar, neste sentido, os estudos desenvolvidos pelo recém-criado campo da Neurogastronomia, em que destacam-se aqueles conduzidos pelo psicólogo britânico Charles Spence, considerado seu precursor, e pelo neurocientista americano Gordon Shepherd. A Neurogastronomia, em síntese, dedica-se à investigação de como o cérebro estabelece o gosto dos alimentos e trabalha com a análise de como os demais sentidos geram interferências sobre a experiência gustativa.

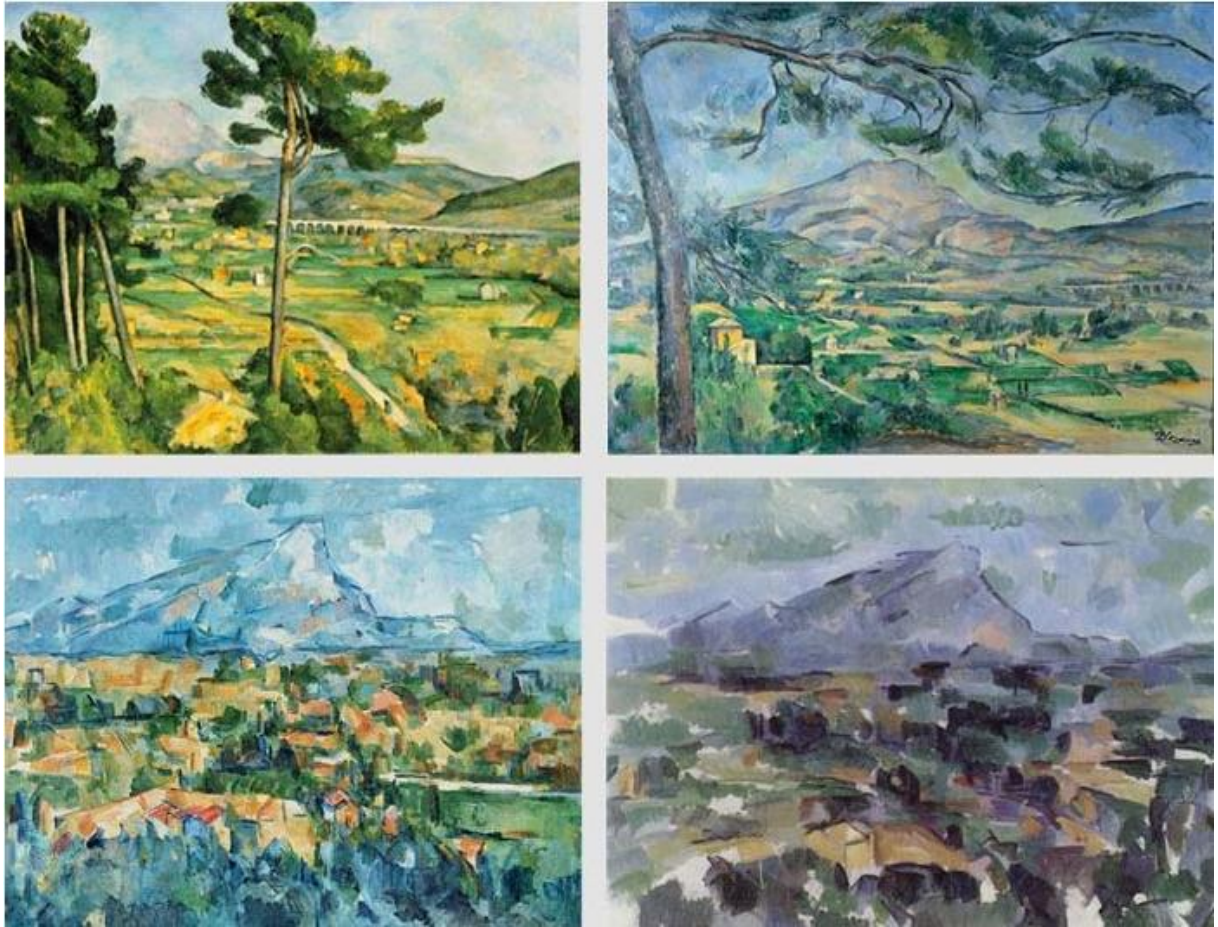
**Pois o sujeito não nos diz apenas que ele tem ao mesmo tempo um som e uma cor: é o próprio som que ele vê no lugar em que se formam as cores.** Essa fórmula é literalmente desprovida de sentido se se define a visão pelo **quale** visual, o som pelo **quale** sonoro. Mas cabe a nós construir nossas definições de maneira a encontrar-lhe um, já que a visão dos sons ou a audição das cores existem como fenômenos. E eles não são nem mesmo fenômenos excepcionais. A percepção sinestésica é a regra e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como o concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 308, grifos do autor).

Diz-se ainda, em relação a essa mesma percepção, que ela consiste em um modo de nos relacionarmos com as coisas do mundo, porque se considera que “na percepção a coisa nos é dada ‘em pessoa’ ou ‘em carne e osso’”. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 428). Entende-se com isso que a percepção nos permite apreender um certo modo de existência da coisa através de seus signos aparentes, como se estivéssemos diante de “uma linguagem que se ensinaria por si mesma, em que a significação seria secretada pela própria estrutura dos signos”, respondendo à interrogação de nossos sentidos (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 428), de tal forma que

O próprio sentido da coisa se constrói sob nossos olhos, um sentido que nenhuma análise verbal pode esgotar e que se confunde com a exibição da coisa em sua evidência. Cada aplicação de cor que Cézanne faz deve, como diz E. Bernard, “conter o ar, a luz, o objeto, o plano, o caráter, o desenho, o estilo”. Cada fragmento de um espetáculo visível satisfaz a um número infinito de condições, e é próprio do real contrair uma infinidade de relações em cada um de seus momentos. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 433).

Paul Cézanne (1839-1906), a quem diversas vezes Merleau-Ponty se refere em sua obra, é, como sabemos, amplamente conhecido por suas representações de paisagens, entre as quais se destacam aquelas do Monte Sainte-Victoire, objeto de sua afeição desde a infância, situado no sul da França próximo a Aix-en-Provence, sua terra natal. E se nos dedicamos a comparar algumas dessas representações (Ilustração 1), já de início ser-nos-á evidente a simplificação dos traços realizada pelo artista ao longo dos anos, assemelhando-se a uma passagem do figurativismo à abstração, sendo esta, porém, uma ação não tanto relacionada à proposta de um estilo – ainda que sua obra viesse mais tarde a exercer influência sobre o desenvolvimento do cubismo e do fauvismo –, mas, sim, a um desejo particular de captar o sentido e, antes, o momento do nascimento das coisas.

Ilustração 1 – Pinturas do Monte Sainte-Victoire, por Paul Cézanne. Data das obras, da parte superior esquerda à inferior direita: 1885, 1887, 1904, 1906



Fonte: (FOUR..., [20--?]).

É interessante observarmos que, em sua juventude, Cézanne acreditava-se impotente “porque não era onipotente, porque não era Deus e, no entanto, queria pintar o mundo, convertê-lo inteiramente em espetáculo, fazer **ver** como ele nos **toca**” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 135, grifos do autor). Com o tempo, contudo, compreendeu – como ele mesmo demonstrou ao relatar sua postura diante do desejo de pintar uma cena descrita por Honoré de Balzac em *Peau de Chagrin*<sup>16</sup> – que “a expressão é a linguagem da coisa mesma e nasce de sua configuração” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 432). E isto fundamentalmente em razão de que

<sup>16</sup>“Em *Paul de Chagrin*, Balzac descreve ‘uma toalha de mesa branca como uma camada de neve recentemente caída e na qual se dispunham simetricamente os talheres, coroados por pequenos pães dourados’. Durante toda a minha juventude’, dizia Cézanne, ‘eu quis pintar isso, essa toalha de neve fresca... Agora eu sei que só se deve querer pintar: se se dispunham simetricamente os talheres e os pequenos pães dourados e eu os pinto coroados, estou perdido, você compreende? E, se verdadeiramente eu harmonizo e matizo meus talheres e meus pães como no modelo natural, esteja certo de que as coroas, a neve e todo o tremor estarão ali.’” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 268).

[...] uma coisa é coisa porque, o que quer que nos diga, ela o diz pela própria organização de seus aspectos sensíveis. O “real” é este meio em que cada coisa é não apenas inseparável das outras, mas de alguma maneira sinônima das outras, em que os “aspectos” se significam uns aos outros em uma equivalência absoluta; ele é a plenitude intransponível: impossível descrever completamente a cor do tapete sem dizer que ela é a cor de um tapete, de um tapete de lã, e sem implicar nessa cor um certo valor tátil, um certo peso, uma certa resistência ao som. A coisa é esse gênero de ser no qual a definição completa de um atributo exige a definição do sujeito inteiro e em que, por conseguinte, o sentido não se distingue da aparência total. Cézanne dizia ainda: “O desenho e a cor não são mais distintos; à medida que se pinta, se desenha, quanto mais a cor se harmoniza, mais o desenho se precisa [...] quando a cor está em sua riqueza, a forma está em sua plenitude.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 433).

A representação do Monte Sainte-Victoire contida no último quadro é, pois, aquela que melhor exemplifica esses entendimentos da parte do pintor, exprimindo sua intenção de buscar, exatamente através dessa organização de aspectos sensíveis, a expressão daquela paisagem ou, antes disso, diríamos, de seu **vir-a-ser-paisagem**. Notamos, por isso, que os traços e as cores dispõem-se e mesclam-se na tela com relativa indefinição, como se estivessem ainda em via de organizar-se e estabelecer-se<sup>17</sup>: o propósito, afinal, é justamente o de revelar esse instante que antecede a realização da síntese perceptiva – sempre inacabada, já o dissemos –, que não é outro senão o instante da própria percepção, isto é, quando se estabelece nosso elo de ligação com o percebido fazendo com que sua existência passe de fato a contar para nós, constituindo-se aí uma espécie de revelação.

Neste sentido, é válido acrescentar que Cézanne possuía, em certa medida, a compreensão de que, como pontua Merleau-Ponty,

O que motiva um gesto do pintor nunca pode ser apenas a perspectiva ou apenas a geometria, as leis da decomposição das cores ou um outro conhecimento qualquer. Para todos os gestos que aos poucos fazem um quadro, há um único motivo, é a paisagem em sua totalidade e em sua plenitude absoluta – que justamente Cézanne chamava “um motivo”. Ele começava por descobrir as bases geológicas. Depois, não se mexia mais e olhava, com os olhos dilatados, dizia a senhora Cézanne. Ele “germinava” com a paisagem. Esquecida toda ciência, tratava-se de recuperar, **por meio** dessas ciências, a constituição da paisagem como organismo nascente. Era

<sup>17</sup>A esse respeito, Merleau-Ponty (2004, p. 128) dirá: “Cézanne não acreditou ter que escolher entre a sensação e o pensamento, como entre o caos e a ordem. Ele não quer separar as coisas fixas que aparecem ao nosso olhar e sua maneira fugaz de aparecer, quer pintar a matéria em via de se formar, a ordem nascendo por uma organização espontânea. Não estabelece um corte entre ‘os sentidos’ e a ‘inteligência’, mas entre a ordem espontânea das coisas percebidas e a ordem humana das idéias (*sic*) e das ciências. Percebemos coisas, entendemo-nos sobre elas, estamos enraizados nelas, e é sobre essa base de ‘natureza’ que construímos ciências. Foi esse mundo primordial que Cézanne quis pintar, e por isso seus quadros dão a impressão da natureza em sua origem [...]”

preciso soldar umas nas outras todas as vistas parciais que o olhar tomava, reunir o que se dispersa pela versatilidade dos olhos, 'juntar as mãos errantes da natureza', diz Gasquet. "Há um minuto do mundo que passa, é preciso pintá-lo em sua realidade." A meditação terminava bruscamente. "Tenho meu motivo", dizia Cézanne, e explicava que a paisagem deve ser abraçada nem muito acima nem muito abaixo, ou ainda: recuperada viva numa rede que nada deixa passar. Então ele atacava seu quadro por todos os lados ao mesmo tempo, cercava de manchas coloridas o primeiro traço de carvão, o esqueleto geológico. A imagem saturava-se, ligava-se, desenhava-se, equilibrava-se, tudo chegava à maturidade ao mesmo tempo. A paisagem, ele dizia, pensa-se em mim e eu sou sua consciência. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 132-133, grifo do autor).

Cézanne, portanto, realmente não pretendia que sua pintura fosse uma simples imitação da realidade. Ele preocupava-se, sim, em representar "a vibração das aparências que é o berço das coisas" (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 133) e, logo, a paisagem que **está sendo** ou que **será**, buscando oferecer ao espectador de sua obra não o espetáculo dado, mas a possibilidade de também germinar<sup>18</sup> com ele e participar de sua constituição. Tenta, assim, oferecer-nos o que, dito de outro modo, seria a experiência da coisa – no caso, da paisagem, e não de sua pintura de paisagem –, indiretamente resgatando e afirmando o valor da percepção na forma de um "conhecimento originário" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 74).

Conceber a percepção desta forma significa, pois, reconhecer que, para além do que pode ser chamado de uma "percepção empírica ou segunda, aquela que exercemos a cada instante, que nos mascara este fenômeno fundamental porque ela é inteiramente plena de aquisições antigas" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 74), há uma primeira percepção que é exercida "quando contemplo um objeto com a única preocupação de vê-lo existir e desdobrar-se diante de mim as suas riquezas", de maneira que ele deixa então de "ser uma alusão a um tipo geral, e eu me apercebo de que cada percepção, e não apenas aquela dos espetáculos que descubro pela primeira vez, recomeça por sua própria conta o nascimento da inteligência e tem algo de uma invenção genial" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 75). Necessitamos, no entanto, ter em vista que, como dirá Rodrigo Naves (MERLEAU-PONTY, 2004, p.

<sup>18</sup> O termo nos parece bastante oportuno, tendo sido aqui, inclusive, repetido por nós, considerando que, a partir da percepção, não somente as coisas nos são reveladas, mas também nós (re)nascemos com elas. A respeito deste fenômeno, Merleau-Ponty dirá, em *O olho e o espírito* (2004, p.37), tendo ainda Cézanne como referencial principal, que "A visão do pintor não é mais o olhar posto sobre um *fora*, relação meramente 'físico-óptica' com o mundo. O mundo não está mais diante dele por representação; é antes o pintor que nasce nas coisas como por concentração e vinda a si do visível, e o quadro finalmente só se relaciona com o que quer que seja entre as coisas empíricas sob a condição de ser primeiramente 'autofigurativo'; ele só é espetáculo de alguma coisa sendo 'espetáculo de nada', arrebatando a 'pele das coisas', para mostrar como as coisas se fazem coisas e o mundo, mundo."

147), na realidade “o cotidiano se move no mundo da cultura já conquistada, no mundo do já sabido e do adquirido”, pois, de outra forma, a vida se tornaria “impraticável” ao demandar-nos a cada momento, permanentemente, abandonar e então recomeçar todos os nossos aprendizados. Assim, podemos compreender que Merleau-Ponty recorre à pintura de Cézanne apenas por entender que ela contribui para evidenciar o suporte natural e sensível **a partir do qual** nossas experiências, a cultura e nossos conhecimentos se elaboram, sendo essa uma condição que poderíamos ainda ilustrar através dos versos de Alberto Caeiro em *O guardador de rebanhos*:

O que nós vemos das coisas são as coisas.  
 Por que veríamos nós uma coisa se houvesse outra?  
 Por que é que ver e ouvir seriam iludirmo-nos  
 Se ver e ouvir são ver e ouvir?  
 O essencial é saber ver,  
 Saber ver sem estar a pensar,  
 Saber ver quando se vê,  
 E nem pensar quando se vê  
 Nem ver quando se pensa.  
 Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),  
 Isso exige um estudo profundo,  
 Uma aprendizagem de desaprender  
 E uma seqüestração na liberdade daquele convento  
 De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas  
 E as flores as penitentes convictas de um só dia,  
 Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas  
 Nem as flores senão flores,  
 Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.  
 (PESSOA, 1983, p. 151-152).

Para ter acesso a essa percepção originária deveríamos, portanto, como orienta o poeta, primeiro aprender a desaprender, ou seja, remover as camadas de significações que atribuímos às coisas, para só aí então sermos capazes de “perceber o mundo pela raiz” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 148). Contudo, embora provavelmente esta nos pareça uma ação difícil, que talvez somente filósofos, pintores e escritores consigam realizar, a verdade é que, sendo para esses eventualmente mais fácil fazê-lo por questões de prática e costume, a nós ela é igualmente possível por uma aptidão ao espanto – como dirá o antropólogo britânico Tim Ingold (1948- ) referindo-se ao “sentimento de admiração oriundo de se montar na crista do contínuo nascimento do mundo” (INGOLD, 2015, p. 125) –, da qual nem sempre nos apercebemos, mas que carregamos em nós como uma habilidade inata.



É quando alguém, por exemplo, se volta para algo que lhe chama em meio aos afazeres cotidianos e sente formar um novo sentido, insuspeitado, para o que já via e conhecia de um outro modo. É esse vento repentino que me leva a olhar a copa agitada da árvore fora de minha janela e que me apanha antes que o percebido e o cotidiano se intrometam. Nessa surpresa, o tempo como que demora, como que pára (*sic*) um pouco e me dá o presente em que traço da árvore o desenho – e que ela por sua vez também me desenha – da agitação de suas folhas e de seus galhos. É nesse coincidir de dois desenhos, que são um só, e no qual o que percebo como que o crio e o que crio como que já me esperava para desvendá-lo, que percebo como se nunca tivesse percebido. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 148).

Entretanto, como dizíamos e teremos a oportunidade de ver melhor adiante, a maior parte de nossas percepções encontra-se impregnada de aquisições que se mantêm incorporadas em nós, sendo válido, inclusive, lembrar aqui da fala do próprio Merleau-Ponty acerca de que “o mundo fenomenológico é não o ser puro” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 18), mas comporta tanto o entrelaçamento de nossas experiências passadas às presentes como aquelas de outros indivíduos com os quais de algum modo nos relacionamos. E, neste sentido, tendo em vista particularmente as distinções já feitas entre o caráter da percepção e aquele do conhecimento científico, não seria de todo equivocado, pois, tratar essas percepções a que o filósofo chama de empíricas como percepções relativamente originárias. Podemos admitir, por exemplo, que antes de vir a ser o sol do astrônomo – definido como estrela principal do nosso sistema solar, com raio de cerca de setecentos mil quilômetros, composto por matéria em estado plasmático que arde na temperatura de milhares de graus Celsius tanto no seu núcleo quanto na sua superfície a uma distância de aproximadamente cento e cinquenta milhões de quilômetros da Terra –, **nosso sol** é o elemento de aspecto brilhante que vemos ao olhar para o céu pela manhã, anunciando-nos que já é dia, e do qual o calor e a cor amarela, exprimindo-nos certa vibração, predis põem nosso corpo a um certo estado de ânimo na realização de nossas tarefas cotidianas. Do mesmo modo, podemos admitir que a paisagem, antes de ser associada a uma dada porção de território demarcada no mapa e minuciosamente analisada por um especialista em geografia – no que diz respeito, por exemplo, à sua geomorfologia –, é primeiro **nossa paisagem**, compreendida como o lugar em que nosso corpo habita e vive, celebra suas festas e dá continuidade a suas tradições, e que é também para nós dotada de uma certa aura intangível atribuída à maneira singular com a qual os elementos que participam de sua composição nos tocam. Vários são os exemplos que poderíamos ainda

elencar e que serviriam, pois, para demonstrar que o mundo, antes de ser aquilo que pensamos objetivamente, é primeiro – e sobretudo – **o mundo tal como nós o percebemos e o vivemos**. E, sendo assim, decididamente,

Não diremos mais que a percepção é uma ciência iniciante, mas, inversamente, que a ciência clássica é uma percepção que esquece suas origens e se acredita acabada. O primeiro ato filosófico seria então retornar ao mundo vivido aquém do mundo objetivo, já que é nele que poderemos compreender tanto o direito como os limites do mundo objetivo, restituir à coisa sua fisionomia concreta, aos organismos sua maneira própria de tratar o mundo, à subjetividade sua inerência histórica, reencontrar os fenômenos, a camada de experiência viva através da qual primeiramente o outro e as coisas nos são dados, o sistema "Eu-Outro-as coisas" no estado nascente, despertar a percepção e desfazer a astúcia pela qual ela se deixa esquecer enquanto fato e enquanto percepção, em benefício do objeto que nos entrega e da tradição racional que funda. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 89-90).

Constata-se, afinal, que a percepção não corresponde, ao menos não integralmente, às usuais definições que lhe são atribuídas, as quais tendem a tratá-la como algo diverso de sua natureza e situá-la, por conseguinte, em posição equivocada na cadeia do conhecimento, deslocando-a da origem para algum outro ponto intermediário em que é tratada como uma elaboração na linha de sucessão de alguma outra etapa. A verdade, porém, é que antes dela há, única e exclusivamente, o mundo dado, em relação ao qual nos colocamos em posição de permanente abertura, com o qual não cessamos nunca de nos comunicar sem sermos, contudo, capazes de esgotar suas possibilidades (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 14).

Concepções dessa ordem podem, ainda hoje, gerar certa confusão, e mesmo aversão nos campos filosófico e científico, e, portanto, era de se esperar que ainda mais o fizessem à época de Merleau-Ponty. De fato, muitos de seus contemporâneos viram a proposta do primado da percepção como uma minimização ou mesmo como uma negação da razão, acusação à qual o filósofo trataria de responder, como na ocasião do debate com a Sociedade Francesa de Filosofia em 1946, com a afirmativa de que “uma concepção desse gênero não destrói nem a racionalidade, nem o absoluto. Ela procura fazer com que desçam à terra.” (MERLEAU-PONTY, 2017, p. 32). Esse “descer à terra” nada mais seria do que ter sempre em vista a relação fundamental do conhecimento com o mundo vivido, adotando-se, assim, não só a postura própria da fenomenologia husserliana de buscar repor as essências na existência, mas também a atitude de buscar devolver

a essa relação o seu posto de direito, do qual tanto o empirismo quanto o intelectualismo terminariam por retirá-la em seus esforços particulares de análise e explicação da realidade.

Sem perder de vista essa orientação merleau-pontyana, dão-se neste trabalho, pois, nossas discussões em torno das relações entre percepção e paisagem. E, neste sentido, é importante reforçar que admitimos essa última como um fenômeno porque isto nos serve para ressaltar que a paisagem, antes de ser vista como um conceito ou uma ideia, é aqui abordada na perspectiva de uma manifestação de nosso próprio ser-no-mundo. É preciso, portanto, lidar com a subjetividade que ela comporta, uma vez que, diferentemente de uma ideia, por natureza aspirante à universalidade e, logo, tendente a um descolamento em relação ao sujeito, a experiência da paisagem, por outro lado, só se torna possível a partir da convocação desse e de sua entrega. Afinal, tal como nos dirá o filósofo,

Eu decolo de minha experiência e passo à **idéia** (*sic*). Assim como o objeto<sup>19</sup>, a idéia (*sic*) pretende ser a mesma para todos, válida para todos os tempos e para todos os lugares, e a individuação do objeto em um ponto do tempo e do espaço objetivos aparece finalmente como a expressão de uma potência posicional universal. Não me ocupo mais de meu corpo, nem do tempo, nem do mundo, tais como os vivo no saber antepredicativo, na comunicação interior que tenho com eles. Só falo de meu corpo em idéia (*sic*), do universo em idéia (*sic*), da idéia (*sic*) de espaço e da idéia (*sic*) de tempo. Forma-se assim um pensamento “objetivo” (no sentido de Kierkegaard) — o do senso comum, o da ciência —, que finalmente nos faz perder contato com a experiência perceptiva da qual todavia ele é o resultado e a conseqüência (*sic*) natural. [...]

É preciso que reencontremos a origem do objeto no próprio coração de nossa experiência [...]. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 109, grifo do autor).

Falar dessa entrega e dessa experiência não é senão falar de um **engajamento no mundo** que se dá essencialmente com o corpo. Sendo assim, é imprescindível dedicarmo-nos à análise do papel que ele desempenha em nossas percepções e, logo, na constituição daquilo que assumimos, enfim, como realidade do mundo.

---

<sup>19</sup> Merleau-Ponty refere-se aqui ao objeto considerado fora da experiência perceptiva, definido por uma síntese de caráter objetivista.

### 2.3 O papel do corpo

O corpo, antes que nós o pensemos como constituído por tais e tais partes, dotado de tais e tais funções que são desempenhadas de tal e tal forma por cada uma dessas partes determinadas, é o instrumento com o qual realizamos a experiência de existir e com o qual, logo, podemos ser-no-mundo. Assim, por exemplo, quando estamos diante de um cenário qualquer, como uma paisagem que nos pomos a contemplar, não nos interrogamos sobre os mecanismos de funcionamento da retina que nos permitem distinguir a forma e a cor de uma montanha, calcular a distância dela até nós de acordo com as suas dimensões, nem sobre aqueles mecanismos que nos possibilitariam determinar a direção e a velocidade do vento a partir do modo como o sentimos tocar nossa face. Nós apenas temos a experiência de ver a montanha e de sermos tocados pelo vento antes de que nos coloquemos a realizar qualquer uma dessas análises e cálculos.

Vinculado, pois, a experiências ancoradas no mundo vivido, o corpo, na *Fenomenologia da Percepção*, aparece sob a designação de **corpo próprio** e é um **corpo fenomenal**, distinto daquele tomado como objeto de análise pela ciência – seja pela fisiologia mecanicista, seja pela Psicologia clássica – enquanto correspondente a “uma vida que assumimos como uma estrutura sempre presente em todas as nossas ações” (VAN PEURSEN, 1979 *apud* CAMINHA, 2019, p. 31). Isto significa dizer que trata-se de **um corpo permanentemente engajado**, sem o qual todas as outras estruturas do mundo vivido desmoronariam e, antes disso, nenhuma percepção seria possível. Pode-se, portanto, deste modo afirmar que **“o corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema.”** (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 273, grifo nosso).

Cumprido ressaltar que o ato de perceber vincula-se essencialmente a dois tipos de disposição: uma, do sujeito perceptivo, de abrir-se à percepção de uma coisa, e outra, desta mesma coisa, de mostrar-se, as quais juntas permitem definir a percepção, como dizíamos, também como “uma comunicação ou uma comunhão” ou “um acasalamento de nosso corpo com as coisas.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 429). Isto traduz um movimento que, de nossa parte, realizamos em direção ao mundo, e que não se trata, como se poderia pensar, do deslocamento de um ponto

A até um ponto B, considerado em um espaço objetivamente concebido. O movimento a que nos referimos aqui corresponde a um movimento que se dá antes de tudo no sentido da exploração do percebido, definido pela intencionalidade de nossa percepção e conduzido pela experiência de nossa corporeidade com os atributos que lhe são próprios. A fim de bem compreendê-lo é, pois, necessário compreender melhor a noção de corpo próprio, e começamos por iluminar os aspectos que a diferenciam da noção de corpo-objeto, tal como ela se apresenta tanto no âmbito da fisiologia mecanicista quanto naquele da Psicologia clássica.

Para a primeira, o corpo consiste em uma estrutura de funcionamento ditado pelas leis de uma mecânica geral pré-estabelecida, e Merleau-Ponty indica que bastaria refletir a fundo – como ele, inclusive, o faz (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 115-131) – sobre a experiência do membro fantasma para que se pudessem identificar as limitações de tal acepção. Essa experiência, segundo o filósofo, só pode ser verdadeiramente explicada na “perspectiva do ser no mundo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.121), porque

Aquilo que em nós recusa a mutilação e a deficiência é um Eu engajado em um certo mundo físico e inter-humano, que continua a estender-se para seu mundo a despeito de deficiências ou de amputações, e que, nessa medida, não as reconhece *de jure*. A recusa da deficiência é apenas o avesso de nossa inerência a um mundo, a negação implícita àquilo que se opõe ao movimento natural que nos lança a nossas tarefas, a nossas preocupações, a nossa situação, a nossos horizontes familiares. Ter um braço fantasma é permanecer aberto a todas as ações das quais apenas o braço é capaz, é conservar o campo prático que se tinha antes da mutilação. O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 121-122).

No caso da Psicologia clássica, Merleau-Ponty aponta que na descrição do corpo próprio ela “já lhe atribuía ‘caracteres’ incompatíveis com o estatuto de objeto” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 133), mas sem que pudesse dar-se conta disso por seu forte apego ao objetivismo científico. Primeiramente, definindo-o como algo sempre presente a nós enquanto indivíduos, ela já tratava de indicar que nosso corpo existe, e **só** existe, **conosco**, não podendo, portanto, afastar-se e ocultar-se de nosso campo perceptivo, como os demais objetos (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 133-134). Logo, trata-se também de um corpo que jamais pode colocar-se inteiramente diante de nós, oferecendo-se plenamente à nossa exploração como outro objeto qualquer (afinal, conservamos a intransponível cegueira de algumas de

suas partes, como a das regiões de e entre nossos olhos), mas que pode, por outro lado, incorporar outros instrumentos à sua estrutura, fazendo-os dela participarem. Assim é que, por exemplo, a bengala de um cego serve à sua exploração do mundo não mais como um objeto que ele toca e percebe, mas como um apêndice de seu próprio corpo (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 211), e que tendemos de forma relativamente natural a inclinar a cabeça para passarmos em vãos de pequena altura quando estamos utilizando um chapéu – sobretudo se utilizar tal adereço consiste em um hábito de nossa parte. O corpo, entretanto, em todos os casos permanece sendo “o hábito primordial, aquele que condiciona todos os outros e pelo qual eles se compreendem.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 134).

Em outra definição da Psicologia clássica, o corpo aparecia como definido pela capacidade de apresentar "sensações duplas", tal como ocorre quando nossa mão direita toca um objeto e simultaneamente é tocada por nossa mão esquerda (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 137). Mas, essa definição apenas reforçava a distinção do corpo próprio em relação aos demais objetos, “dos quais posso dizer que ‘tocam’ meu corpo, mas apenas quando ele está inerte, e portanto sem que eles o surpreendam em sua função exploradora.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 137). Via-se ainda o corpo na condição de objeto afetivo, isto é, como o único capaz de ser verdadeiramente sentido por nós enquanto os outros objetos exteriores constituiriam apenas representações; porém, igualmente, tal definição indicava, em última análise, que “meu corpo não se oferece à maneira dos objetos no sentido externo, e que talvez estes só perfilarem sobre esse fundo afetivo que originariamente lança a consciência para fora de si mesma.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 138).

O psiquismo ao qual mantinha-se atrelada a Psicologia clássica, não permitindo que ela avançasse nas reflexões sobre o corpo próprio e extraísse daí novas formas de compreender o sujeito no mundo, a levava, por outro lado, a uma abordagem em que “a experiência do corpo se degradava em ‘representação’ do corpo”, deixando de constituir-se como fenômeno para ser tratada como mero ‘fato psíquico’” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 139). Ocorre, no entanto, que a capacidade de entender efetivamente o corpo como fenômeno, ou seja, reconhecer o corpo próprio como tal, é o que nos conduz à compreensão de certos aspectos fundamentais acerca de seu papel nos processos da percepção. E isso se dá, sobretudo, através da identificação de uma motricidade e espacialidade próprias,

responsáveis por definir os modos de nosso engajamento no mundo e de experimentarmos a realidade.

### 2.3.1 A motricidade e a espacialidade do corpo próprio

A motricidade do corpo próprio, como deixamos parcialmente indicado ao tratar anteriormente do significado do termo “movimento”, não se refere exatamente à sua capacidade de se deslocar de um ponto a outro. Do ponto de vista fenomenológico, essa motricidade está relacionada, antes de tudo, à aderência do sujeito em relação ao mundo percebido, que o faz permanentemente dirigir-se a esse, e igualmente condiciona as formas pelas quais esse sujeito maneja a própria espacialidade corporal no desenrolar de suas atividades e experiências.

Devemos nos lembrar de que não percebemos através, mas sim **com** o corpo, porque ele é, por definição, o veículo do ser-no-mundo, e assim não existimos através dele, mas, sim, **com** ele. Tal afirmativa faz-se ainda verdadeira porque é através da percepção de nosso próprio corpo que balizamos todas as nossas percepções exteriores. Começamos pelo fato de termos incorporada a noção de que o corpo, mesmo podendo ser decomposto analiticamente em suas várias partes (cabeça, tronco, braços, mãos, pernas, pés, dedos, etc.), percebido por nós na realidade fenomênica é *a priori* um todo indiviso, ou seja, não se mostra como um conjunto de partes que “estão desdobradas umas ao lado das outras, mas envolvidas umas nas outras” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 143), de modo que, quando percebemos algo, seja um objeto ou uma paisagem, igualmente admitimos sua opacidade sabendo que há faces que não nos são prontamente dadas – a parte traseira do abajur sobre nossa mesa, a porção de terra para além da montanha presente naquela paisagem – e que, contudo, igualmente constituem suas partes e compõem sua identidade. Dispomo-nos, assim, à realização de uma síntese perceptiva da coisa, ancorada na síntese perceptiva que realizamos de nosso próprio corpo, a qual nos auxilia também a entender que

Quando percebo uma coisa – seja, por exemplo, uma chaminé – não é a concordância de seus diferentes aspectos que me faz concluir a existência da chaminé enquanto geometral e significação comum de todas essas perspectivas, mas inversamente percebo a coisa em sua evidência própria e é isso que me dá a certeza de obter dela, pelo desenrolar da experiência perceptiva, uma série indefinida de visões concordantes. A identidade da

coisa através da experiência perceptiva é apenas um outro aspecto da identidade do corpo próprio no decorrer dos movimentos de exploração. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 252).

O assim chamado esquema corporal é, pois, o que representa essa noção do corpo na condição de um todo composto por partes envolvidas entre si, exprimindo também “que meu corpo está no mundo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 147) à medida em que relaciona-se à capacidade desse corpo de moldar-se para mobilizar-se em direção às suas tarefas – estender a mão para cumprimentar alguém ou alcançar um livro colocado no alto de uma estante, encurvar-se para amarrar os sapatos, contrair os dedos das mãos para segurar um copo, contrair-se para passar por um espaço de largura reduzida. Mas, além de relacionar-se a essa modelagem de nossa corporeidade em resposta às situações nas quais nos engajamos, o esquema corporal é ainda o responsável por balizar nossa percepção das coisas em relação ao espaço exterior, já que a partir dele se dão os nossos referenciais. Logo,

Quando digo que um objeto está sobre uma mesa, sempre me situo em pensamento na mesa ou no objeto, e aplico a eles uma categoria que em princípio convém à relação entre meu corpo e objetos exteriores. Despojada desse aporte antropológico, a palavra sobre não mais se distingue da palavra "sob" ou da expressão "ao lado de...". (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 147).

O corpo próprio afigura-se, assim, para utilizar a expressão de Merleau-Ponty, como “**o terceiro termo, sempre subentendido, da estrutura figura e fundo**” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 147, grifo nosso). E podemos reconhecer aí, inclusive, outro aspecto distintivo desse corpo em relação aos demais objetos do mundo, porque enquanto esses últimos, dirá o filósofo, possuem uma espacialidade designada “de posição” – isto é, estão localizados em um ponto determinado do espaço, sem envolvê-lo –, ele, o corpo próprio, é dotado de uma “espacialidade de situação” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 146), correspondente à ideia de que o sujeito não está no espaço, mas o **habita** (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 149) através de seus movimentos que continuamente assumem este mesmo espaço. Ocorre, pois, que

O espaço corporal pode distinguir-se do espaço exterior e envolver suas partes em lugar de desdobrá-las, porque ele é a obscuridade da sala necessária à clareza do espetáculo, o fundo de sono ou a reserva de potência vaga sobre os quais se destacam o gesto e sua meta, a zona de não-ser **diante da qual** podem aparecer seres precisos, figuras e pontos.



Em última análise, se meu corpo pode ser uma “forma” e se pode haver diante dele figuras privilegiadas sobre fundos indiferentes, é enquanto ele está polarizado por suas tarefas, enquanto **existe em direção** a elas, enquanto se encolhe sobre si para atingir sua meta [...]. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 146-147, grifos do autor).

O esquema corporal e toda percepção comportam, portanto, a presença do espaço exterior. Mas, já podemos prever, não se trata *a priori* do espaço da geometria, definido pelas medidas precisas de suas dimensões, de seus ângulos e distâncias relativos, mas, sim, do **espaço tal como ele se oferece à percepção**. É preciso, deste modo, conhecer o caráter desse espaço se desejamos compreender plenamente o papel do corpo em seu diálogo com o mundo, a começar pelo entendimento inicial de que tampouco haveria espaço se nós não tivéssemos, primeiramente, um corpo (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 149).

### 2.3.2 O corpo e o espaço percebido

Observamos que a motricidade e a espacialidade do corpo próprio não estão, dadas as considerações anteriores, atreladas *a priori* ao mundo objetivo. Mas, tampouco o está esse **espaço percebido** que, na realidade fenomênica, igualmente não nos é *a priori* objetivamente dado. Esse espaço, como dizíamos, forma com o corpo um sistema, de modo que, se é condição da percepção a existência da relação figura-fundo e, logo, não nos é possível perceber sem o espaço, igualmente esse espaço só se revela no engajamento do ser-no-mundo, que ancora nele suas conexões com as coisas (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 328). Dele, portanto, podemos dizer que

[...] está assentado em nossa facticidade. Ele não é nem um objeto, nem um ato de ligação do sujeito, não se pode nem observá-lo, já que ele está suposto em toda observação, nem vê-lo sair de uma operação constituinte, já que lhe é essencial ser já constituído, e é assim que magicamente ele pode dar à paisagem as suas determinações espaciais, sem nunca aparecer ele mesmo. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 342-343).

É oportuno, neste sentido, dedicarmo-nos por um instante a uma breve apresentação da análise que Merleau-Ponty realiza dos movimentos ditos concretos e daqueles ditos abstratos – isto é, movimentos corporais que não estão “orientados para uma situação efetiva, tais como mover os braços e pernas sob comando, esticar ou flexionar um dedo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 149) –, porque tal

análise põe em evidência não só esse tipo de articulação particular que se dá entre as coisas e o espaço fenomenicamente considerados, mas a própria articulação de nosso corpo a esse espaço. Mais especificamente, podemos percebê-las analisando e comparando os comportamentos de pessoas normais e doentes – no caso, aquelas que possuem especialmente as faculdades da interocepção e propriocepção<sup>20</sup> comprometidas – durante a execução de um e outro tipo de movimento.

Em se tratando dos movimentos concretos, referentes à realização de tarefas familiares (aquelas que incorporamos por hábito em nossas rotinas pessoais, como escovar os dentes ou conduzir o carro de casa para o trabalho), tanto sujeitos normais como doentes assemelham-se em relação às respostas dadas à medida que tais tarefas não lhes demandam o exercício de formulação de seus movimentos: definir e reencontrar as partes do corpo a serem mobilizadas, representar objetivamente o espaço em que o movimento se desenrolará. E assim, como exemplifica o filósofo, um sujeito doente com dificuldades em apontar um objeto sempre que lhe é perguntada sua localização (movimento abstrato), consegue, quando picado por um mosquito, dirigir-se perfeitamente ao ponto de seu corpo atingido para poder coçá-lo (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 153). A explicação, neste caso, dá-se pelo fato de que

A operação toda tem lugar na ordem do fenomenal, não passa pelo mundo objetivo, e apenas o espectador, que atribui ao sujeito do movimento a sua representação objetiva do corpo vivo, pode acreditar que a picada é percebida, que a mão se move no espaço objetivo, e em consequência (*sic*) pode espantar-se de que o mesmo sujeito fracasse nas experiências de designação. Da mesma maneira, o sujeito posto diante de uma tesoura, sua agulha e suas tarefas familiares não precisa procurar suas mãos ou seus dedos porque eles não são objetos a se encontrar no espaço objetivo, ossos, músculos, nervos, mas potências já mobilizadas pela percepção da tesoura ou da agulha, o termo central dos "fios intencionais" que o ligam aos objetos dados. **Não é nunca o nosso corpo objetivo que movemos, mas nosso corpo fenomenal**, e isso sem mistério, porque já era nosso corpo, enquanto potência de tais e tais regiões do mundo, que se levantava em direção aos objetos a pegar e que os percebia. Da mesma forma, o doente não precisa procurar, para os movimentos concretos, uma cena e um espaço nos quais desdobrá-los, esse espaço também está dado, ele é o mundo atual, é o pedaço de couro "a recortar", é o forro "a costurar". A bancada, a tesoura, os pedaços de couro apresentam-se ao sujeito como pólos (*sic*) de ação, eles definem por seus valores combinados um certo

---

<sup>20</sup> A interocepção ou interoceptividade corresponde à capacidade que um indivíduo tem de estar consciente de seu estado fisiopatológico e a propriocepção ou proprioceptividade, por sua vez, é dada como a capacidade do indivíduo de reconhecer a localização das partes de seu corpo e de seu corpo no espaço abstendo-se do uso da visão.

modo de resolução, um certo trabalho. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 153-154, grifo nosso).

Há, portanto, na execução dos movimentos concretos, a evidência de uma percepção dotada de uma intencionalidade própria que dialoga com a motricidade do corpo próprio e nos mobiliza, e de uma posse já dada do espaço à qual tanto o normal quanto o doente se ancoram, e que constitui “a condição primordial de toda percepção viva.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 158). Condição, aliás, que se revela ainda mais veemente quando analisamos a questão dos movimentos abstratos, em que a situação para os doentes torna-se drasticamente alterada: ocorre que aí a ancoragem deixa de ser feita no mundo dado para efetuar-se em representações da realidade – como simular que se está chutando uma bola invisível ou dançando com alguém ausente –, as quais somente o normal consegue acessar. O doente, portanto, sofre a dificuldade de oferecer respostas às tarefas que lhe são colocadas e atuar como o sujeito motor que essencialmente é, porque ainda que a ordem para a execução de um movimento tenha para ele uma significação intelectual, o problema está em não vir acompanhada de uma significação motora, de modo que ele então precisará, para atender a essa ordem específica, primeiramente reencontrar as partes de seu corpo a serem mobilizadas no sentido da execução do movimento desejado – ora pensando a fórmula desse movimento, ora agitando-se aleatoriamente até que o movimento se lhe apareça – e então representar para si o espaço desse movimento que lhe escapa ao conjunto de movimentos que tem como habituais e essenciais à vida, como o seriam os movimentos concretos. No normal, por outro lado, não há qualquer obstáculo porque “todo movimento é indissoluvelmente movimento e consciência de movimento, o que se pode também exprimir dizendo que todo movimento tem um **fundo**, e que o movimento e seu fundo são ‘momentos de uma totalidade única’.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 159, grifo do autor). A diferença a ser reiterada é que “o fundo do movimento concreto é o mundo dado, o fundo do movimento abstrato, ao contrário, é construído.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 159).

Nota-se, de todo modo, que o fundo sempre presente tanto para o doente quanto para o normal, ou seja, o fundo no qual a motricidade do corpo próprio originalmente se apoia, provém, ou antes, é o mundo percebido. E o movimento abstrato só se torna possível para o normal por um trabalho de projeção que “prepara diante de si um espaço livre onde aquilo que não existe naturalmente possa

adquirir um semblante de existência” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 160-161), integrando-se, logo, àquele mundo. Assim, a motricidade do corpo próprio, tanto quanto sua espacialidade manifesta na assunção de esquemas corporais dinâmicos para a realização de tarefas distintas, revela sua indissociabilidade de uma realidade que é, em primeiro lugar, fenomênica, na qual o espaço figura como suporte essencial do exercício do ser-no-mundo.

Nesse exercício, cumpre acrescentar, nos é disposto, ainda, por intermédio da percepção, todo um conjunto de saberes, inclusive espaciais, que literalmente **incorporamos** na forma de conteúdos armazenados e que constituem, em nossa permanente relação com o mundo, “um sistema de significações cujas correspondências, relações e participações não precisam ser explicitadas para ser utilizadas.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 181-182). É desta forma que, dirá Merleau-Ponty,

Quando me desloco em minha casa, sei imediatamente e sem nenhum discurso que caminhar para o banheiro significa passar perto do quarto, que olhar a janela significa ter a lareira à minha esquerda, e, nesse pequeno mundo, cada gesto, cada percepção situa-se imediatamente em relação a mil coordenadas virtuais. [...] Esses mundos adquiridos que dão à minha experiência o seu sentido segundo, são eles mesmos recortados em um mundo primordial que funda seu sentido primeiro. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 182).

Por esta mesma razão, ao considerarmos as paisagens que nos são familiares, não há a necessidade de, a cada vez, redescobriremos cada um de seus elementos, individualmente e em relação uns com os outros, quando abrimos a janela e os temos diante de nós ou quando os vemos em nossos trajetos cotidianos de um lugar a outro: servimo-nos de um conhecimento original e de uma síntese perceptiva já instalados – não querendo isso dizer que se deem como concluídos –, de forma que, em nossos contatos ulteriores, que contribuem sucessivamente com a modelagem e sedimentação desses conteúdos, podemos “contar com nossos conceitos e nossos juízos adquiridos como coisas que estão ali e se dão globalmente” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 182). Geralmente não nos apercebemos de sua presença, ela não se revela de forma nítida à consciência, porém todo este saber contraído participa ativamente de nossas percepções e experiências do mundo, sendo continuamente reassumido no diálogo que, com nosso corpo, com ele estabelecemos. Logo, dirá o filósofo na continuidade de seu raciocínio, que

Meu apartamento não é para mim uma série de imagens fortemente associadas, ele só permanece como domínio familiar em torno de mim se ainda **tenho suas distâncias e suas direções “nas mãos” ou “nas pernas”, e se uma multidão de fios intencionais parte de meu corpo em direção a ele.** Da mesma forma, **meus pensamentos adquiridos não são uma aquisição absoluta; a cada momento eles se alimentam de meu pensamento presente, eles me oferecem um sentido, mas eu o restituo a eles.** (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 182-183, grifos nossos).

Trata-se, pois, do estabelecimento de um intercâmbio incessante ou uma doação recíproca, se assim podemos dizer, entre o sujeito e o mundo. E voltamos aqui a remeter-nos às paisagens, ou antes, ao tema da percepção da paisagem, por vislumbrarmos-lo como campo privilegiado para darmos conta dessas trocas, de algumas de nossas aquisições mais arraigadas e também de aspectos relacionados ao engajamento da motricidade e espacialidade corporais no espaço tal como assumidos no contexto de nossa experiência existencial. Estas questões, pois, dedicaremos-nos a explorar melhor na sequência deste capítulo, começando por uma investigação acerca daquela que para nós representa a verdadeira natureza da paisagem – ou, caso se prefira, do **fenômeno** da paisagem.

### 3 A PAISAGEM

*Esta paisagem? Não existe. Existe espaço  
vacante, a semear  
de paisagem retrospectiva.*

*A presença das serras, das imbaúbas,  
das fontes, que presença?  
Tudo é mais tarde.  
Vinte anos depois, como nos dramas.*

*Por enquanto o ver não vê; o ver recolhe  
fibrilhas de caminho, de horizonte,  
e nem percebe que as recolhe  
para um dia tecer tapeçarias  
que são fotografias  
de impercebida terra visitada.*

*[...]*  
(ANDRADE, 2012, p. 47-48).

“A paisagem vai ser”, diz Drummond na continuidade ao poema. E vai ser, podemos dizer apropriando-nos do texto, porque a paisagem **não é**, assim como **nunca foi**, originalmente pertencente ao mundo natural, anterior à presença humana. Ao menos não pertencente como tal, ou seja, como a **ideia** que atualmente se tem de paisagem, porque essa nasce de uma construção que pode ser compreendida como um desdobramento de uma relação particular do sujeito com o mundo, fundada no substrato primordial do sensível desse mesmo mundo, e moldada segundo aspectos de nossa própria experiência existencial.

Este capítulo dedica-se, pois, a abordar criticamente parte dos aspectos histórico-culturais e filosóficos ligados a essa construção, e o faz através de uma retomada e de uma síntese daqueles que viriam a configurar-se como principais movimentos em direção às primeiras experiências paisagísticas reconhecidas, bem como de algumas das concepções vinculadas ao termo “paisagem” ao longo do tempo desde seu surgimento no Ocidente, no século XVI. Espera-se que essa recapitulação seja útil à evidenciação de aspectos que afirmam a condição primeira da paisagem como uma experiência particular da realidade do mundo, constituída na interseção daqueles a que Merleau-Ponty se referirá como mundo percebido e mundo vivido – sendo essa interseção, portanto, fator fundamental à conformação daquele que mais tarde se definiu como o desvelar da paisagem.

Hoje, quando nos dirigimos a alguém e lhe pedimos para pensar em uma paisagem, podemos confiar que um cenário qualquer – composto por alguns tipos de vegetação, parte do céu, eventualmente algum curso d'água ou construções – se apresentará à sua imaginação e concebemos este como um processo cognitivo muito simples, aparentemente também muito natural. Contudo, não devemos nos enganar: essa presumida naturalidade não é totalmente verdadeira, porque a paisagem, tal como a compreendemos em nossos dias, nem sempre existiu, e para superar o estranhamento inicial provocado pela recepção de tal enunciado é necessário fazermos o esforço de deixar de lado, ao menos por um momento, algumas de nossas concepções mais enraizadas.

Ao mencionarmos, pois, a ideia de um desvelar da paisagem, na verdade estamos nos referindo a um acontecimento que se distribui em pelo menos três momentos: o primeiro, que podemos chamar de um desvelar **perceptivo-cognoscente**, correspondente ao processo de manifestação da existência da paisagem à consciência como entidade autônoma ou coisa no contexto da totalidade do mundo; o segundo, designado como um desvelar **científico-analítico**, ocorrido no seio da Geografia e vinculado aos primeiros estudos sistemáticos da paisagem enquanto representação das variadas fisionomias assumidas pelo planeta em cada região; por fim, o terceiro, denominado **filosófico-crítico**, associado por nós ao surgimento das primeiras teorizações em torno da paisagem admitida como categoria de pensamento.

Partindo da específica concepção da paisagem que indicamos, centraremos aqui nossa abordagem, como indicado previamente na apresentação de nossa metodologia, no primeiro e no terceiro momentos. Embora os eventos que constituem suas bases, sobretudo do primeiro, já tenham sido investigados e apresentados na obra de autores como a filósofa francesa Anne Cauquelin e o geógrafo e também filósofo francês Augustin Berque, entendemos que não podemos prescindir da retomada de alguns desses mesmos eventos por considerá-los essenciais às articulações que nos propomos a estabelecer ao longo deste trabalho – notadamente entre as questões da percepção e da resiliência da paisagem.

### 3.1 A paisagem percebida

O primeiro nascimento da paisagem, como nos informa Cauquelin (2007), ocorreu, no Ocidente, durante o Renascimento. E corresponde ao momento em que, enfim, encontram-se reunidas as condições adequadas para que essa pudesse florescer em sua própria individualidade e valer por si mesma. São condições derivadas de um longo processo histórico, auxiliadas também pela fundamental formulação das leis de perspectiva àquele tempo, as quais, uma vez inseridas nas representações pictóricas, ajudaram gradativamente a moldar o nosso olhar a ponto de fazer-nos tratar, hoje, a apreciação da paisagem como uma dentre nossas faculdades congênicas.

Mas, já havia paisagem antes do Renascimento e antes dos desenhos em perspectiva, seríamos levados a dizer influenciados por esse nosso olhar educado por influências culturais, servindo-nos, inclusive, de exemplos que supostamente embasariam essa contestação (Ilustrações 2 e 3). A verdade é que podemos reconhecer aí representações de paisagem – para além de representações de elementos da natureza – exatamente por estarmos já habituados – ou, como dizíamos, educados – a reconhecê-las como tais. Tanto os gregos, segundo nos informa ainda Cauquelin (2007, p. 44), quanto os romanos da Antiguidade não seriam capazes de caracterizá-las da mesma forma, pelo fato de que àquele momento não dispunham da **ideia** de paisagem, isto é, não possuíam ainda nenhuma palavra que pudesse representá-la ou que tivesse ao menos um significado aproximado. Essa será uma das razões pelas quais Cauquelin chegará a referir-se à paisagem do mundo grego como uma paisagem omitida (CAUQUELIN, 2007, p. 54), considerando para tanto, inclusive, o que diagnostica como uma cegueira daquele povo para o azul – notoriamente tão vívido nos mares que banham suas terras e no céu que as recobre. Outra razão seria o fato de que a manifestação da paisagem propriamente dita demandaria como uma de suas condições um certo distanciamento do homem em relação à natureza, o qual na ocasião ainda não se relacionava com o modo de vida dos idealizadores da majestosa Acrópole de Atenas.

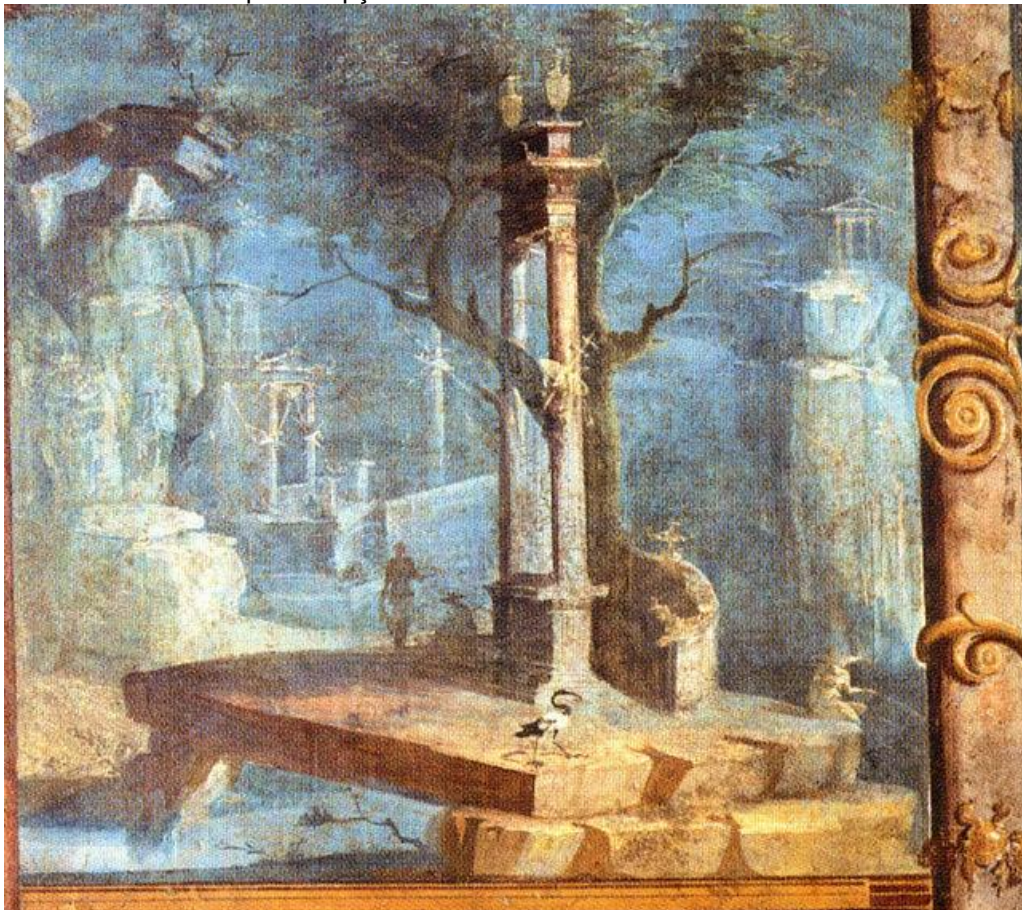


Ilustração 2 – Afresco *A Primavera* (século XIV a.C.), encontrado em parede de construção soterrada no sítio arqueológico grego de Akrotiri pela grande erupção vulcânica na ilha de Santorini durante a Idade do Bronze



Fonte: (VILLA, 2020).

Ilustração 3 – Afresco encontrado em parede do Templo de Ísis localizado na cidade de Pompeia, soterrada pela erupção do vulcão Vesúvio no ano 79 da era cristã



Fonte: (POMPEII..., 2009).

Regida pelo princípio do *logos*, sua percepção e concepção do mundo era a de uma totalidade indivisível na qual tanto estavam integrados como da qual não havia sentido destacar nenhuma parte. Nas ocasiões em que representavam a natureza, seu objetivo era, pois, essencialmente assegurar a integração e coesão dos elementos figurados. O *logos* determinava a visão e a representação da natureza como um envoltório para um dado conjunto de seres vivos ou ainda como uma espécie de fundo para a tessitura de narrativas, como denotam as detalhadas descrições de lugares eventualmente encontradas em produções literárias do período destinadas apenas a apresentar o ambiente de um evento importante como uma batalha ou a cena de um mito. A pretensa presença da paisagem, assim, servia à construção de uma retórica e neste sentido instaurava “um entendimento, uma escuta, mais que uma visualização dos objetos desse mundo.” (CAUQUELIN, 2007, p. 47).

Talvez por isso os gregos, nesse momento, se encontrassem mais preocupados com a representação das formas que das cores dos objetos<sup>21</sup>, considerando serem aquelas mais úteis ao propósito de uma comunicação do que estas últimas. As cores, entretanto, não eram menos importantes no contexto do mundo grego antigo no sentido de que não eram excluídas, por exemplo, de explicações de fenômenos da realidade. A relativa cegueira cromática daquele povo, Cauquelin viria a esclarecer, tratava-se apenas de uma dificuldade em se pensar determinadas cores a partir das teorias disponíveis à época<sup>22</sup>, as quais admitiam, a princípio, somente o branco, o preto, o amarelo e o vermelho como cores fundamentais. Tal condição de cegueira, portanto, longe de estar relacionada à posse de um aparelho visual com fisiologia distinta da nossa, tampouco ao absurdo de um território desprovido integralmente do azul, não poderia de modo algum conduzir ao entendimento de que essa cor, assim como qualquer outra do espectro de luz visível ao olho humano, não pudesse realmente ser **percebida**. A filósofa, na

---

<sup>21</sup>A esse respeito, Cauquelin (2007, p. 60, grifo da autora) escreve: “A cor é subsidiária, ‘O criador (a natureza) desenha primeiro os contornos, depois (*hýsteron*), ele escolhe as cores...’ A forma da idéia (*sic*) atravessa o mundo; e, se ela suporta depois o brilho que vem cumulá-la, não se encontra, por isso, submetida a seu aparecimento. Fortemente estruturado, o mundo grego se defende da invasão dos brilhos dispersos e contra tudo aquilo que, separado, poderia prejudicar sua unidade: a natureza não tem necessidade alguma da paisagem sensível para revelar seu desígnio. O preto e o branco lhe convêm, lhe fornecem os cheios e vazios de uma escrita pura.”

<sup>22</sup>Referimo-nos aqui à teoria platônica das partículas ígneas dos corpos e à teoria aristotélica acerca do diáfano. Recomendamos a leitura da explicação completa acerca de ambas feita por Anne Cauquelin na seção *A paisagem omitida* (p. 54-60) de seu livro *A invenção da paisagem*, indicado entre as referências deste trabalho.

defesa de seu argumento, adota a premissa de que “as cores são ideias de cores, e quem não tem a amostra (o paradigma) não tem a coisa” (CAUQUELIN, 2007, p. 54); mas nós, embasados na análise do fenômeno perceptivo, somos levados a contestar tal argumento, partindo do entendimento de que a ausência da ideia da cor não permite que daí se conclua pela inexistência e ausência da experiência da cor. E isto porque, antes de revelar-se à consciência seja como consciência do azul, consciência do verde, etc., por sua natureza “a cor, antes de ser vista, anuncia-se pela experiência de uma certa atitude do corpo que só convém a ela e a determina com precisão” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 284) – sendo o azul, no caso, “aquilo que solicita de mim uma certa maneira de olhar, aquilo que se deixa apalpar por um movimento definido de meu olhar. Ele é um certo campo ou uma certa atmosfera oferecida à potência de meus olhos e de todo o meu corpo.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 283-284). Daí, acrescenta-se que

Eu, que contemplo o azul do céu, não sou diante dele um sujeito acósmico, não o possuo em pensamento, não desdobro diante dele uma idéia (*sic*) de azul que me daria seu segredo, abandono-me a ele, enveredo-me nesse mistério, ele “se pensa em mim”, sou o próprio céu que se reúne, recolhe-se e põe-se a existir para si, minha consciência é obstruída por esse azul ilimitado. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 289).

A questão da designação e representação da cor é, assim, de ordem diversa daquela da percepção e experiência da cor. E se admitimos que não é verdadeira a dedução de que, pela falta do conceito, os gregos não pudessem ter a sensação do azul – algo para o que não é demandada a participação da consciência tética, como se admite no fenômeno da percepção –, do mesmo modo, passando à paisagem, não poderíamos afirmar que não possuísem, a despeito da falta do conceito, nenhuma espécie de disposição, ainda que preliminar, a ela.

A essa afirmação soma-se a contribuição do conceito de protopaisagem definido por Augustin Berque, que nos responde à indagação acerca do modo pelo qual, mesmo sem dispor de uma consciência paisagística propriamente dita<sup>23</sup>, algumas sociedades aparentemente ordenavam e representavam seus territórios

---

<sup>23</sup>Os critérios que, segundo Berque, poderiam ser utilizados para atestar a posse de uma consciência de paisagem por uma sociedade seriam: “1. Uma literatura (oral ou escrita) contando a beleza dos lugares; o que inclui/abrange a toponímia [...]; 2. Jardins de recreio (*d'agrément*); 3. Uma arquitetura organizada para se apreciar uma bela vista; 4. Pinturas representando o ambiente; 5. Uma ou mais palavras para dizer ‘paisagem’; 6. Uma reflexão explícita sobre ‘a paisagem’.” (MARIA, 2010, p. 22-23).

como se já a tivessem. A protopaisagem configura, pois, a expressão de um certo sentimento latente de paisagem, representando uma forma de sensibilidade mais geral que,

[...] na apreciação que toda sociedade faz de seu ambiente, **pode referir-se à visão sem que isso implique uma estética propriamente paisagística.** Sobre esse substrato, que é **comum a toda a humanidade**, cada cultura elabora as formas de sua própria sensibilidade, suas próprias categorias, seus próprios conceitos. (BERQUE, 1994 *apud* MARIA, 2010, p. 22, tradução nossa<sup>24</sup>, grifos nossos).

Trata-se de um substrato comum a toda humanidade porque diz respeito ao mundo dado, “o único Logos que preexiste” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 19), assim como à percepção, de modo que a visualização desses ambientes de fato não demandaria, ao menos não inicialmente, que se fizesse deles uma apreciação de tal espécie – isto é, a partir de uma estética paisagística –, nos moldes de como somos capazes de realizá-la hoje. Essa visualização deveria representar, essencial e primeiramente, o engajamento do sujeito na experiência do mundo, vindo a ser moldada com o tempo por contribuições como aquela da criação dos jardins, inserida entre os decisivos movimentos preparatórios que sucessivamente se estabeleceram no sentido do surgimento de uma efetiva noção de paisagem.

Concebido originalmente como espaço de amenidades e presente de modo especial na cultura romana antiga, o jardim destinava-se, então, a oferecer um lugar de repouso e meditação aos indivíduos (CAUQUELIN, 2007, p. 61), apartando-os tanto das potenciais ameaças da natureza selvagem quanto do caos presente nos centros urbanos (CAUQUELIN, 2007, p. 63). Favorecia, neste sentido, a instalação de um primeiro distanciamento do homem em relação à natureza, mas, na perspectiva de Cauquelin, não poderia ser visto como uma espécie de protótipo de paisagem por duas razões fundamentais: primeiro, por ser dotado de um “esquema simbólico próprio” (CAUQUELIN, 2007, p. 65); em seguida, por ter como função a educação do espírito mais do que a promoção de uma sensibilização do olhar. A contribuição do jardim à paisagem, assim, se daria sobretudo através da seleção de seus elementos componentes – arbustos, fontes de água, rochas –, a qual, guiada

---

<sup>24</sup>Original em francês: “[...] dans l'appréciation que toute société fait de l'environnement qui est le sien, peut concerner la vue sans pour autant impliquer une esthétique proprement paysagère. Sur ce substrat, qui est commun à toute l'humanité, chaque culture élabore les formes de sa propre sensibilité, ses propres catégories, ses propres concepts.”

pelo princípio de que “ao residir no jardim, o homem se torna semelhante àquilo que o circunda” (CAUQUELIN, 2007, p. 64) e comprometida, portanto, com a criação de espaços edificantes, nos forneceria aqueles que passaríamos a enxergar como atributos da natureza em sua representação como paisagem (CAUQUELIN, 2007, p. 66).

Para finalmente passarmos à possibilidade dessa representação, seriam ainda necessárias, entretanto, outras contribuições, de caráter distinto, provenientes de discussões acerca do estatuto da imagem, formuladas no contexto do Império Bizantino nos primeiros séculos que se sucederam à dissolução do Império Romano. A paisagem em si, formalmente designada, àquele momento ainda não integrava as preocupações e, logo, não constava das discussões entre iconoclastas e iconófilos, centradas essencialmente na possibilidade de se representar ou não a figura de Deus, ou antes, da Trindade. Mas, seria por uma fresta – Cauquelin dirá “pelo desvio” (2007, p. 67) – nos debates entre os dois grupos em torno de tal assunto que a paisagem também encontraria para si, enfim, a possibilidade de gradativamente despontar como tal.

De um lado, o primeiro grupo defendia o argumento de que representar o divino constituía uma traição à sua essência – sendo, por conseguinte, um ato condenável –, enquanto, de outro, o segundo grupo afirmava que tal gesto não devia ser entendido como uma forma de usurpação, mas considerado a partir de sua função propedêutica – sendo, portanto, admissível. O ícone do Cristo, desta forma, assumia um papel fundamental: o de instaurar a possibilidade de se tomar a representação como algo dotado de relativa autonomia perante o representado, ou seja, provido de um caráter e de uma essência inteiramente próprios.

Na visão dos iconófilos, a criação de tal ícone, feita originalmente pelo próprio Deus à Sua imagem e semelhança, jamais poderia ser verdadeiramente aspirada e muito menos igualada pelos homens. Era a esses reservada, de todo modo, a possibilidade de criar retratos, os quais, sendo não mais que imagens da imagem, não pretendiam, pois, assumir o papel da figura representada nem ser suas cópias exatas, podendo, então, ser considerados obras dotadas de relativa originalidade. Falava-se, assim, na realização de uma *mimesis* – compreendida no sentido aristotélico, isto é, como criação original (CAQUELIN, 2007, p. 71) –, mas jamais em uma *homoousia* – conceito aplicável exclusivamente à relação entre as figuras da Trindade para designar o compartilhamento de sua essência comum. E por esta

diferenciação, passando-se à questão da paisagem, ter-se-ia, afinal, o entendimento de que

[...] o célebre “imitar a natureza” não significa que se vão “copiar” os objetos que ela oferece, mas a “economia” pela qual a natureza ou Deus age no mundo. Aqui, a relação da imagem com o modelo não é uma relação de identidade, mas uma relação homônima: um mesmo nome designa aqui dois objetos diferentes. (CAUQUELIN, 2007, p. 70-71).

A natureza, na representação bizantina do divino (Ilustração 4), estava então contida, “dobrada e como que refugiada no manto de seu Senhor” (CAUQUELIN, 2007, p. 73) através de uma relação de associação direta possível de ser feita entre o Criador e tudo aquilo por Ele criado. E esta era exatamente a fresta pela qual Bizâncio, que permanecia alheia à questão da paisagem, viria a conceder espaço para a conversão posterior desta última em signo da natureza. Acrescentar-se-ia a contribuição prestada pela profusão de cores vindas do Oriente, pois, saindo de uma visão do mundo baseada na economia cromática dos gregos,

[...] também era necessária essa passagem à cor para que a imagem, agora capaz de funcionar como ligação entre dois mundos, pudesse ser vista, sentida e imaginada enquanto *análogon* da Natureza... até tomar o lugar dela e responder em seu nome. (CAUQUELIN, 2007, p. 75).

Ilustração 4 – Mosaico presente na abside da Basílica de Santo Apolinário em Classe em Ravena (549 d.C.)



Fonte: (TROMBETTA, 2019).

Com um salto de aproximadamente cinco séculos (considerando-se o arrefecimento da questão iconoclasta ocorrido somente por volta do século IX), chega-se ao momento em que, na visão de alguns autores como o filósofo Joachim Ritter, se inaugura, por assim dizer, a contemplação paisagística – mesmo que não se possa ainda falar em uma paisagem propriamente designada. Reportamo-nos, pois, especificamente ao dia 26 de abril do ano de 1336, quando Francesco Petrarca, o humanista inventor dos poemas em forma de soneto, decide, sem qualquer finalidade utilitária, caminhar em direção ao topo do Monte Ventoux, situado no território dos Alpes franceses, com quase dois mil metros de altura e continuamente atingido por ventos bastante intensos – os quais, aliás, justificam-lhe o nome (“ventoso”, na tradução para o português). Através do relato endereçado ao amigo monge Dionigi di Borgo San Sepolcro, apreende-se que sua intenção parecia ser a de simplesmente descobrir a visão obtida a partir do ponto elevado, constituindo isso uma atitude até então bastante incomum e que o aproximaria de uma sensibilidade distinta perante a natureza.

Ao atingir o cume do monte, como escreve Ritter (2011, p. 97), “tocado pela pureza inabitual do ar e pela panorâmica desafogada – Petrarca sente-se como que ‘atordoad’.” Ele experimenta uma espécie de epifania paisagística, da qual, entretanto, afasta-se logo em seguida, ao ser advertido por uma das passagens da obra *Confissões*, de Santo Agostinho, que leva consigo e lhe recorda da necessidade do homem não se deixar seduzir pelos encantos do mundo exterior, sob pena de perder-se de si mesmo<sup>25</sup>. Passa, pois, do êxtase à culpa, mas a mudança operada em seu íntimo é já irreversível. Quiçá, pela força da revelação ocorrida, se quisermos considerar que, tal como pondera Merleau-Ponty (2011, p. 6), “a verdade não ‘habita’ apenas o homem interior, ou antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece”; mas fato é que, através de Petrarca, nos é apresentado um movimento supostamente inédito: o da apreciação da natureza como fonte de prazer estético, cujo caráter se revelaria de modo mais veemente cerca de dois séculos mais tarde, no contexto do Renascimento italiano.

---

<sup>25</sup>“Os homens deslocam-se até lá e observam, espantados, os cumes das montanhas, as amplas vagas dos mares, as correntes que fluem até ao longe, a imensidão do oceano, o curso dos astros, mas esquecem de si mesmos.” (AGOSTINHO *apud* RITTER, 2011, p. 97).

Como dissemos, o Renascimento é o período histórico no qual a paisagem encontra a reunião das condições oportunas para que possa, enfim, aflorar. E isto se dá com o essencial auxílio da pintura renascentista que se serve, na abertura que concede ao efetivo advento da paisagem, para além das contribuições da cor já mencionadas, da criação das leis de perspectiva, atribuída ao projetista do *Duomo di Firenze*, Filippo Brunelleschi (1377-1446).

A inovação caracterizada pela invenção de tais leis no início do século XV transformou, como sabemos, a maneira de se representar o que era visto, mas – efeito talvez mais importante – também ajudou a transformar, em certo sentido, a própria maneira de se ver as coisas, a começar pelo espaço. As relações de proporção entre medidas que os traçados geométricos permitiam criar, à medida que conseguiam reproduzir as próprias relações estabelecidas pelo olho humano para determinar a posição de objetos próximos ou distantes, proporcionavam aos indivíduos a possibilidade de transpor para uma tela de dimensões quaisquer a representação de recortes do mundo real como igualmente dotados de certo aspecto de realidade. A razão para tanto é que, diferentemente dos demais sentidos, habituados a perceber “as artes do construído e do sonoro como a presença de uma sociedade determinada, conveniências de época, obrigações rituais” – ou seja, como manifestações atribuídas a uma dada cultura e momento histórico –, a visão, aparentemente, “se apodera do que ‘realmente’ existe”. (CAUQUELIN, 2007, p. 78). A essa condição vincula-se, pois, a importante particularidade da pintura referente ao fato de que essa,

[...] à medida que nos fornece esse olhar sobre coisas chamadas de reais, [...] apesar de não passar de uma representação, tem a ver com a verdade fora de toda relação com a conformidade social. A questão da pintura depende disso: ela projeta diante de nós um “plano”, uma forma à qual se cola a percepção: vemos em perspectiva, vemos quadros, não vemos nem podemos ver senão de acordo com as regras artificiais estabelecidas em um momento preciso, aquele no qual, com a perspectiva, nascem a questão da pintura e a da paisagem. (CAUQUELIN, 2007, p. 78-79).

Será essa nova pintura, então, aquela que despertará em nós a **atenção**<sup>26</sup> para a paisagem, revelando-a, enfim, como uma entidade autônoma, e que nos

---

<sup>26</sup> Adotamos aqui a noção de atenção tal como é definida por Merleau-Ponty na *Fenomenologia da Percepção*. Para o autor, sendo distinta da percepção, a atenção caracteriza-se por possibilitar que à consciência apareçam “fenômenos que restabelecem a unidade do objeto em uma dimensão nova, no momento em que eles a destroem” e, deste modo, “a atenção não é nem uma associação



ensinará também, com a contribuição daqueles atributos historicamente apreendidos, a reconhecê-la como tal. Isso nos permitirá, por conseguinte, vislumbrar de modo diverso a própria natureza, já liberta do regime de economia dos antigos gregos e agora apta a mostrar-se sem prejuízos em suas porções – sendo isto feito, neste momento, sobretudo segundo a subjetividade dos pintores, a quem cabia definir os recortes e, logo, o que ser visto.

O quadro *A Tempestade*, de 1508, produzido pelo pintor italiano Giorgio Barbarelli da Castelfranco (c.1478-1510) – Giorgione, como era mais comumente conhecido –, é apontado por Cauquelin como o marco final dessa libertação da paisagem<sup>27</sup> compreendida no seu ganho de autonomia nas obras pictóricas. No quadro em questão (Ilustração 5), Giorgione retrata, do lado esquerdo, um homem de pé que olha na direção de uma mulher seminua enquanto essa dedica-se a amamentar um bebê. A mulher, por sua vez, posta à direita da tela no alto de um pequeno barranco, olha para frente e para fora do quadro, como se encarasse o observador e o convidasse a participar da cena. Todos os personagens estão imersos em um cenário caracterizado por vegetações e edificações medievais – algumas dessas em ruínas –, um rio atravessado por uma ponte e um céu ameaçadoramente cinzento – que dá, inclusive, nome à obra –, repleto de nuvens das quais partem raios enérgicos em direção à terra, mas não há, a princípio, nenhum envolvimento mais profundo entre as figuras que configure a narrativa de um tema específico. Destaca-se a paisagem, no papel de protagonista, impondo sua própria presença e sua própria narrativa:

Se não encontramos um tema apropriado, se as duas figuras humanas do quadro parecem ter pouca relação com o que se passa através deles (*sic*), e com qualquer outra história, é aí que a denominação da paisagem (ela ocupa dois terços da tela) impõe sua ordem não humana. A partir daí, todo comentário que tome a paisagem por um simples fundo, concedendo o protagonismo ao relato, frustra o próprio objeto. E o frustra porque o julga “excessivo”. Ora, o que parece sobrar são os personagens. (CAUQUELIN, 2007, p. 90).

---

de imagens, nem um retorno a si de um pensamento já senhor de seus objetos, mas a constituição ativa de um objeto novo que explicita e tematiza aquilo que até então só se oferecera como horizonte indeterminado.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 59).

<sup>27</sup>Segundo Cauquelin (2007, p.35-36), há “autores confiáveis [que] situam seu nascimento por volta de 1415. A paisagem (termo e noção) nos viria da Holanda, transitaria pela Itália, se instalaria definitivamente em nossos espíritos com a longa elaboração das leis de perspectiva e triunfaria de todo obstáculo quando, passando a existir por si mesma, escapasse a seu papel decorativo e ocupasse a boca de cena.”

Ilustração 5 – *A Tempestade* (1508), de Giorgione

Fonte: (GIORGIONE..., [20--]).

As pinturas de Cézanne da paisagem do Monte Sainte-Victoire, exibidas no capítulo anterior, representam o já consolidado poder da paisagem de valer por si mesma em sua própria unidade. Dada a época em que foram produzidas, pertencem ao contexto de uma paisagem propriamente admitida, visto que no século XVI, quando se passa, enfim, da experiência da coisa à sua designação, assistimos ao aparecimento da primeira referência oficial ao termo “paisagem”: essa ocorre especificamente no ano de 1549 com a inserção do vocábulo no dicionário latim-

francês de Robert Estienne (ROGER, 1997, p. 24), vindo aí a significar uma porção do território ou país submetido à apreciação estética.

Nos séculos seguintes, especialmente no XVIII e XIX, assistiu-se ao que se poderia chamar de uma consagração da paisagem, revelada novamente através da Arte – dessa vez, porém, tanto na pintura como na literatura – e assentada novamente em bases correspondentes a fatos e processos marcantes na história da humanidade. Referimo-nos ao Iluminismo e à Revolução Industrial, dos quais aqui faremos uma sintética retomada por considerá-los fundamentais a nosso posterior ingresso no território das teorizações sobre a paisagem.

Na concepção de Berque, a noção de paisagem constitui-se no seio de cada sociedade segundo uma “trajetiva” (BERQUE *apud* MARIA, 2010, p. 58), isto é, a partir de um processo que estrutura de modo bastante particular a relação entre o homem e seu meio (*milieu*), e que se define pelo entrecruzamento de movimentos de caráter objetivo e subjetivo ou, se preferirmos, físico e fenomenal (MARIA, 2010, p. 66). Como observamos até agora, esse processo, ao menos no contexto da sociedade ocidental, envolve o movimento de um gradativo distanciamento do homem em relação à natureza, que adquire contornos mais nítidos especialmente a partir do antropocentrismo renascentista e encontra seu ápice no advento da filosofia iluminista francesa e da Revolução Industrial inglesa – momento em que se anuncia a assim chamada Idade Moderna e esse distanciamento adquire o caráter de uma ruptura.

Centrado no princípio de valorização da razão, o Iluminismo originalmente defendia que cada componente da realidade manifesta, ou seja, cada fenômeno, poderia ser analisado a partir de preceitos científicos, servindo-se, sobretudo, da prática do empirismo com vista à obtenção de princípios que caracterizariam as leis gerais de funcionamento do universo – a exemplo daquelas formuladas por Isaac Newton (1643-1727). Colocavam-se, então, de um lado, o homem com sua pretensa supremacia derivada do reconhecimento de sua potente capacidade cognitiva, e de outro lado, o mundo, ora reduzido a objeto de análise dos homens instruídos. Em outras palavras, assistia-se à instalação de uma separação aparentemente sem retorno possível entre ambos, que daí em diante nos levaria a conceber o princípio do *logos* grego como algo definitivamente limitado a um passado longínquo e irrecuperável, e como algo que, agora, poderia representar apenas uma utopia.

Podemos compreender melhor a formação e os efeitos dessa nova consciência através da obra do filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), a quem o também filósofo Marshall Berman (1940-2013) atribui a voz “arquetípica” (BERMAN, 2007, p. 26) da primeira fase da modernidade. Rousseau é “o primeiro a usar a palavra *moderniste* no sentido em que os séculos XIX e XX a usarão” (BERMAN, 2007, p. 26) e, imerso na profunda agitação daqueles tempos, sentirá a angústia gerada pela dissolução de valores e modos de vida, pela instabilidade e simultânea profusão de experiências possíveis, retratando-a, por exemplo, em seu romance *A nova Heloísa*, que constituirá as bases da sensibilidade moderna (BERMAN, 2007, p. 27-28).

Mas, se a ruptura provocada pelo Iluminismo se dá de maneira mais expressiva no terreno abstrato do pensamento, aquela causada pela Revolução Industrial revela-se mais palpável: ela materializa-se no espaço, transforma a paisagem e interfere direta e profundamente em nossa relação com ela. O novo cenário passa a ser caracterizado pela presença de fábricas, chaminés e nuvens de fumaça, habitações aglomeradas destinadas a abrigar – em péssimas condições, deve-se acrescentar – os operários recém-chegados da vida no campo. A transformação é tal que o crítico de arte e adepto do movimento romântico John Ruskin (1819-1900) observa com pesar, em Londres, o surgimento dessa nova paisagem, considerando o que ali ocorre como uma profanação (RUSKIN, 2008, p. 57). Reconhece, além disso, numa atitude quase visionária, os efeitos prejudiciais que a aceleração – em particular dos meios de transporte e, logo, de nossos modos de circulação – viria a exercer sobre nossa capacidade de perceber o território e a paisagem, anotando que

A própria serenidade da natureza é gradualmente arrancada de nós; milhares [de pessoas] que, outrora, em viagens necessariamente demoradas, foram submetidas à influência do céu silencioso e dos campos adormecidos, mais efetiva do que advertida ou confessada, agora carregam consigo, até mesmo lá, a febre incessante de suas vidas; ao longo das veias de ferro que atravessam o arcabouço do nosso país, batem e fluem os pulsos ígneos de seu esforço, mais quentes e mais rápidos a cada hora. (RUSKIN, 2008, p. 84).

É, portanto, como um esforço nostálgico de reaproximação dessa natureza que podemos compreender a pintura do Romantismo na sequência dos dois eventos, ou antes, a difusão dos conceitos de sublime e pitoresco que notadamente

nela se fazem visíveis: o primeiro, presente na obra de filósofos como o já citado Immanuel Kant e Friedrich Schiller (1759-1805), referente ao sentimento de grandiosidade da natureza perante o homem, que ao mesmo tempo torna-a sedutora e assustadora (Ilustração 6); e o segundo, admitido como intermediário entre o sublime e o belo, relativo ao aspecto rústico e antigo de determinadas paisagens e representativo também da prevalência da ação da natureza sobre as obras humanas (Ilustração 7).

Ilustração 6 – *Caminhante sobre o mar de névoa* (1817), de Caspar David Friedrich



Fonte: (CASPAR..., [20--]).

Ilustração 7 – *Castelo de Hadleigh* (c. 1828-1829), de John Constable



Fonte: (JOHN..., [20--]).

A variedade de obras de pintores como Caspar David Friedrich (1774-1840), na Alemanha, John Constable (1776-1837) e William Turner (1775-1851), na Inglaterra, que não só retratam, mas também participam da sensibilização de nosso olhar para a paisagem – como discutiremos melhor adiante –, permite-nos atestar como a paisagem, de fato, afirma-se nesse momento como um tema bastante rico e explorado, podendo-se dizer até mesmo central, na produção artística do período. Trata-se, inclusive, de uma condição que se mantém ainda na fase inicial do Realismo, o que se nota especialmente em obras como as dos franceses Jean-Baptiste Camille Corot (1796-1875) (Ilustração 8) e Théodore Rousseau (1812-1867) (Ilustração 9).

Ilustração 8 – *Ville-d'Avray* (c. 1867), de Jean-Baptiste Camille Corot



Fonte: (JEAN-BAPTISTE..., [20--]).

Ilustração 9 – *Paisagem com um conjunto de árvores* (c. 1844), de Théodore Rousseau



Fonte: (THEÓDORE..., [20--]).

Essa fase, que constitui, como dizíamos, a consagração da paisagem no universo dos interesses humanos, certamente não tardaria a vir acompanhada de reflexões ou, melhor dizendo, de uma **filosofia da paisagem** que se dedicasse a refletir sobre seu significado. Seria esse, então, o momento de um outro nascimento: o da paisagem como categoria de pensamento.

### 3.2 A paisagem refletida

Em 1913, o sociólogo alemão Georg Simmel publica o texto intitulado *A Filosofia da Paisagem* e define aquele que pode ser considerado o marco inicial do pensamento filosófico paisagístico no mundo ocidental. Trata-se de um marco que, se por um lado serve à construção de uma cronologia, sabemos que, de outro, representa, por assim dizer, apenas um refinamento de ideias que há algum tempo vinham sendo preparadas no seio das experiências e estudos paisagísticos, entre as quais incluem-se as reflexões do explorador Alexander von Humboldt (1769-1859), considerado o precursor da ciência geográfica e para quem a análise objetiva da paisagem não encontrava-se dissociada de sua apreciação<sup>28</sup>. Não nos deteremos, contudo, na recapitulação de tais reflexões (retomando-as eventualmente, se necessário), pois intentaremos, a partir de agora, nos debruçar sobre o momento em que a paisagem passa, naquele alvorecer do século XX, finalmente, a ser tratada como questão filosófica propriamente dita.

Inicialmente, julgamos digno de nota o fato de que *A Filosofia da Paisagem* surge pelas mãos de um sociólogo, e não de um filósofo, como muito provavelmente o título da obra nos levaria a pensar. Isto nos indica que a paisagem, àquele tempo, já havia efetivamente se integrado ao rol de temas úteis à compreensão das

---

<sup>28</sup>Humboldt utilizará em suas obras, guiado por essa concepção, a escrita de textos que buscam conciliar os caracteres científico e literário. No prefácio de *Cosmos* (HUMBOLDT, 1875, p. VIII, tradução nossa), por exemplo, publicado pela primeira vez no ano de 1845, ele aponta que: “Grandes dificuldades apresenta a composição de uma obra semelhante, se há de reunir ao valor científico o mérito da forma literária. Trata-se de levar a ordem e a luz à riqueza imensa de materiais que se oferecem ao pensamento, sem despojar os quadros da natureza do sopro que os anima; porque se nos limitássemos a expor resultados gerais, incorreríamos em uma grande aridez e monotonia, parecida com a que resultaria da enumeração de vários fatos particulares.” (Original em espanhol: “Grandes dificultades presenta la composición de una obra semejante, si ha de reunir al valor científico, el mérito de la forma literaria. Trátase de llevar el órden y la luz á la riqueza inmensa de materiales que se ofrecen al pensamiento, sin despojar á los cuadros de la naturaleza del sopro que los anima; porque si nos limitáramos á esponer resultados generales, incurriríamos en una gran aridez y monotonía, parecida á la que resultaria de enumerar multitud de hechos particulares.”).



sociedades, contribuindo, neste caso, com a leitura dos modos dessas interpretarem e relacionarem-se com seus territórios, uma vez que, como dirá o filósofo Jean-Marc Besse,

Ler a paisagem é perceber modos de organização do espaço. [...] A paisagem é um espaço social. [...] A organização espacial da paisagem traduz, ainda, uma forma de organização da sociedade, bem como as representações e os valores culturais que atuam nessa sociedade. A paisagem é uma forma de os homens darem uma medida e um sentido à superfície da Terra. Toda paisagem, de um modo que lhe é próprio, é relativa a um projeto social, mesmo que esse projeto não seja “consciente” [...]. (BESSE, 2014, p. 31-32).

Há, neste sentido, considerações de Simmel que evidenciam sua compreensão do surgimento da paisagem como fato cultural, que ele então associa a dois processos: um, do distanciamento do homem em relação à natureza, ao qual há pouco nos referíamos; e outro, vinculado a este primeiro e proveniente de uma “grande fórmula do mundo pós-medieval”, relativo a uma “individualização das formas interiores e exteriores da existência, a dissolução dos liames e dos vínculos originais em entidades autónomas diferenciadas”, que vem permitir, afinal, que “a parte de um todo se torne um outro todo independente, que dele se emancipe e, frente ao mesmo, reivindique um direito próprio” (SIMMEL, 2009, p. 7).

Distinguindo-se de autores que tendem a relacionar tal fato cultural mormente à arte, sobretudo pictórica, atribuindo a ela o poder fundador da paisagem ou mesmo da experiência da paisagem, o sociólogo entende que, na verdade, é a manifestação primeira dessa última em sua própria individualidade que capitaliza o seu aparecimento na pintura (SIMMEL, 2009, p. 7). Todavia, é necessário reconhecer que a arte e a paisagem se assemelham no que diz respeito ao modo como se constituem, podendo-se, inclusive, dizer o mesmo acerca daquilo que no fundo expressam, ou seja, dinâmicas particulares da existência. Deste modo, em se tratando da primeira, tanto quanto se poderia dizer da segunda naquilo em que se aplica,

É uma tolice rematada derivá-la do impulso mimético, do instinto lúdico ou de outras fontes psicológicas estranhas, que se mesclam decerto com a sua fonte genuína e podem codeterminar a sua expressão; mas **a arte enquanto arte só pode provir da dinâmica artística. Não como se ela começasse com a obra de arte já pronta. Provém da vida – mas só porque e na medida em que a vida, tal como é vivida em cada dia e por**

**toda parte, contém as energias formadoras, o seu efeito puro, tornado autónomo, determinando para si o seu objecto, se chama então arte.** Sem dúvida, nenhum conceito de “arte” está em acção, quando o homem diariamente fala ou se exprime em gestos, ou quando a sua contemplação modela os seus materiais de acordo com o sentido e a unidade. Mas em tudo actuam tipos de configuração que devemos, por assim dizer só depois, chamar de artísticos; de facto, quando estes, na sua legalidade própria e fora do envolvimento útil na vida, formam para si um objecto, que é tão-só o seu produto – é que se trata justamente de uma “obra de arte”. **Só neste meio mais amplo se justifica a nossa interpretação da paisagem a partir dos derradeiros fundamentos configuradores da nossa imagem do mundo. Quando realmente vemos uma paisagem, e já não uma soma de objectos naturais, temos uma obra de arte *in statu nascendi*.** (SIMMEL, 2009, p. 11, grifos nossos).

Por analogia, a paisagem enquanto paisagem, portanto, só pode provir da dinâmica paisagística, de maneira que, quando vemos uma paisagem como tal, o que temos diante de nós é a expressão dessa dinâmica. E a isso também nos referimos quando dizemos reiteradamente, a partir de Merleau-Ponty, que é da experiência de algo que se passa à sua ideia ou conceito – ou ainda, à sua representação na forma de arte, sendo aqui particularmente oportuna a lembrança do exemplo que nos é oferecido pelas pinturas de Cézanne.

No que se refere especificamente à constituição da paisagem, que a diferencia do que poderia ser visto como uma simples soma de objetos na natureza, na concepção de Simmel, ela é, pois, derivada da experiência de se perceber uma certa vibração ou alma do ambiente que então nos oferece seu **sentido de paisagem**. A isso corresponde o conceito de *Stimmung* ou “disposição anímica” presente em sua obra, e que, à semelhança da manifestação dos estados de alma humanos, não é possível de ser revelado através de somente um elemento, senão de uma articulação própria a todo o conjunto, de modo que

[...] a disposição anímica da paisagem penetra todos os seus elementos particulares, sem que, muitas vezes, nela se consiga fazer sobressair um só; cada qual, de um modo dificilmente designável, tem nela parte – mas ela nem subsiste fora destes contributos nem deles é composta. (SIMMEL, 2009, p. 13-14).

Poderíamos considerar, assim, que a constituição paisagística, na perspectiva da filosofia simmeliana, é essencialmente pertencente à ordem do fenomenal. Isto pode ser constatado através de várias outras passagens do texto de *A Filosofia da Paisagem*, dentre as quais se destaca aquela em que o autor expressa a ideia de que a paisagem é uma “produção espiritual” (SIMMEL, 2009, p. 15) que

[...] em nenhum lugar se pode tocar ou trilhar de um modo puramente extrínseco; vive tão-só pela força unificadora da alma, como **um entrelaçamento do dado com a nossa criação**, e que nenhuma comparação mecânica consegue expressar. (SIMMEL, 2009, p. 15, grifo nosso).

Ora, o que seria o dado senão o mundo antepredicativo a que temos acesso, primeiramente, por meio da percepção? A criação, o que obtemos a partir da articulação desse mundo à nossa experiência existencial, à vivência de nosso ser-no-mundo? Simmel menciona, ainda, a impossibilidade de que as relações e articulações com as quais a paisagem se constitui possam ser mecanicamente decompostas, e isto acertadamente, uma vez que, como nos informa Merleau-Ponty,

Na atitude natural, não tenho percepções, não ponho este objeto ao lado deste outro objeto e suas relações objetivas, tenho um fluxo de experiências que se implicam e se explicam umas às outras tanto no simultâneo quanto na sucessão. Paris não é para mim um objeto com mil facetas, uma soma de percepções, nem tampouco a lei de todas essas percepções. Assim como um ser manifesta a mesma essência afetiva nos gestos de sua mão, em seu andar e em sua voz, cada percepção expressa em minha viagem através de Paris – os cafés, os rostos das pessoas, os choupos do cais, as curvas do Sena – é recortada no ser total de Paris, não faz senão confirmar um certo estilo ou um certo sentido de Paris. E, quando ali cheguei pela primeira vez, as primeiras ruas que vi à saída da estação foram, como as primeiras falas de um desconhecido, as manifestações de uma essência ainda ambígua, mas já incomparável. **Nós não percebemos quase nenhum objeto, assim como não vemos os olhos de um rosto familiar, mas seu olhar e sua expressão. Existe ali um sentido latente, difuso através da paisagem ou da cidade, que reconhecemos em uma evidência específica sem precisar defini-lo.** (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 377-378, grifo nosso).

Apesar de não ser preciso, dispomo-nos eventualmente, por alguma razão em particular, ao esforço de tentar definir este sentido de que fala o filósofo, inevitavelmente deparando-nos com uma série de dificuldades que encontram-se, por sua vez, atreladas ao fato de que buscamos tal definição pelo viés da racionalização – ou seja, justamente através de tentativas de decomposição desse sentido, ignorando, assim, a impossibilidade de êxito nas mesmas para a qual tanto Simmel quanto Merleau-Ponty, cada um a seu modo, chamam-nos a atenção. Ocorre que o sentido de uma coisa ou de uma paisagem a **habita**, do mesmo modo como a alma habita nosso corpo, o que equivale a dizer que ele não está, portanto, somente contido nas aparências (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 428) dessa coisa ou dessa paisagem, da mesma forma que

[...] o sentido do cinzeiro (pelo menos seu sentido total e individual, tal como ele se dá na percepção) não é uma certa idéia (*sic*) do cinzeiro que coordenaria seus aspectos sensoriais e que seria acessível somente ao entendimento; ele anima o cinzeiro, encarna-se nele com evidência. É por isso que na percepção dizemos que a coisa nos é dada “em pessoa” ou “em carne e osso”. Antes de outrem, a coisa realiza esse milagre de expressão: um interior que se revela no exterior, uma significação que irrompe no mundo e aí se põe a existir, e que só se pode compreender plenamente procurando-a em seu lugar com o olhar. Assim, a coisa é o correlativo de meu corpo e, mais geralmente, de minha existência, da qual meu corpo é apenas a estrutura estabilizada, ela se constitui no poder de meu corpo sobre ela, ela não é em primeiro lugar uma significação para o entendimento, mas uma estrutura acessível à inspeção do corpo, e, se queremos descrever o real tal como ele nos aparece na experiência perceptiva, nós o encontramos carregado de predicados antropológicos. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 428-429).

Detendo-nos sobre a correlação do corpo com a paisagem, essa talvez seja, por diversos fatores, o *locus* por excelência da prática dessa inspeção mencionada por Merleau-Ponty. Desejamos centrar-nos aqui, entretanto, nas similaridades que podem ser observadas entre determinados aspectos da percepção paisagística e a percepção de nosso corpo próprio, pontuando que a fala do filósofo nos remete especialmente ao caso da apreensão dos limites da paisagem como unidade autônoma em relação à totalidade da natureza – limites que, aliás, tanto Simmel (2009, p. 6) quanto Cauquelin (2007, p. 136-140) e Assunto (2011, p. 343-345)<sup>29</sup> virão a identificar como condição necessária à manifestação paisagística. A natureza, pois, delimitada – seja em uma tela, em uma janela, ou **originariamente em nosso próprio campo visual** – abarca em si seu sentido de paisagem, oferece-o a nós por meio de nossa percepção, mas essa aparente autonomia do recorte não faz com que o percebamos como efetivamente apartado de sua relação com o todo; do mesmo modo que, quando percebemos, por exemplo, nossas mãos, elas se oferecem como duas unidades que associamos ao gesto de tocar, conservada aí a noção implícita de que são comunicantes com as demais partes de nosso corpo. A

---

<sup>29</sup> Julgamos válido apresentar aqui a concepção deste autor que, na diferenciação que busca realizar entre os conceitos de espaço e paisagem, serve-se de uma abordagem particular da relação desta com os limites. Diz ele (ASSUNTO, 2011, p. 345, grifos do autor), pois, que: “Espaço **limitado** a paisagem, mas **aberto**, porque, diferentemente dos espaços fechados, tem sobre si o céu, isto é, o espaço ilimitado; e não **representa o infinito** (simbólica ou ilusionisticamente), mas abre-se ao infinito, mesmo na finitude do seu ser limitado: constituindo-se como **presença**, e não **representação**, do infinito no finito. E a limitação da paisagem enquanto espaço é o autolimitar-se do infinito, e simultaneamente como que um desabrochar da finitude, tal qual o rebento quando se torna flor: o desabrochar, verdadeiramente, do finito, que embora permanecendo tal, remove um dos próprios limites e se abre ao infinito. Nem mais nem menos como o infinito se determina a si mesmo autolimitando-se, assim se compenetrando no finito: passa, digamos, para a finitude que o alberga, e esta, enquanto recebe em si o infinito, é finitude **aberta**, assim como o infinito, passando à finitude, é finitude **limitada**.”

isto encontra-se associada ainda outra correlação que identificamos, explicada, por sua vez, pelo fato de que, tal como percebemos a palma de nossas mãos e consideramos contida a percepção do lado oposto, mesmo que este ainda não nos tenha sido dado, percebemos a paisagem na perspectiva de um *continuum*, o que significa dizer que, além do horizonte, por mais que nossa visão não alcance o que está lá, consideramos a existência de outras paisagens. Enfim,

No horizonte interior ou exterior da coisa ou da paisagem, há uma co-presença (*sic*) ou uma co-existência (*sic*) dos perfis que se ata através do espaço e do tempo. O mundo natural é o horizonte de todos os horizontes, o estilo de todos os estilos, que, para quem de todas as rupturas de minha vida pessoal e histórica, garante às minhas experiências uma unidade dada e não desejada, e cujo correlativo em mim é a existência dada, geral e pré-pessoal de minhas funções sensoriais, em que encontramos a definição do corpo. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 442).

Da condição de opacidade do mundo que vemos conservada igualmente na percepção da paisagem – como, aliás, não poderia deixar de ser –, podemos dizer que é o que permite, então, que o mundo permaneça sempre aberto à nossa capacidade de exploração ou, se preferirmos, sempre aberto ao diálogo conosco, tratando-se essa de uma condição que é, por sua vez, fundamental à própria existência do mundo na forma como nós o concebemos. Afinal, devemos considerar que

Se a síntese pudesse ser efetiva, se minha experiência formasse um sistema fechado, se a coisa e o mundo pudessem ser definidos de uma vez por todas, se os horizontes espaço-temporais pudessem, mesmo idealmente, ser explicitados e o mundo pudesse ser pensado sem ponto de vista, agora nada existiria, eu sobrevoaria o mundo e, longe de que todos os lugares e todos os tempos se tornassem reais ao mesmo tempo, todos eles deixariam de sê-lo porque eu não habitaria nenhum deles e não estaria engajado em parte alguma. Se sou sempre e estou em todo lugar, não sou nunca e não estou em lugar algum. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 445).

Se o mundo ou a natureza nos fossem dados por inteiro, logo, também não haveria nenhuma paisagem. Deste modo, afirma-se como condição necessária à existência dessa a própria condição de sermos seres situados espacial e temporalmente, que nos permite também ter a experiência da percepção da paisagem a partir de nosso envolvimento em uma malha conformada por múltiplas influências, como aquelas de caráter imaginativo, emotivo, memorial e identitário (D'ANGELO, 2014, p. 13-14), que se ancoram à nossa percepção e reforçam,

assim, sobretudo os caracteres existencial e cultural que para nós constituem atributos de toda paisagem.

Dedicando-nos agora um pouco à questão dessas influências, vemos o filósofo francês Alain Roger (2014), em certo sentido partidário de uma concepção semelhante à adotada por Cauquelin em *A invenção da paisagem*, conceder particularmente à Arte – retomando aqui nossas discussões sobre o tema – o papel de grande geradora ou motivadora da percepção da paisagem como tal, o que se torna evidente em sua afirmação de que “As coisas são porque nós as vemos, e a receptividade assim como a forma de nossa visão dependem das artes que têm exercido sua influência sobre nós.” (ROGER, 2014, p. 19, tradução nossa<sup>30</sup>). Para Roger, ocorre que estamos hoje tão habituados a ver paisagens que equivocadamente somos levados a crer, como dizíamos na introdução deste capítulo, que trata-se de uma de nossas habilidades inatas. Em nossa vida cotidiana, afinal, é realmente pouco provável que submetamos tal atitude a qualquer análise mais profunda e, assim, ao estarmos diante de uma vista que apreciamos, eventualmente expressando nossa sensação de prazer ao contemplá-la através de frases como “que bela paisagem!”, tanto acreditamos ser esse um gesto natural de nossa parte quanto ser aquela uma beleza evidente (ROGER, 2014, p. 23). Porém, fato é que, para o filósofo, nos surpreenderíamos ao saber tudo aquilo que em nós é procedente da arte, pois considera que temos nosso olhar fortemente condicionado a um saber ver, determinado pelo contato frequente com uma série de modelos “latentes, arraigados e, portanto, insuspeitados” (ROGER, 2014, p. 20, tradução nossa<sup>31</sup>), de caráter pictórico, literário, cinematográfico, publicitário, etc. (ROGER, 2014, p. 20). Seria esta, portanto, a razão fundamental de vermos uma paisagem como paisagem, e algo que leva a própria paisagem a revelar-se como “um dos lugares privilegiados onde se pode verificar e medir este poder estético.” (ROGER, 2014, p. 20, tradução nossa<sup>32</sup>).

Seguindo o caminho indicado pelo autor, poderíamos fazê-lo, então, através da análise do processo, ou antes, de um par de processos que ele reúne sob o nome de dupla artealização. Se partimos do exemplo da nudez do corpo feminino,

---

<sup>30</sup>Original em espanhol: “Las cosas son porque nosotros las vemos, y la receptividad así como la forma de nuestra visión dependen de las artes que han influido en nosotros.”

<sup>31</sup>Original em espanhol: “[...] latentes, arraigados y, por tanto, insospechados [...]”

<sup>32</sup>Original em espanhol: “[...] uno de los lugares privilegiados donde se puede verificar y medir este poder estético.”

oferecido pelo próprio Roger, observamos como ela pode deixar de ser algo banal, corriqueiro, **natural** e converter-se em manifestação artística – adquirindo, logo, uma conotação **cultural** – através de dois procedimentos distintos: pela inscrição de pinturas corporais, tatuagens, etc., feitas diretamente no próprio corpo, ou pela representação deste corpo em desenhos, pinturas, esculturas e fotografias. No primeiro caso, teríamos a chamada artealização *in situ*, isto é, aquela que é realizada no próprio objeto, enquanto no segundo teríamos a artealização *in visu*, realizada por intermédio do olhar (ROGER, 2014, p. 21-22) e correspondente a um procedimento “mais econômico, porém mais sofisticado” (ROGER, 2014, p. 22, tradução nossa<sup>33</sup>). Tão sofisticado, somos levados a dizer, que há, inclusive, uma transformação operada também na terminologia aplicada àquele antes e a este depois: se antes falávamos em uma nudez, agora passamos a nos referir a um nu feminino (ROGER, 2014, p. 22).

Analogamente, no que diz respeito à paisagem, ela seria, portanto, a resultante de uma artealização do ambiente; ou, caso se prefira dizer, do “país”, palavra de cujo radical a palavra “paisagem” deriva. E isto pode ser notado, a propósito, na distinção original realizada entre os dois termos, pois enquanto “país” servia para designar o território em seu aspecto material, isto é, em sua objetividade, de outro a paisagem designaria a **representação** deste mesmo território a partir de uma subjetividade desdobrada, por sua vez, na constituição de uma identidade e um imaginário próprios<sup>34</sup> (ROGER, 2007, p. 24). Para artealizar-se, esse território contaria, então, na modalidade *in situ*, com a atuação dos assim chamados arquitetos-paisagistas, enquanto na modalidade *in visu* contaria especialmente com o trabalho de pintores, fotógrafos, escritores, etc. – grandes responsáveis, como temos constatado, pela evidenciação de elementos e valores possíveis de serem associados à identidade de um lugar e, além disso, pela educação de nossa sensibilidade no sentido do reconhecimento e apreciação desses mesmos elementos e valores.

---

<sup>33</sup>Original em espanhol: “[...] más económico, pero más sofisticado.”

<sup>34</sup>Sobre esta representação é válido acrescentar que o filósofo Jean-Marc Besse (2014, p. 103-140), citando o escritor John Brinckerhoff Jackson (1909-1996), aponta poder seguir dois vieses distintos, a saber, o político – no qual tal representação atenderia à intenção de um poder central da “realização de um arquétipo, de um ideal social, religioso e moral]” (BESSE, 2014, p. 118) – e o vernacular – no qual a paisagem teria sua identidade definida pelo modo como a habitamos sendo, portanto, uma paisagem “existencial” (JACKSON, 2003 *apud* BESSE, 2014, p. 129).

Uma vez aceitas tais proposições como verdadeiras, elas nos conduziriam, pois, a uma indagação – que o próprio Roger, aliás, se faz – sobre a essência do que usualmente se define como *genius loci*, aproximado em grande medida da definição do *Stimmung* simmeliano. Tratar-se-ia, enfim, de saber se seria ele um atributo natural ou fruto de uma elaboração tanto quanto o seria a própria paisagem que o contém e o expressa, e Roger entende que

[...] esses bons gênios não são nem naturais nem sobrenaturais, senão culturais. Se frequentam esses lugares é porque habitam nosso olhar e, se habitam nossa visão, é porque nos vêm da arte. O espírito que respira aqui e “inspira” estes sítios não é outro que o da arte, que, por meio de nossa visão, artealiza o país em paisagem. (ROGER, 2014, p. 26, tradução nossa<sup>35</sup>).

Concordamos com a consideração do filósofo de que a arte tem o grande poder de inspirar ou chamar-nos a atenção para algo, assim como com a afirmação de que a atribuição de um espírito a um lugar consiste em um ato cultural, porquanto pertencente à espécie humana, a única dotada de consciência capaz de realizá-lo. Entretanto, não concordamos totalmente com a afirmação de que o espírito dos lugares **é devido** à arte, pois esta, como dirá Juhani Pallasmaa (1936- ), “estrutura e articula nosso ser-no-mundo” (PALLASMAA, 2016, p. 59, tradução nossa<sup>36</sup>) possibilitando “um intenso conhecimento experiencial” (PALLASMAA, 2016, p. 59, tradução nossa<sup>37</sup>), mas **não determina**, isto é, organiza mas **não instaura** os modos desse ser-no-mundo, sendo estes modos aqueles **a partir dos quais** a arte, afinal, se desdobra. Neste sentido, Simmel oportunamente nos dirá que

O que o artista faz – extrair da torrente e da infinidade caóticas do mundo imediatamente dado um fragmento, apreendê-lo e formá-lo como uma unidade, que agora encontra em si mesma o seu sentido e intercepta os fios que a ligam ao universo e os reata de novo no ponto central que lhe é peculiar – eis o que também nós fazemos de um modo mais chão, com menos princípios, mais incerto nos seus limites, logo que contemplamos uma “paisagem” em vez de um prado, de uma casa, de um riacho e de um séquito de nuvens. (SIMMEL, 2009, p. 8-9).

---

<sup>35</sup>Original em espanhol: “[...] esos buenos genios no son ni naturales ni sobrenaturales, sino culturales. Si frecuentan esos lugares es porque habitan en nuestra mirada y, si habitan en nuestra mirada, es porque nos vienen del arte. El espíritu que respira aquí e “inspira” estos sitios no es otro que el del arte, que, por medio de nuestra mirada, artealiza el país en paisaje.”

<sup>36</sup>Original em espanhol: “[...] estructura y articula nuestro ser en el mundo [...].”

<sup>37</sup>Original em espanhol: “[...] un intenso conocimiento experiencial.”



O espírito do lugar para nós não provém, pois, originalmente da arte, senão de um contato e de uma relação que primeiramente se estabelecem entre esse lugar e nosso espírito, dos quais a representação artística constitui apenas uma manifestação derivada ou segunda que eventualmente pode, sim, contribuir para validar e reforçar narrativas e fomentar a construção de imaginários – os quais só se sustentam, a propósito, se continuam encontrando ressonância em nossa existência, seja ao nível individual ou coletivo. Assim, o que entendemos ser aí evidente e, por conseguinte, correto considerar é que a arte e a paisagem participam de um intercâmbio de influências – a paisagem constitui tema para a arte, a arte interfere e contribui na percepção da paisagem –, que se realiza aproximadamente nos mesmos moldes de como esta última se comporta no âmbito daquela que, a partir do geógrafo italiano Eugenio Turri (2011), podemos compreender como sua capacidade de autorreferencialidade.

A fim de entendermos bem em que consiste, pois, esta capacidade ou mesmo propriedade atribuída pelos indivíduos à paisagem – reconhecível sobretudo no caso das ditas paisagens culturais e indispensável de ser considerada em qualquer discussão que tenha como preocupação a sua conservação –, devemos partir da concepção de Turri da paisagem como um “reflexo da realidade fenoménica” (TURRI, 2011, p. 173) – esta uma fórmula de Edgar Morin (1921- ), na verdade, que o autor cita em seu texto –, o que significa admiti-la como o lugar em que

[...] podemos encontrar o reflexo de nossa acção, a medida de nosso viver e agir no **território** (entendido como o espaço no qual agimos, nos identificamos, no qual temos os nossos laços sociais, os nossos mortos, as nossas memórias, os nossos interesses vitais, ponto de partida do nosso conhecimento do mundo).

Assim considerada, a paisagem entra no âmbito da actividade poética com a qual o homem e a vida criam as suas referências, a sua autorreferencialidade." (TURRI 2011, p. 173, grifo do autor).

É válido ressaltar que, na perspectiva do geógrafo, isto permite que possamos, tal como defendemos neste trabalho a partir do aporte fenomenológico merleau-pontyano, reconhecer a existência da paisagem “antes ainda de sua institucionalização científica” (TURRI, 2011, p. 174), considerando-se que desde sempre o homem “se empenhou em procurar na natureza o reflexo de si e da sua obra” (TURRI, 2011, p. 174). Trata-se de condição que, por sua vez, nos possibilita ainda comparar a paisagem à imagem de um grande teatro,

[...] no qual indivíduos e sociedade recitam (no sentido em que foi entendido por alguns estudiosos dos fenómenos urbanos) as suas histórias, realizam os seus feitos, pequenos ou grandes, quotidianos ou de longa duração, mudando ao longo do tempo o palco, a produção, o cenário, consoante a história representada. (TURRI, 2011, p. 170-171).

Esse carácter teatral encontra-se, pois, associado a dois comportamentos dos indivíduos em relação ao território, correspondentes ao agir e ao observar ou, dito de outro modo em conformidade com a analogia proposta, a seus papéis de atores e espectadores no “espetáculo” (TURRI, 2011, p. 171) da paisagem: “actores que transformam, no sentido ecológico, o ambiente de vida, imprimindo-lhe a marca da própria acção, e espectadores que sabem observar e entender o sentido do seu agir sobre o território.” (TURRI, 2011, p. 171). Para Turri, tais papéis não seriam, entretanto, tal como em um teatro comum, atribuições de indivíduos distintos, mas de **um mesmo indivíduo** que, embora eventualmente dedicado em dadas ocasiões mais a um papel que a outro, os desempenharia simultaneamente sob influência de um processo de *feedback* ou retroação (TURRI, 2011, p. 174) que estaria, enfim, relacionado justamente à autorreferencialidade da paisagem.

Essa autorreferencialidade poderia, então, ser compreendida como uma propriedade transferida à paisagem pelos homens no momento em que esses passam a servir-se de sua própria capacidade de perceber e representar o território para guiar suas ações, sendo **“o perceber [...] pressuposto do conhecer e do representar, e este, por seu turno, do agir, consentindo em acolher e em re-representar os efeitos daquele agir.”** (TURRI, 2011, p. 174, grifo nosso). E esses efeitos, que tendem a converter-se em referenciais dentro do próprio referencial da paisagem, encontram-se, por sua vez, relacionados com duas categorias de elementos, denominados mitos fundadores e iconemas.

No que se refere aos primeiros, trata-se dos

[...] mitos, atribuições simbólicas e significados religiosos [que] regulavam de modo prepotente e único as relações com a natureza, sob o impulso de uma cultura fundada sobre valores experimentados através de gerações a partir dos antepassados primordiais ou dos seus principais intérpretes. Estes eram em certo sentido quer os fundadores de cidades, os colonizadores de novas terras, quer aqueles que contribuíam para imprimir um carácter preciso, inovador, à acção humana, como no caso dos grandes arquitectos, dos grandes projectistas. (TURRI, 2011, p. 172).

Quanto aos iconemas – mais facilmente identificáveis na paisagem, poderíamos dizer – são definidos, por seu turno, como uma

[...] unidade elementar de percepção, como signo no interior de um conjunto orgânico de signos, como sinédoque, como parte que exprime o todo, ou que o exprime com uma função hierárquica primária, seja enquanto elemento que, melhor que outros, encarna o *genius loci* de um território, seja enquanto referência visual de forte carga semântica da relação cultural que uma sociedade estabelece com o próprio território. (TURRI, 2011, p. 178).

Mitos fundadores e iconemas são, assim, correspondentes àqueles mesmos elementos que se configuram como os principais componentes das imagens-síntese que imediatamente formulamos de cidades conhecidas ao pensarmos em seus nomes – tal como pensamos em Atenas e nos remetemos à visão da Acrópole sobre o robusto rochedo de cor marfim, ou pensamos em Paris e vislumbramos a torre Eiffel ou Notre Dame junto das margens do rio Sena. Trata-se, deste modo, de elementos que atuam como grandes portadores da identidade de um lugar, e que encontram-se usualmente sujeitos, tanto por seu destacado valor simbólico quanto pelos prejuízos socioculturais que sua perda poderia vir a ocasionar, a receber dos órgãos de patrimônio a aplicação de algum tipo de mecanismo destinado à sua proteção.

Feitas tais considerações, identificam-se aí, pois, diversas questões oportunas à nossa exploração, associadas diretamente às investigações a que se propõe este trabalho. No momento, entretanto, desejamos nos centrar em uma questão específica que, dada a condição de autorreferencialidade da paisagem, é relativa ao fato de encontrar-se, então, na dependência de como são expressas em cada paisagem as relações dos indivíduos com o território, o modo pelo qual esse território e essa paisagem **tenderão** a seguir transformando-se. E isto tanto positiva quanto negativamente, ou seja, pelo viés de transformações construtivas ou por aquele de transformações de caráter destrutivo (lembrando e ressaltando-se serem estes juízos estabelecidos do ponto de vista da preservação patrimonial), porque a autorreferencialidade da paisagem não é, neste sentido, a garantia de conservação de seus referenciais, senão um meio pelo qual essa conservação pode vir a ser alcançada ou não. Quer-se dizer com isso que, se ao longo do tempo uma sociedade elege novos valores e opta pela eliminação gradativa de seus referenciais tradicionais, incorporando outros, por assim dizer, mais modernos, serão estes

últimos a determinar os moldes – a serem, portanto, os novos referenciais – daquela autorreferencialidade. Do contrário, porém, se a autorreferencialidade tradicional constitui-se de elementos facilmente reconhecíveis e, sobretudo, **suficientemente significativos para os indivíduos**, é de se esperar que siga natural e continuamente sendo observada e respeitada no ordenamento do território, contribuindo por conseguinte para a manutenção da identidade local e daquele que abordávamos anteriormente como o espírito do lugar. Deste modo, considera-se que

Tal concepção, que atribui à paisagem o papel de mediação ou de referência da ação territorial, pode ser reconduzida à teoria dos sistemas. Segundo esta, a paisagem seria o momento comunicativo entre dois sistemas, o sistema social e o sistema territorial. Para o sistema social em particular, a paisagem eleva-se a referência perceptiva, mediada pela cultura, pelo seu operar na natureza. A referência é ainda a medida ecológica das suas intervenções. Uma relação que é de conhecimento, um conhecimento funcional ao modo do ambiente, segundo os diversos modelos sócio-culturais. Estes, de facto, podem dar importância às componentes mais diversas, quer à religioso-sagrada, quer à económico-produtiva, quer à estética, e por aí fora. Reconduzida a esta concepção, a paisagem absorve quer a visão dos artistas quer a dos geógrafos, dos historiadores, etc. Pois que numa sociedade tenham mais importância ou mais força os geógrafos que os artistas, os arquitectos que os historiadores, os construtores de escavadoras que os agricultores, são factos internos à sociedade enquanto depende dos seus metabolismos internos. A paisagem exprimi-lo-á bem. (TURRI, 2011, p. 176).

É preciso, portanto, compreender, como aqui defendemos, que na paisagem o que vê são, em síntese, concreções de modos dos indivíduos perceberem o mundo e se engajarem nele, estando isso diretamente vinculado à atribuição de determinados valores à paisagem e, enfim, à hipótese que admitimos como válida de ser aí, precisamente nesses modos, onde pode ser encontrada a base da resiliência paisagística no que se refere a sua dimensão patrimonial. Rosario Assunto, a propósito, contribui com o reforço a este argumento, dizendo, por sua vez, que na paisagem podem ser reconhecidas duas lógicas distintas de “especialização do tempo” (ASSUNTO, 2011, p. 349) – o que seria, de certa forma, outra maneira de expressar a ideia contida na citação de Turri –, correspondentes às lógicas da temporalidade e da temporaneidade. Segundo a definição do filósofo, a primeira representaria o estabelecimento de uma articulação entre as três dimensões temporais – passado, presente e futuro –, configurando-se como uma lógica inclusiva que “conserva e prolonga o passado no presente, e no presente antecipa o futuro no qual o presente feito passado se conservará, prolongando-se,

por sua vez” (ASSUNTO, 2011, p. 350), enquanto a segunda estaria vinculada à prática de “uma perpétua remoção” (ASSUNTO, 2011, p. 350), ou seja,

[...] o contínuo aniquilar-se do presente em face do inexorável emergir do futuro, da ausência do **não-ser-ainda**, um novo presente, também ele efêmero, que também ele se afundará, perseguido por um ulterior **não-ainda**, destinado, por sua vez, depois do estrépito de um instante, a apagar-se sem qualquer possibilidade de ser recuperado, numa ausência ainda mais sombria do que aquela de onde o vimos momentaneamente surgir: a ausência do **não-ser-mais**. (ASSUNTO, 2011, p. 350-351, grifos do autor).

Facilmente associamos a lógica da temporalidade àquelas das cidades antigas, as mesmas exaltadas por suas características e seus valores nas obras de John Ruskin e Camillo Sitte (1843-1903), por exemplo; cidades nas quais o tempo se afigurava como uma espécie de fluxo contínuo, possibilitando a espontânea transmissão de seus mitos e iconemas. Já a segunda lógica seria, por sua vez, atribuída particularmente às cidades pós-industriais, submetidas a um intenso processo de urbanização que tende – como frequentemente se pode constatar – não só a negar a paisagem como a decretar sua “morte violenta” (ASSUNTO, 2011, p. 355).

É interessante, neste sentido, observarmos o que a historiadora Françoise Choay (1925- ) relata em uma passagem de *A alegoria do patrimônio* (2006), especificamente quando aborda o surgimento da noção de monumento histórico no Japão: esta ocorre somente na década de 1870, durante a abertura ao mundo ocidental promovida na era Meiji e muito depois do surgimento dessa noção na Europa do *Quattrocento*, porque

[...] para esse país, que vivera suas tradições no presente, que não conhecia outra história senão a dinástica, que não concebia arte antiga ou moderna senão a viva, que não conservava seus monumentos senão mantendo-os sempre novos mediante reconstrução ritual, a assimilação do tempo passava pelo reconhecimento de uma história universal, pela adoção do museu e pela preservação dos monumentos como testemunhos do passado. (CHOAY, 2006, p. 14).

Naquele momento era preciso, portanto, que os japoneses passassem por um processo de transformação em seu modo de apreender – e experimentar – o tempo, fazendo com que esse deixasse de ser um tempo vivido como sentido da própria existência para converter-se em um tempo racionalizado, definido pela associação ou soma de suas partes, a fim de que pudessem finalmente conceber a ideia de

monumento histórico (como algo associado a um passado bem circunscrito, diga-se também distanciado) e, por conseguinte, compreender a necessidade da adoção de práticas específicas para sua proteção e conservação em vista das incertezas postas pelo presente em relação ao futuro. Incertezas essas, cabe pontuar, derivadas sobretudo dos intensos processos de ruptura instaurados no Ocidente particularmente às épocas do Iluminismo e da Revolução Industrial, e diretamente associados, para além de uma fragmentação do tempo no contexto das experiências de vida cotidianas, a uma tendência à fragmentação do espaço e, em consequência, da paisagem<sup>38</sup>. E isto, ressalte-se, tanto no que diz respeito à conformação material dessa última quanto naquilo que diz respeito à sua percepção pelos sujeitos.

É necessário admitirmos, contudo, por uma inferência até mesmo lógica – e sem querer incorrer de modo algum na defesa de um presentismo<sup>39</sup> –, que não é senão no presente em que percebemos que passado e futuro existem, dado que **é no presente que somos** e é no presente que nossa consciência desdobra o tempo (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 555), sendo, portanto, neste mesmo presente que passado e futuro podem ter um sentido para nós: o primeiro, pelos atos de retomada realizados em nossa própria existência; o último, por “linhas intencionais que traçam antecipadamente pelo menos o estilo daquilo que virá” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 358). Vemos surgir daí, então, outra questão que entendemos ser fundamental à resiliência da paisagem no que tange à sua dimensão patrimonial, e que é relativa ao fato de que essa resiliência encontra-se, pois, intimamente ligada à forma como nosso engajamento no mundo tece esses fios intencionais **também** em direção ao passado e ao futuro – para além, portanto, do presente que se apresenta à percepção –, não sendo este passado e esse futuro, deve-se frisar, nunca objetos do conhecimento em primeiro lugar, mas, sim, dimensões de nosso próprio ser que

---

<sup>38</sup> A respeito destes temas, Choay (2006, p.135), ao abordar especificamente o caso da Revolução Industrial, definindo-a como “a fronteira do irremediável” na relação tradicional das sociedades com o tempo, traz-nos, por exemplo, as seguintes considerações: “Escritores, intelectuais e artistas foram mobilizados por uma outra força: pela tomada de consciência de uma mudança de tempo histórico, de uma ruptura traumática do tempo. Sem dúvida, a entrada na era industrial, a brutalidade com que ela vem dividir a história das sociedades e de seu meio ambiente, o ‘nunca mais será como antes’ que daí resulta estão entre as causas do romantismo, ao menos na Grã-Bretanha e na França. [...] / *A mise en scène* do monumento histórico tal como o consagra o século XIX tira partido do contraste, palavra-chave que A. W. Pugin usou como título de um de seus livros. Em segundo plano, uma paisagem pitoresca na qual o edifício antigo é integrado. No primeiro plano, o mundo em processo de industrialização, cuja agressão ele sofre em cheio.”

<sup>39</sup> Referimo-nos aqui ao conceito discutido pelo filósofo François Hartog (1946- ) na obra *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*, na qual o mesmo é apresentado, em termos sintéticos, como a condição de afogamento no presente experimentada pela sociedade contemporânea.

se entrecruzam<sup>40</sup>. Podemos assim ver que, no que se refere especificamente ao caso de valores relacionados ao passado, esses somente são capazes de se sustentar e de perdurar efetivamente à medida que podem ser, de algum modo, retomados e **atualizados** por/em nós, dependendo, para tanto, de condições que lhes permitam justamente continuar ecoando em nossa existência e, logo, prolongar-se em direção a nosso futuro. E quais condições seriam essas? Consideremos a narrativa apresentada a seguir:

Tenho, no meu jardim, um pé de rosmaninho. Ele é, em tudo, igual a todos os outros pés de rosmaninho que há por este mundo. [...] Igual a todos os demais exceto numa coisa. Foi meu pai que me deu a mudinha, galho lascado, faz tempo. Meu pai morreu. O rosmaninho guardou o seu gesto. Como se, do arbusto, saíssem fios de memória que ligam a alguém que já não está mais presente. Fios, claro, que ninguém vê. Só eu. Ou aquele a quem eu quiser revelar este segredo. O espaço em torno daquele rosmaninho é mágico – para mim, que vejo os fios. Os amigos, que não sabem o segredo, sentem o perfume, vêem (*sic*) o verde... Se eu lhes perguntar sobre o arbusto me dirão que o estão vendo. Sua fala me repetirá sobre aquela presença silenciosa e fiel: o pé de rosmaninho. Mas não sairá daí. A boca está prisioneira dos olhos. Pregada no chão. Faltam-lhe as palavras que lhe permitiriam voar... Somente eu, a partir do rosmaninho, poderei falar de uma ausência: alguém que não está ali, que já esteve... E da planta pulo para um rosto; e me lembro de risos, alegrias, tristezas... É por isto que o espaço em torno do rosmaninho é mágico. A memória faz a imaginação voar, e ela enche o ar com coisas humanas [...].  
Coisa bonita esta: que haja coisas que são mais que coisas, coisas que nos fazem lembrar... (ALVES, 1984, p. 11-12).

Contido no texto *Sacramento*, de autoria de Rubem Alves (1933-2014), o trecho acima nos conduz ao entendimento de que a condição fundamental para que

---

<sup>40</sup> Neste sentido, Merleau-Ponty (2011, p. 556-557, grifos do autor) dirá que: “O tempo constituído, a série das relações possíveis segundo o antes e o depois não é o próprio tempo, é seu registro final, é o resultado de sua **passagem** que o pensamento objetivo sempre pressupõe e não consegue apreender. Ele é espaço, já que seus momentos coexistem diante do pensamento, é presente, já que a consciência é contemporânea de todos os tempos. Ele é um ambiente distinto de mim e imóvel em que nada passa e nada se passa. [...] / É em meu ‘campo de presença’ no sentido amplo – neste momento em que passo a trabalhar tendo, atrás dele, o horizonte da jornada transcorrida e, diante dele, o horizonte da tarde e da noite – em que tomo contato com o tempo, que aprendo a conhecer o curso do tempo. O passado mais distante tem, ele também, sua ordem temporal e uma posição temporal em relação ao meu presente, mas enquanto ele mesmo foi presente, enquanto ‘em seu tempo’ ele foi atravessado por minha vida, e enquanto ela prosseguiu até agora. Quando evoco um passado distante, eu reabro o tempo, me recoloco em um momento em que ele ainda comportava um horizonte de porvir hoje fechado, um horizonte de passado próximo hoje distante. Portanto, tudo me reenvia ao campo de presença como à experiência originária em que o tempo e suas dimensões aparecem **em pessoa**, sem distância interposta e em uma evidência última. É ali que vemos um porvir deslizar no presente e no passado. Essas três dimensões não nos são dadas por atos discretos: eu não me represento minha jornada, ela pesa sobre mim com todo o seu peso, ela ainda está ali, não evoco nenhum de seus detalhes, mas tenho o poder máximo de fazê-lo, eu a tenho ‘ainda em mãos’. Da mesma maneira, eu não penso na tarde que vai chegar e em sua seqüência (*sic*), e todavia ela ‘está ali’, como o verso de uma casa da qual vejo a fachada, ou como o fundo sob a figura.”

se possam conservar os significados e valores atribuídos por nós a determinadas coisas no contexto de nossas vidas consiste, enfim, no estabelecimento de uma **comunicação singularizada**, pois dotada de **vocabulário próprio**, entre nós e essas coisas. Depreende-se daí que, para que esta comunicação possa ocorrer, é necessária tanto a **existência dos entes comunicantes** – sujeito e coisa – quanto a existência de uma **mensagem** clara a ser compartilhada entre eles, sendo essa constituída, no caso, essencialmente a partir de conteúdos associados a experiências vividas pelo sujeito nas quais esse e a coisa encontram-se mutuamente envolvidos, que correspondem, por sua vez, ao mesmo vocabulário a que nos referíamos.

É preciso, portanto, que **nos comuniquemos a partir, primeiramente, de nossa percepção, e dispendo também desses conteúdos adquiridos, com as coisas, a fim de que elas possam igualmente continuar comunicando-se conosco**, tendo em vista, inclusive, o fato de que **é na comunicação do mundo percebido com o mundo vivido que enraíza-se o mundo do sentido**. E é de sentido, afinal, aquilo de que especialmente falamos ao tratar de percepção e constituição de paisagens, como também, em consequência, dos temas de sua conservação e capacidade de resiliência no âmbito patrimonial.

Na perspectiva do filósofo norte-americano Arnold Berleant – cuja obra *Living in the Landscape: Toward an Aesthetics of Environment* (1997) revela claramente influências recebidas da filosofia merleau-pontyana, particularmente na atenção concedida à participação do corpo na experiência paisagística –, essa comunicação poderia, com o propósito também de reduzir e, na medida do possível, eliminar os ruídos<sup>41</sup> que vez ou outra aí se fazem presentes, ser realizada através daquilo que ele denomina de estética do engajamento. É importante mencionar que, como base de sua reflexão, Berleant (1997, p. 12-13) adota uma clara distinção entre aquilo em que consiste um ambiente e aquilo em que consiste uma paisagem, apresentando o primeiro como dotado de um caráter “mais geral” (BERLEANT, 1997, p. 12, tradução nossa<sup>42</sup>) e a segunda como o fruto de uma experiência mais particularizada, na qual são incorporados de modos distintos por cada indivíduo os elementos responsáveis por ativar sua percepção desse mesmo ambiente. Com isso aporta, ao fim, em uma

---

<sup>41</sup>Para nós representados, por exemplo, por intervenções descaracterizantes em ambientes de caracteres tradicionais.

<sup>42</sup> Original em inglês: “[...] more general [...].”



definição que consideramos mais refinada, propriamente fenomenológica, do conceito específico de paisagem, na qual essa vê-se compreendida, em síntese, como um “ambiente vivido”. (BERLEANT, 1997, p. 12, tradução nossa<sup>43</sup>).

Tal definição, associada ao fato de que o vivido desdobra-se do percebido através do engajamento do ser-no-mundo, auxilia, pois, o filósofo a identificar que a origem de muitas das formas negativas que os indivíduos têm de se relacionar/comunicar com a paisagem na atualidade encontra-se fundamentalmente vinculada à condição experimentada por grande parte das sociedades contemporâneas de atrofia de determinadas sensibilidades. E esta atrofia, para Berleant, pode ser associada a duas causas principais, as quais correspondem, de um lado, à exposição massiva desses indivíduos a fatores geradores do que o filósofo designa como danos estéticos (BERLEANT, 1997, p. 74-77) – isto é, danos causadores de prejuízos à apropriação e uso dos sentidos, logo, também à vivência e apreciação de ambientes e paisagens – e, de outro, ao próprio modo de vida desses mesmos indivíduos, que apresenta, por exemplo, elevados índices de mobilidade que tendem a favorecer a perda do sentimento de pertencimento a um lugar em especial (BERLEANT, 1997, p. 100).

Neste contexto, entendemos que a proposta de Berleant de uma estética do engajamento pode ser vista, então, tanto como um convite à retomada do protagonismo do corpo na experiência primeiramente ambiental e, em seguida, paisagística – feito com o propósito de enriquecer as experiências de vida cotidianas de cada indivíduo –, quanto como uma defesa desse protagonismo, considerando que, através dele, representado pelo pleno engajamento do ser-no-mundo, pode-se alcançar um maior grau de consciência geral em relação ao cuidado para com a paisagem. O filósofo associa, pois, à prática de uma “percepção ativa” (BERLEANT, 1997, p. 110, tradução nossa<sup>44</sup>) – que reconhecemos como equivalente à descrita por Rosario Assunto (2011), capaz de fazer da alegria da natureza a nossa própria alegria – a possibilidade dos indivíduos acessarem, na paisagem, “aquela plenitude de valor a que chamamos beleza” (BERLEANT, 1997, p. 110, tradução nossa<sup>45</sup>) e, a partir daí, despertarem em si um desejo genuíno por seu cultivo, no qual estaria

---

<sup>43</sup> Original em inglês: “[...] ilived environment.”

<sup>44</sup> Original em inglês: “[...] active perception [...].”

<sup>45</sup> Original em inglês: “[...] that fulfillment of value we call beauty.”

implicado, afinal, o cultivo da própria paisagem por meio da atenção a seus mitos, iconemas e demais elementos conformadores.

É importante observarmos que, ainda no que diz respeito a tal proposta, Berleant a vincula ao conceito de quiasma que, no âmbito da filosofia merleau-pontyana,

[...] é a ideia de que toda percepção é formada por uma contrapercepção (oposição real de Kant), é ato de duas fases, não mais se sabe quem fala e quem escuta. Circularidade falar-escutar, ver-ser visto, perceber-ser percebido, (é ela que faz com que nos pareça que a percepção se realiza **nas próprias coisas**) - Atividade = passividade (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 239-240, grifo do autor).

A ideia de quiasma abarca, portanto, o reconhecimento da correspondência, ou da **continuidade**, entre o ser e o mundo que podemos experimentar com o corpo, dada pela condição igualmente expressa na obra *O visível e o invisível*, de Merleau-Ponty (2014), de que **nós e o mundo somos feitos da mesma carne**. Há, pois, uma **continuidade entre o corpo e a paisagem** que nos permite assumir esta última como uma “experiência corporificada”, como a considerará Berleant, (1997, p. 109, tradução nossa<sup>46</sup>), e determina também que os efeitos gerados sobre os ambientes e paisagens com os quais nos relacionamos terminem sendo, em um processo contínuo de ação e reação, inevitavelmente gerados sobre nós mesmos.

É mister compreender, logo, que o cuidado de cada indivíduo com a paisagem corresponde diretamente também a um cuidado consigo; em outras palavras, “o amor por um engloba o amor pelo outro” (BERLEANT, 1997, p. 110, tradução nossa<sup>47</sup>). Consideramos, tal como admitido a partir da hipótese central deste trabalho, que esta constitui uma das condições fundamentais para a conservação da identidade e o alcance de uma efetiva resiliência patrimonial da parte de cada paisagem, questão sobre a qual nos aprofundaremos nos capítulos seguintes, quando apresentaremos, à luz das considerações realizadas, a análise do caso que compõe a presente investigação.

Antes, porém, julgando sua relevância para a abordagem do sítio selecionado – ou, diga-se de passagem, para a abordagem de sítios patrimoniais e paisagens no geral –, procederemos com o desenvolvimento de algumas reflexões e

<sup>46</sup> Original em inglês: “[...] embodied experience.”

<sup>47</sup> Original em inglês: “[...] the love of the one encompasses the love of the other.”

considerações acerca de um importante processo participante do fenômeno da percepção, ao qual até o momento não havíamos dedicado a devida atenção: a constituição da intersubjetividade.

### 3.3 As paisagens da Paisagem

Ao nos debruçarmos sobre a análise do fenômeno perceptivo, somos sempre conduzidos à admissão do corpo como o veículo primordial da comunicação de cada indivíduo com o mundo, dado que é com o corpo, já o sabemos bem, que se percebe. Porém, sabendo igualmente que desta comunicação participam tanto nossas experiências passadas como as experiências provenientes de outrem, configurando uma “engrenagem de umas nas outras” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 18), é necessário compreendermos como se constitui, afinal, esse mecanismo e particularmente essa “unidade” resultante da articulação entre subjetividade e intersubjetividade (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 18) na percepção. Essa compreensão revela-se fundamental porque a partir dela pode-se avançar, pois, à iluminação do modo pelo qual se constitui o que designamos como um **sentido compartilhado** em torno, no nosso caso, daquilo que vem a ser reconhecido como paisagem, sendo importante ressaltar que esse de forma alguma corresponde a um sentido passível de ser tomado como absoluto, mas, sim, a um **sentido desdobrado a partir da confrontação de um conjunto de perspectivas e da confirmação de um conjunto de percepções** oriundas de um conjunto de indivíduos (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 18).

Partimos, então, da identificação – ou, se preferirmos, da premissa – de que nosso engajamento se realiza em um mundo que não é apenas natural, isto é, composto por certos tipos de formações geológicas, solos, vegetações, bacias hidrográficas, etc., mas também **social**, dado que nele habitam outros seres humanos. E, contra todos os prejuízos que o racionalismo venha, também aqui, tentar infringir à apreensão deste mundo, nós o encontraremos primeiramente

[...] não como objeto ou soma de objetos, mas como **campo permanente ou dimensão de existência**; posso desviar-me dele, mas não deixar de estar situado em relação a ele. Nossa relação ao social é, assim como nossa relação ao mundo, mais profunda que qualquer percepção explícita ou qualquer juízo. É tão falso nos situarmos na sociedade como um objeto no meio de outros objetos quanto colocar a sociedade em nós como objeto

de pensamento, e dos dois lados o erro consiste em tratar o social como um objeto. Precisamos retornar ao social com o qual estamos em contato só pelo fato de que existimos, e que trazemos ligado a nós antes de qualquer objetivação. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 485, grifo nosso).

Não é à toa que, como há bastante tempo já dizia o discípulo de Platão e fundador da escola peripatética, Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), o homem é um ser social. E com isto quer-se dizer que tanto a experiência quanto as expressões que caracterizam o ato de ser humano – ou seja, as expressões de nossa humanidade, como a cultura –, encontram-se vinculadas intrinsecamente a esta condição: a existência de uma relação primeira do indivíduo com outros indivíduos.

Para Merleau-Ponty, nossa ligação a este mundo social pode ser identificada especialmente através dos comportamentos, os quais “descem na natureza e depositam-se nela sobre a forma de um mundo cultural.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 465). Assim,

A civilização da qual eu participo existe para mim com evidência nos utensílios que ela se fornece. Se se trata de uma civilização desconhecida ou estranha, várias maneiras de ser ou de viver podem repousar sobre as ruínas, sobre os instrumentos quebrados que encontro ou sobre a paisagem que percorro. O mundo cultural é agora ambíguo, mas ele já está presente. Há ali uma sociedade a conhecer. Um Espírito Objetivo habita os vestígios e as paisagens. Como isso é possível? No objeto cultural, eu sinto, sob um véu de anonimato, a presença próxima de outrem. Servem-se do cachimbo para fumar, da colher para comer, da sineta para chamar, é pela percepção de um ato humano ou de um outro homem que a percepção do mundo cultural poderia verificar-se. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 465-466, grifo do autor).

Podemos dizer que é neste sentido, aliás, que Turri refere-se ao tema da autorreferencialidade da paisagem (TURRI, 2011, p. 173). Para o autor, como vimos, os indivíduos pertencentes a uma dada sociedade tendem à reprodução de determinadas características e condições do ambiente em que vivem segundo um processo de “percepção-representação” (TURRI, 2011, p. 174) – tendo a percepção/observação, portanto, como ponto de partida da representação/ação –, no qual a paisagem figura como referente fundamental. Essa paisagem, devemos lembrar, corresponde a um “reflexo da realidade fenoménica” (MORIN, 1983 *apud* TURRI, 2011, p. 173), dado que é resultante de atos de expressão, tanto dos indivíduos pertencentes àquela sociedade no passado quanto no presente, de seus modos de perceber, experimentar e interpretar o mundo, os quais dão origem, por sua vez, à produção de um tipo de conhecimento territorial “sobre cuja base a ação

prepara e alerta as próximas estratégias” (MORIN *apud* TURRI, 2011, p. 174), conformando o que Turri denomina de ciclo de *feedback* ou retroação (TURRI, 2011, p. 174) – precisamente o ciclo através do qual são reproduzidas aquelas características e condições ambientais anteriormente referidas. Trata-se de processos que, em última análise, nos evidenciam o reconhecimento da cultura e dos valores daquela sociedade pelos seus membros a partir das manifestações que a mesma insere na paisagem – daí o uso do termo “autorreferencialidade” –, e que são produzidas, cumpre-nos frisar, a partir de comportamentos derivados de determinadas formas de percepção do mundo pelos sujeitos. Mas trata-se de um reconhecimento que, como dizia Merleau-Ponty, não se limita de modo algum aos membros de tal sociedade, como igualmente se estende – ainda que com proporção e intensidade distintas – a indivíduos externos a ela. Esses, ao observarem o “espaço de natureza anônimo”, anterior à presença humana, convertido em “espaço cultural”, ali reconhecem a “presença próxima de outrem” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 466) através “de referências, de símbolos, de denominações (a denominação como reconhecimento topográfico, como eleição de lugares de valor prático e simbólico que se tonam culturais, entram na linguagem que produz cultura) e depois de objectos humanos” (TURRI, 2011, p. 174). Trata-se aí, pois, de elementos que auxiliam, resgatando dois conceitos fundamentais de Turri, o reconhecimento pelos indivíduos dos mitos fundadores assumidos na conformação de cada território e sua paisagem, bem como dos iconemas encarregados de serem portadores da identidade ou do espírito do lugar.

A percepção desse mundo cultural, nos adverte Merleau-Ponty, só pode ser, no entanto, verdadeiramente compreendida se nos dedicamos a romper, uma vez mais, com a abordagem objetivista do corpo e o vislumbramos na condição de corpo próprio ou fenomenal. Isto em razão de que, somente na perspectiva da experiência da “inerência de minha consciência ao seu corpo e ao seu mundo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 470) – portanto, também da condição de opacidade que possuímos em relação a nós mesmos, que inviabiliza, por sua vez, a concepção da existência de uma consciência constituinte universal e elimina ainda os conflitos que acompanham tal concepção<sup>48</sup> – compreendemos que outros corpos podem

---

<sup>48</sup> Definindo melhor estas relações, Merleau-Ponty (2011, p. 468) dirá: “Existem dois e somente dois modos de ser: o ser em si, que é aquele dos objetos estendidos no espaço, e o ser para si, que é aquele da consciência. Ora, diante de mim outrem seria um em si, e todavia ele existiria para si,

igualmente dispor de um engajamento e uma consciência próprios, deixando então de figurarem para nós como mais uma classe de objetos entre aqueles já existentes no mundo e mostrando-se, ao contrário, justamente como **comportamentos**. Neste caso, ocorre, em síntese, que

Sinto meu corpo como potência de certas condutas e de um certo mundo, sou dado a mim mesmo como um certo poder sobre o mundo; ora, é justamente meu corpo que percebe o corpo de outrem, e ele encontra ali como que um prolongamento miraculoso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; doravante, como as partes de meu corpo em conjunto formam um sistema, o corpo de outrem e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno, e a existência anônima da qual meu corpo é a cada momento o rastro habita doravante estes dois corpos ao mesmo tempo. Isso só representa um outro ser vivo e não ainda um outro homem. Mas esta vida estranha é uma vida aberta, assim como a minha com a qual ela se comunica. Ela não se esgota em um certo número de funções biológicas ou sensoriais. Ela anexa a si objetos naturais desviando-os de seu sentido imediato, ela constrói-se utensílios, instrumentos, **ela se projeta no ambiente em objetos culturais**. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 474, grifo nosso).

Devemos observar que, constituindo-se como vidas abertas, a do outro e a nossa, é possível dizermos que são vidas, ou ainda, consciências, perspectivas que escorregam umas sobre as outras, dado que não possuem limites rígidos definidos e são “ambas recolhidas em um só mundo do qual participamos todos como sujeitos anônimos da percepção.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 473). E é neste sentido, afinal, que podemos compreender como chegamos a admitir, por exemplo, que uma paisagem que nos toca possa vir também a tocar outros indivíduos, pois trata-se aí de um escorregamento de nossa subjetividade que promovemos sobre as demais a partir do momento em que compartilhamos o mesmo mundo na condição de “**campo de nossa experiência**” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 544, grifo do autor):

Meu amigo Paulo e eu estamos olhando uma paisagem. O que se passa exatamente? É preciso dizer que ambos temos sensações privadas, uma matéria de conhecimento para sempre incomunicável – que, no que concerne ao puro vivido, estamos encerrados em perspectivas distintas –, que para nós dois a paisagem não é *idem numero* e que se trata apenas de

---

para ser percebido ele exigiria de mim uma operação contraditória, já que ao mesmo tempo eu deveria distingui-lo de mim, portanto situá-lo no mundo dos objetos, e pensá-lo como consciência, quer dizer, como essa espécie de ser sem exterior e sem partes ao qual só tenho acesso porque ele sou eu, e porque nele se confundem aquele que pensa e aquele que é pensado. Portanto, no pensamento objetivo não há lugar para outrem e para uma pluralidade de consciências. Se eu constituo o mundo, não posso pensar uma outra consciência, pois seria preciso que ela também o constituísse e, pelo menos em relação a esta outra visão sobre o mundo, eu não seria constituinte. Mesmo se eu conseguisse pensá-la como constituindo o mundo, seria eu ainda que a constituiria como tal, e novamente eu seria o único constituinte.”

uma identidade específica? Ao considerar minha própria percepção, antes de qualquer reflexão objetiva, em nenhum momento tenho consciência de encontrar-me encerrado em minhas sensações. Meu amigo Paulo e eu apontamos com o dedo certos detalhes da paisagem, e o dedo de Paulo, que me aponta o campanário, não é um dedo-para-mim que eu **penso** como orientado em direção a um campanário-para-mim, ele é o dedo de Paulo, que me mostra ele mesmo o campanário que Paulo vê, assim como reciprocamente, fazendo um gesto em direção a tal ponto da paisagem que vejo, não me parece que desencadeio em Paulo, em virtude de uma harmonia preestabelecida, visões internas apenas análogas às minhas: ao contrário, parece-me que meus gestos invadem o mundo de Paulo e guiam seu olhar. Quando penso em Paulo, não penso em um fluxo de sensações privadas em relações mediatas com o meu através de signos interpostos, mas em alguém que vive o mesmo mundo que eu, a mesma história que eu, e com quem eu me comunico através desse mundo e dessa história. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 543-544, grifo do autor).

Essa comunicação, então, veremos que acontece de duas formas distintas. Na primeira, ela se dá ao dispormos de nossos sentidos e da abertura aos campos nos quais eles atuam – campo visual, auditivo, tátil, etc. –, permitindo, por exemplo, que observemos o comportamento de outro indivíduo em relação a um dado objeto, fazendo com que este adquira para nós eventualmente uma “nova camada de significação” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 473), deixando de ser apenas o que nós faríamos com ele e tornando-se também aquilo que o outro faria. A outra forma corresponde a uma comunicação que se serve igualmente daqueles campos, porém apoia-se essencialmente em uma cultura por assim dizer já consolidada, servindo-se de um instrumento em particular – ou objeto cultural, como o classificará Merleau-Ponty (2011, p. 474) – que usualmente já associamos ao ato de comunicar: a linguagem.

Para que compreendamos melhor seu papel, consideramos válido abordarmos antes, porém, ainda que sumariamente, a questão da fala. Na acepção da fenomenologia merleau-pontyana ela constitui-se como um importante “gesto” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 250) – logo, como uma expressão – do sujeito engajado no mundo, diferenciando-se, assim, da definição que lhe é usualmente atribuída pelas psicologias empirista e intelectualista, ou seja, a de simples resultante de algum de nossos pensamentos. Segundo essa última definição, haveria, pois, pensamentos capazes de bastarem a si mesmos, dotados de uma existência totalmente independente em relação à fala e ao uso das palavras, e, no entanto, a análise do fenômeno perceptivo (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 237-278) nos revela que não há um pensamento que exista completa e verdadeiramente para si: “nós nos damos nosso pensamento pela fala interior ou exterior [...] e é pela

expressão que ele se torna nosso.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 241-242). Dito de outro modo, nós não pensamos antes ou enquanto falamos; a fala **é** nosso pensamento (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 245).

Este entendimento faz-se de suma importância, pois, ao reportarmo-nos à questão da linguagem, ele nos conduz à compreensão de que, uma vez mais, diferentemente daquilo que defendem o empirismo e o intelectualismo, as palavras também não são meros invólucros do pensamento, desprovidas de qualquer sentido próprio, mas, sim, “seu emblema ou seu corpo”, manifestantes da “presença desse pensamento no mundo sensível” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 247). Portanto, no que se refere à denominação que atribuímos às coisas em geral – tal qual à paisagem – somos levados igualmente a compreender que ela “não vem depois do reconhecimento, ela **é** o próprio reconhecimento” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 242 grifo nosso). Quando vemos um objeto qualquer, afinal, nossa ação primeira nunca é a da associação deste objeto a um conceito específico presente em nosso espírito; ao contrário, “a palavra traz o sentido e, impondo-o ao objeto, tenho consciência de atingi-lo.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 242).

Ocorre que dispomos, por uma espécie de saber adquirido em nossa existência, de determinadas significações das palavras pertencentes à língua que praticamos, ou antes, à língua na qual **habitamos e vivemos**, não sendo-nos necessário, logo – tal como não o é, assim o vimos em relação aos movimentos do corpo próprio no espaço fenomenal –, a cada instante representá-las para então sabê-las e pronunciá-las. As palavras que conhecemos, dirá Merleau-Ponty, “estão atrás de mim, assim como os objetos estão atrás de minhas costas ou como o horizonte de minha cidade está em torno de minha casa; eu as levo em conta ou conto com elas, mas não tenho nenhuma ‘imagem verbal’.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 245). Desta forma,

Reporto-me à palavra assim como minha mão se dirige para o lugar de meu corpo picado por um inseto; a palavra é um certo lugar de meu mundo lingüístico (*sic*), ela faz parte de meu equipamento, só tenho um meio de representá-la para mim, é pronunciá-la, assim como o artista só tem um meio de representar-se a obra na qual trabalha: é preciso que ele a faça. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 246).

Podemos dizer, então, que a linguagem desponta de uma disposição do sujeito engajado no mundo à expressão, através da fala, de sua própria vinculação e



comunicação com este mundo, incluindo-se aí os outros sujeitos nele também presentes. E esta é, por sua vez, uma condição que evidencia o fato de que a linguagem é dotada de “uma significação existencial” que, segundo Merleau-Ponty (2011, p. 248) a habita e é dela inseparável. “A linguagem tem um interior”, dirá o filósofo, “mas esse interior não é um pensamento fechado sobre si e consciente de si” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 262); ao contrário, cada palavra “apresenta, ou antes ela é tomada de posição do sujeito no mundo de suas significações.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 262, grifo do autor). Referindo-se, por exemplo, à palavra “granizo”, Merleau-Ponty reconhece que seu sentido “não é feito de um certo número de caracteres físicos do objeto, ele é antes de tudo o aspecto que o objeto assume em uma experiência humana, por exemplo meu espanto diante desses grãos duros, friáveis e dissolventes que caem prontos do céu.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 540). Descarta, por conseguinte, a concepção de que as formas verbais são estabelecidas por convenções totalmente arbitrárias, dado que, uma vez compreendido seu caráter ou “sentido emocional” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 254), chega-se, afinal, ao entendimento de que

[...] as palavras, as vogais, os fonemas são tantas maneiras de cantar o mundo, e que eles são destinados a representar objetos, não como o acreditava a teoria ingênua das onomatopéias (*sic*), em razão de uma semelhança objetiva, mas porque eles extraem e, no sentido próprio da palavra, exprimem sua essência emocional. Se pudéssemos retirar de um vocabulário aquilo que é devido às leis mecânicas da fonética, às contaminações das línguas estrangeiras, à racionalização dos gramáticos, à imitação da língua por si mesma, descobriríamos sem dúvida, na origem de cada língua, um sistema de expressão muito reduzido, mas tal, por exemplo, que não seria arbitrário chamar de luz a luz se chamamos de noite a noite. A predominância das vogais em uma língua, das consoantes em outra, os sistemas de construção e de sintaxe não representariam tantas convenções arbitrárias para exprimir o mesmo pensamento, mas várias maneiras, para o corpo humano, de celebrar o mundo e finalmente de vivê-lo. Daí proviria que o sentido **pleno** de uma língua nunca é traduzível em uma outra. Podemos falar várias línguas, mas uma delas permanece sempre aquela na qual vivemos. Para assimilar completamente uma língua, seria preciso assumir o mundo que ela exprime, e nunca pertencemos a dois mundos ao mesmo tempo. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 255, grifo do autor).

Embora neste trabalho não nos dediquemos a explorar as especificidades concernentes aos idiomas português e italiano no que diz respeito ao uso da palavra “paisagem”, o que podemos depreender de tal fala é a condição de que, a fim de tornar possível a comunicação entre sujeitos, estes devam já dispor de determinadas significações elementares, as quais, fornecidas pela cultura,

“estabelecem entre os sujeitos falantes um mundo comum” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 253). E neste mundo podemos verificar mais claramente a manifestação da experiência intersubjetiva, uma vez que

Na experiência do diálogo, constitui-se um terreno comum entre outrem e mim, meu pensamento e o seu formam um só tecido, meus ditos e aqueles do interlocutor são reclamados pelo estado da discussão, eles se inserem em uma operação comum da qual nenhum de nós é o criador. Existe ali um ser a dois, e agora outrem não é mais para mim um simples comportamento em meu campo transcendental, aliás nem eu no seu, nós somos, um para o outro, colaboradores em uma reciprocidade perfeita, nossas perspectivas escorregam uma na outra, nós coexistimos através de um mesmo mundo. No diálogo presente, estou liberado de mim mesmo, os pensamentos de outrem certamente são pensamentos seus, não sou eu quem os forma, embora eu os apreenda assim que nasçam ou que eu os antecipe, e mesmo a objeção que o interlocutor me faz me arranca pensamentos que eu não sabia possuir, de forma que, se eu lhe empresto pensamentos, em troca ele me faz pensar. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 475).

É oportuno recordarmos aqui, a esse respeito, novamente a importante fala de Merleau-Ponty acerca do fato de que o mundo fenomenológico não é “o ser puro”, senão o sentido que desponta da intersecção de todas as nossas experiências, passadas e presentes, e na intersecção dessas com as experiências de outros indivíduos. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 18). E qual elemento melhor que a linguagem, diante do que expusemos, para promover essa intersecção ou articulação das experiências de um outro indivíduo às nossas, dado que, por nós mesmos, não podemos ter acesso diretamente a elas? Certamente que nossa indagação não deve ser interpretada como uma minimização do papel exercido pelos comportamentos neste processo, dado que é através deles que um outro ser e um mundo sociais e culturais nos são primeiramente revelados. Trata-se aqui apenas de um reconhecimento da potência que a linguagem aí possui, relacionado tanto a seu poder de expressão quanto de **transmissão**.

Em relação a estes poderes, vemos, pois, que, servindo-se da linguagem, aquilo que inicialmente fazem os indivíduos participantes de um diálogo é precisamente dispor-se a expressar-se. Afinal, sem este mínimo gesto qualquer diálogo não poderia existir. Porém, para que seja possível a coexistência mencionada por Merleau-Ponty, vemos também como fundamental que cada um dos envolvidos na comunicação partilhe de certo modo da expressão realizada pelo outro, acolhendo para si o relato de perspectivas, a narrativa de memórias, a descrição de imaginários, etc.; acolhendo, portanto, a **transmissão** de percepções e

experiências de seu interlocutor que lhe permitem, em certa medida, então aproximar-se de sua visão e compreensão do mundo. Mais do que isso, aliás, tal transmissão permite que essas mesmas percepções e experiências passem a reverberar naqueles que a recebem, vindo em seguida a influenciar, em maior ou menor medida, suas próprias percepções e experiências do mundo.

Cauquelin (2007, p. 19-22), abordando a narrativa da paisagem vislumbrada em um sonho por sua mãe a ela transmitida em dada ocasião, fornece-nos, neste sentido, um valioso exemplo. A autora refere-se, inclusive, a essa narrativa como uma doação, a partir da qual identifica que ocorre um certo entrelaçamento de sua percepção à de sua mãe, recebendo aí influências que passam a moldar sua forma de perceber e apreciar a paisagem:

A doadora se vê olhando aquilo que descreve, ela faz parte do quadro como um observador que se observaria observando e esquece a própria situação quando relata o que observa: “Eu estava sentada em minha poltrona verde, eu via...”. A doadora do quadro se torna a leitora de um “quadro com doadora”. Ela se descreve olhando o que vê como doadora, como imagem tomada do quadro que ela descreve. E, ao me contar essa dupla objetivação, o quadro é “dado” de uma só vez, como exterior a ela mesma, e ela – estando na imagem, sem, contudo, se ver nela – faz de mim a espectadora do quadro que sabe ter visto em sonho, do qual ela é uma parte, aquela que assina com seu perfil perdido o jardim perfeito da tela do sonho. (CAUQUELIN, 2007, p. 189-190).

Servindo-nos especialmente das considerações apresentadas ao longo deste mesmo capítulo, passamos assim à ideia de que a “Paisagem” – tomada com a inicial maiúscula para referir-se àquele que chamamos de seu sentido compartilhado, ou ainda, na expressão de Turri (2011, p. 173), à “redução *ad unum* da paisagem” – desponta da reunião de múltiplas doações, de outras tantas “paisagens” – correspondentes, por sua vez, a percepções e experiências paisagísticas tomadas ao nível de cada indivíduo – que estabelecem entre si algum grau de concordância e, a partir daí, reforçam-se mutuamente. Deste modo, podemos entender então que, quando nos referimos, por exemplo, à *Paisagem Vitivinícola do Piemonte: Langhe-Roero e Monferrato*, considerando particularmente o modo pelo qual é reconhecida pelos órgãos de patrimônio, referimo-nos, no fundo, ao modo estruturado pelo qual um certo conjunto de indivíduos, receptores e igualmente portadores de determinadas doações ou influências, percebe, concebe e se relaciona com aquele que assume como o caráter dessa mesma “Paisagem”.

Pode ocorrer, no entanto, de nem sempre esse reconhecimento ser compartilhado nos mesmos moldes por todos os membros da comunidade – não chegando nestes, em alguns casos, sequer a manifestar-se –, dando espaço a outras percepções, concepções e modos de relacionamento dos indivíduos com o território. Estes modos, como já o dissemos, compreendemos que interferem diretamente na determinação do potencial de resiliência da paisagem associada à sua dimensão patrimonial, o qual será maior ou menor, logo, dependendo do caráter daquelas percepções, concepções e modos de relacionamento que se fizerem predominantes.

Retoma-se aqui, portanto, a importância dos comportamentos, mas sobretudo da linguagem – das narrativas entre as quais consideramos que devem ser incluídos também componentes da linguagem de tipo não verbal como desenhos, pinturas e fotografias por sua capacidade de eloquência própria, verificada, por exemplo, no início deste capítulo ao abordarmos o papel das representações imagéticas no processo de apreensão da natureza como paisagem. E isto porque, enquanto de um lado vemos que esses elementos participam da comunicação e articulação das subjetividades, de outro podem revelar-nos precisamente qual ou quais são as percepções mais difundidas acerca de uma “Paisagem” no contexto de uma dada sociedade. É necessário que saibamos, afinal: de que “paisagens” essa “Paisagem” se faz?

## 4 A PAISAGEM VITIVINÍCOLA DO PIEMONTE: LANGHE-ROERO E MONFERRATO

*Cada colina era um mundo, feito de lugares sucessivos, inclinados e planos, semeados de vinhas, de campos, de selvas. Havia casas, tufos de bosque, horizontes. Depois de tanto olhar descobria-se sempre alguma coisa – uma árvore inusitada, uma curva do caminho, um curral, uma cor não vista. (PAVESE, 2021a, p. 217-218, tradução nossa<sup>49</sup>).*

Para sermos capazes de responder à questão deixada em aberto no capítulo anterior, ou seja, de que “paisagens” a “Paisagem” se faz, é necessário antes compreendermos como se conforma, afinal, a paisagem do sítio que selecionamos como estudo de caso da presente investigação, a *Paisagem Vitivinícola do Piemonte: Langhe-Roero e Monferrato*<sup>50</sup>. Tendo desenvolvido nos capítulos precedentes nossa abordagem dos temas da percepção e da paisagem, tratando, sempre que oportuno, de evidenciar suas inter-relações, neste capítulo nos centraremos, então, na apresentação do referido sítio, a fim de podermos prosseguir com nossas considerações acerca das relações entre a percepção e a capacidade de resiliência da paisagem.

De antemão, devemos pontuar que, dadas tanto a dimensão quanto a complexidade da área, optamos por realizar tal apresentação da seguinte maneira: iniciaremos pela descrição daquelas características que consideramos mais relevantes à obtenção de uma compreensão acerca do caráter mais geral do sítio, passando, em seguida, à caracterização dos dois recortes definidos em conformidade com nossa metodologia para o aprofundamento das análises pretendidas por este trabalho.

### 4.1 Caracterização geral do sítio

A *Paisagem Vitivinícola do Piemonte* está localizada, como o próprio nome indica, na região do Piemonte, ao norte da Itália (Ilustração 10). Corresponde a um sítio do tipo serial, conformado pela articulação de seis áreas ou componentes

<sup>49</sup> Original em italiano: “Ciascuna collina era un mondo, fatto di luoghi successivi, chine e piane, seminati di vigne, di campi, di selve. C'erano case, ciuffi di bosco, orizzonti. Dopo tanto guardare si scopriva ancor sempre qualcosa – un albero insolito, un giro di sentiero, un'aia, un colore non visto.”

<sup>50</sup> Optaremos por nos referir, deste momento em diante, às formas reduzidas “*Paisagem Vitivinícola*” ou “*Paisagem Vitivinícola do Piemonte*” do nome atribuído ao sítio com o intuito de tornar a leitura do texto mais fluida.

(Ilustração 11) situados, por sua vez, nas províncias de Alessandria, Asti e Cuneo, pertencentes ao território das *Langhe* de Roero e de Monferrato. A extensão total da principal área protegida pela UNESCO, a *core zone*, corresponde a 10.789 hectares, e nela abrigam-se 29 *comuni* (ou municípios). Há ainda uma *buffer zone* ou zona-tampão (Ilustração 11), definida como ferramenta auxiliar na preservação do caráter da *core zone*, e essa se estende por 72.249 hectares, nos quais encontram-se envolvidos 100 municípios (ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO, [201-?]a).

Os seis referidos componentes dessa paisagem (Ilustrações 12 a 17) são assim denominados: (1) *La Langa del Barolo*, (2) *Il Castello di Grinzane Cavour*, (3) *Le colline del Barbaresco*, (4) *Nizza Monferrato e il Barbera*, (5) *Canelli e l'Asti spumante*, (6) *Il Monferrato degli Infernot*<sup>51</sup>. Sua seleção se deu em função do entendimento de serem aqueles capazes de melhor expressar a singularidade da tradicional cultura vitivinícola presente na região, considerada há muito o suporte fundamental não só da vida econômica de seus habitantes, mas também daquelas social e cultural. De modo geral, abrigam lugares considerados referenciais no contexto do inteiro processo de fabricação do vinho – do cultivo da uva até a distribuição da bebida –, além de elementos que narram o processo histórico de ocupação e desenvolvimento do território, como castelos, igrejas, traçados viários, entre outros.

Cumpre-nos informar que, para se chegar à definição precisa desses componentes, foi primeiramente realizado pelos pesquisadores da Fondazione LINKS, em conjunto com a Associazione per il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato<sup>52</sup>, um amplo, longo e meticuloso estudo acerca das características do sítio e sua paisagem. Esse foi estruturado na análise daqueles que foram considerados como os três componentes<sup>53</sup> elementares dessa paisagem, a saber: o componente natural, relativo aos sistemas geomorfológico e hidrográfico,

<sup>51</sup>Optamos por manter a referência aos nomes originais dos componentes – isto é, tais como se apresentam no idioma italiano – a fim de evitar eventuais distorções na tradução de alguns termos.

<sup>52</sup>A associação, instituída em janeiro de 2011, é responsável pela gestão, promoção e valorização do território da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*, atuando também como ponto de contato entre os diversos agentes presentes nesse território. Na ocasião, aproveitamos para pontuar que optaremos por nos referir, deste momento em diante, à forma reduzida “*Associazione*” de seu nome, com o intuito de tornar a leitura do texto mais fluida.

<sup>53</sup>Optamos por manter a mesma designação atribuída a esses no dossiê final de candidatura a Patrimônio Mundial apresentado pelo sítio (ISTITUTO SUPERIORE SUI SISTEMI TERRITORIALI PER L'INNOVAZIONE, 2014), isto é, a de componentes, que no mesmo dossiê também é utilizada para referir-se às seis áreas que integram o território protegido.

às características de insolação e clima; o componente antrópico, relativo ao sistema agrário/vinicola, ao sistema urbanístico e arquitetônico e à estrutura sociocultural; e o componente perceptivo, no âmbito de tal estudo, relativo aos aspectos visuais ligados à apreensão estética do território (ISTITUTO SUPERIORE SUI SISTEMI TERRITORIALI PER L'INNOVAZIONE<sup>54</sup>, 2014, p. 39).

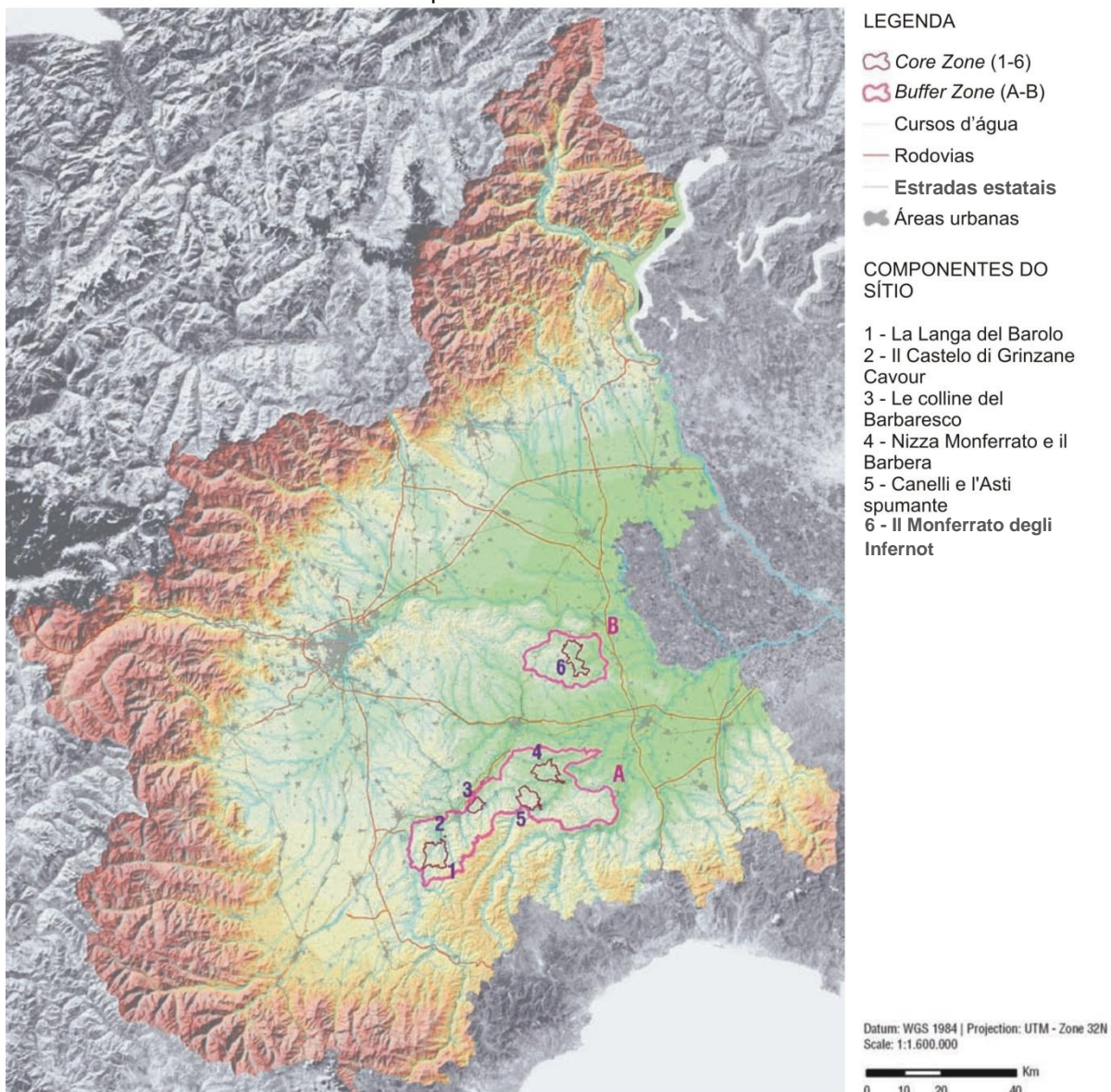
Ilustração 10 – Mapa indicativo da localização da região do Piemonte e do território da *Paisagem Vitivinícola* no contexto do território italiano



Fonte: (SiTI, 2014, p. 18).

<sup>54</sup> Nas referências aos trabalhos desenvolvidos pela Fondazione LINKS anteriormente ao ano de 2019 inseriremos a denominação da instituição à época, ou seja, Istituto Superiore sui Sistemi Territoriali per l'Innovazione (SiTI). Isto se deve ao fato de que somente a partir desse ano a fundação foi criada, incorporando o instituto em sua organização administrativa.

Ilustração 11 – Mapa da região do Piemonte contendo os componentes da *Paisagem Vitivinícola* e suas respectivas *core zone* e *buffer zone*



Fonte: Adaptado pela autora de SiTI (2014, p. 19).



Ilustração 12 – Vista de parte do território do componente 1 da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte, La Langa del Barolo*



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]r).

Ilustração 13 – Vista do *Castello di Ginzane Cavour*, correspondente ao componente 2 da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]d).

Ilustração 14 – Vista de parte do território do componente 3 da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte, Le colline del Barbaresco*



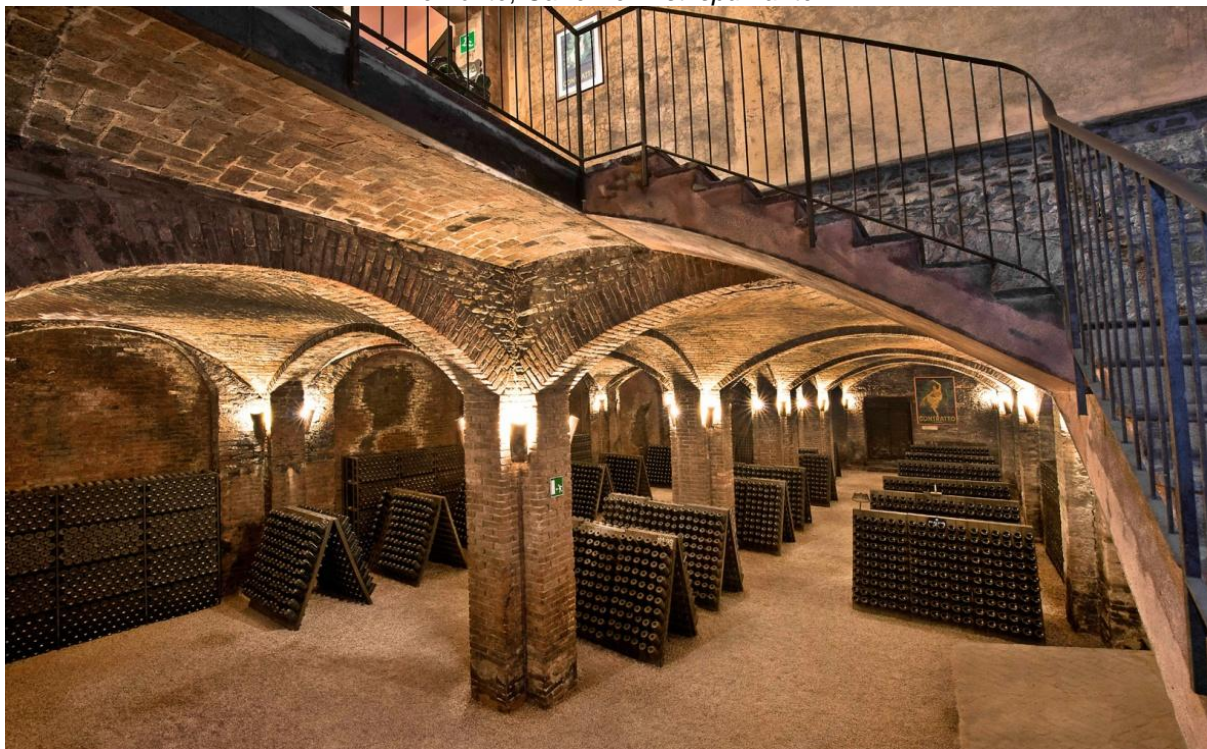
Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]t).

Ilustração 15 – Vista de parte do território do componente 4 da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte, Nizza Monferrato e il Barbera*



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]u).

Ilustração 16 – Vista de adega presente no território do componente 5 da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte, Canelli e l'Asti spumante*



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]b).

Ilustração 17 – Vista de adega escavada na rocha conhecida como *Pietra da Cantoni*, pertencente ao território do componente 6 da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte, Il Monferrato degli Infernot*



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]e).

Ao percebermos a paisagem, deve-se fazer a ressalva, é verdade que esses componentes não se nos apresentam dissociados entre si, mostrando-se a nós, ao

contrário, sempre entrelaçados. Considerando, porém, que essa divisão objetiva melhor estruturar e facilitar a apreensão das diversas características presentes no território da *Paisagem Vitivinícola*, julgamos oportuno reproduzi-la também em nossa própria apresentação do sítio, referenciando-nos nas informações de cada componente disponibilizadas pelos pesquisadores e presentes nos documentos elaborados para a candidatura do sítio à lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, além daquelas encontradas em fontes complementares e obtidas através da pesquisa em campo. No entanto, incluiremos aqui apenas os dados classificados por nós como mais relevantes à compreensão das interações estabelecidas entre os indivíduos e seu ambiente no contexto amplo da referida paisagem.

A começar, então, pelo **componente natural**, entre seus elementos constituintes podem ser primeiramente citados os tipos de solo, pobres em matéria orgânica, porém ricos em minerais e com grande capacidade de armazenamento de água, que permitem o amadurecimento das uvas mesmo em períodos secos e com ausência de irrigação. Observa-se que as variações em sua granulometria são relacionadas ao favorecimento do cultivo de um ou outro tipo de espécie vinícola, por exemplo: enquanto na região de Monferrato os solos mais arenosos beneficiam o cultivo de castas brancas, na região das *Langhe* a qualidade argilosa do solo leva ao predomínio de castas tintas. (SiTI, 2014, p. 42).

O clima, definido como temperado continental, é dividido em três faixas considerando-se a altitude em relação ao nível do mar e, associado às condições dos solos, também interfere no tipo das videiras que são cultivadas em cada local. A primeira faixa, onde se situam as porções do território entre 250 e 300 metros acima do nível do mar, corresponde às regiões mais quentes, que são aquelas mais favoráveis ao cultivo de uvas com ciclo de amadurecimento mais longo. A segunda faixa, com áreas entre 300 e 450 metros de altitude, é propícia ao cultivo de variedades que produzem vinhos mais frutados e aromáticos. Já a terceira faixa, situada entre 450 e 600 metros, beneficia o cultivo de uvas que resultam em vinhos igualmente aromáticos, porém mais suaves. (SiTI, 2014, p. 42-44).

Quanto à rede hidrográfica, forma-se a partir da capilarização do rio Tanaro, que atravessa toda a extensão do sítio e conforma-se como um de seus elementos referenciais. Este mesmo rio, cumpre-nos acrescentar, contribuiu para moldar o característico relevo da região, definido pela presença de vales circundados por

conjuntos de colinas – em um passado remoto cobertos por um mar –, e teve importância significativa em seu processo de ocupação. (SiTI, 2014, p. 40).

Tal processo nos remete ao **componente antrópico**, que é aquele que melhor o ilustra por abarcar uma série de manifestações das relações entre os homens e a natureza no contexto da *Paisagem Vitivinícola*. No que tange a essas manifestações, começaríamos por destacar, partindo das características anteriormente apresentadas, a seleção pelos agricultores do cultivo de espécies de uvas historicamente presentes no território piemontês e bem adaptadas às suas condições, ao contrário do observado em outras regiões vitivinícolas em que ocorre a introdução de espécies exógenas sem vínculos diretos – tanto históricos como ambientais – com o sítio. (SiTI, 2014, p. 45-47).

O processo de fabricação dos vinhos, produto que se sabe intimamente associado à identidade do lugar, é outro item deste componente claramente digno de destaque. E isto em função do fato primordial de que

Cada tipo de vinho deriva de uma técnica de vinificação específica, desenvolvida e aperfeiçoada ao longo dos séculos por viticultores e enólogos através da experiência e de um cuidadoso estudo acerca das aptidões enológicas próprias de cada casta. Cada variedade tem características que são condicionadas pelo *terroir* de origem, tendo um efeito significativo sobre o vinho resultante. Por exemplo, a fase de envelhecimento – uma parte crucial do ciclo de produção – é condicionada pelas aptidões enológicas das castas: de fato, algumas são melhores para a fabricação de vinhos que devem ser bebidos jovens, enquanto outros [...] atingem sua qualidade somente após longos períodos de envelhecimento em barris ou barricas. (SiTI, 2014, p. 47-48, tradução nossa<sup>55</sup>).

No que tange à história dessa produção, é interessante citar que dela se tem registros na região que remontam à época romana, quando

[...] a viticultura se difundia pelas colinas bem expostas da região do Monferrato de Asti, segundo um processo que no mesmo período irradiava-se de Cherasco, interessando a área próxima de Alba, de onde provém a estela do século I d.C. representando um vagão carregado com barris. É claramente uma imagem evocativa da produção vitivinícola da época, a que também se refere a estela de Asti do século II d.C. enriquecida pela

<sup>55</sup>Original em inglês: “Every type of wine derives from a specific winemaking technique, developed and perfected over the centuries by winegrowers and oenologists, with experience and careful study of the specific oenological aptitudes of each grape-variety. Each variety has characteristics, conditioned by the *terroir* of origin, such as to have a significant effect on the resulting wine. For example, the ageing phase – a crucial part of the production cycle – is conditioned by the oenological aptitudes of the grape-varieties: in fact, some are best for making wines that have to be drunk young, while others [...] reach the desired quality only after long periods of ageing in barrels or *barriques*.”

representação de uma lebre ocupada em comer um cacho de uvas e que parece aludir à “estreita relação entre a decoração do monumento funerário e o cultivo local provavelmente mais difundido” (COMBA, 1994). Além disso, para testemunhar a vocação vitivinícola da região colaboram algumas referências literárias coevas ao historiador grego Stradone (60 a.C.-20 d.C.) que recorda, na época das vindimas, a prática de construir barricas de madeira maiores do que as casas “para recolher e conservar” o abundante vinho destas regiões, considerado de qualidade acra por Plínio, o Velho [...]. (SiTI, 2009a, p. 79, tradução nossa<sup>56</sup>).

Ilustração 18 – Representação de lebre alimentando-se de um cacho de uvas contida em estela de Lucio Campio Mansueto, datada do século II d.C.



Fonte: (SiTI, 2009a, p. 78).

Deve-se mencionar que a consciência diante da excepcionalidade, assim como da necessidade de proteção desse patrimônio conformado por uma série de saberes e práticas vinculados à produção vitivinícola local, fez, inclusive, com que a Região Piemonte<sup>57</sup> adotasse política própria para sua qualificação e defesa – não só

<sup>56</sup>Original em italiano: “[...] la viticoltura si diffondeva sui colli ben esposti del Monferrato astigiano, secondo un processo che nello stesso periodo si irradiava da Cherasco interessando la vicina area Albese, da cui proviene la stele del I sec. d.C. raffigurante un carro carico di botti. Si tratta chiaramente di un’immagine evocativa della produzione vitivinicola del tempo, a cui rimanda anche la stele astigiana del II sec. d.C. arricchita dalla raffigurazione di un leprotto impegnato a mangiare un grappolo di uva, che pare alludere alla “stretta relazione tra il decoro del monumento funerario e la coltivazione locale verosimilmente più diffusa” (COMBA, 1994). Inoltre a testimoniare la vocazione vinicola dell’area concorrono alcuni riferimenti letterari coevi riconducibili allo storico greco Stradone (60 a.C.-20 d.C.) che ricorda, in periodo di vendemmia, la prassi di costruire botti in legno più grossi delle case “per raccogliere e conservare” l’abbondante vino di queste regioni, considerato di qualità aspra da Plinio il Vecchio [...]”

<sup>57</sup>Na divisão administrativa italiana, uma região corresponde a uma área gerida pelo país a partir das administrações presentes nas assim chamadas províncias que integram essa região e que correspondem, em um paralelo com a divisão administrativa brasileira, àqueles que seriam os estados.

referente aos vinhos em si, mas também à paisagem à qual estão diretamente relacionados –, expressa através do instrumento conhecido como Denominação de Origem, instituído na Itália em 1963<sup>58</sup>. O país adota especificamente a designação Denominação de Origem Controlada (DOC), que se subdivide ainda, em ordem crescente segundo o padrão de qualidade apresentado, nos rótulos DOC Padrão, DOC Intermediário, DOC Primeiro Nível e DOCG (Denominação de Origem Controlada e Garantida). Em linhas gerais, trata-se de instrumento que implica o estabelecimento de alguns critérios e normas básicas a serem cumpridos pelos vitivicultores em cada etapa do processo de fabricação dos vinhos, a fim de que seus produtos possam ser certificados e, antes de tudo, a tradição vitivinícola local possa ser devidamente conservada para também continuar sendo promovida e transmitida às gerações subsequentes. (SiTI, 2014, p. 48). Torna-se importante, neste sentido, acrescentar também a referência ao fato de que

O Piemonte é atualmente a região italiana com o maior número de vinhos classificados com o selo DOP – Denominações de Origem Protegida –, compreendendo 42 vinhos com o selo DOC – Denominação de Origem Controlada – e 16 com o selo DOCG – Denominação de Origem Controlada e Garantida. [...] cada vinho com a denominação de origem abarca diferentes tipos de produtos ligados ao território (subzonas, menções geográficas, vinhas), técnicas enológicas (*novello*, *passito*, *spumante*, espumante, etc.), envelhecimento (*riserva*) e especificidades analíticas e organolépticas (*superiore*). No total, o Piemonte pode oferecer, no âmbito das 58 denominações regionais, uma vasta gama de cerca de 600 tipos de vinho, também modulados em diferentes níveis de preços. A área de Langhe-Roero e Monferrato incorpora a maior parte do DOC e DOCG no Piemonte, apresentando 27 vinhos com o selo DOC e 13 com o selo DOCG. Em particular, mais de 90% das vinhas deste sítio estão inseridas em áreas abrangidas por denominação específica, confirmando a ampla qualidade que caracteriza os vinhos do lugar. (SiTI, 2014, p. 48-49, tradução nossa<sup>59</sup>).

<sup>58</sup>É importante acrescentar que no ano de 1924, o Parlamento italiano havia já promulgado uma lei relacionada a vinhos típicos, determinando que as suas características fossem definidas e informadas nos estatutos relacionados a cada consórcio formado para sua tutela. Com relação a essa última, inclusive, pelo menos desde 1908 há notícias da criação de associações que, estabelecidas sob demanda dos produtores, deveriam ser responsáveis pela emissão de certificados de origem, entre outras atribuições. (CONSORZIO DI TUTELA BAROLO BARBARESCO ALBA LANGHE E DOGLIANI, [20--?]).

<sup>59</sup>Original em inglês: “Piedmont is currently the Italian region with the highest number of wines classified as DOP – Denominations of protected origin, comprising both the 42 D.O.C. wines – holding the Denomination of Controlled Origin – and the 16 D.O.C.G. wines – holding the Denomination of Controlled and Guaranteed Origin. [...] every single wine with the denomination of origin comprises different types of products linked to the territory (subzones, geographic mentions, vineyards), oenological techniques (*novello*, *passito*, *spumante*, sparkling, etc.), ageing (*riserva*), and analytical and organoleptic specificities (*superiore*). In total, Piedmont is able to offer, within the scope of the 58 regional denominations, a wide range of about 600 typologies of wine, also modulated on different price levels. The Langhe-Roero and Monferrato area incorporates most of the DOC and DOCG in Piedmont, presenting 27 DOC and 13 DOCG wines. In particular, over 90%

Essas vinhas, que são, afinal, elementos de notório destaque na composição da *Paisagem Vitivinícola*, formando nela uma espécie de gigantesco mosaico, concentram e denotam, por sua vez, diversos daqueles mesmos saberes associados à produção vitivinícola piemontesa dos quais falávamos. E o fazem, especialmente, assim pode-se considerar, através das diversas técnicas que nelas são empregadas.

Nas vinhas, as videiras são organizadas em fileiras, as quais são intercaladas com corredores de passagem, úteis sobretudo durante a época de colheita dos frutos, a *vendemmia* (vindima, em português). Na *Paisagem Vitivinícola*, no entanto, esses corredores são relativamente pequenos se comparados àqueles de outras regiões produtoras, pois enquanto em grande parte dessas faz-se hoje o uso de maquinário para a realização de tal tarefa, na primeira mantém-se a tradição da colheita manual porque considera-se que isso interfere na qualidade dos vinhos produzidos ao final. Nota-se, ainda, em termos de tradição, a utilização nas vinhas da *Paisagem Vitivinícola* da antiga técnica conhecida como arranjo de espaldeira, na qual são instaladas estruturas verticais destinadas a servir de suporte ao desenvolvimento das videiras. Já para a poda é normalmente utilizada a técnica dita Guyot – desenvolvida por Charles Guyot em meados do século XIX –, que serve para orientar o crescimento das espécies através da quantidade de botões que são deixados livres. (SiTI, 2014, p. 50-51).

A orientação das plantações é outro item merecedor de atenção. Ela é feita preferencialmente nos terrenos posicionados a sul, sudeste, leste e oeste, dado que aí identifica-se que há melhor qualidade de exposição à insolação, fundamental à realização do processo de fotossíntese pelas videiras. As fileiras de plantas são, então, adaptadas às condições de declividade desses terrenos e frequentemente têm seus arranjos dispostos de modo a acompanhar as curvas de nível segundo a técnica chamada de *girapoggio*, derivada de um

[...] profundo conhecimento que o homem tem das aptidões dos solos. Na verdade, essa técnica garante que as raízes das videiras tenham uma melhor aderência à terra, evitando deslizamentos e a lavagem do solo. É uma técnica raramente encontrada com tanta frequência em outras regiões do mundo, sendo particularmente coerente com a conformação geomorfológica dessas colinas e com uma gestão racional dos terrenos em inclinação. (SiTI, 2014, p. 50, tradução nossa<sup>60</sup>).

---

of the vineyards in this territory are comprised within areas covered by specific denomination, confirming the widespread quality that characterises the territory's wines.”

<sup>60</sup>Original em inglês: “[...] man's in-depth knowledge of the aptitudes of the soils. In fact, this technique ensures that the roots of the vines have a better grip on the land, preventing landslides and the soil



Apesar de ser esta a técnica mais comum, em alguns locais, todavia, é possível verificar também a aplicação das técnicas denominadas *ritocchino* e *cavalcapoggio*: na primeira, as videiras são dispostas no sentido da declividade do terreno; na última, aplicada a encostas não muito irregulares ou inclinadas, faz-se uma espécie de arranjo intermediário em relação aos dois anteriores (Ilustração 19). (SiTI, 2014, p. 50-51).

Ilustração 19 – Técnicas para disposição das filas de videiras na *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*  
*Girapoggio* *Ritocchino* *Cavalcapoggio*



Fonte: Adaptado pela autora de SiTI (2014, p. 50).

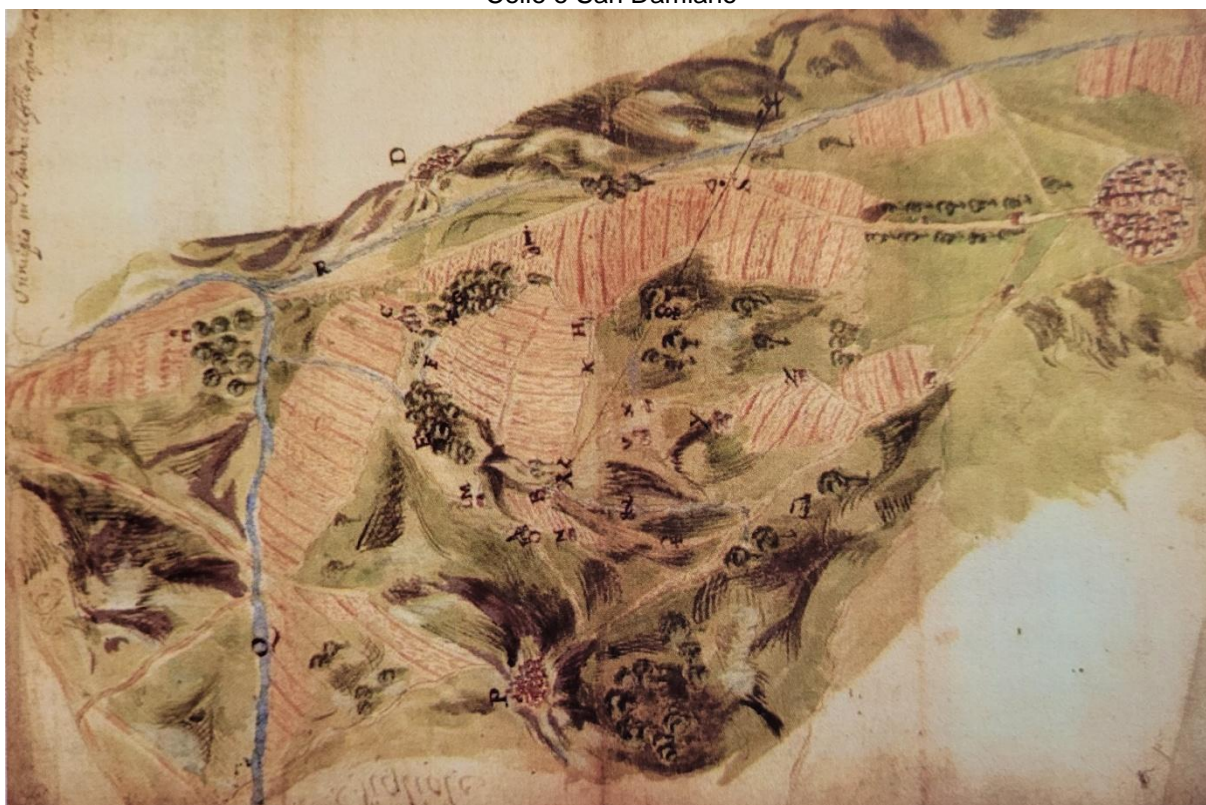
É interessante pontuar que datam do século VIII os primeiros registros de uma vinha no território piemontês, embora a presença destes elementos seja certamente anterior a essa data. E, na descrição apresentada nesses registros, a vinha em questão é precisamente “caracterizada por uma forma vagamente trapezoidal, alongada e estreita, [que] se desenvolvia ao longo das linhas de

---

from being washed away. It is a technique rarely found so frequently in other winegrowing regions of the world, being particular coherent with the geomorphological conformation of these hills and a rational management of sloping ground.”

inclinação máxima de uma encosta montanhosa ao sul do Tanaro perto de Vigliano”. (SiTI, 2009a, p. 80, tradução nossa<sup>61</sup>). As mesmas características gerais podem ser encontradas em outro registro de 1668, correspondente a uma representação da organização da paisagem agrária na região entre Tigliole, Celle e San Damiano (Ilustração 20).

Ilustração 20 – Representação de 1668 da organização da paisagem agrária na região entre Tigliole, Celle e San Damiano



Fonte: (SiTI, 2009a, p. 80).

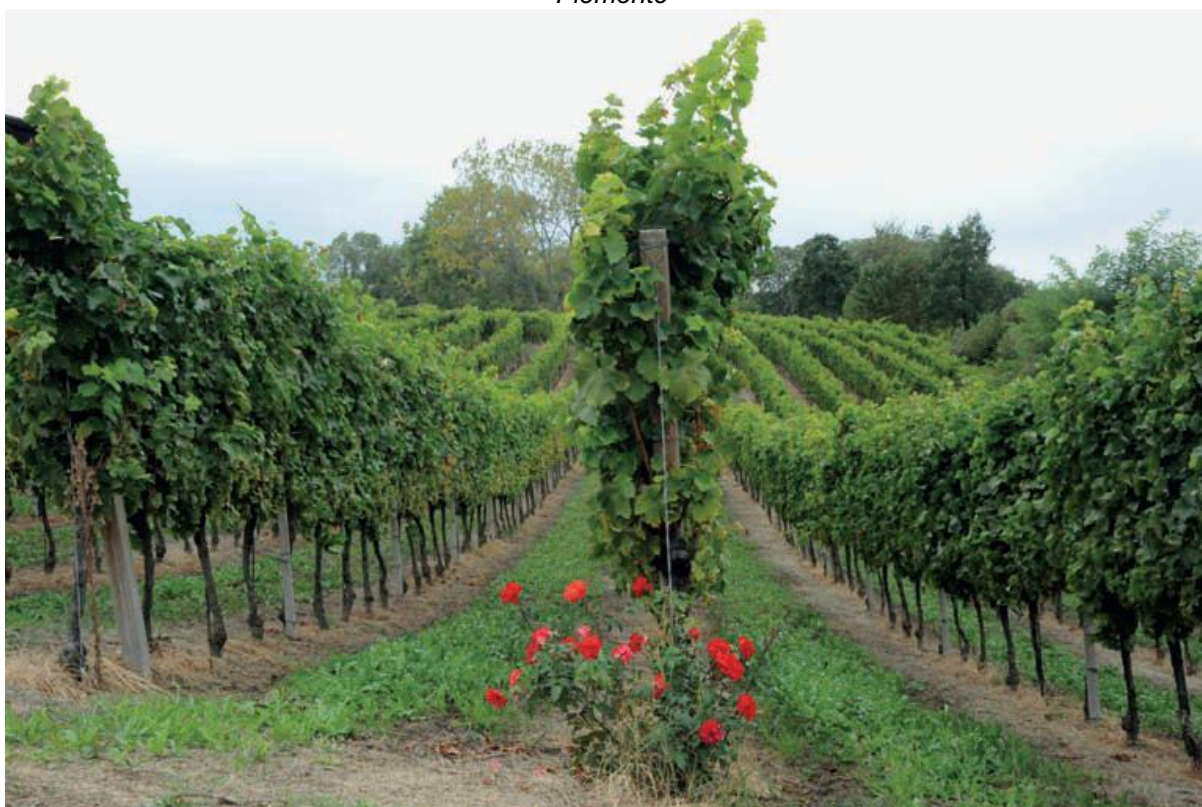
Nas vinhas, precisamente no fim das fileiras de videiras, outra característica comum – e tradicional – é a presença de roseiras (Ilustração 21). Isto, contrariamente ao que se possa pensar, não consiste em simples arremate estético, nem em algo feito com a intenção de conferir maior perfume às uvas, como alguns poderiam ser levados a crer partindo, inclusive, de crenças baseadas em contos da mitologia grega<sup>62</sup>. Essas roseiras, pelo conhecimento adquirido ao longo dos

<sup>61</sup>Original em italiano: “[...] connotata da un impianto di forma vagamente trapezoide, allungato e stretto, si sviluppava secondo le linee di massima pendenza di un versante collinare a sud del Tanaro nei pressi di Vigliano.”

<sup>62</sup>Referimo-nos aqui ao mito da criação da rosa – considerada a rainha das flores –, que narra a participação de cinco deuses: Clóris ou Flora, responsável pela conversão do corpo de uma ninfa na flor; Afrodite, responsável por conferir-lhe beleza; Dionísio, responsável por conceder-lhe o

milênios dedicados pelos homens à viticultura, são ali inseridas para atuar como sentinelas prontas a defender as videiras contra a invasão de fungos e parasitas, dado que, sendo mais frágeis, são normalmente atacadas primeiro, alertando os viticultores a tempo sobre a necessidade de medidas orientadas à solução do problema. (SiTI, 2014, p. 51).

Ilustração 21 – Roseira plantada ao final de uma fileira de videiras na *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*



Fonte: (SiTI (2014, p. 51).

O tempo, a propósito, em vários aspectos é um fator fundamental no contexto da *Paisagem Vitivinícola*. Para além do fato evidente de ter sido ao longo do tempo que tal paisagem adquiriu, a partir especialmente das marcas nela impressas pelo homem, características que são hoje parte de sua identidade e motivo de seu reconhecimento como patrimônio cultural, deve-se pontuar também o fato de que há também um tempo relativo ao próprio processo de fabricação do vinho, que envolve toda a cultura em torno desse mesmo processo e se conforma, afinal, como outra importante expressão do componente antrópico nessa paisagem.

---

perfume; e Zéfiro e Apolo, sendo o primeiro responsável por afastar as nuvens para que o último conseguisse iluminá-la e fazê-la, enfim, florescer.

Este último tempo, a nosso ver, é passível de ser subdividido, para fins de análise, em algumas dimensões. A primeira corresponde precisamente àquela do tempo ao longo do qual constituiu-se a experiência necessária à formação do conhecimento acerca de cada etapa envolvida na fabricação da bebida, incluindo-se aí as técnicas de plantio, cultivo e poda das videiras, organização das vinhas, composição e maturação de cada variedade de vinho, etc. Permeada por essa dimensão, há também aquela relativa ao tempo de transmissão desse conhecimento – para a qual contribui, a propósito, o uso da linguagem abordado no capítulo anterior –, sem o que não teria sido possível a consolidação deste último e tampouco sua incorporação na vida daqueles que atualmente encontram-se ligados à prática da vitivinicultura na região. Mas, quiçá a mais fundamental seja aquela referente ao tempo derivado da sincronização entre o tempo humano e o tempo natural, na qual a cultura do vinho é, então, efetivamente vivida pelos indivíduos pertencentes às comunidades locais. Observa-se, neste sentido, que

O trabalho na vinha segue um calendário amplamente baseado na experiência, que permaneceu aproximadamente o mesmo durante séculos e conduziu à busca por operações segundo a observação da evolução das condições climáticas nas várias estações do ano [...]. É um trabalho desenvolvido sem pausas ao longo dos doze meses do ano – com uma concentração particular de atividades durante a vindima (setembro-outubro) e a época de poda (janeiro-março) – que influenciou a organização das atividades cotidianas e deu vida a um rico patrimônio de folclore. (SiTI, 2014, p. 62, tradução nossa<sup>63</sup>).

Marca-se o início das atividades nas vinhas em outubro – após a realização da vindima –, que é quando acontece a fertilização e a lavoura dos terrenos com vistas à colheita do próximo ano. Procede-se em seguida – antes da chegada do inverno, que no hemisfério norte ocorre em dezembro – com a preparação dos canais de drenagem para a coleta de águas fluviais e, a depender das condições atmosféricas, geralmente em meados de janeiro começa a chamada poda seca ou poda de inverno, que pode vir a estender-se até fins de março em função da recomendação da tradição agrícola de que é melhor que seja executada sempre fora da lua cheia (Ilustração 22). Em abril, os ramos das videiras são atados aos suportes

---

<sup>63</sup>Original em inglês: “Work in the vineyard follows a calendar largely based on experience, which has been more or less the same for centuries, which has led to the pursuit of operations in observance of the evolution of the climatic conditions in the various seasons of the year [...]. It is work developed without pausing throughout the twelve months of the year – with a particular concentration of activities during the grape harvest (September-October) and pruning time (January-March) – which has influenced the organisation of everyday activities and given life to a rich heritage of folklore.”

instalados ao longo das fileiras nas vinhas (arranjos de espaldeira) e em maio é a vez da poda verde, quando são removidos ramos desnecessários que possam prejudicar o desenvolvimento das uvas. Já no princípio do verão, comumente é realizada a manutenção da limpeza dos terrenos e o eventual corte de folhas que possam estar comprometendo a adequada insolação dos cachos, visando-se favorecer com isso tanto o amadurecimento desses quanto a prevenção de doenças. (SiTI, 2014, p. 62-63).

Ilustração 22 – Figura datada do período tardo-medieval contendo a representação da atividade de poda das videiras durante o mês de março



Fonte: (SiTI, 2009a, p. 86).

No outono, então, retorna-se ao momento da vindima. E, no que diz respeito a esta etapa em particular,

[...] cujo início varia consoante a casta, sempre representou o fulcro de um ano inteiro de trabalho e hoje, como no passado, é o momento culminante no qual os resultados tão esperados de tanto trabalho ao longo do ano podem ser alcançados. Toda a família é envolvida na colheita das uvas: os homens carregam as cargas pesadas, as mulheres, com suas mãos pequenas, podem alcançar os cachos escondidos entre a folhagem densa, as crianças trabalham nos ramos mais baixos e os idosos supervisionam as operações. Os vizinhos muitas vezes ajudam, porque uma vez iniciada, a colheita deve ser concluída em quaisquer condições climáticas para garantir que todas as uvas colhidas sejam da mesma qualidade, a fim de que o vinho produzido seja o mais uniforme possível. Também é parte da tradição que amigos e parentes que vivem nos grandes centros durante o ano dirijam-se ao campo especialmente para ajudar os viticultores e compartilhar um momento tão importante. Durante a colheita, as uvas

sempre são colhidas manualmente e depositadas em um contêiner transportado até o final da fileira; os vários recipientes são então levados para as caves. Este procedimento nunca mudou, no sentido de que a colheita é sempre manual, enquanto os contêineres e o transporte utilizados passaram por mudanças. As cestas de vime, usadas até a invenção do plástico, foram substituídas por caixotes. A sequência de operações após a colheita, desde a pesagem até a prensagem e a fermentação, ainda mantém as características que foram consideradas melhores ao longo dos séculos para garantir a produção de excelentes vinhos. (SiTI, 2014, p. 63, tradução nossa<sup>64</sup>).

As ilustrações exibidas a seguir (Ilustrações 23 a 28) exibem algumas dessas características:

Ilustração 23 – Registro da vindima de 1893 realizada no município de Cassine



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]g).

<sup>64</sup>Original em inglês: “[...] the start of which varies depending on the grape variety, has always represented the fulcrum of a whole year’s work and today, as in the past, it is the culminating moment in which the long-awaited results of so much hard work during the course of the year can be achieved. The whole family is involved in harvesting the grapes: the men carry the heavy loads, the women, with their small hands, can reach the bunches hidden among the dense foliage, the children work on the lowest canes and the elderly supervise operations. Neighbours often help out, because once begun, the harvest has to be completed in any weather conditions, to guarantee that all the grapes harvested are of the same quality so that the wine produced will be as uniform as possible. It is also traditional for friends and relations, who maybe live in town during the year, come out to the countryside specially to help the winegrowers and share such an important moment. During the harvest, the grapes have always been hand-picked and deposited in a container which is carried to the end of the row; the various containers are then taken to the cellars. This procedure has never changed, in the sense that the harvest always takes place by hand, while the containers and transport used have changed. Wicker baskets, which were used until plastic was invented, have been replaced by crates. The sequence of operations after harvesting, from weighing, to pressing and fermenting still retains those characteristics that have been considered best over the centuries to guarantee the production of excellent wines.”

Ilustração 24 – Registro de vindima realizada no território da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte* com data estimada entre fins do século XIX e primeira metade do século XX



Fonte: (PAESAGGI VITIVINICOLI UNESCO, 2020).

Ilustração 25 – Registro da vindima de 1974 realizada no município de Barolo



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]j).

Ilustração 26 – Registro da vindima de 1980 realizada no município de Barolo



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]i).

Ilustração 27 – Registro da vindima de 2021 realizada no município de Barbaresco



Fonte: (CANTINA GIUSEPPE CORTESE, 2021).

Ilustração 28 – Registro da vindima de 2021 realizada no município de Barbaresco



Fonte: (CANTINA GIUSEPPE CORTESE, 2021).



Como é possível percebermos, para as comunidades do território da *Paisagem Vitivinícola* a colheita em si configura-se já como uma espécie de grande celebração. No entanto, é comum haver outros festejos associados à ocasião. Tradicionalmente, nos meses de setembro ou outubro, as localidades costumam organizar eventos que, além de servirem para a promoção de produtos típicos locais, oferecem diversas atividades de entretenimento aos seus participantes. (SiTI, 2014, p. 65). No cartaz para a divulgação da *Festa da Uva* de 1937 do município de Cassine (Ilustração 29), por exemplo, realizada entre os dias 12 e 19 de setembro daquele ano, verifica-se que na programação constava: “14 horas – Inauguração dos quiosques, início da venda da uva e degustação a preços populares dos deliciosos doces e moscatéis de Cassine / 16 horas – Concerto da Banda Dopolavoristica de Cassine / 17 e 21 horas – Grande baile público na praça Belvedere com iluminação à veneziana” (ASSOCIAZIONE..., [201-?]s, tradução nossa).

Ilustração 29 – Cartaz de divulgação da *Festa da Uva* de 1937 do município de Cassine



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]s).

Ao longo dos outros meses, a organização de feiras e exposições ligadas ao tema da vitivinicultura também evidencia a importância do papel assumido pela atividade na vida social e cultural das comunidades locais. Trata-se, como nos exemplos anteriores, de eventos que há tempos acontecem, tal como podemos ver nos cartazes de duas feiras realizadas no município de Asti: uma em 1891 (Ilustração 30) e outra em 1924 (Ilustração 31).

Ilustração 30 – Cartaz de divulgação da *Festa de Maio* de 1891 do município de Asti



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]p).

Ilustração 31 – Cartaz de divulgação da 1ª Mostra de Vinhos Piemonteses e Feira de Degustação, realizada no município de Asti em 1924



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]q).

Abordando os locais em que vivem essas comunidades, ou seja, os assentamentos urbanos contidos no território da *Paisagem Vitivinícola*, inicialmente podemos considerar que são os elementos integrantes do componente antrópico que talvez mais facilmente nos auxiliem a identificar os modos pelos quais as comunidades originárias optaram por estabelecer suas relações com o território, e nele começaram a imprimir suas marcas. Esses assentamentos conservam, ainda hoje, diversos vestígios do processo de sua organização, notando-se, por exemplo, que

O traçado da infraestrutura [viária] existente ainda segue em grande parte as estradas construídas na época romana, particularmente a *Via Fulvia*, que acompanhava a bacia do Tanaro, aberto ao tráfego desde tempos pré-históricos e incluído no sistema de navegação romano. Uma malha de estradas parte do fundo do vale, permitindo a comunicação entre as principais cidades na planície, assim como a comunicação entre estas e outras cidades menores. O mesmo sistema segue ainda outros itinerários mais antigos, tal como fazem as cidades menores que traçam suas rotas



Ainda no âmbito da infraestrutura viária, gostaríamos de indicar ainda outro detalhe a ser observado. Esse consiste no fato de que também a atual hierarquização das vias, classificadas como estatais, regionais e locais, respeita a subdivisão definida no século XVIII pela Casa de Savoia (SiTI, 2014, p. 53), tradicional família da nobreza europeia com presença na região do Piemonte e que no século XIX participou ativamente do movimento pela unificação do Reino da Itália, alcançada no ano de 1871.

No que tange aos assentamentos urbanos presentes no território propriamente ditos, aqui compreendidos pelo conjunto composto por essa infraestrutura e edificações, são resultantes de antigas ocupações romanas associadas a conquistas militares realizadas na região ou de ocupações constituídas espontaneamente durante a Idade Média. Naqueles localizados nas planícies, podemos considerar como digno de nota o fato de que a subsistência das comunidades no passado ali instaladas já atrelava-se significativamente ao desenvolvimento de atividades agrícolas e à exploração de recursos locais, sendo este um fator fundamental na justificativa da escolha por sua implantação próxima aos leitos de rios – o que evidencia, aliás, a mencionada importância do rio Tanaro para o processo de ocupação e desenvolvimento do território. Ocorre que, por dispor de tal localização, esses núcleos muitas vezes atuavam também como pontos de comércio – dado que os rios costumavam ser utilizados para o tráfego de embarcações<sup>66</sup> –, dedicando espaços próprios para a troca de mercadorias. Assim, ao longo do tempo, esses lugares puderam desempenhar e consolidar “um papel fundamental na economia do território, especialmente para as exportações intercontinentais de vinhos locais de prestígio”. (SiTI, 2014, p. 54, tradução nossa<sup>67</sup>).

No que diz respeito aos núcleos localizados nos topos das colinas, de formação atribuída ao período medieval, percebe-se que são visivelmente menores em relação aos núcleos anteriores: enquanto estes últimos chegam a apresentar uma média de 20.000 habitantes, os primeiros têm, comumente, menos de 1.000. Outras duas características que os distinguem residem no fato de que, ao longo de sua história, esses pequenos núcleos se dedicaram particularmente à vitivinicultura, e no fato de que tiveram, como se poderia deduzir, seus traçados ajustados às

---

<sup>66</sup> Uso mantido até meados do século XIX (SiTI, 2014, p. 54).

<sup>67</sup> Original em inglês: “[...] a fundamental role in the territory’s economy, especially for intercontinental exports of prestigious local wines.”

características do relevo, apresentando a partir daí duas variações básicas vinculadas diretamente também ao caráter dos assentamentos. Esses podem ser classificados como assentamentos de tipo centralizado e assentamentos realizados ao longo de caminhos: enquanto os primeiros definem-se pela formação ao redor de construções proeminentes, como uma igreja ou um castelo, que, “muitas vezes implantadas em posição elevada [...], desempenhavam funções de utilidade pública, atraindo a distribuição do tecido urbano a sua volta” (SiTI, p. 55, tradução nossa<sup>68</sup>), os últimos são definidos pela implantação ao longo de estradas antigas, apresentando sua malha urbana “disposta de modo linear, com lotes posicionados ao longo da estrada principal, criando uma parede arquitetônica contínua.” (SiTI, p. 55, tradução nossa<sup>69</sup>).

Como indicado acima, em cada um desses núcleos podemos, pois, verificar a presença de construções que, além de constituírem-se como testemunhos do passado das comunidades, atuando como referenciais fundamentais para a compreensão dos processos de sua formação e de formação de suas identidades, conformam-se também como outros elementos-chave para a compreensão do caráter que essas mesmas identidades têm hoje. Igrejas e castelos são alguns exemplos dessas construções que assumem, assim, a função de iconemas da paisagem de cada localidade e, em relação às primeiras, no contexto da *Paisagem Vitivinícola*, é interessante observarmos que

[...] nos processos de formação do território, os edifícios sagrados desempenham não apenas um papel religioso, mas também um papel civil e institucional, garantindo às populações um ponto de referência central para o desenvolvimento dos assentamentos e o sentido coletivo de pertencimento à comunidade local. As igrejas paroquiais – geralmente de origem medieval e depois reconstruídas durante o século XVIII para se adequarem aos gostos barrocos – distinguem cada aldeia, estando situadas em estreita relação com a paisagem urbana e agrícola, conformando, ainda hoje, a estrutura básica dos principais assentamentos de origem antiga. (SiTI, 2014, p. 55, tradução nossa<sup>70</sup>).

<sup>68</sup>Original em inglês: “[...] often located in a raised position [...] performed functions of public utility, attracting the distribution of the urban fabric around them.”

<sup>69</sup>Original em inglês: “[...] arranged in a line, with plots positioned along the main road, creating a continuous architectural wall.”

<sup>70</sup>Original em inglês: “[...] in the processes of territorial formation, holy buildings play not only a religious role but also a civil and institutional role, guaranteeing the populations a point of central reference for the developments of the settlement structures and the collective sense of belonging to the local community. The parish churches – usually of Medieval origin and then rebuilt during the 18th century to suit baroque tastes – distinguish every village, placed in close relationship with the urban and farming landscape, forming, even today, the basic structure of the main historical settlements.”

Do mesmo modo, os castelos constituem outros elementos catalisadores do território, refletindo não só processos de assentamento, mas igualmente características das diversas culturas arquitetônicas presentes na região:

As transformações na imagem e nas funções [...] ao longo dos séculos – de postos de defesa medievais a espaços de lazer barrocos – não alteraram seus papéis social e econômico fundamentais. Cada edifício é visível à distância graças à sua dimensão impressionante e às torres que se erguem no horizonte das paisagens vitivinícolas de Langhe-Roero e Monferrato: não são meros sinais visuais para o observador, mas componentes que estão profundamente integrados ao tecido social e econômico do território, tornando-se um símbolo de *status* não só para a proprietários, mas também para toda a comunidade. (SiTI, 2014, p. 56, tradução nossa<sup>71</sup>).

Somando-se às igrejas e castelos, a presença dos assim chamados lugares do vinho no âmbito dessas comunidades é outro item a ser destacado, visto que estão também diretamente associados à sua identidade. Esses lugares são referentes a toda cadeia produtiva da bebida, porém aqui optamos por destacar aqueles relacionados às etapas de produção e armazenamento por revelarem de forma mais significativa saberes tradicionais e práticas particulares vinculados à cultura vitivinícola da região. Os lugares de produção são, pois, geralmente abrigados em antigas construções com uso voltado à agricultura, como as ditas *cascine contadine* (casas camponesas), ou em cômodos localizados no subsolo de antigos castelos, palácios e mosteiros, por exemplo, onde no passado realizava-se o armazenamento de alimentos, além da fabricação do vinho. Alguns, contudo, correspondem a obras datadas de tempos mais recentes, que buscam ser construídas “**o mais integradas possível na paisagem**, respeitando os conceitos tradicionais de subdivisão das áreas de trabalho.” (SiTI, 2014, p. 57, tradução nossa<sup>72</sup>, grifo nosso). A configuração de cada lugar varia conforme as demandas do vinho a ser fabricado, tendo em vista que cada tipo da bebida apresenta especificidades em seu processo de elaboração. Deste modo,

---

<sup>71</sup>Original em inglês: “The transformations of the image and in the functions [...] over the centuries – from being medieval defence posts to baroque places of leisure – have not altered their fundamental social and economic role. Every building is visible at a distance thanks to the impressive size and towers that rise into the skyline of the Langhe-Roero and Monferrato vineyard landscapes: these aren’t merely visual signals to the observer, but components that are deeply integrated into the social and economic fabric of the territory, becoming a *status* symbol not only for the owners but also for the whole community.”

<sup>72</sup>Original em inglês: “[...] integrated as much as possible into the landscape, respecting the traditional concepts of subdivision of the working areas.”

O tipo de produto e as diferentes técnicas de vinificação condicionam as dimensões e a divisão interna dos cômodos utilizados para abrigar o maquinário e equipamentos específicos: por exemplo, as vinhas que produzem vinhos tintos para envelhecimento têm lugares apropriados para alojar grandes barricas de carvalho, onde o produto é envelhecido, enquanto as vinhas de espumantes caracterizam-se pela presença de locais para alojar as autoclaves de aço utilizadas para fermentar o sumo das uvas. (SiTI, 2014, p. 60, tradução nossa<sup>73</sup>).

Os lugares destinados ao armazenamento do vinho são usualmente cômodos subterrâneos pertencentes a residências privadas, os quais, ditos *crutin* (termo em dialeto equivalente a “pequena adega”), destinam-se a conservar os vinhos a uma temperatura constante. Ocorre que, em muitos casos, esses lugares representam “um inestimável patrimônio de arquitetura vernacular” (SiTI, 2014, p. 60, tradução nossa<sup>74</sup>), sendo essa particularmente a condição dos assim chamados *infernot*. Servindo à mesma função dos *crutin*, mas à diferença destes, os *infernots* são espaços no subsolo escavados diretamente na rocha conhecida como *Pietra da Cantoni* (Ilustração 17) (SiTI, 2014, p. 60): trata-se de uma rocha de base calcária encontrada exclusivamente na região de Monferrato, composta a partir da sedimentação de fósseis marinhos datada de 15 a 20 milhões de anos atrás – quando ainda se fazia presente o mar na região –, e muito utilizada desde antes do ano 1000, pelo que se tem notícia, como material construtivo e ornamental em construções (SASSONE, 2005, p. 67).

Passamos agora ao terceiro e último componente dentre aqueles considerados elementares no estudo da *Paisagem Vitivinícola* – e que fundamentaram, vale lembrar, a definição dos seis outros componentes representantes de seu caráter: o **componente perceptivo**. Como mencionado previamente, no âmbito do estudo desenvolvido pelos pesquisadores da Fondazione LINKS, esse componente foi relacionado especificamente aos aspectos estético-visuais da paisagem em questão, cabendo a nós pontuar, partindo de nossa filiação à fenomenologia merleau-pontyana, ser isto algo que, à primeira vista, poderíamos vislumbrar como uma limitação da compreensão do modo pelo qual a paisagem é efetivamente percebida e experimentada pelos indivíduos – ou seja, com a

<sup>73</sup>Original em inglês: “The type of product and the different winemaking techniques condition the dimensions and internal division of the rooms used to house specific machinery and equipment: for example, estates that make red wines for ageing have places suited to housing large oak barrels, where the product is aged, while the *spumante* estates are characterised by the presence of places to house the steel autoclaves used to ferment the must.”

<sup>74</sup>Original em inglês: “[...] an inestimable heritage of vernacular architecture [...].”



participação de todos os sentidos. Não o é, no entanto, a partir do momento em que compreendemos ser este um enfoque não apenas orientado à análise dessa paisagem, mas também à definição dos limites do território a ser protegido, pautada, por sua vez, nos critérios de integridade e de unidade visual. Com relação ao tema do emprego dos demais sentidos, devemos fazer ainda a ressalva de que, na apresentação dos dois componentes anteriores – natural e antrópico –, identificam-se determinadas características que expressam o seu envolvimento na paisagem, como as experiências dos aromas e sabores dos vinhos nela produzidos, as texturas dos solos e das vinhas, etc., as quais exploraremos melhor adiante com a finalidade de tornar esse envolvimento um pouco mais evidente. Atendo-nos no momento, à apresentação das características elencadas como definidoras do componente ora considerado, essas referem-se precisamente àquelas que determinam a “extraordinária riqueza das relações visuais” (SiTI, 2014, p. 70, tradução nossa<sup>75</sup>) contida na *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*, que admite-se ser derivada basicamente da articulação existente entre a conformação do relevo local, as vinhas e os assentamentos urbanos.

O relevo, definido pela alternância de colinas e vales, permite muitas vezes que haja a visibilidade de uma cidade em relação a outra, gerando um certo sentido de integração entre elas (Ilustração 33). Tal conformação permite também a variação, conforme a posição do observador em pontos mais baixos ou elevados, das perspectivas sobre o território, e é interessante destacar que alguns desses pontos mais altos, que conformam grandes mirantes, são providos de telescópios a fim de conceder ao observador a possibilidade de estender o alcance de sua visão, sendo ainda, dada a sua relevância para a fruição e apreensão da paisagem, objetos de proteção especial no âmbito do *Plano Regional da Paisagem*. Em termos dessa fruição e apreensão, a relação visual estabelecida entre o sítio da *Paisagem Vitivinícola* e a grande cadeia de montanhas dos Alpes é, a propósito, outro importante ponto a ser destacado: nos dias em que a visibilidade é favorecida pela presença de pouca névoa e maior claridade, os Alpes passam a figurar, enfim, como parte do quadro a ser contemplado, algumas vezes assumindo o papel de fundo sobre o qual o referido sítio vem, então, revelar-se. (SiTI, 2014, p. 70-71).

---

<sup>75</sup>Original em inglês: “[...] extraordinary wealth of visual relations [...].”

Ilustração 33 – Vista dos núcleos urbanos dos municípios de Castiglione Falletto (no plano intermediário, à direita) e La Morra (aos fundos, à esquerda) a partir de praça no centro do município de Serralunga d'Alba



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Quanto às vinhas, essas compõem, como já dissemos, um grande mosaico que influi significativamente na conformação dessa paisagem. Sua influência não se limita ao desenho como também se estende, junto de outras áreas de matas não cultivadas, sobre a definição das cores e texturas (Ilustrações 34 a 36) com as quais a paisagem apresenta-se à percepção de cada indivíduo:

[...] tanto as superfícies cultivadas como as matas se estendem por longos trechos como um tapete, caracterizando a paisagem com sua cor, ritmo e o desenho das parcelas agrícolas. A vinha, em termos de traçado e geometria, é um dos cultivos mais característicos em termos de textura: a dimensão, o tipo de arranjo, o nível de monocultura ou de combinação com outras culturas são elementos que modulam a imagem da paisagem. (SiTI, 2014, p. 75, tradução nossa<sup>76</sup>).

<sup>76</sup>Original em inglês: “[...] both the cultivated surfaces and woods extend for long stretches like a carpet, characterising the landscape with their colour, rhythm and the design of the farming parcels. The vineyard, in terms of layout and geometry, is one of the most characteristic cultivations in terms of texture: the dimension, the type of arrangement, the level of single crop plantation or mixing with other crops are elements that modulate the image of the landscape.”

Ilustração 34 – Registro feito no verão de vinhas e áreas não cultivadas presentes no território da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Ilustração 35 – Registro feito no outono de vinhas e áreas não cultivadas presentes no território da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]r).

Ilustração 36 – Registro feito no inverno de vinhas presentes no território da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*



Fonte: (PAESAGGI VITIVINICOLI UNESCO, 2021).

Particularmente no que diz respeito à cor, é válido informar que aquela exibida especificamente pelas vinhas está diretamente relacionada não só às variações do aspecto das videiras ao longo das estações do ano, mas também ao tipo de casta cultivada. Ocorre que

O aspecto cromático das variedades de uvas é regulado pela presença de clorofila no período vegetativo (primavera/verão) da planta, que proporciona a existência de diferentes tonalidades de verde. À medida que envelhecem, as folhas perdem a cor verde associada à presença de clorofila e adquirem uma cor amarelada vinculada à presença de carotenoides, que não são mais obliterados pela clorofila, ou uma coloração avermelhada devido ao acúmulo de pigmentos antocianicos. Geralmente, as variedades de uvas coloridas [...] assumem uma cor avermelhada [...], enquanto as variedades de uvas brancas [...] assumem uma tonalidade amarelada. (SiTI, 2014, p. 75, tradução nossa<sup>77</sup>).

<sup>77</sup>Original em inglês: “The chromatic aspect of the grape-varieties is regulated by the presence of chlorophyll in the vegetative period (spring/summer) of the plant that offers different shades of green. As they age, the leaves lose the green colour due to the presence of chlorophyll, and take on a yellowish colour, due to the presence of carotenoids, which are no longer hidden by the chlorophyll, or a reddish colour, due to the accumulation of anthocyanic pigments. Generally, coloured grape varieties [...] take on a reddish colour [...], while white grape-varieties [...] take on a yellowish hue.”

Os tipos de solos encontrados em cada parte do território são outro fator a interferir na cor exibida pela paisagem. Aqueles de base calcária, ricos em carbonato de cálcio, geralmente são de cor branca, cinza claro ou bege, enquanto aqueles ricos em óxidos de ferro e magnésio são, por seu turno, dotados de coloração mais avermelhada. (SiTI, 2014, p. 75).

Em se tratando dos assentamentos urbanos, no âmbito do componente perceptivo da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte* destacam-se pelo fato de que – junto de algumas construções em particular, especialmente aquelas diferenciadas em altura, como castelos, igrejas e torres – constituem-se como grandes referentes visuais, atuando como “imagens-símbolo que identificam os lugares na mente da população e de visitantes” (SiTI, 2014, p. 70, tradução nossa<sup>78</sup>). E, considerando a imagem-símbolo, admite-se que aquela correspondente ao sítio da *Paisagem Vitivinícola* como um todo é atribuída, essencialmente, à “relação que se estabeleceu no tempo entre os assentamentos e a plantação de vinhas nas encostas das colinas onde são implantados” (SiTI, 2014, p. 70, tradução nossa<sup>79</sup>). Tanto que, é através fundamentalmente desses elementos que ela se vê comumente apresentada, por exemplo, em pinturas e fotografias destinadas a retratá-la – como teremos a oportunidade de verificar melhor mais à frente –, além de obras literárias – destacando-se aquelas de Cesare Pavese (1808-1950), Beppe Fenoglio (1822-1963) e Davide Lajolo (1912-1984) –, narrativas de habitantes e viajantes, as quais contribuem, aliás, para reforçar essa mesma imagem.

Tendo concluído, pois, a apresentação dos três componentes elementares da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*, uma importante observação a se fazer corresponde ao fato de que todas as relações descritas no âmbito do componente perceptivo, somadas às demais referentes aos componentes natural e antrópico, corroboram e reforçam, enfim, a afirmativa por nós previamente formulada sobre a impossibilidade de se efetuar a criação de categorias totalmente herméticas para os elementos integrantes da paisagem. Constatamos que todos participam – simultânea e indissociavelmente – tanto do modo pelo qual a paisagem se apresenta à percepção e se constitui propriamente como paisagem – remetendo-nos aqui particularmente à ideia contemplada no conceito do *Stimmung* simmeliano –, quanto,

---

<sup>78</sup>Original em inglês: “[...] image-symbols that identify the places in the minds of the population and of outside users.”

<sup>79</sup>Original em inglês: “The relationship that has been established in time between centralised settlements and the plantation of vineyards on the slopes of the hills where they are built [...]”

pode-se ainda dizer, de sua autorreferencialidade: características associadas ao componente natural, bem o vimos, encontram-se intrinsecamente associadas a determinadas características do componente antrópico; estas, por sua vez, incidem diretamente sobre características associadas ao componente perceptivo, e assim sucessivamente.

Passamos, neste momento, então, a uma sumária apresentação dos seis componentes elegidos como representantes do caráter da *Paisagem Vitivinícola*, mencionados no princípio desta seção. Inicialmente, esclarecemos que faremos de tal forma porque, lembrando que desejamos oferecer aqui uma compreensão do caráter mais geral desta paisagem, julgamos que essa pode ser melhor obtida precisamente através dos três componentes já caracterizados. Acreditamos que a apresentação, de todo modo, se faz necessária, pois diz respeito a determinadas particularidades de cada zona inserida na delimitação do território chancelado pela UNESCO.

Primeiramente, os componentes identificados pelos números 1, 3, 4 e 5 (respectivamente denominados *La Langa del Barolo*, *Le colline del Barbaresco*, *Nizza Monferrato e il Barbera*, *Canelli e l'Asti spumante* e respectivamente retratados nas ilustrações 12, 14, 15 e 16), correspondem aos “quatro sistemas de produção vitivinícola mais relevantes do Piemonte, cada um obtido a partir de uma ligação particular entre variedade de uva, *terroir* (solo e clima) e técnica de vinificação.” (ASSOCIAZIONE..., [201-?]a, tradução nossa<sup>80</sup>). Expressam, além disso, uma forte e tradicional ligação dos indivíduos com o território e com o conjunto de atividades relacionadas ao processo de fabricação dos vinhos, os quais, diante de sua singularidade, são, por sua vez, diferenciados pelos selos *DOCG Barolo*, *Barbaresco*, *Barbera d'Asti* e *Asti Spumante*.

O componente 2, correspondente ao *Castello di Ginzane Cavour* (Ilustração 13), constitui-se como um dos “lugares simbólicos para a história e desenvolvimento da viticultura e enologia nacional e internacional” (ASSOCIAZIONE..., [201-?]a, tradução nossa<sup>81</sup>). Trata-se de construção cujo núcleo original – constituído pela torre central de base quadrada –, estima-se que tenha sido erguido por volta do século XV, sendo as ampliações que caracterizam sua forma atual datadas de

<sup>80</sup>Original em italiano: “[...] quattro sistemi produttivi più rilevanti in Piemonte, ognuno generato da un particolare legame tra vitigno, *terroir* (suolo e clima) e tecnica di vinificazione.”

<sup>81</sup>Original em italiano: “[...] luoghi simbolo per la storia e lo sviluppo della viticoltura e dell'enologia nazionale e Internazionale [...]”

épocas posteriores. No século XIX, foi adquirido pelo ex-primeiro-ministro do então Reino de Itália, Camillo Benso (1810-1861), intitulado Conde de Cavour, o qual, interessando-se e atuando também no campo da agricultura, ali supervisionou pessoalmente os experimentos ligados à qualidade dos vinhos produzidos na região, que mais tarde se tornariam os principais vinhos tintos piemonteses. (ASSOCIAZIONE..., [201-?]d).

Por fim, o componente 6, *Il Monferrato degli Infernot* (Ilustração 17), representa notadamente o encerramento do ciclo do vinho. É caracterizado principalmente pela existência dos já citados *infernots*, correspondentes, vale lembrar, a estruturas vernaculares escavadas na *Pietra da Cantoni* dedicadas ao armazenamento da bebida e que manifestam um tradicional saber construtivo local.

\*\*\*

Reunindo aqui, pois, todas as características até o momento apresentadas sobre a *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*, podemos dizer que em conjunto exprimem, dentre outros tantos importantes aspectos, notadamente a manutenção, no curso de um longo espaço temporal, de uma série de tradições, costumes e mesmo significados e valores a ela relacionados, além de sinalizarem, com isso, também a manutenção de um tipo particular de relação ali estabelecida no passado entre os homens e seu ambiente. Essa vemos conformar-se, por sua vez, como manifestação da presença de uma cultura que permanece há tempos viva e vibrante no contexto de cada uma das comunidades da região, sendo esta a razão, a propósito, pela qual tal paisagem, além de ser reconhecida como paisagem cultural pela UNESCO, é enquadrada pela organização na categoria específica de paisagem cultural contínua, aplicada, no caso, a uma paisagem que

[...] mantém um papel social ativo na sociedade contemporânea intimamente associado ao modo de vida tradicional, e na qual o processo evolutivo ainda se encontra em andamento. Simultaneamente, apresenta evidências materiais significativas de sua evolução ao longo do tempo. (UNESCO, 2008 *apud* SiTI, 2014, p. 36, tradução nossa<sup>82</sup>).

---

<sup>82</sup>Original em inglês: “[...] retain an active social role in contemporary society closely associated with the traditional way of life, and in which the evolutionary process is still in progress. At the same time it exhibits significant material evidence of its evolution over time.”

A essa dita evolução, cujo caráter compreendemos como diretamente associado às condições da resiliência apresentada pelo sítio, dedicaremos então, a partir de agora, nossa particular atenção. E o faremos servindo-nos dos dois recortes do sítio por nós selecionados, os sítios de Barolo e Barbaresco, através da apresentação e análise de sua conformação histórica, dos principais elementos presentes em suas respectivas paisagens e das transformações nestas eventualmente ocorridas.

#### 4.1.1 Barolo, de La Langa del Barolo

Barolo (Ilustração 37), município situado na porção sudoeste do território da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*, possui 5.590 quilômetros quadrados de extensão, altitude variável entre 213 e 490 metros acima do nível do mar e cerca de 700 habitantes. As vinhas ali presentes são preferencialmente dedicadas ao cultivo da uva chamada Nebbiolo, espécie historicamente presente na região piemontesa<sup>83</sup>, com a qual é produzido tanto o vinho Barolo quanto aquele do selo Barbaresco.

Diferentemente dos municípios em sua vizinhança, com núcleos urbanos implantados em topos de colinas, Barolo encontra-se implantado em uma espécie de planalto protegido pelas colinas circundantes (Ilustração 38) e diz-se, aliás, que seu nome tem relação com esta característica, sendo possivelmente derivado do termo celta “*bas reul*”, equivalente a “lugar baixo”. (COMUNE DI BAROLO, [20--?]d). Seu assentamento é desenvolvido em torno do assim designado Castello Comunale Falletti di Barolo (Ilustração 39). Diante da ausência de informações disponíveis, desconhece-se a época exata do princípio da formação do sítio, admitindo-se de todo modo que

Embora a área tenha sido frequentada tanto em períodos pré-históricos como posteriores por tribos celto-ligúrias, na sequência subjugadas pelos romanos, parece provável que o primeiro povoado efetivo tenha sido de

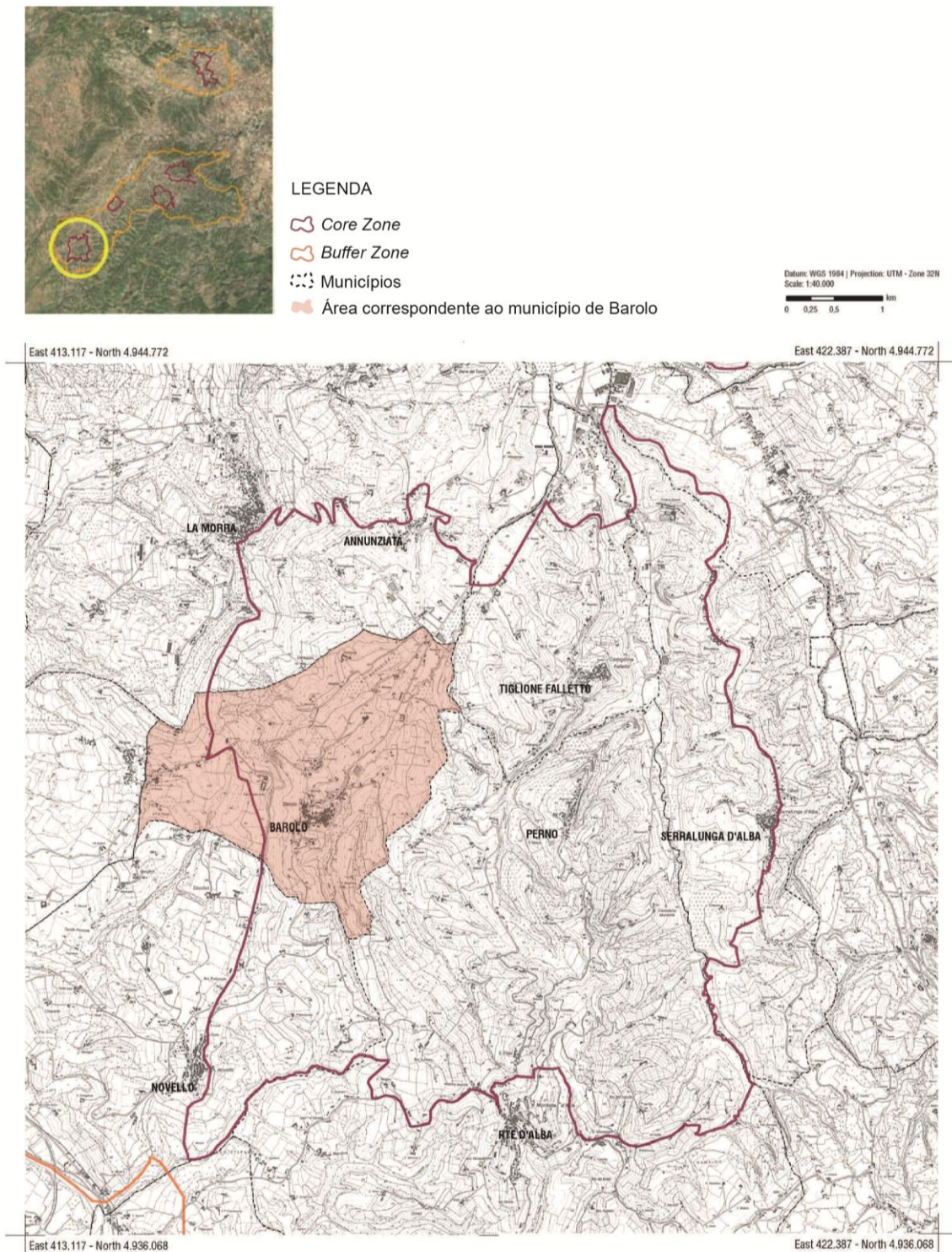
---

<sup>83</sup>Tais uvas, cumpre-nos ressaltar, têm relevância histórica para o território piemontês, evidenciada, por exemplo, pelas diversas menções a seu nome — ou às variações “Nibiol” ou “Nubiolo” — encontradas em documentos datados da Idade Média. A primeira referência é feita precisamente no ano de 1268, em um registro da produção de 15.000 litros de vinho de Nibiolo em uma propriedade localizada em Rivoli. (SiTI, 2009c, p. 11-12). Documentos pertencentes especificamente ao período compreendido entre os séculos XIII a XVI indicam a ampla presença desta variedade na região e atestam ainda a elevada consideração de que dispunha, bem como a intenção de proteger seu cultivo. No século XVII, a consideração era tal ao ponto de a ela ser reservado, dentre todas as outras espécies, o título de “rainha”. (SiTI, 2009c, v.3, p. 13).



origem bárbara e que remonte ao início da Idade Média. (COMUNE DI BAROLO, [20--?]d, tradução nossa<sup>84</sup>).

Ilustração 37 – Mapa representativo do território do município de Barolo, inserido na *core zone* do componente 1 da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte, La Langa del Barolo*



Fonte: Adaptado pela autora de SiTI (2014, p. 24).

<sup>84</sup> Original em italiano: “Sebbene la zona fosse stata frequentata sia in epoche preistoriche che in epoche successive da tribù celto-liguri, sottomesse successivamente dai Romani, pare probabile che il primo insediamento effettivo fosse di origine barbarica e che risalisse all'alto medioevo.”

Ilustração 38 – Vista da inserção do núcleo urbano de Barolo em planalto circundado por colinas



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Ilustração 39 – Vista do antigo Castello Comunale Falletti di Barolo



Fonte: Fotografia da autora (2022).

No que tange à história do referido castelo, à qual igualmente faltam documentos necessários à comprovação de informações, considera-se que o início da construção seja datado do século X, momento em que havia sido autorizada a construção de uma fortaleza para a defesa da região contra as invasões realizadas primeiramente pelos povos húngaros e, em seguida, pelos sarracenos. No século XIII, precisamente no ano de 1250, existem já registros da aquisição do edifício pela família Falletti, que pertencia à burguesia emergente da época e foi em grande medida responsável pelos rumos que Barolo mais tarde tomou em relação ao desenvolvimento de sua vitivinicultura – além de ter sido responsável pela execução de algumas modificações na edificação, marco identitário e um dos principais iconemas da paisagem local. (COMUNE DI BAROLO, [20--?]b).

Àquele tempo, deve-se informar, ocorria que os castelos deixavam parcialmente de assumir sua original função de defesa dos territórios, tornando-se “polos de uma organização rural não mais voltada exclusivamente ao autoconsumo”, o que, dentre outros fatores, se dava “talvez também pela capacidade econômica e financeira relacionada à origem não nobre das novas famílias envolvidas no processo de ‘refeudalização’” (SiTI, 2009c, p. 8, tradução nossa<sup>85</sup>) então em curso. Surgiam, em decorrência disso, transformações nesses territórios e em suas respectivas paisagens, verificadas sobretudo a partir do século XIV, quando uma maior segurança nos campos levava a uma dispersão das áreas habitadas:

[...] as pequenas vilas em redor do castelo mantêm a sua fisionomia fechada até poucas décadas atrás, enquanto o território rural assistia à ampliação de uma densa e sistemática rede de pequenos povoados destinados a expandir-se entre os séculos XVI e o XVII. (SiTI, 2009c, p. 8, tradução nossa<sup>86</sup>).

A dinâmica de dispersão em Barolo, no entanto, prosseguiria ainda por mais dois séculos, acompanhada por um notório crescimento da cultura vitivinícola há tempos ali já presente, como visto. E essa cultura, que no caso do município encontraria sua fase mais significativa precisamente no século XIX, relacionada a uma expressiva mudança nos métodos de produção promovida justamente pelos

<sup>85</sup>Original em italiano: “[...] poli di un'organizzazione rurale non più votata esclusivamente all'autoconsumo; grazie forse anche alle capacità economiche e finanziarie dovute all'origine non signorile delle nuove famiglie di 'rifeudalizzazione'.”

<sup>86</sup>Original em italiano: “[...] i centri 'ristretti' intorno al castelo mantengono la propria fisionomia chiusa fino a decenni recenti, mentre il territorio rurale vedeva la diffusione di una fitta e sistemática rete di piccoli nuclei insediativi destinati ad ampliarsi tra Cinque e Seicento.”

Falletti, já revelava o gradativo alcance de uma maior racionalização das atividades ao longo do tempo, além da progressiva formação de uma paisagem monocultural, na qual hoje é bastante reduzida a quantidade de áreas ocupadas por bosques, pomares, terras aráveis, etc. (SiTI, 2009c, p. 9-10).

No que tange às transformações operadas na vitivinicultura de Barolo no *Ottocento*, que nos auxiliam a compreender a cultura em torno do vinho homônimo, cumpre-nos pontuar que remetem notadamente à figura da marquesa Juliette Colbert (1785-1864) – também chamada Giulia pelos italianos a partir de uma adaptação de seu nome de origem francesa –, esposa do marquês Carlo Tancredi Falletti di Barolo (1782-1838). Ela se destaca dentre os demais membros da família porque, para além de suas conhecidas e expressivas contribuições à divulgação da bebida produzida nas propriedades dos Falletti entre a nobreza da época<sup>87</sup>, foi, afinal, quem mais contribuiu com o aperfeiçoamento das técnicas de cultivo e vinificação das uvas Nebbiolo para a produção do vinho Barolo com as características que apresenta atualmente, consideradas mais refinadas.

O vinho produzido na localidade, dadas as particulares condições de seu território, favoráveis a um maior acúmulo pelas uvas de sais minerais e açúcares, originalmente apresentava-se como mais doce, espumado, de coloração rosada, sendo essas características em parte devidas também à influência dos primeiros episódios de frio prévios ao inverno, capazes de interromper a conclusão do processo de fermentação dos frutos (BELFRAGE, 2016). Ocorre que

---

<sup>87</sup> Em seu artigo *Barolo: A Love Story* para a revista *The World of Fine Wine*, Nicolas Belfrage (1940-) (2016, tradução nossa), escritor considerado um dos maiores especialistas em vinhos italianos, relata que “O sucesso do ‘rei dos vinhos e do vinho dos reis’, como Barolo passou a ser conhecido, foi assegurado pelos esforços de Juliette para promovê-lo na corte de Torino e em várias outras cortes reais da Europa. Reza a história que um dia em Torino, o rei de Savoia, Carlo Alberto, perguntou em tom de brincadeira à marquesa porque ela ainda não lhe tinha oferecido uma prova do famoso vinho, de que tanto ouvira falar e que se produzia, segundo rumores, nos arredores do Castelo de Barolo, a residência de férias dos marqueses de Barolo. Poucos dias depois, escreve o historiador Domenico Massè em *Il Paese di Barolo*, a cidade de Torino foi testemunha de um espetáculo extraordinário: As ruas da capital estavam cheias de carroças puxadas por bois da marquesa, que se dirigiam ao palácio real e carregavam barris de vinho – 325 deles, para ser preciso, um para cada dia do ano, menos 40 para os dias da Quaresma.” (Original em inglês: “The success of the ‘king of wines and the wine of kings’, as Barolo has come to be known, was assured by the efforts of Juliette to promote it in the court of Turin and in various other royal courts in Europe. The story goes that one day in Turin, the king of Savoy, Carlo Alberto, asked the marchioness jokingly why she had not yet offered him a taste of the famous wine, of which he had heard so much spoken and which was being produced, rumor had it, in the environs of the Castle of Barolo, the vacation residence of the marchesses of Barolo. A few days later, writes historian Domenico Massè in *Il Paese di Barolo*, the city of Turin was witness to an extraordinary spectacle: The streets of the capital were full of the marchioness’s ox-drawn carts, heading in the direction of the royal palace and carrying barrels of wine — 325 of them, to be precise, one for every day of the year, minus 40 for the days of Lent.”).

Antes das intervenções de Juliette, a fermentação acontecia nas áreas externas. Mais tarde, foram construídas as adegas subterrâneas, criando um microclima protegido que permitia o envelhecimento do vinho através do controle da temperatura, tornando-o equilibrado e de notável estrutura. (BELFRAGE, 2016, tradução nossa<sup>88</sup>).

Juliette havia pedido orientação a renomados profissionais do campo da enologia da época a fim de poder implementar as mesmas técnicas de vinificação aplicadas aos vinhos franceses àqueles produzidos nas terras da família. Com isso, Barolo passava de um vinho suave a um vinho de tipo seco, com coloração vermelha intensa e sabor bastante encorpado.

Testemunhos como os do Conde Giorgio Gallesio (1772-1839), “notável ampelógrafo<sup>89</sup> do século XIX” (BELFRAGE, 2016), além de darem notícias da qualidade desse vinho, atestam simultaneamente a importância da atuação da marquesa, ao lado de seu esposo Carlo, para sua produção, e ratificam, enfim, sua importância para a vitivinicultura da região. Em visita a Barolo no dia 19 de setembro de 1834 o conde descreveu em seus diários “a atividade febril envolvida no aperfeiçoamento deste vinho, e a fé e energia investidas por Juliette e Tancredi no trabalho” (BELFRAGE, 2016, tradução nossa<sup>90</sup>), bem como aspectos ligados à fabricação da bebida:

As uvas em Barolo (a zona) são Nebbiolo e Neiran; com estas duas uvas é feito o famoso vinho Barolo<sup>91</sup>, do qual, no entanto, Neiran representa apenas cerca de um décimo. O vinho Barolo dura muitos anos e os marqueses de Barolo o conservam com o objetivo de enviá-lo à Corte de Torino e a outros. Nesta localidade, na verdade, acredita-se que para se ter o melhor vinho é necessário fazê-lo inteiramente de Nebbiolo; caso contrário, mistura-se Neiran para dar cor, sendo Nebbiolo particularmente muito leve e doce. Visitei a adega dos marqueses de Barolo: é uma grande área semissubterrânea com abóbadas para guardar grandes barris, sobre os quais encontra-se a *cuvèrie*. Havia 30 *botti* (grandes barricas), a maioria contendo vinhos para envelhecimento: provei a safra de 1833 e estava dura e sem graça; a de 1832, por outro lado, era macia e suculenta. (BELFRAGE, 2016, tradução nossa<sup>92</sup>).

<sup>88</sup>Original em inglês: “Prior to the interventions of Juliette, fermentation had taken place out of doors. Later, subterranean cellars were built, creating a protected microclimate and allowing the wine to finish fermenting through temperature control, rendering it still and of notable structure.”

<sup>89</sup>Trata-se de profissional dedicado a estudar, identificar e classificar a variedade de videiras a partir da observação das características apresentadas pelas plantas ao longo de suas distintas fases de crescimento.

<sup>90</sup>Original em inglês: “[...] the feverish activity involved in perfecting this wine, and the faith and energy invested by Juliette and Tancredi in the work [...]”

<sup>91</sup>Atualmente a produção deste vinho é feita apenas com as uvas Nebbiolo.

<sup>92</sup>Original em inglês: “The grapes in Barolo (the zone) are Nebbiolo and Neiran; with these two grapes are made the famous Barolo wine, of which however Neiran only accounts for about one tenth. Barolo wine lasts many years and the marquesses of Barolo conserve it with the aim of sending it to

Essa importância dos marqueses, com destaque concedido à figura de Juliette, encontra-se representada ainda hoje, por exemplo, na atribuição de nomes a espaços presentes no território do município: há, nas proximidades do Castello di Barolo, uma praça denominada Piazza Colbert, além de estabelecimentos dedicados à comercialização do vinho que portam o nome da marquesa.

No que tange ao castelo, considerando as mencionadas modificações nele realizadas pela família Falletti, julgamos válido pontuar suas relações com a conformação da paisagem local. Sabe-se, por exemplo, através de registros do ano de 1524, da existência de cerca de 30 casas a seu redor, as quais foram sendo gradualmente eliminadas e substituídas por anexos do próprio edifício. Após meados daquele século, tendo sido o castelo significativamente danificado em decorrência de conflitos na região, nele foram efetuadas, além dos reparos necessários, novas alterações<sup>93</sup>, não havendo outras até 1864, ano do falecimento de Juliette, a última marquesa Falletti. (COMUNE DI BAROLO, [20--?]b).

Porém, após doação feita pela própria marquesa à Opera Pia Barolo (Ilustração 40) – instituição beneficente criada por ela em 1856 –, o castelo recebeu intervenções orientadas à sua conversão em um colégio, o Collegio Barolo, que ali manteve-se em funcionamento de 1875 até 1958 (Ilustração 41). As intervenções em questão alteraram profundamente a estrutura da construção, dela eliminando diversas características dos espaços internos outrora ocupados pelos Falletti e conferindo-lhe aquelas que apresenta na atualidade. (COMUNE DI BAROLO, [20--?]b).

Em 1970, com a aquisição do edifício pela Câmara Municipal, esse foi submetido a um processo de restauração financiado pelos próprios habitantes de Barolo, tornando-se, pouco mais de uma década depois, em 1982, sede da Enoteca Regional do Barolo. No ano de 2010, após a execução do projeto museográfico assinado pelo arquiteto suíço François Confino – tido como um dos mais conceituados especialistas a nível mundial em projetos de tal natureza – transformou-se também na sede do Museu do Vinho, chamado mais comumente de

---

the Court of Turin and to others. In this village, indeed, there is a belief that in order to have the finest wine it is necessary to make it entirely out of Nebbiolo; otherwise it is mixed with Neiran to give it color, Nebbiolo alone being too light and sweet. I have visited the cellar of the marquesses of Barolo: It is a great semi-subterranean area with vaults for the keeping of large barrels, above which is the *cuvèrie*. There were 30 *botti* [large barrels], most of them containing wines for aging: I tasted the 1833 vintage and it was harsh and ungiving; that of 1832, on the other hand, was soft and succulent.”

<sup>93</sup> Estas alterações não são discriminadas na fonte consultada.

WiMu, abreviatura do nome em inglês Wine Museum (Ilustração 42). (COMUNE DI BAROLO, [20--?]b).

Ilustração 40 – Rótulo de 1885 do vinho Barolo produzido nas caves da Opera Pia Barolo. Destaque para a representação do castelo, no canto inferior esquerdo da ilustração, realizada segundo seu aspecto à época



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]c).

Ilustração 41 – Registro, com data estimada da primeira metade do século XIX, do Castello di Barolo em seu funcionamento como Collegio Barolo



Fonte: (JULINI, 2022).

Ilustração 42 – Vista de sala dedicada à exposição da relação do vinho com as diversas culturas ao redor do mundo presente no interior do atual WiMu



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Passando a outros elementos que vemos relacionados à história da localidade, e que possuem também destaque em sua paisagem, auxiliando-nos, portanto, tanto a compreender melhor essa história quanto a conformação desta última, encontramos primeiramente, do outro lado da pequena praça em frente à escadaria de acesso frontal do castelo, denominada Piazza Falletti, a Igreja Paroquial de São Donato (Chiesa Parrocchiale di San Donato) (Ilustração 43). Projetada originalmente como capela particular da família Falletti, e posteriormente aberta à frequência da comunidade, tem sua construção datada do século XV – sendo ulterior, portanto, à de seu nobre vizinho –, mas sua atual configuração consiste, na verdade, em uma reconstrução em linguagem tardobarroca realizada no século XVIII sobre a igreja primitiva, que já havia sido remodelada, por sua vez, em meados do século XVI. À frente do altar-mor, sob o piso, sabe-se que abriga até hoje os túmulos contendo os restos mortais de membros da referida família – aqueles falecidos desde o século XVI até a extinção do marquesado –, considerados os grandes senhores de Barolo. (COMUNE DI BAROLO, [20--?]c).



A seu lado, outra igreja, originalmente dedicada ao culto de Santo Agostinho, encontra-se presente. Sobre essa, entretanto, não há grande disponibilidade de informações, sabendo-se somente que em dado momento foi desconsagrada, passando então a funcionar como espaço dedicado ao desenvolvimento de atividades culturais enquanto sede do Museo Aula Picta de Barolo.

Ilustração 43 – Vista da antiga igreja dedicada a Santo Agostinho, à esquerda, e da Igreja Paroquial de São Donato, à direita



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Ambas as construções, favorecidas por sua implantação na margem nordeste do mesmo platô em que se situa o castelo, se fazem, assim, também visíveis como aquele edifício a partir de diversos pontos do território, contribuindo para referenciar o antigo núcleo urbano. São distinguidas à distância dentre as demais construções por meio de suas respectivas torres – a da Igreja de São Donato, erguida em sua porção posterior; a da antiga igreja dedica a Santo Agostinho, em sua lateral esquerda (Ilustração 44).

Ilustração 44 – Vista da antiga igreja dedicada a Santo Agostinho e da Igreja Paroquial de São Donato junto ao Castello di Barolo a partir de via no entorno do núcleo urbano de Barolo



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Um pouco afastado desta área central, em que se localizam esses edifícios, situado a noroeste da mesma e em cota um pouco mais elevada, o Castello della Volta (Ilustração 45) é mais um elemento do sítio cuja presença deve ser realçada. Construído em data relativamente próxima à do Castello di Barolo, equivalente ao século XI, consistia originalmente em uma fortaleza militar, convertida nos anos 1800 em residência senhorial. Pouco tempo depois, tornou-se também propriedade dos dois marqueses Falletti, Juliette e Carlo Tancredi, aos quais servia como lugar dedicado especialmente ao repouso. (COMUNE DI BAROLO, [20--?]a).

Após a morte da marquesa, porém, tal propriedade ingressou em um estado de abandono que colaborou, junto aos bombardeios sofridos pelo edifício durante a Segunda Guerra Mundial, para a parcial deterioração de seu estado de conservação. Não obstante, embora ainda abandonado, o castelo permanece figurando como componente notável da paisagem de Barolo, tanto no imaginário dos

habitantes do lugar quanto como objeto de inúmeros contos e lendas que são há tempos entre esses compartilhados<sup>94</sup>.

Ilustração 45 – Vista do Castello della Volta a partir do núcleo urbano de Barolo na qual evidencia-se sua posição em porção mais elevada do território



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Não podemos nos esquecer das vinhas, os mais expressivos componentes e grandes iconemas da paisagem local. Sabe-se que há muito participam de forma significativa de sua história e da definição de sua identidade, conservando no presente uma série de características que remetem à transmissão, ao longo do tempo, de uma cultura e de um conjunto de saberes a essa relacionados.

---

<sup>94</sup>Há, por exemplo, uma lenda acerca de uma festa que ali teria sido realizada por volta do início do século XIV, na qual, após os convidados terem bebido demasiado vinho e em seguida cedido à luxúria, Deus, como punição, fez ruir a abóbada do salão (*la volta*) soterrando a todos. Logo mais tarde, quando foram remover os escombros, não havia nenhum vestígio das vítimas para ser encontrado. Outra lenda afirma que o Diabo é quem figura como responsável pelo desmoronamento, tendo-o provocado com o intuito de apossar-se das almas dos presentes na comemoração. Na chegada do socorro, ergueu muros altos a fim de impedir o acesso às vítimas e há quem diga que nas noites de lua cheia suas almas são vistas reunidas, portando velas, para participarem de uma espécie de missa. Quando esta termina, as luzes se apagam e tudo desaparece completamente.

Caracterizam-se, de modo geral, como as vinhas apresentadas na seção anterior deste capítulo; desta forma, tomaremos a descrição daquelas como válida para sua própria caracterização, dispensando-nos de efetuar outra redundante descrição.

Necessária, por outro lado, é a abordagem dos aspectos atinentes às demais construções existentes no lugar – a dita arquitetura menor, servindo-nos do termo empregado por Gustavo Giovannoni –, dado que, assim como os elementos citados previamente, ajudam a definir a identidade de Barolo e de sua paisagem, além de fornecerem informações oportunas à nossa análise do comportamento desta mesma paisagem – entenda-se, à análise de sua resiliência – no transcorrer do tempo.

À primeira vista, observamos que essas construções são, em sua maioria, dotadas de dois ou três pavimentos, com fachadas revestidas por materiais que geralmente obedecem a uma cartela de cores em que prevalecem o branco e tonalidades pastéis de beges, amarelos e alaranjados, e coberturas executadas com telhas cerâmicas tradicionais, de coloração marrom. Aquelas pertencentes ao núcleo antigo (Ilustração 46) são implantadas no alinhamento das vias e comumente desprovidas de afastamentos laterais, enquanto as mais afastadas desse núcleo, distribuídas de modo mais disperso pelo território, frequentemente dispõem de afastamentos (Ilustração 47). O uso predominante é o residencial e, quanto aos métodos construtivos empregados, são distintos: a maior parte das edificações possui alvenaria autoportante, porém há aquelas executadas em concreto armado e em materiais como madeira e aço (ITALIA IN DETTAGLIO..., [20--]b). Em se tratando de seu estado de conservação, é, de modo geral, classificado como bom.

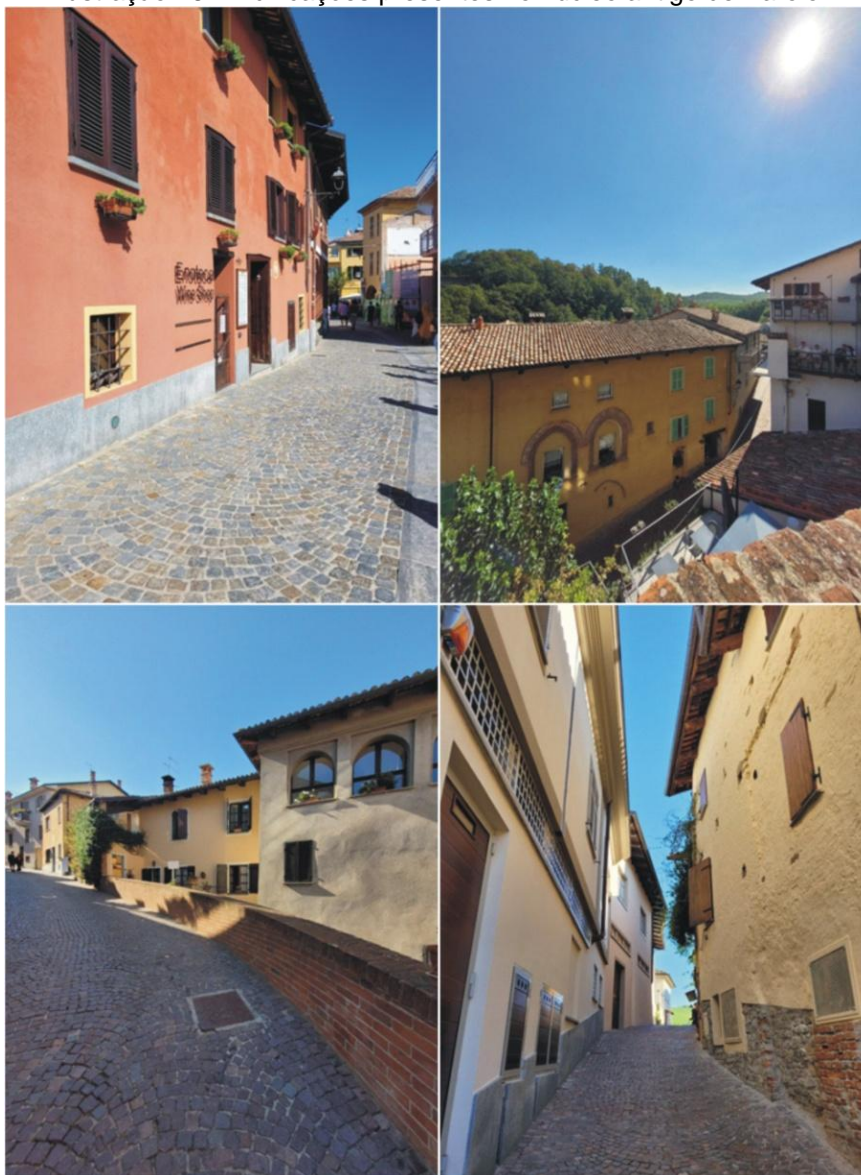
Informação particularmente relevante concerne à época a que é atribuída a construção desses imóveis: a maior porcentagem é datada de antes do final da segunda década do século passado e o segundo maior percentual é datado do período compreendido entre os anos de 1919 e 1945<sup>95</sup> (ITALIA IN DETTAGLIO..., [20--]b). Desta época em diante há uma expressiva redução na quantidade de novas construções, o que se deve tanto à gradativa redução de terrenos livres quanto, como somos levados a pensar, às adversidades enfrentadas pela localidade nos anos que se seguiram ao término da Segunda Guerra Mundial:

---

<sup>95</sup>Segundo dados informados pela página *Italia in dettaglio* ([20--]b), há em Barolo especificamente: 69 edifícios construídos em épocas anteriores a 1919; 45 edifícios construídos entre 1919 e 1945; 16 edifícios construídos entre 1946 e 1960; nove edifícios construídos entre 1961 e 1970; dez edifícios construídos entre 1971 e 1980; seis edifícios construídos entre 1989 e 1990; quatro edifícios construídos entre 1991 e 2000; três edifícios construídos entre 2001 e 2005 e, por fim, dois edifícios construídos após o ano de 2005.

Os primeiros anos do segundo pós-guerra do século XX, aqueles da Malora<sup>96</sup> admiravelmente descritos pelo grande escritor Beppe Fenoglio, não foram muito diferentes em termos de dificuldades. A esse período seguiu-se outro caracterizado pelo êxodo para a cidade, que oferecia um emprego mais seguro e menos limitações, e que perdurou até a década de 1960: consequência disso foi outra fase de abandono do campo, que aqui, porém, foi menor do que em Alta Langa e outras áreas do Piemonte. (BAROLO..., [20--], tradução nossa<sup>97</sup>).

Ilustração 46 – Edificações presentes no núcleo antigo de Barolo



Fonte: Elaborado a partir de fotografias da autora (2022).

<sup>96</sup> Aqui o autor faz referência a *La malora*, obra escrita por Beppe Fenoglio e publicada no ano de 1954, que narra a má sorte infringida a uma terra pertencente ao território das *Langhe* habitada por indivíduos acometidos pela miséria e por injustiças relacionadas à condição humana.

<sup>97</sup> Original em italiano: “I primi anni del secondo dopoguerra del Novecento, quelli della Malora mirabilmente descritta dal grande scrittore Beppe Fenoglio non furono molto diversi in quanto a durezza. A questo periodo ne fece seguito un altro caratterizzato dall'esodo verso la città, che offriva un lavoro più sicuro e minori ristrettezze, e che durò fino agli anni '60: conseguenza di ciò fu un'altra fase di abbandono delle campagne, che qui fu però inferiore rispetto all'Alta Langa e ad altre zone del Piemonte.”

Ilustração 47 – Edificações presentes no entorno do núcleo antigo de Barolo



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Pode-se dizer que essas condições terminaram contribuindo, de certa forma, para a relativa manutenção do aspecto da paisagem existente àquele momento, que caracterizava-se, como visto, pela conservação de características há muito nela presentes, relacionadas a seus mitos fundadores, iconemas, assim como, obviamente, à prática da vitivinicultura que, mesmo tendo enfrentado esses e outros períodos difíceis, de menor produtividade, jamais cessou na região – mantendo-se, portanto, integrada ao cotidiano dos habitantes, em sua percepção e relação com o território. Nas últimas décadas, quando começou-se a assistir a uma gradativa recuperação da ocupação do município – relacionada, por seu turno, à recuperação e expansão da atividade vitivinícola –, tal condição, no entanto, também não se alterou, ou seja, a localidade e sua paisagem não passaram por transformações capazes de alterar o seu caráter tradicional. As construções que posteriormente foram acrescentadas ao conjunto, de modo geral, não deixaram de respeitar os principais parâmetros daquelas preexistentes (Ilustrações 48 a 51), gerando, com isso, uma equilibrada integração entre o antigo e o novo em Barolo – realizada nos

moldes, atrevemo-nos a dizer, daquela proposta por Giovannoni em seu célebre *Vecchie Città ed Edilizia Nuova* (*Velhas cidades e nova construção urbana*, 2013) e admitida também como critério na elaboração de seus já mencionados planos paisagísticos.

Ilustração 48 – Vista panorâmica de Barolo com data estimada do início do século XX



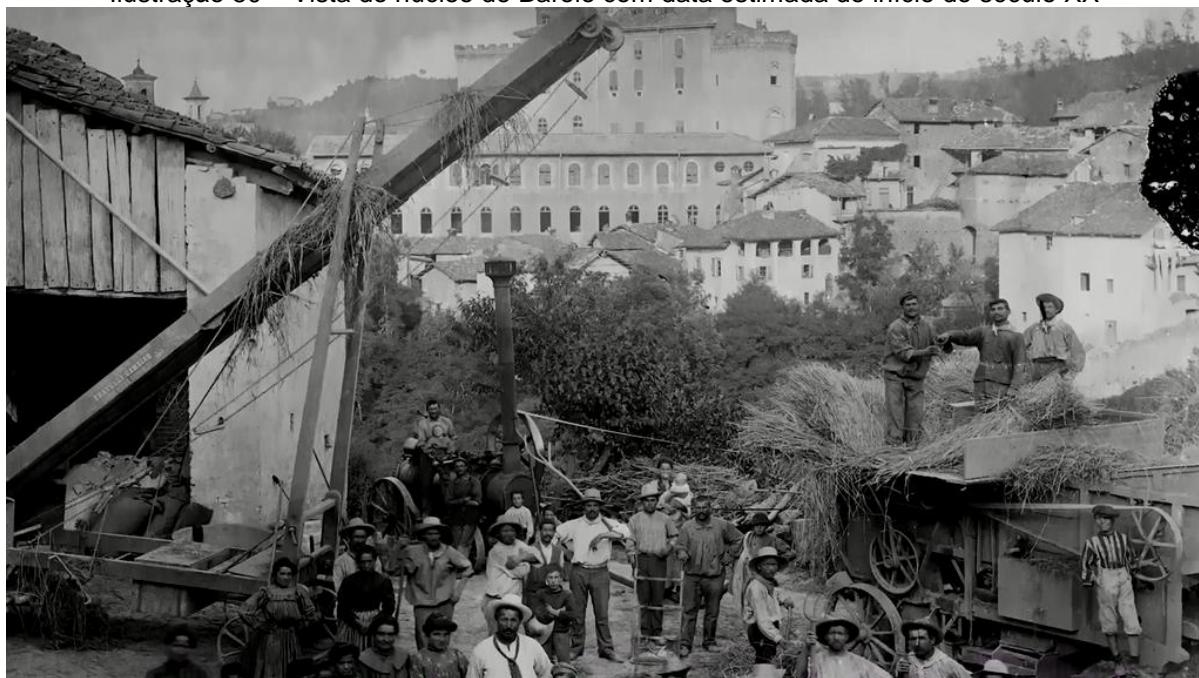
Fonte: (VITE!, 2019).

Ilustração 49 – Vista panorâmica de Barolo na atualidade



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Ilustração 50 – Vista do núcleo de Barolo com data estimada do início do século XX



Fonte: (VITE!, 2019).

Ilustração 51 – Vista do antigo núcleo de Barolo na atualidade



Fonte: Fotografia da autora (2022).



É importante acrescentar que a localidade não dispunha de um plano regulador até a proposta do reconhecimento como paisagem cultural pela UNESCO, constituindo-se a partir daí uma exigência para a atribuição da chancela. Prevalencia como reguladora da paisagem, pois, sua própria autorreferencialidade, como diria Turri (2011), presente de forma potente na percepção dos indivíduos devido à manutenção de significados e valores atribuídos por esses ao território e, logo, à paisagem – como discutíamos no capítulo precedente e poderemos averiguar melhor ao nos debruçarmos sobre essa percepção no capítulo seguinte.

Retomando as formulações de Rosario Assunto (2011), poderíamos então dizer dessa integração a que nos referíamos há pouco que permite-nos reconhecer também a aplicação da lógica da temporalidade na conformação da paisagem de Barolo, uma vez que, em vez de excluïrem-se, as dimensões de seu passado, de seu presente e de seu futuro – que vemos representado, no caso, por seu contínuo desenvolvimento com uma clara tendência à conservação de manifestações materiais e imateriais atreladas à cultura local – ali se entrelaçam. E enquanto a presença desta lógica de um lado fornece-nos indícios dos modos pelos quais os habitantes do lugar percebem a paisagem, de outro reforça precisamente nossa hipótese acerca de que tais modos de percepção associam-se direta e efetivamente, portanto, ao grau de resiliência patrimonial por aquela apresentado.

Poderíamos reformular tal raciocínio afirmando primeiramente que, no nosso entendimento, **a aplicação da lógica da temporalidade constitui-se como um fator indicativo de uma paisagem resiliente**. Ocorre que se aquela lógica está, como pontuamos, associada a determinados modos de percepção da paisagem, estes estão, por sua vez, conseqüente e inevitavelmente associados à resiliência apresentada pela mesma paisagem.

Dos modos em questão, que sabemos dizer respeito à experiência de cada indivíduo de ser-no-mundo, trataremos no próximo capítulo. Antes, passaremos à análise da realidade da paisagem associada a nosso outro recorte: o sítio de Barbaresco.

#### 4.1.2 Barbaresco, de *Le colline del Barbaresco*

Barbaresco (Ilustração 52), município situado, assim como Barolo, na região das *Langhe*, pertence ao componente 3 do sítio da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*, correspondente a *Le colline del Barbaresco*. Neive é o único outro município pertencente a esse componente, sendo classificado como um dos mais bem conservados sítios medievais italianos. A Barbaresco, porém, usualmente concede-se maior destaque em função, principalmente, de ter sido palco dos principais eventos históricos que culminaram no surgimento do vinho homônimo. (SiTI, 2014, p. 109).

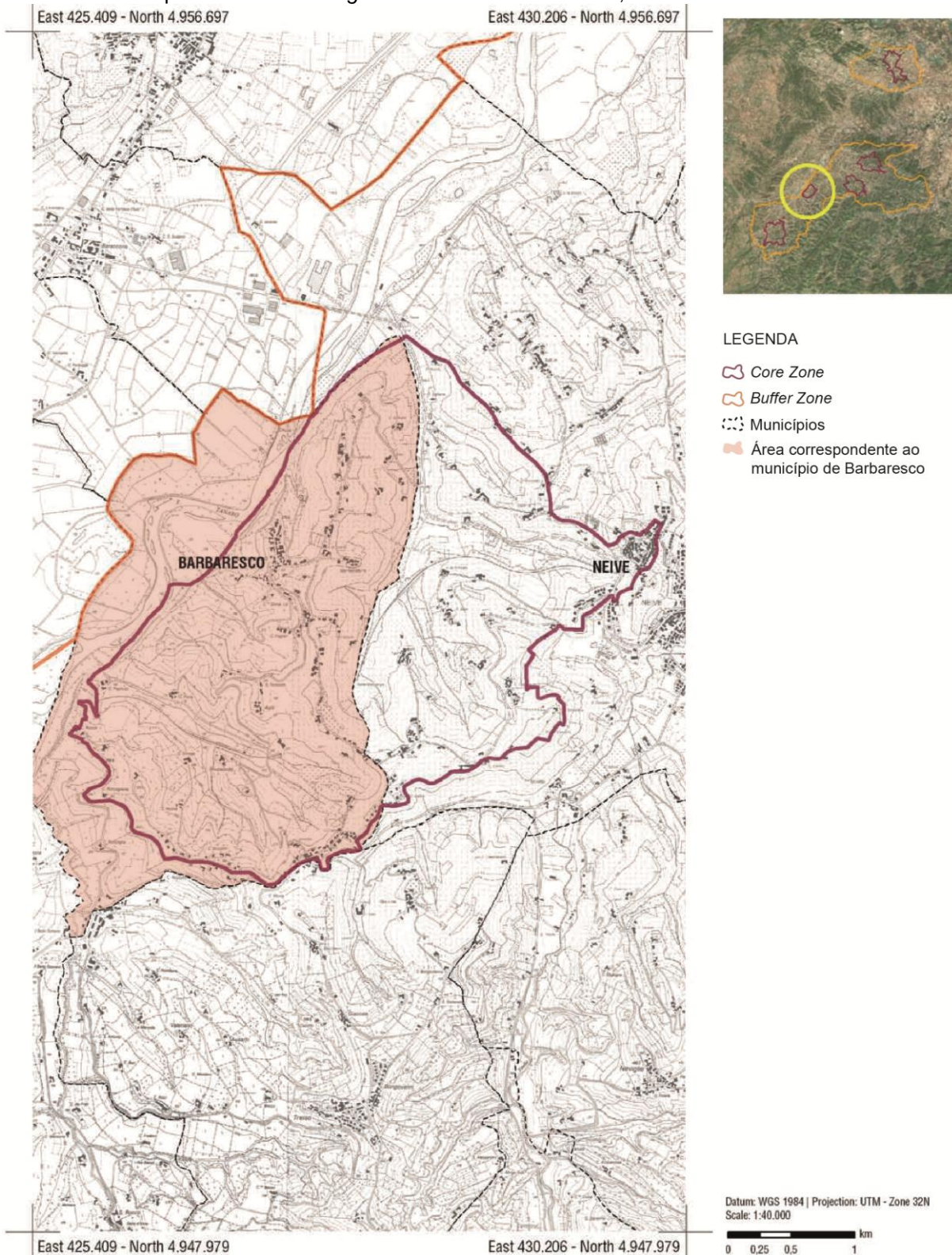
Sua área total compreende 7.770 quilômetros quadrados, a altitude é variável entre 136 e 341 metros acima do nível do mar e a população equivale a aproximadamente 600 habitantes (ITALIA IN DETTAGLIO..., [20--]a). O núcleo urbano, implantado no topo de uma colina à margem direita do rio Tanaro (Ilustração 53), caracteriza-se como um assentamento do tipo “realizado ao longo de caminhos” e tem como principal elemento referencial a assim chamada Torre di Barbaresco (Ilustração 54).

No que se refere à sua história, há informações de que tem origem em tempos bastante remotos, quando áreas localizadas às margens do referido rio foram ocupadas pelos ligúrios, responsáveis pela formação dos primeiros núcleos organizados da região. Esses ali haviam se instalado com a finalidade de escapar da dominação romana e serviram-se, para tanto, especialmente de esconderijos conformados pelas zonas de matas fechadas. O nome do município, a propósito, diz-se que a isso está relacionado, sendo derivado do termo “*barbarica silva*” que corresponde a “selva bárbara”. (COMUNE DI BARBARESCO, [20--?]e).

No século II a.C., já sob o domínio dos romanos, o território de Barbaresco foi o provável local do estabelecimento da denominada Villa Martis, povoação na qual, segundo indicam vestígios arqueológicos ali encontrados, havia a presença de uma olaria (SiTI, 2009b, p. 15). Acredita-se que essa tenha contribuído, ao lado da construção de estradas, para o estabelecimento de atividades comerciais entre a localidade e povoações vizinhas, que conduziu, por sua vez, a uma maior abertura e ao conseqüente fim de sua caracterização como uma selva de bárbaros. Este momento coincide também com o surgimento das primeiras plantações realizadas

nas partes inclinadas das colinas que caracterizam o relevo local. (COMUNE DI BARBARESCO, [20--?]e).

Ilustração 52 – Mapa representativo do território do município de Barbaresco, inserido na *core zone* do componente 3 da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte, Le colline del Barbaresco*



Fonte: Adaptado pela autora de SiTI (2014, p. 27).

Ilustração 53 – Vista da implantação do núcleo urbano de Barbaresco em topo de colina



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Ilustração 54 – Vista da Torre di Barbaresco



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Com a queda do Império Romano no século V, a região viu-se transformada em um grande palco de disputas da parte de diversos povos. E foi com a finalidade de defender-se de invasões, portanto, que o atual município de Barbaresco<sup>98</sup> ergueu sua vila fortificada, da qual alguns elementos, como a torre inicialmente citada, até hoje encontram-se presentes em seu núcleo urbano. Faremos a caracterização desses elementos mais à frente, dedicando-nos, antes, a prosseguir com a narração da história relacionada ao sítio.

No que tange ao período do Medieval, muito pouco se sabe a respeito de como Barbaresco se conformou pela ausência de documentação disponível (SiTI, 2009b, p. 15). Sabe-se, no entanto, que passou por modificações em sua paisagem, relacionadas ao modo como a sociedade gradativamente redefinia a ocupação de seu território:

Até os anos 1500, todas as famílias viviam em casas próximas umas das outras, perto da torre, dentro da muralha, enquanto as hortas e os *rustici*<sup>99</sup> ficavam fora desta, nas zonas denominadas “Cortini” e “Airali”.

Nos anos 1600, a “vila” medieval fixada sob a torre começou a usar os espaços de uma nova maneira. As casas já não encostavam umas nas outras e cerca de vinte destas já possuíam *aia*<sup>100</sup>, horta e quintal. (SiTI, 2009b, p. 16, tradução nossa<sup>101</sup>).

Ainda nos anos 1600, sabe-se também que Barbaresco viu crescer o número de famílias da burguesia e nobreza da vizinhança que para ali se dirigiam a fim de adquirir novas terras. Essas famílias interessavam-se pelo potencial da agricultura da localidade, destacando-se particularmente o cultivo nas vinhas, sendo indicativo dessa condição o fato de que quase todas as propriedades compradas dispunham de áreas a essas dedicadas<sup>102</sup>. A mesma característica, aliás, aplicava-se aos

<sup>98</sup> O município de Barbaresco foi oficialmente estabelecido em 31 de dezembro de 1798 (COMUNE DI BARBARESCO, [20--?]e).

<sup>99</sup> Optamos por manter o termo no idioma original pela dificuldade de encontrar termo correspondente no português. Um *rustico* corresponde ao local utilizado como galpão para o armazenamento de ferramentas agrícolas e para o alojamento de agricultores.

<sup>100</sup> Optamos por manter o termo no idioma original pela dificuldade de encontrar termo correspondente no português. Uma *aia* corresponde ao espaço contíguo às edificações rurais, geralmente pavimentado com pedra, tijolos ou cimento batido, onde é feita a manipulação de produtos agrícolas.

<sup>101</sup> Original em italiano: “Fino al 1500 le famiglie vivevano tutte in case vicine, a ridosso della torre, all'interno della cinta, mentre gli orti e i rustici erano situati oltre le mura, nelle zone denominate "Cortini" e "Airali". Nel 1600 la "villa" medievale arroccata sotto la torre cominciò ad utilizzare in modo nuovo gli spazi ambientali. Le abitazioni non si addossarono più una all'altra e già una ventina di case possedeva ormai un'aia, un orto e un sedime.”

<sup>102</sup> Em um documento de registro de terras datado de 1702, por exemplo, figura o cadastro de 217 propriedades alodiais, das quais 202 eram dotadas de vinhas. (SiTI, 2009b, p. 16).

terrenos pertencentes a outra figura surgida nessa mesma época, a do proprietário-agricultor, assim chamado por estabelecer sua residência dentro dos limites das áreas de cultivo. (SiTI, 2009b, p. 16).

Descrevendo um pouco melhor essa agricultura, pelo menos até o século XVIII apresentava como tipo de plantação mais comum o *almeno*, caracterizado pela presença de áreas dedicadas a videiras intercaladas com áreas dedicadas a outras espécies, que frequentemente assumiam a função de suporte dessas primeiras. Entre os séculos XVIII e XIX, com o crescimento significativo da utilização de estacas de madeira próprias para tal função, começou, contudo, a passar por um processo de substituição – que traria suas próprias modificações sobre a paisagem –, sem que a antiga técnica viesse a ser, todavia, inteiramente abandonada. (SiTI, 2009b, p. 17).

Sobre a vocação vitivinícola de Barbaresco, é possível dizer, portanto, que em princípios daquele último século encontrava-se bastante consolidada. Dados fornecidos por documentos emitidos à época revelam, inclusive, que o espaço ocupado pelas vinhas equivalia a 41,87% da superfície cultivável, enquanto 21,65% dessa eram ocupados por terras aráveis, 13,15% por matas com aplicação do sistema de talhadia e 10,13% por prado (SiTI, 2009b, p. 17). Além disso, cada vez mais o vinho ali produzido era requisitado, o que demonstrava não só sua qualidade e renome próprios, mas também seu papel de “verdadeiro protagonista da vida econômica e social da localidade” (SiTI, 2009b, p. 18, tradução nossa<sup>103</sup>).

Foi neste contexto, então, que, no alvorecer do século XX,

[...] algumas figuras históricas da enologia piemontesa pensaram que havia chegado o momento de criar uma estrutura oficial voltada à tutela e à valorização da viticultura e do vinho de Barbaresco. Entre essas personalidades encontravam-se os professores Cavazza e Amisano, o deputado T. Calissano, o industrial E. Cora, o enólogo A. Strucchi, o conde E. Cocito. (SiTI, 2009b, p. 18, tradução nossa<sup>104</sup>).

O professor Domizio Cavazza (1856-1913), dotado de formação nos campos da enologia e ampelografia, terminaria se destacando dentre todos, notadamente em função dos experimentos realizados com o vinho em questão, que haviam

<sup>103</sup>Original em italiano: “[...] vero protagonista della vita economica e sociale del paese.”

<sup>104</sup>Original em italiano: “[...] alcune figure storiche dell'enologia piemontese pensarono che fosse giunto il momento di creare una struttura ufficiale che mirasse alla tutela e alla valorizzazione della viticultura e del vino di Barbaresco. Fra queste personalità c'erano i professori Cavazza e Amisano, l'onorevole T. Calissano, l'industriale E. Cora, l'enologo A. Strucchi, il conte E. Cocito.”

contribuído para transformá-lo de um vinho suave em um vinho fermentado e rendido ao próprio Cavazza o título de “pai do Barbaresco”. Ademais, o professor havia sido o fundador, em 1894, da Cantina Sociale del Barbaresco (Cantina Social do Barbaresco), uma das primeiras da região do Piemonte. (SiTI, 2009b, p. 19).

Quanto à questão da tutela, foi 1908 o ano em que se realizou a primeira reunião da associação para a proteção do vinho Nebbiolo de Barbaresco, chamada Pro Barbaresco. Seus objetivos principais consistiam no “aprimoramento da cultura da uva Nebbiolo, a luta contra a cochylis<sup>105</sup> e a defesa preventiva contra a filoxera<sup>106</sup>” (SiTI, 2009b, p. 19, tradução nossa<sup>107</sup>), sendo interessante observar também que, em seu estatuto,

Nos artigos principais se estabelecia que o Nebbiolo de Barbaresco deveria ser munido de um certificado de origem e uma marca especial como garantia para os consumidores e proteção para os associados. Além disso, a Associação se comprometia a fornecer informações comerciais e de mediação, atuar no controle de preços e publicar um boletim contendo os nomes das empresas produtoras e adquirentes de uvas e vinhos. A movimentação dos produtos seria acompanhada e controlada por fiscais. (SiTI, 2009b, p. 19, tradução nossa<sup>108</sup>).

Em 1934, a associação foi incorporada no assim denominado Consorzio di Difesa dei Vini Tipici di Pregio Barolo e Barbaresco, o qual deveria, por sua vez,

[...] definir o contexto de produção (a área de origem, as uvas e as características do vinho), prevenir fraudes, adulterações e concorrência desleal, promover o conhecimento dos vinhos, bem como defender o seu nome e qualidade nos locais mais oportunos. (CONSORZIO DI TUTELA BAROLO BARBARESCO ALBA LANCHE E DOGLIANI, [20--?], tradução nossa<sup>109</sup>).

<sup>105</sup>Espécie de mariposa cuja larva representa uma praga para as plantações de videiras, alimentando-se dos botões de flores presentes na planta ou de seus frutos.

<sup>106</sup>Pequeno inseto que representa uma das maiores e mais antigas pragas nas plantações de videiras por sua ação de sucção do suco celular contido nas distintas partes da planta.

<sup>107</sup>Original em italiano: “[...] il miglioramento della coltivazione del nebbiolo, la lotta contro la cochylis e la difesa preventiva contro la fillossera.”

<sup>108</sup>Original em italiano: “Negli articoli principali si stabiliva che il Nebbiolo di Barbaresco avrebbe dovuto essere munito di certificato d'origine e di marca speciale a garanzia dei consumatori e a tutela degli associati. Inoltre l'Associazione si impegnavo a provvedere informazione commerciali, di mediazione, a far funzione di calmieri dei prezzi e a pubblicare un bollettino contenente i nomi delle ditte produttrici e acquisite di uvi e di vini. Il movimento dei prodotti sarebbe stato seguito e controllato da ispettori.”

<sup>109</sup>Original em italiano: “[...] definire il contesto produttivo (la zona di origine, le uve e le caratteristiche del vino), vigilare contro frodi, adulterazioni e sleale concorrenza, promuovere la conoscenza dei vini, oltre a difenderne nome e qualità nelle sedi più opportune.”

Atualmente, designada como Consorzio di tutela Barolo Barbaresco Alba Langhe e Dogliani, a instituição é dotada praticamente das mesmas atribuições, manifestando, entretanto, a preocupação em também valorizar “os territórios de origem, a história milenar e a capacidade de interpretar o presente e o futuro com o estilo de cada empresa, mas com respeito pelas tradições.” (CONSORZIO..., [20--?], tradução nossa<sup>110</sup>). Afinal, como esclarece, compreende a cultura vitivinícola da região como “a expressão de homens e mulheres apaixonadamente enraizados em suas terras e dedicados à viticultura de excelência realizada nas colinas.” (CONSORZIO..., [20--?], tradução nossa<sup>111</sup>).

A tal história, tradições, e mesmo paixão e enraizamento, vemos que estão, pois, ligados os elementos destacados na paisagem de Barbaresco como seus principais componentes. Isto porque esses elementos constituem-se propriamente como testemunhos ou, pode-se dizer ainda, como manifestações da história do lugar, das tradições nele conservadas e das relações estabelecidas entre os habitantes e o território, assumindo assim o papel de iconemas dessa paisagem com a capacidade de auxiliar-nos tanto a compreendê-la melhor quanto a compreender seu comportamento, em termos de resiliência, no curso do tempo.

Iniciamos a apresentação desses elementos pelas vinhas, que são, tal como em Barolo, predominantes na composição da paisagem e igualmente participam, como vimos, de forma significativa da história de Barbaresco. Sendo, no entanto, como no sítio anterior, dotadas das mesmas características gerais, optaremos por também não efetuar delas aqui uma outra desnecessária ampla descrição.

Passando à Torre di Barbaresco, corresponde ao mais notório vestígio da antiga vila medieval e é tida como o principal símbolo do município<sup>112</sup>. Estima-se que tenha sido erguida aproximadamente em fins do século XI, porque pertence a tal época o primeiro documento que atesta a presença de uma torre na localidade, fazendo referência a uma espécie de muralha destinada a delimitar o *ricetto*<sup>113</sup>

<sup>110</sup>Original em italiano: “[...] i territori d’origine, la storia millenaria e la capacità di interpretare il presente e il futuro con lo stile di ogni singola azienda ma nel rispetto delle tradizioni.”

<sup>111</sup>Original em italiano: “[...] espressione di uomini e donne appassionatamente radicati nelle loro terre e dediti ad una viticoltura collinare d’eccellenza.”

<sup>112</sup>Na página da prefeitura do município (COMUNE DI BARBARESCO, [20--?]b, tradução nossa) em que é feita a apresentação da torre encontra-se a consideração de que a mesma “representa o verdadeiro símbolo de Barbaresco”.

(Original em italiano: “[...] rappresenta il simbolo vero e proprio di Barbaresco [...].”).

<sup>113</sup>Um “*ricetto*” corresponde a uma pequena área fortificada, característica das aldeias medievais italianas, destinada ao armazenamento de itens diversos (alimentos, animais, ferramentas) e à proteção dos habitantes no caso de invasões.



composto por “castelo e a torre” (TORRE DI BARBARESCO, [201-?], tradução nossa<sup>114</sup>). Construída com planta quadrada, base em pedra e corpo em tijolos cerâmicos maciços, a edificação destinava-se a integrar o sistema de vigilância instalado no território, que se estendia ao longo do rio Tanaro entre as cidades de Asti e Alba. Dada sua posição privilegiada, de seu topo era possível contemplar – como ainda o é atualmente (Ilustração 55) – as cidades na vizinhança, o curso daquele rio, assim como o grande painel conformado pela cadeia de montanhas dos Alpes (COMUNE DI BARBARESCO, [20--?]b).

Ilustração 55 – Vista parcial do território obtida a partir do alto da Torre di Barbaresco



Fonte: Fotografia da autora (2022).

No século XIV, foi submetida a algumas intervenções que modificaram parte de sua configuração original sem, contudo, alterar sua forma de inserção na paisagem. Nessas intervenções, além de ter o nível de sua base rebaixado em cerca de quatro metros no terreno, teve sua porção superior demolida e os tijolos daí obtidos foram reutilizados na construção de uma nova torre que incorporava a

---

<sup>114</sup>Original em italiano: “[...] ‘castello e la torre’.”

precedente, erguendo-se acima desta a partir aproximadamente de seus 15 metros de altura até alcançar a altura de 36 metros<sup>115</sup>. Séculos mais tarde, após ter sua propriedade transferida entre diversas famílias tradicionais da região – entre as quais a de Domizio Cavazza – terminou, no entanto, ingressando em um período de abandono que somente teve fim com a cessão da construção à municipalidade no ano de 1982. A partir daí passou por um longo processo de restauro, que incluiu sua adaptação ao uso como museu dedicado, para além de exposições artísticas no geral, à narração da história do território e de sua paisagem (Ilustração 56). (TORRE DI BARBARESCO, [201-?]).

Ilustração 56 – Vista parcial de exposição realizada no acesso à Torre di Barbaresco e em sua base com fotografias associadas à cultura vitivinícola local



Fonte: Fotografia da autora.

Nesta mesma paisagem, outro elemento também dotado de relevância para a compreensão da história local e de sua identidade, participante daquela que pode

---

<sup>115</sup> Não há unanimidade entre a altura atribuída à torre, pois, enquanto algumas fontes chegam a mencionar 30 metros, outras, como o livro escrito por Domizio Cavazza (1907, p. 6), que optamos por utilizar como referência, indicam precisamente 36 metros.

hoje ser considerada sua conformação tradicional, consiste na Igreja Paroquial de São João Batista (Chiesa Parrocchiale di San Giovanni Battista), dedicada ao santo padroeiro de Barbaresco. Encontra-se situada na praça contígua à base da torre e está posicionada bem ao final do eixo perspectivo conformado pela via que dá acesso a essa última – a principal rua do município ao longo da qual, a propósito, desenvolveu-se o antigo núcleo urbano –, denominada Via Torino (Ilustração 57).

Ilustração 57 – Vista da Igreja Paroquial de São João Batista a partir do eixo da Via Torino



Fonte: Fotografia da autora (2022).

No que tange a sua origem, há documentos que indicam que, antes do ano 1000, havia na zona habitada de Barbaresco uma igreja implantada aproximadamente no mesmo lugar – vizinha ao antigo castelo e, logo, à torre –, sendo, porém, o atual desenho do edifício derivado de projeto executado em 1728. Erguida com a fachada em linguagem barroca, a edificação recebeu em 1756 o campanário encontrado em sua porção posterior direita, que pode ser visto a partir de diversos pontos do território e contribui, assim, para sinalizá-la na paisagem do sítio (Ilustrações 53, 54, 59, 67, 69, 70, 71 e 72). (COMUNE DI BARBARESCO, [20--?]d).

Ainda na Via Torino, cerca de 100 metros à frente da igreja – considerando-se o eixo partindo da torre em direção a ela –, encontra-se outro elemento digno de nota, correspondente ao Castello di Barbaresco (Ilustração 58). É preciso informar que não se trata, contudo, do mesmo castelo mencionado no documento do século XI que faz referência à torre – esse, demolido no passado<sup>116</sup> –, mas, sim, do *palazzo* edificado no século XVIII pelos condes Galleani. (COMUNE DI BARBARESCO, [20--?]a).

Ilustração 58 – Vista do Castello di Barbaresco



Fonte: Fotografia da autora (2022).

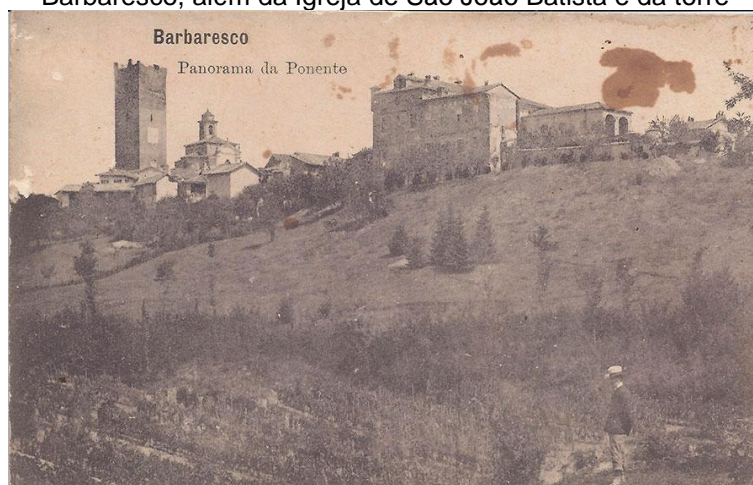
Projetado com espaços que funcionavam como grandes adegas subterrâneas, em 1894 foi adquirido por Domizio Cavazza, passando aí a abrigar a sede da já citada Cantina Sociale del Barbaresco (ENOTECA REGIONALE DEL BARBARESCO, [20--?]). Conservou este uso até o início da década de 1920, tendo sido em seguida substituído por uma fábrica de *grappa*, típica bebida italiana produzida a partir do bagaço das uvas utilizadas na elaboração dos vinhos.

---

<sup>116</sup>Não foram encontradas informações acerca da data precisa da demolição do edifício.

Atualmente, o edifício pertence à tradicional *cantina*<sup>117</sup> Gaja e encontra-se parcialmente de volta à sua função original. Antes, segundo se tem notícia, passou, porém, por algumas intervenções<sup>118</sup> consideradas necessárias à sua readaptação, as quais, em se tratando da inserção do imóvel na paisagem – na qual figura como outro marco identitário (Ilustração 59) – observa-se que não provocaram impactos (Ilustração 60). (COMUNE DI BARBARESCO, [20--?]a).

Ilustração 59 – Fotografia antiga (com data estimada do período entre fins do século XIX e início do século XX) do núcleo urbano de Barbaresco na qual observa-se a presença destacada do Castello di Barbaresco, além da Igreja de São João Batista e da torre



Fonte: (TORRE DI BARBARESCO, [201-?]).

Ilustração 60 – Vista atual, obtida a partir do alto da Torre di Barbaresco, do Castello di Barbaresco, na qual observa-se a conservação das características gerais do edifício e de sua relação com a paisagem



Fonte: Fotografia da autora (2022).

<sup>117</sup>No contexto da vitivinicultura, “*cantina*” é o termo em italiano utilizado para fazer referência ao local que abriga espaços dedicados à produção, conservação e engarrafamento dos vinhos.

<sup>118</sup>Estas intervenções não são discriminadas na fonte consultada, porém compreende-se que foram realizadas no interior da edificação.

Na extremidade oposta da Via Torino, encontra-se mais um relevante elemento edificado dessa mesma paisagem: trata-se da antiga Igreja de São Donato (Chiesa di San Donato) (Ilustração 61), construída em 1833 com os materiais obtidos da demolição da igreja preexistente – da qual, a propósito, é feita menção em documento do ano de 1219. (COMUNE DI BARBARESCO, [20--?]c). Dotado de dimensões semelhantes à da outra igreja, o edifício em questão é igualmente provido de um campanário em sua porção posterior e esse, além de também sinalizar a localização da Igreja de São Donato no núcleo urbano e, enfim, na paisagem de Barbaresco, contribui para demarcar, junto do outro campanário e da torre, o caminho ao longo do qual o assentamento de origem medieval veio a estabelecer-se (Ilustração 62).

Vendido à Câmara Municipal na década de 1970, desde 1986 o imóvel funciona como sede da Enoteca Regional do Barbaresco (Enoteca Regionale del Barbaresco), razão pela qual lhe é comumente atribuído na localidade o título de “catedral do vinho”. Abriga, dentre outros espaços, um lugar de exposição para os produtores, uma sala dedicada a atividades educativas acerca da produção da bebida e um espaço para o fornecimento de informações sobre o território (Ilustração 63). (COMUNE DI BARBARESCO, [20--?]c).

Ilustração 61 – Vista da antiga Igreja de São Donato



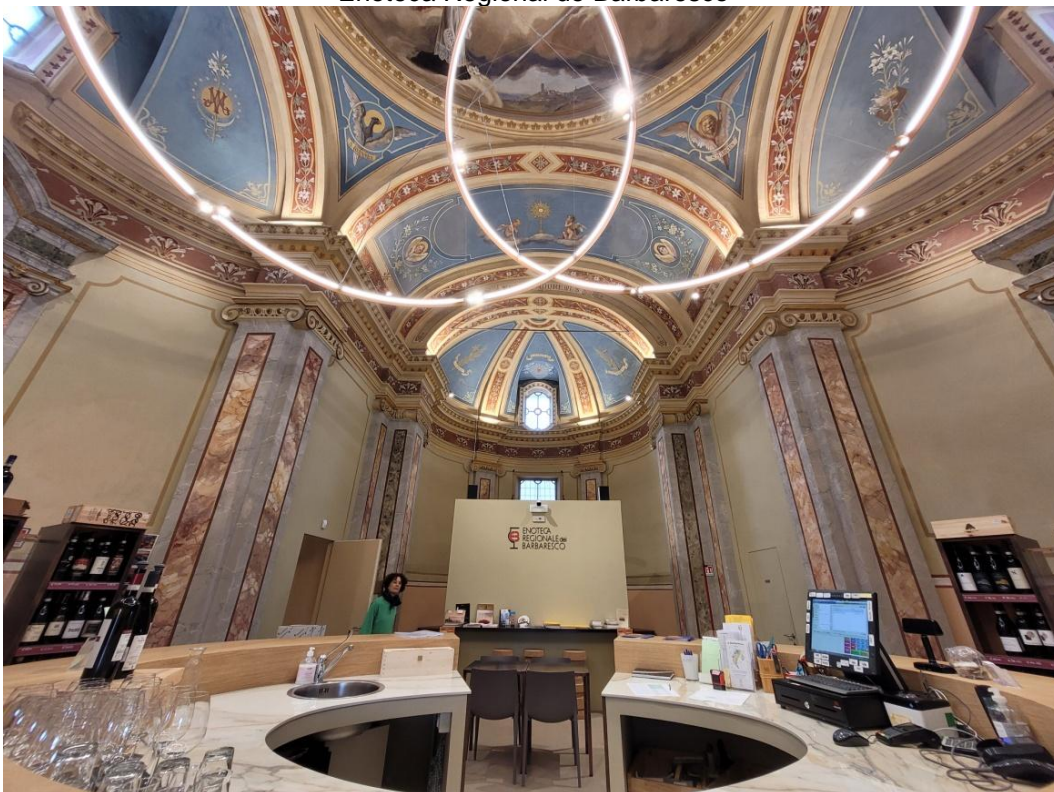
Fonte: Fotografia da autora (2022).

Ilustração 62 – Vista obtida, a partir do alto da Torre di Barbaresco, do caminho ao longo do qual o assentamento medieval de Barbaresco se estabeleceu. Em primeiro plano observa-se a Igreja de São João Batista e, aos fundos (em destaque), a antiga Igreja de São Donato



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Ilustração 63 – Vista do interior da antiga Igreja de São Donato em seu atual uso como sede da Enoteca Regionale do Barbaresco



Fonte: Fotografia da autora (2022).

No que diz respeito ao território, compete-nos, pois, descrever ainda, tal como fizemos para Barolo, as demais construções nele presentes, que junto dos elementos já apresentados também participam da composição de sua paisagem. Trata-se, pois, de edificações predominantemente com dois ou três pavimentos, fachadas revestidas na cor branca e/ou em tons suaves de beges, amarelos e alaranjados e coberturas compostas por telhas cerâmicas tradicionais marrons. Sua implantação, no núcleo antigo (Ilustração 64), é feita comumente no alinhamento das vias e sem afastamentos laterais, e no entorno desse núcleo, onde a ocupação é feita de forma mais espaçada, verifica-se já a presença de afastamentos (Ilustração 65). O uso predominante desses imóveis é residencial, seguido daquele de caráter produtivo ou comercial. Quanto aos métodos construtivos, a maior parte possui alvenaria autoportante, havendo em outros casos o emprego de concreto armado e materiais como madeira e aço. O estado de conservação, no geral, é bom.

Ilustração 64 – Edificações presentes no núcleo antigo de Barbaresco



Fonte: Elaborado a partir de fotografias da autora (2022).



Ilustração 65 – Edificações presentes no entorno do núcleo antigo de Barbaresco



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Característica particularmente relevante também aqui refere-se à época em que foram construídos esses imóveis: ao contrário do que se verifica em Barolo, em Barbaresco o maior percentual é datado da segunda metade do século passado em diante, havendo somente uma pequena porcentagem de imóveis anteriores a 1919 e outra, igualmente pequena, datada do período compreendido entre 1919 e 1945<sup>119</sup>. (ITALIA IN DETTAGLIO..., [20--]a). Trata-se de uma condição que, diante da ausência de maiores informações, a nosso ver estaria relacionada a duas causas prováveis, dadas de forma isolada ou combinada. A primeira corresponderia ao fato de que, no período compreendido pelas duas Guerras Mundiais – ainda que sem também abandonar, deve-se pontuar, o cultivo das uvas e interromper a fabricação

<sup>119</sup>Segundo dados informados pela página *Italia in dettaglio* ([20--]a), há em Barbaresco especificamente: 18 edifícios construídos em épocas anteriores a 1919; 23 edifícios construídos entre 1919 e 1945; 11 edifícios construídos entre 1946 e 1960; 24 edifícios construídos entre 1961 e 1970; 19 edifícios construídos entre 1971 e 1980; sete edifícios construídos entre 1989 e 1990; seis edifícios construídos entre 1991 e 2000; cinco edifícios construídos entre 2001 e 2005 e, por fim, um edifício construído após o ano de 2005.

de seu vinho típico –, Barbaresco enfrentou dificuldades semelhantes às observadas naquele outro sítio, vindo, porém, somente com o término do último conflito, a assistir ao início do processo de recuperação da produção e economia locais que teria, logo, contribuído para um aumento da ocupação do território nas áreas localizadas no entorno do antigo núcleo urbano. A outra razão corresponderia, por sua vez, a um processo de renovação ou substituição de algumas construções preexistentes, tanto no antigo núcleo (Ilustração 66) quanto eventualmente fora deste.

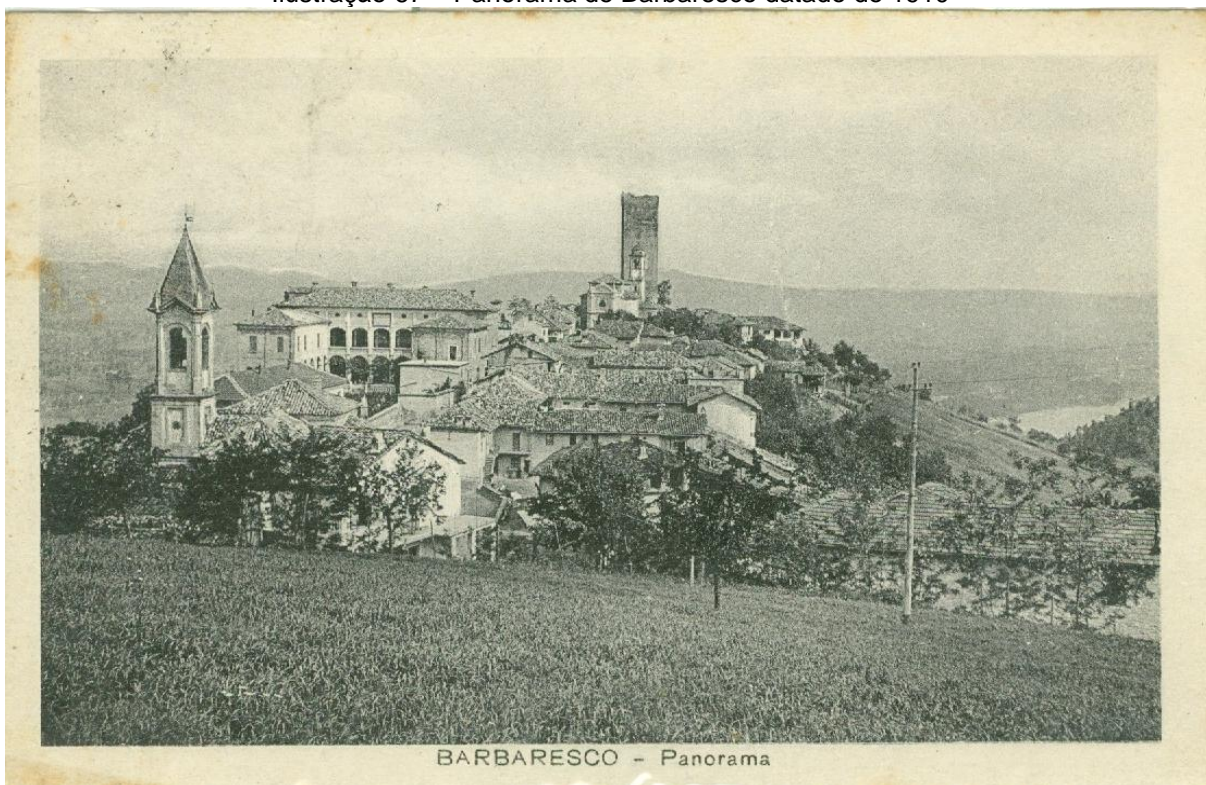
Ilustração 66 – Fotografia, com data desconhecida, do que aparenta ser a construção de uma nova residência nas imediações do Castello di Barbaresco



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]h).

É importante observar, no entanto, que, mesmo com tais transformações, a paisagem não teve sua feição substancialmente alterada. E Isto pode ser evidenciado, por exemplo, na comparação entre registros dos panoramas de Barbaresco realizados em distintos momentos do século passado (Ilustrações 67 a 71), além, obviamente, na comparação destes com aquele atual (Ilustração 72).

Ilustração 67 – Panorama de Barbaresco datado de 1910



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]f).

Ilustração 68 – Panorama de Barbaresco datado de 1930



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]o).

Ilustração 69 – Panorama de Barbaresco datado de 1950



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]n).

Ilustração 70 – Panorama de Barbaresco datado de 1965



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]m).

Ilustração 71 – Panorama de Barbaresco datado de 1970



Fonte: (ASSOCIAZIONE..., [201-?]).

Ilustração 72 – Panorama atual de Barbaresco



Fonte: Fotografia da autora (2022).

Barbaresco, assim como Barolo, também não dispunha, até o início de seu processo de candidatura no âmbito da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte* como Patrimônio Mundial, de um plano orientado a regular o caráter de sua ambiência, limitando suas transformações. Obedeceu, de forma geral, igualmente à autorreferencialidade da paisagem existente, tanto quanto respeitou, podemos dizer, a lógica da temporalidade na conformação dessa, permitindo-nos caracterizá-la, afinal, como uma paisagem resiliente no que tange a sua dimensão patrimonial, à semelhança daquela associada a Barolo.

Todavia, como temos defendido ao longo desta tese, a verdadeira compreensão do processo relativo à conformação dessas paisagens – junto da compreensão do processo pelo qual se conforma sua capacidade de resiliência – não se limita a uma pura e simples observação do caráter das relações de ordem mais objetiva estabelecidas entre seus componentes no transcorrer do tempo. Entendemos que envolve, ou melhor, **depende** ainda da análise de outros tipos de relações, de ordem mais subjetiva, correspondentes àquelas que os indivíduos que habitam essas paisagens com elas estabelecem a partir do suporte de suas respectivas percepções. Aludimos, em outras palavras, àquela base existencial sem a qual entendemos que uma paisagem não pode vir sequer a ser apreendida como tal – dado que, como expresso em nossa definição do conceito de paisagem contida na introdução deste trabalho, sua base sensível por si só não é suficiente para tanto –, e que se encontra diretamente vinculada à atribuição dos significados e valores que vêm a incidir, por fim, sobre uma ou outra configuração paisagística.

Remetemo-nos assim, à necessidade de se buscar compreender o enraizamento do mundo percebido no mundo vivido, no qual tem origem, como já dissemos, o mundo do sentido. E é precisamente no atendimento desta necessidade no âmbito de nossa investigação que nos centraremos, então, a partir deste momento, nas análises que apresentamos no capítulo a seguir.

## 5 DA PERCEPÇÃO À RESILIÊNCIA DA PAISAGEM

*Um vinhedo que se ergue na parte de trás de uma colina até atingir o céu é uma visão familiar, mas as cortinas simples e profundas das fileiras parecem ser uma porta mágica. Sob as videiras a terra vermelha é preparada, as folhas escondem tesouros e além das folhas está o céu. Tudo isso é familiar e remoto, infantil para resumir, mas treme toda vez, como se fosse um mundo.*  
(PAVESE, 2021b, p. 216, tradução nossa<sup>120</sup>).

O que constitui um mundo para nós senão, como nos dizia Merleau-Ponty (2011, p. 13-14), aquilo que nele/dele percebemos? Contudo, se percebemos a partir do entrelaçamento do mundo dado com nossa experiência de ser-no-mundo, aquele mesmo mundo, logo, como nos levará a compreender o mesmo filósofo, é igualmente constituído a partir daquilo que nele/dele vivemos.

Servindo-nos de nossos corpos, nossos sentidos, percebemos e vivemos esse mundo **fenomenológico**, envolvidos ainda em uma espécie de malha da qual participam nossos aprendizados, nossas histórias, nossos projetos, sem nos esquecermos das subjetividades pertencentes a outros indivíduos participantes de nossa existência, as quais “engrenam-se” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 18) às nossas conformando, então, uma intersubjetividade. E, se pensamos na resiliência da paisagem referente à conservação de seu patrimônio, podemos admitir estas mesmas subjetividades como elementos particularmente importantes porque, no âmbito dessa intersubjetividade, na condição de potenciais doadoras, como nos diria desta vez Cauquelin (2007), de outras percepções, vivências – e por que não – outros mundos, assumem o papel de agentes fundamentais da transmissão que entendemos contribuir para que aquela mesma resiliência possa se manifestar. Lembremos, oportunamente, sobretudo das considerações expressas ao fim de nosso terceiro capítulo, destacando-se aí a ideia de que uma “Paisagem” é, afinal, feita de múltiplas “paisagens”.

Com respeito a tal transmissão, feita de indivíduo a indivíduo, grupos de indivíduos a grupos de indivíduos, sabemos que não se refere somente à transferência entre esses de atributos materiais, mas também àquela de memórias, tradições, saberes, inclusive significados e valores, os quais, à medida que são

<sup>120</sup>Original em italiano: “Una vigna che sale sul dorso di un colle fino a incedersi nel cielo, è una vista familiare, eppure le cortine dei filari semplici e profonde appaiono una porta magica. Sotto le viti la terra rossa è dissodata, le foglie nascondono tesori, e di là dalle foglie sta il cielo. Tutto ciò è familiare e remoto, infantile a dirla breve, ma scuote ogni volta, quasi fosse un mondo.”

retomados – em alguns casos atualizados – e sobretudo **incorporados** pelos receptores, tornam-se componentes do modo como esses percebem, experimentam e, enfim, eventualmente dedicam-se a seguir preservando suas paisagens e o patrimônio a elas associado. Trata-se essa, a propósito, de uma consideração notadamente útil no contexto desta tese porque, somada aos conteúdos previamente abordados, reforça nossa hipótese fundamental ao permitir-nos elaborar o raciocínio de que, sabendo-se que estas mesmas memórias, saberes, tradições, significados e valores – tanto quanto suas retomada, atualização e incorporação – no fundo expressam justamente modos dos indivíduos perceberem, experimentarem e relacionarem-se com a paisagem, estes modos encontram-se, logo, na base do caráter da conservação nela operada, ou se preferirmos, na base de sua maior ou menor capacidade de resiliência no que tange a sua dimensão patrimonial.

Tomando as descrições e análises realizadas sobre o sítio da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*, que possibilitaram caracterizá-la como uma paisagem resiliente, nota-se, pois, que nelas revelam-se também evidências da transmissão em questão e, ainda, **uma determinada maneira pela qual a paisagem é percebida pelos sujeitos e comunidades que a habitam e não outra**. Essa última afirmativa corresponde a dizer que, se vemos ali certos elementos – de natureza material e imaterial – e características preservados ao longo do tempo, entendemos que esses mantiveram algum **sentido** positivo no contexto da vida daqueles sujeitos e comunidades, enquanto outros, eventualmente eliminados, sugerem-nos que em algum momento podem ter sido destituídos de tal sentido. É oportuno, neste caso, recordarmo-nos aqui das considerações de Turri referentes ao fato de que a conformação da paisagem, enquanto “momento comunicativo” (TURRI, 2011, p. 176) entre a sociedade e o território, é capaz de exprimir por si própria a atribuição de uma maior importância a determinadas concepções paisagísticas e determinados componentes em relação a outros, e também lembrarmo-nos das considerações de Merleau-Ponty que, reforçando a proposição do geógrafo, remetem-nos, por sua vez, ao fato de que podemos aportar neste entendimento pela razão fundamental de que

[...] várias maneiras de ser ou de viver podem repousar sobre as ruínas, sobre os instrumentos quebrados que encontro ou sobre a paisagem que percorro. O mundo cultural é agora ambíguo, mas ele já está presente. Há



ali uma sociedade a conhecer. Um Espírito Objetivo habita os vestígios e as paisagens. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 466).

Ocorre que para compreendermos verdadeiramente aquelas que entendemos serem as causas de uma determinada conformação da paisagem, ou seja, precisamente os determinados modos de percebê-la e relacionar-se com ela, devemos buscar apreender, como expressávamos nas considerações ao final do capítulo anterior, não somente esse espírito objetivo, mas também, senão sobretudo, aquele de caráter subjetivo, mais intimamente ligado aos indivíduos que são os agentes da percepção, daquela mesma transmissão e que são ainda, como diria Turri (2011), além de espectadores, os atores da paisagem. É preciso que tenhamos em vista, contudo, diante dos insuperáveis limites que se apresentam à completa apreensão<sup>121</sup> desse espírito ou dimensão subjetiva da paisagem, que o objetivo deve ser, na verdade, o de buscarmos uma **aproximação** da forma como a paisagem é percebida e então vivenciada pelos indivíduos, o que equivale a buscarmos aproximar-nos da forma como se manifesta a esses mesmos indivíduos e por eles é vivida, afinal, em sua própria condição de **fenômeno**.

Sergio Conti, na introdução de uma obra que aborda essas manifestações<sup>122</sup>, avalia que a paisagem é capaz de contar a história dos homens através de duas maneiras distintas: uma, pelos acontecimentos, fatos dos quais a própria paisagem constituiu-se como palco, recordados através da “narração de um cronista, a pintura de um artista, as palavras da literatura” (CONTI, [20--], p. 6, tradução nossa<sup>123</sup>); outra, pela análise do percurso da “história de sua formação, das sedimentações que de geração em geração foram sobrepostas à herança do passado, tornando a paisagem um depósito, um armazém de histórias ocorridas: no tempo, ao longo do tempo.” (CONTI, [20--], p. 6, tradução nossa<sup>124</sup>). Em um e em outro caso, no entanto, a seu ver, a paisagem termina sendo reduzida à história da sociedade que nela deixou suas marcas, uma história que, assim limitada à narrativa de sua dimensão

---

<sup>121</sup>Tratando aqui de uma apreensão das essências, referimo-nos, neste caso, à impossibilidade da realização da completa redução fenomenológica, questão abordada por nós no capítulo 2 desta tese.

<sup>122</sup>Referimo-nos aqui ao livro *Il nostro patrimonio: i bambini raccontano le Langhe, il Monferrato e il Roero*, constante na lista de referências deste trabalho e composto de textos, poesias e desenhos elaborados por crianças e jovens vinculados ao território da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*.

<sup>123</sup>Original em italiano: “[...] la narrazione di un cronista, il dipinto di un artista, le parole della letteratura.”

<sup>124</sup>Original em italiano: “[...] la storia della sua formazione, delle sedimentazioni che di generazione in generazione sono andate a sovrapporsi alle eredità del passato, facendo del paesaggio un deposito, un magazzino di storie avvenute: nel tempo, attraverso il tempo.”

histórica, falará basicamente de “monumentos, casas, castelos, de obras destinadas a durar, isto é, dos componentes de uma história que venera e preserva o passado e pode, por isso, frear o renovar-se da sociedade e da sua própria paisagem.” (CONTI, [20--], p. 6, tradução nossa<sup>125</sup>). O autor adverte, logo, que é, então,

[...] necessário buscar o diálogo com o ator que vive o presente da sociedade, para recuperar os dados que advêm da paisagem vivida, de seu silêncio, e incluí-los em tessituras de símbolos e significados, dando sentido à sua propriedade mais intrigante, que é o fato de ser algo inexpugnável, embaraçante e, portanto, não confinado a uma invenção histórica essencialmente estética. (CONTI, [20--], p. 6, tradução nossa<sup>126</sup>).

Tendo em vista, de nossa parte, a realização de uma análise acerca da resiliência patrimonial de uma paisagem, como a que pretendemos com a elaboração desta tese, ponderamos que as duas narrativas tradicionais apontadas por Conti, à medida que nos auxiliam a compreender as transformações dessa mesma paisagem ao longo do tempo – permitem, enfim, que sua resiliência possa ser de fato verificada –, são, indubitavelmente, úteis e devem, portanto, ser consideradas. Entendendo, no entanto, que a proposta de Conti não consiste em uma negação absoluta dessas narrativas, senão em uma atenção ou mesmo em uma associação a essas das subjetividades pertencentes aos indivíduos que vivem o presente da paisagem – sendo assim, os responsáveis pela efetiva sustentação de seus significados e valores e, por conseguinte, os definidores do caráter de suas novas transformações –, admitimos igualmente como válida tal proposição. Devemos acrescentar, neste sentido, nossa reflexão acerca do fato de que é sempre no presente, afinal, que a resiliência da paisagem verdadeiramente se afirma, a partir das percepções e experiências que os sujeitos têm em relação a essa paisagem e que influem, por sua vez, na atribuição daqueles significados e valores, sendo neste mesmo presente que vem a ter também, assim, definido o caráter de sua transmissão ao futuro.

---

<sup>125</sup>Original em italiano: “[...] i monumenti, le case, i castelli, le opere destinate a durare, ovvero le componenti di una storia che preserva e venera il passato e può per questo frenare il rinnovarsi della società e del suo stesso paesaggio.”

<sup>126</sup>Original em italiano: “[...] è necessario ricercare il dialogo con l'attore che vive il presente della società, per recuperare i dati che risalgono dal paesaggio vissuto, dal suo silenzio, e includerli entro tessiture di simboli e di significati, dando senso alla sua proprietà più intrigante, cioè il fatto di essere qualcosa di imprevedibile, di imbarazzante, e per questo non confinabile in un'invenzione storica essenzialmente estetica.”

O diálogo proposto por Conti, ao aproximar-nos dessas percepções e experiências relativas à manifestação fenomênica da paisagem a que nos referíamos, constitui, deste modo, tarefa indispensável a se realizar: auxilia-nos, enfim, a compreender como a resiliência desta paisagem se conforma na atualidade – permitindo-nos compreender, inclusive, a maneira como naquelas percepções e experiências são incorporados os contributos do passado –, além da maneira como tende a conformar-se no porvir. Desta forma, também fornece indicações valiosas acerca de eventuais riscos e ameaças incidentes sobre sua conservação e, logo, a possibilidade do desenvolvimento, pelos agentes preocupados com tal conservação, de estratégias adequadas ao enfrentamento dos mesmos riscos e ameaças.

No que tange ao estabelecimento de tal diálogo, sabemos que os comportamentos, ao expressarem a vinculação dos sujeitos a um dado contexto social e cultural e serem capazes de revelarem-nos determinadas percepções ou visões de mundo desses mesmos sujeitos, representam meios através dos quais se poderia chegar a efetuar-lo. Todavia, se aqui visamos o estabelecimento de uma comunicação um tanto mais direta com esses sujeitos e aquelas suas percepções, os objetos de nosso maior interesse correspondem, precisamente, às suas **narrativas**. É sabido que essas, importantes instrumentos para a realização da transmissão que mencionamos, apoiam-se fundamentalmente na linguagem, a qual, como já nos dizia Merleau-Ponty (2011, p. 253), tem o poder de estabelecer entre os entes comunicantes “um mundo comum”. Reforçamos, no entanto, nosso entendimento de que essa linguagem não deve, no caso, ser admitida apenas em sua manifestação, por assim dizer, tradicional – realizada através de palavras faladas ou escritas –, mas também naquela feita através de imagens, dado que são semelhantemente capazes de expressar as formas como os sujeitos percebem, apreendem e significam as coisas no mundo. É o que nos revela, a propósito, a abordagem do trabalho de Cézanne realizada no capítulo 2 a partir da filosofia merleau-pontyana ou ainda – e aí de modo até mais simples, diríamos – os desenhos elaborados no contexto do universo infantil - constantes da obra de que participa Conti.

Dando continuidade à nossa investigação, neste momento partimos, então, para a apresentação e análise de algumas das narrativas associadas à *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*, que remontam, sempre que oportuno e possível, deve-se pontuar, tanto a seu presente como a seu passado, considerando que assim tornam,

no âmbito de tal investigação, a análise em questão mais proveitosa em relação a seus objetivos. Esses consistem, reforçamos, essencialmente na compreensão dos modos de se perceber a paisagem aos quais as narrativas em questão encontram-se vinculadas e na verificação das relações existentes entre esses modos e a resiliência por nós identificada na referida paisagem.

Antes de avançarmos, contudo, devemos informar que, adotando aqui a mesma estrutura do capítulo 4, traremos em primeiro lugar as apresentações e análises de narrativas referentes à *Paisagem Vitivinícola* em sua apreensão mais geral. Feito isto, no momento seguinte nos dedicaremos àquelas correspondentes aos dois recortes adotados, os sítios de Barolo e Barbaresco.

### **5.1 Era uma vez na *Paisagem Vitivinícola do Piemonte: Langhe-Roero e Monferrato...***

Era uma vez... Ou talvez devêssemos iniciar esta seção com a expressão – ainda que um tanto estranha, é verdade – “eram diversas vezes”. Buscamos fazer referência, assim, não a um sentido de repetição, senão de multiplicidade, já que múltiplas, tanto quanto o são os indivíduos existentes em um dado lugar, são as formas de se perceber, experienciar e conseqüentemente narrar um território e sua paisagem.

No entanto, é possível observarmos que em várias dessas percepções, experiências e narrativas, alguns elementos são compartilhados, os quais passam a constituir-se, deste modo, como valiosos indicativos tanto daquele que viria a ser seu sentido compartilhado quanto de sua essência. No contexto da *Paisagem Vitivinícola*, vemos então que – como se poderia, inclusive, em certa medida esperar – esses elementos terminam, de maneira geral, remetendo à cultura vitivinícola ali presente: seja a sua dimensão material – as vinhas implantadas nas colinas, o vinho, as construções a ela de algum modo associadas –, seja àquela imaterial – os saberes tradicionais, as celebrações, as histórias e, por que não, os afetos a essa mesma cultura atrelados, os quais, como demonstrado no texto de Rubem Alves sobre o pé de rosmaninho, são, afinal, também participantes de nossa comunicação com o mundo e de nossa atribuição de significados e valores às coisas.

A narrativa fornecida por Laurana Lajolo (1942- ) (LA LETTERATURA..., 2019), escritora e filha de Davide Lajolo, é, pois, uma daquelas nas quais se vê

ilustrada tal condição. Abordando em particular a importância do tradicional trabalho realizado pelos antigos vitivinicultores nas vinhas para a conformação do caráter da *Paisagem Vitivinícola*, Lajolo diz que

[...] o que distingue essas pequenas comunidades, essas comunidades de pequenos proprietários, é o cansaço do trabalho e também a pobreza. O cansaço do trabalho identifica muito o agricultor do passado no sentido de que a vinha é o seu cartão de visita ao ar livre. A vinha bem cultivada é a marca de honra da família. Meu avô camponês reconhecia as famílias a partir de como trabalhavam suas videiras. Era um sinal de orgulho. Eles eram orgulhosos de realizar muito trabalho, talvez terminando o trabalho antes dos outros, como uma marca da capacidade de serem pessoas honradas. Hoje, por exemplo, que temos a presença de trabalhadores agrícolas estrangeiros, a evidência para verificar se fazem ou não parte da comunidade é se trabalham com seriedade ou não. Se trabalham com seriedade, fazem parte desta comunidade. Portanto, o trabalho é o que distingue a fisionomia de uma localidade. (LA LETTERATURA..., 2019, tradução nossa<sup>127</sup>).

Ainda acerca deste mesmo trabalho, Lajolo também pontua, na sequência de sua fala, que

A cultura camponesa não tinha como objetivo o progresso, tinha o objetivo de recomeçar a cada ano. Encerrava-se uma colheita, encerrava-se uma campanha [período de trabalho] e então se recomeçava. Descansava-se um pouco se havia muita neve e depois se retornava à vinha. Este é outro elemento: a relação entre o pequeno proprietário e a vinha. É uma relação muito próxima porque, ao contrário de outras culturas, a vinha deve ser trabalhada durante todo o período da campanha ao longo do ano: desde janeiro, quando realizava-se a poda – hoje os ritmos são diferentes – à vindima, à vinificação na adega de casa. Então o pequeno proprietário da vinha estava lá todos os dias, era o seu lugar eletivo, o lugar do seu coração, ainda que nunca o tenha definido assim. E era, portanto, uma forma de integrar terra e personalidade, terra e família, porque então todos trabalhavam na vinha: as mulheres tinham tarefas particulares, porque tinham mãos mais gentis para fazer certas operações nas videiras, as crianças eram usadas na frente do boi e o homem era quem realizava o maior esforço. (LA LETTERATURA..., 2019, tradução nossa<sup>128</sup>).

<sup>127</sup>Original em italiano: “[...] quello che distingue queste piccole comunità, queste comunità di piccoli proprietari è la fatica del lavoro e la povertà anche. La fatica del lavoro identifica molto il contadino di una volta nel senso che la vigna è il suo biglietto da visita all'aperto. La vigna ben coltivata è il segno di onore della propria famiglia. Mio nonno contadino riconosceva le famiglie da come lavoravano le vite. Era segno di orgoglio. Erano orgogliosi di fare tanto lavoro, magari di finire il lavoro prima degli altri, come segno distintivo della capacità di essere persone onorevoli. Oggi, per esempio, che abbiamo una presenza di salariati agricoli stranieri, la cartina di tornassole, per verificare se fanno parte o no della comunità, è proprio se lavorano seriamente o no. Se lavorano seriamente, sono parte di questa comunità. Quindi, il lavoro è quello che contraddistingue la fisionomia di un paese.”

<sup>128</sup>Original em italiano: “La cultura contadina non aveva l'obiettivo del progresso, aveva l'obiettivo di ricominciare ogni anno. Finiva una nata, finiva una campagna e si ricominciava. Si riposava per poco se c'era molta neve e poi si ritornava nella vigna. Questo è un altro elemento: il rapporto tra il piccolo proprietario e la vigna. È un rapporto strettissimo perché, al contrario di altre coltivazioni, la vigna deve essere lavorata lungo tutto il periodo a punto della campagna durante tutto l'anno: da gennaio quando si potava – adesso i ritmi sono diversi –, alla vendemia, alla vinificazione nella

Para além do trabalho dos vitivinicultores com seus saberes e costumes próprios, um evidente destaque é concedido, pois, às vinhas, às videiras – elementos entre os quais inserem-se ainda outros, como o vinho e os locais de sua produção –, assim como à relação entre eles estabelecida no contexto da *Paisagem Vitivinícola*. Trata-se de uma relação caracterizada, enfim, por sentimentos de dedicação, de orgulho e de afeição nutridos por aqueles vitivinicultores particularmente em direção às mesmas vinhas e videiras, mas que podem ser considerados como igualmente extensivos ao território no qual essas são cultivadas, junto da paisagem que vem, por fim, a esse associada.

Outro elemento fundamental à conformação dessa paisagem, ao qual constata-se que a narrativa de Lajolo por fim igualmente alude, consiste no profundo engajamento exercido por esses vitivinicultores em seu território e sua paisagem, por eles percebidos, por sua vez, como a própria narradora indica, como nada menos que extensões de suas próprias vidas e personalidades – percebidos, em síntese, diríamos, como extensões de seu próprio ser. E tal engajamento, dada a forma como se manifesta, devemos reconhecer que não pertence, então, a uma ordem puramente mecânico-objetivista, ou seja, não se trata de um engajamento orientado ao mero cumprimento de determinadas ações com finalidade estritamente prática em um espaço e em um tempo objetivamente concebidos, sendo, ao contrário, um **engajamento de ordem fenomenal**. Isto significa que é realizado, portanto, com o **corpo fenomenal** – o corpo admitido como veículo da manifestação do ser-no-mundo –, em um **espaço fenomenal** – o espaço admitido como correspondência e prolongamento daquele corpo – e em um **tempo fenomenal** – o tempo admitido como dimensão da existência do ser integrada à própria temporalidade do mundo ou natureza.

Referente, no âmbito da narrativa de Laurana Lajolo, notadamente ao engajamento dos vitivinicultores do passado da *Paisagem Vitivinícola*, oportunamente ressaltamos que esta caracterização não difere, porém, daquela passível de ser atribuída ao engajamento realizado no presente dessa paisagem, ou seja, à forma como aqueles que hoje nela vivem a experimentam e com ela se

---

cantina di casa. Quindi, il piccolo proprietario nella vigna ci stava tutti i giorni, era il suo luogo eletivo, il luogo del cuore, anche se non l'avrà mai definito così. Ed era quindi una forma di integrare terra e personalità, terra e famiglia, perché poi nella vigna lavoravano tutti: le donne avevano dei incarichi particolare, perché avevano mani più gentili per fare certe operazioni sulla vite, i bambini venivano utilizzati davanti al buco e l'uomo era quello che sosteneva la maggiore fatica.”

relacionam. Em primeiro lugar porque, como compreendemos através da fenomenologia merleau-pontyana, tal é o modo primordial, afinal, dos sujeitos em geral realizarem a experiência de ser-no-mundo, isto é, **fenomenalmente**. E em segundo lugar porque, remetendo-nos aqui especialmente aos sentimentos, significados e valores que permeiam e em certa proporção modelam esse engajamento, os atuais habitantes da mesma paisagem associam-se a uma cultura transmitida ao longo de gerações que mantém-se viva, vibrante – enfim, **resiliente** – no seio das comunidades locais.

Neste sentido, nota-se que a percepção identificada na narrativa de Lajolo do território e da paisagem como reflexos dos próprios indivíduos, de sua cultura e de sua identidade – à qual se vinculam, a propósito, os sentimentos, significados e valores citados –, não pertence apenas àqueles antigos vitivinicultores. Constata-se que é, em certa medida, compartilhada entre os indivíduos de modo geral a ponto de ser reconhecida mesmo nos mais jovens. Ilustram tal afirmativa, por exemplo, as narrativas apresentadas a seguir, fornecidas através de pequenos poemas e desenhos (Ilustrações 73 a 75) elaborados por crianças de escolas da região<sup>129</sup> que descrevem a forma como percebem e concebem a paisagem em questão:

A face do agricultor,  
rugosa.  
As suas rugas  
parecem  
as ondas  
escavadas pelo arado.  
Às vezes  
os cansaços  
do agricultor  
vêm recompensados  
pelo seu duro trabalho.  
Um mundo  
de rugas,  
um mundo  
de campos  
floridos e belos...  
um mundo de vida!!!

<sup>129</sup>Optamos por considerar também narrativas elaboradas por crianças de escolas situadas em municípios nas imediações do território da *Paisagem Vitivinícola* delimitado pela UNESCO, tendo em vista duas condições fundamentais que expomos a seguir: a primeira refere-se ao fato de que muitas dessas crianças residentes nos municípios inseridos nesse território frequentam tais escolas em função de não disporem de outras em sua própria localidade, sendo a segunda correspondente, por sua vez, ao fato de que aqueles primeiros municípios demonstram possuir vínculos diretos, profundos e veementes com tal território, compartilhando diversos aspectos de sua tradicional cultura em torno da vitivinicultura.

(CONTI, [20--], p. 148, tradução nossa<sup>130</sup>).

Ilustração 73 – Desenho representativo da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*



Fonte: (CONTI, [20--], p. 49).

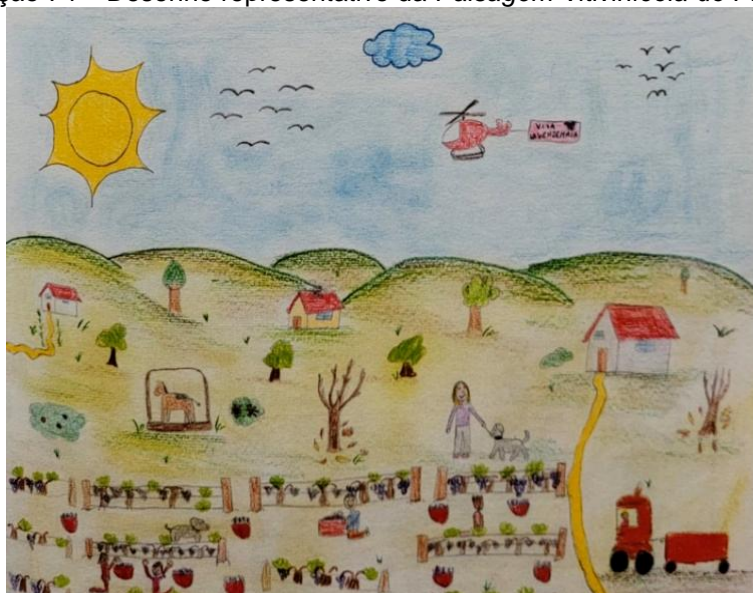
Tanto verde  
no povoado,  
tantos campos  
cultivados,  
os agricultores cansados  
buscam fazer  
o possível.  
As vinhas  
são cultivadas  
e a uva colhida.  
Tantos agricultores cansados  
se misturam às cores  
mais importantes:  
verde, amarelo, vermelho  
e marrom  
[...].  
(CONTI, [20--], p. 146, tradução nossa<sup>131</sup>).

<sup>130</sup>Original em italiano: “La faccia del contadino, / rugosa. / Le sue rughe / sembrano / le onde / scavate dall’aratro. / A volte / le fatiche / del contadino / vengono ricompensate / dal suo duro lavoro. / Un mondo / di rughe, / un mondo / di campi / fioriti e belli... / un mondo di vita!!!”

<sup>131</sup>Original em italiano: “Tanto verde / nel paese, / tanti campi / lavorati, / i contadino (sic) stanchi / cercano di fare / il possibile. / Le vigne / si lavorano / e l’uva si raccoglie. / Tanti contadini stanchi / se mischian nei colori / più importanti: / verde, giallo, rosso / e marrone / [...]”



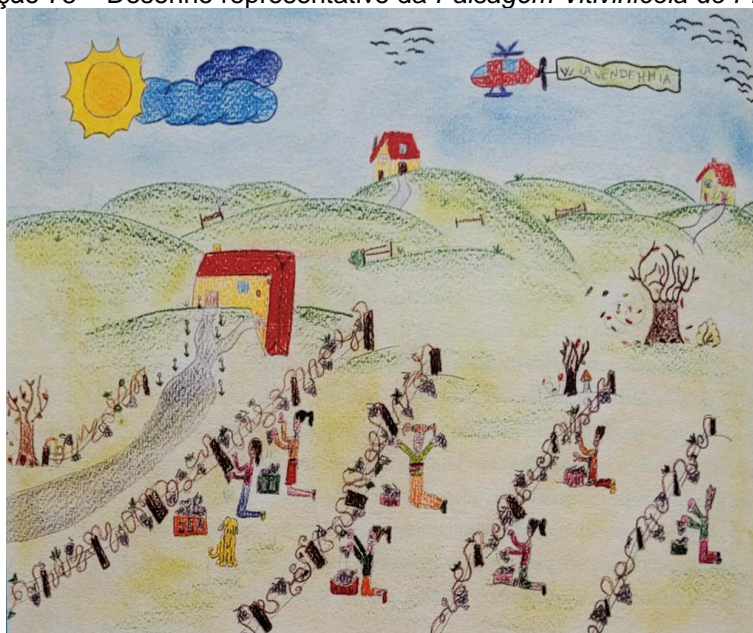
Ilustração 74 – Desenho representativo da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*



Fonte: (CONTI, [20--], p. 47).

Paisagens são  
montes e colinas  
cobertos de verde.  
A paisagem é um mundo,  
somos nós.  
São dos lutadores  
que defendem  
a natureza  
e a vida.  
(CONTI, [20--], p. 149, tradução nossa<sup>132</sup>).

Ilustração 75 – Desenho representativo da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*



Fonte: (CONTI, [20--], p. 48).

<sup>132</sup>Original em italiano: “Paesaggi è (sic) / monti e colline / coperte di verde. / Il paesaggio è un mondo, / siamo noi. / Sono dei lottatori / che difendono / la natura / e la vita.”

Analisando essas narrativas, observamos que expressam o reconhecimento da relação entre a ação humana – no âmbito da qual o trabalho dos vitivinicultores vem sempre destacado, atestando, no nosso entendimento, a ampla e robusta presença da cultura vitivinícola no território – e a paisagem. Porém, é interessante observarmos que também se reportam a um conjunto de determinados elementos associados à mesma cultura que se repetem – como advertíamos no início desta seção –, revelando-nos que estes são então percebidos como fortemente característicos dessa paisagem e, logo, assumidos como componentes de sua identidade. Referimo-nos aqui às colinas, às vinhas com o sistema típico de plantio e de organização das videiras, às uvas, às construções também típicas como as casas camponesas e os *ciabot*<sup>133</sup> com sua tradicional forma de implantação nos terrenos, junto das cores e texturas associadas a esses elementos.

No que se refere às qualidades sensíveis da paisagem, devemos acrescentar que não são, no entanto, apenas referências a formas, cores e texturas que podemos encontrar nas narrativas. Fazendo-se a ressalva de que há, sem dúvidas, dificuldades ou mesmo limitações para se representar através de imagens as demais qualidades sensíveis da paisagem, isto é, seus odores, sons e sabores – o que não exclui, todavia, a participação dessas na experiência paisagística dos autores das imagens, deve-se frisar –, aquelas podem, contudo, ser encontradas em outros textos de crianças e jovens vinculados ao território, nas quais são descritas justamente como participantes de tal experiência. Vejamos os exemplos abaixo:

Voltamos à vinha para colher as uvas da nossa videira. Era um lindo dia, o céu estava limpo e claro, o sol estava quente quase como no mês de agosto, de vez em quando soprava uma brisa fresca que nos refrescava um pouco.

O terreno estava lamacento e escorregadio, mas não caímos porque tínhamos botas.

Nas fileiras, nossas mudas [de videiras] haviam crescido muito, as folhas eram de cor verde-clara e escura, algumas tinham tonalidades amarelas e marrons porque estão secando, tinham formas diferentes.

Cada ramo havia produzido de cinco a doze cachos de uvas brancas Moscato.

Provamos uma uva grande: era doce, suculenta, macia, as sementes eram azedas, pequenas e duras.

---

<sup>133</sup>“*Ciabot*” é um termo em dialeto piemontês que designa uma pequena edificação, construída normalmente em pedra ou alvenaria, tradicionalmente presente nas vinhas da região de Langhe-Roero e Monferrato. Sua função é a de oferecer abrigo para os trabalhadores em períodos de maior insolação e chuva, atuando, em alguns casos, também como local de armazenamento de água para as plantações e como depósito de ferramentas.

Se as tocávamos eram macias, lisas, pegajosas. A atmosfera era alegre, se ouviam vozes altas e baixas, risadas, o farfalhar das folhas, a queda dos cachos, o murmúrio do *cingolo*<sup>134</sup>.

No ar se sentia o perfume delicado de algumas uvas esmagadas, o cheiro da terra molhada, do nosso suor e da fumaça do *cingolo*. (CONTI, [20--], p. 16, tradução nossa<sup>135</sup>).

Para mim, as Langhe são o odor marinho que chega na primavera: o ar do mar dá a sensação da água do mar.

Também gosto da Langa pela bela paisagem: os pores do sol de verão tornam os campos e as coisas mais bonitas e brilhantes e é belo ver o sol se pondo entre as montanhas, para depois pela manhã despertar com o canto do galo, e depois procurar cogumelos. Uma coisa típica das Langhe é a trufa.

No outono é bom ver as folhas secas caindo das árvores e depois ver chegar o inverno: então cai a neve que branqueia as ruas, os campos, as árvores e os telhados de todas as casas.

E depois ir no trenó brincar na neve." (CONTI, [20--], p. 142, tradução nossa<sup>136</sup>).

A leve fumaça branca  
 cobre metade  
 daquele tanto de verde, vermelho e amarelo  
 de flores, vinhas e campos.  
 Recordam-se  
 os agricultores cansados  
 que trabalham,  
 crianças que correm  
 nos prados verdes.  
 O vento sopra na colina  
 dança a grama  
 acompanhada  
 do farfalhar das folhas.  
 O perfume das flores  
 viaja no ar  
 junto da frescura

<sup>134</sup>Optamos por manter o termo no idioma original pela dificuldade de encontrar termo correspondente no português. Um *cingolo* corresponde a um instrumento de locomoção que substitui a roda, semelhante a uma esteira, geralmente utilizado quando há o objetivo de se exercer menor pressão sobre um terreno.

<sup>135</sup>Original em italiano: "Siamo ritornati nel vigneto per vendemmiare l'uva della nostra vite. Era una bella giornata, il cielo era limpido e sereno, il sole era caldo quasi come nel mese di agosto, ogni tanto soffiava un fresco venticello che ci rinfrescava un po'. / Il terreno era fangoso e scivoloso, ma noi non siamo caduti perché avevamo gli stivaletti. / Nei filari, le nostre piantine erano cresciute molto, i pampini erano di colore verde chiaro e scuro, alcuni avevano delle sfumature gialle e marroni perché stanno seccando, avevano forme diverse. / Ogni tralcio aveva prodotto dai cinque ai dodici grappoli di uva bianca Moscato. / Abbiamo assaggiato qualche grosso acino: era dolce, succoso, morbido, i vinaccioli erano aspri, piccoli e duri. / Se li toccavamo erano morbidi, lisci, appiccicosi. L'atmosfera era allegra, si sentivano voci alte e basse, risate, i fruscii delle foglie, i tonfi dei grappoli, il rombo del cingolo. / Nell'aria si sentiva il profumo delicato di qualche acino schiacciato, l'odore della terra bagnata, del nostro sudore e del fumo del cingolo."

<sup>136</sup>Original em italiano: "Per me le Langhe sono l'odore marino che arriva in primavera: l'aria marina dà la sensazione di acqua di mare. / A me la Langa piace anche per il bel paesaggio: i tramonti estivi rendono le campagne e le cose più belle e lucenti ed è bello vedere il sole che scende fra le montagne, per poi alla mattina svegliarsi con il canto del gallo, e poi a cercare i funghi. Una cosa tipica delle Langhe è il tartufo. / In autunno è bello vedere le foglie secche che cadono dagli alberi e poi veder arrivare l'inverno: allora scende la neve che imbianca le strade, i campi, gli alberi e i tetti di tutte le case. / E poi andare sul bob per giocare con la neve."

que se dispersa da natureza.  
 As folhas coloridas  
 se desprendem das árvores  
 e viajam  
 no azul do céu.  
 Veem-se  
 pequenos caminhos  
 que levam  
 ao maravilhoso castelo  
 que dá um toque de vida.  
 (CONTI, [20--], p. 147, tradução nossa<sup>137</sup>).

Junto a esses textos, incluímos o trecho reproduzido na sequência, extraído da obra *Il merlo di campagna e il merlo di città* (*O melro do campo e o melro da cidade*), de autoria de Davide Lajolo. Publicado no ano de 1983, consideramos que contribui para evidenciar-nos como também eram envolvidas na experiência paisagística do autor outras qualidades sensíveis da *Paisagem Vitivinícola*, para além, como dizíamos anteriormente, daquelas referentes apenas a suas formas, cores e texturas:

O campo explode em vegetação e flores. É a estação em que tudo germina, os ramos se alongam, as folhas se multiplicam. Passeio nas colinas de Monferrato. A uma curta distância dos meus topos das colinas, vejo as costas altas e escuras das Langhe. O céu está claro, o sol brilha alto, as estradas asfaltadas, em meio à vegetação luxuriante, lá embaixo, parecem fitas de prata. Eu os vejo do alto do morro: até os raros carros que passam por ali à tarde se inserem na paisagem, brilhando como salpicos de cor. O silêncio do campo é quebrado apenas pelos melros, pelos verdilhões, pelos rouxinóis que se convocam uns aos outros, enquanto chegam os gorjeios trêmulos dos recém-nascidos. Subo uma pequena rua onde a grama é um tapete, macio, limpo pela breve chuva de ontem. (LAJOLO, p. 21, 1983, tradução nossa<sup>138</sup>).

<sup>137</sup>Original em italiano: “Il leggero fumo bianco / copre la metà / di quel tanto verde, rosso e giallo / di fiori, vigne e campi. / Si accorgono / i contadini stanchi / che lavorano, / bambini che corrono / nei verdi prati. / Il vento si inoltra nella colina / balla l'erba / accompagnata / dal fruscio delle foglie. / Il profumo dei fiori / viaggia nell'aria / insieme alla freschezza / che si disperde della natura. / Le foglie colorate / si staccan dagli alberi / e viaggiano / nell'azzurro del cielo. / Si vedono / piccoli sentieri / che portano / al meraviglioso castello / che dà un tocco alla vita.”

<sup>138</sup>Original em italiano: “La campagna scoppia nel verde e nei fiori. È la stagione in cui tutto germina, i rami si allungano, le foglie si moltiplicano. Giro sulle colline di Monferrato. A distanza ravvicinata dai miei bricchi vedo le groppe alte e scure delle Langhe. Il cielo è terso, il sole splende alto, le strade asfaltate, in mezzo al rigoglio della vegetazione, laggiù in basso, paiono nastri d'argento. Le guardo dall'alto della collina: persino le rare macchine che l'attraversano nel meriggio si inseriscono nel paesaggio luccicanti come macchie di colori. / Il silenzio della campagna è rotto soltanto dai merli, dai verdoni, dagli usignoli che si richiamano l'un l'altro, mentre appena accenati giungono trepidi i pigolii dei nuovi nati. Salgo per una stradina dove l'erba fa da tapetto, soffice, pulita per la breve pioggia di ieri.”

Essas narrativas revelam-nos, pois, o modo com o qual, para além da visão e do tato, o olfato, a audição e o paladar são igualmente empregados na experiência perceptiva da *Paisagem Vitivinícola*, incorporando a ela um conjunto de qualidades próprias. Ao fazê-lo, contribuem para validar e reforçar a concepção defendida por nós nesta tese a partir das contribuições da filosofia de Merleau-Ponty de que esta experiência – remetendo-nos, no caso, à experiência paisagística de modo geral – realiza-se efetivamente com todos os sentidos, os quais, cumpre-nos reforçar, em tal experiência atuam sempre em condição de simultaneidade, mesmo que por vezes se possa pensar que se está em dado momento servindo-se apenas da visão, ou do tato, e assim por diante.

Sem deixarmos de observar que nas mesmas narrativas identifica-se, ainda, o destaque concedido àqueles mesmos elementos que há pouco mencionávamos – assumidos, uma vez mais, entre os principais componentes da paisagem em questão –, há, contudo, um item particularmente relevante para o qual oportunamente gostaríamos de chamar a atenção: o entrelaçamento que podemos ver que essas narrativas também expressam entre o **mundo sensível** – representado precisamente pelos elementos destacados na percepção da paisagem com sua respectiva configuração sensível – e o **mundo vivido** – representado pelas experiências vividas pelos respectivos autores das narrativas –, do qual vemos despontar, então, o **mundo do sentido** relativo à *Paisagem Vitivinícola* – representado, por sua vez, pelos significados e valores que os narradores a ela demonstram conferir. E a isto atribuímos especial relevância porque contribui, por sua vez, para reforçar a validade de nossa aceção do conceito de paisagem como uma construção cultural cujo substrato consiste precisamente na articulação entre tais mundos.

Desta articulação, entendemos que podem ser identificadas ainda outras facetas em narrativas como a de Gianluigi Bera (I RITUALI..., 2019), vitivinicultor da localidade de Canelli, cuja família encontra-se envolvida na atividade vitivinícola desde meados do século XVIII. Em seu relato, que vemos aproximar-se em certo sentido daquele de Laurana Lajolo, e no qual podíamos já, a propósito, reconhecer claras referências ao mundo vivido, Bera afirma que

Na nossa região, a vinha e o vinho são indissociáveis do cotidiano. É um espaço onde a própria vida se baseia – baseia-se há séculos – na vinha, no vinho. Portanto, é muito difícil, muito complicado identificar tradições, rituais

específicos para a vinha, para o vinho. Justamente por serem rituais que marcam a vida do agricultor e não apenas do agricultor. (I RITUALI..., 2019, tradução nossa<sup>139</sup>).

No que se refere a essas tradições e rituais, centrando-nos naqueles pertencentes ao folclore local e que abrangem toda a comunidade, nota-se de fato que muitos, ainda que correspondam a celebrações não relacionadas propriamente à vitivinicultura, incorporam-na através de referências ou do emprego de seus componentes, como a própria vinha e o próprio vinho citados por Bera. Um bom exemplo é o *Cantè j'euuv* (*Cantare l'uova* em italiano e *Cantar os ovos* em português), festejo pagão realizado na semana de Páscoa no qual um grupo de indivíduos passa de casa em casa nas localidades pedindo por comida e vinho para a organização de um almoço coletivo no dia da chamada *Pasquetta* (a segunda-feira seguinte ao domingo de Páscoa), oferecendo entoar em troca canções para desejar saúde aos moradores, fertilidade às suas vinhas e prosperidade nas suas colheitas. Diz-se que os pedidos comumente são atendidos a fim de se evitar que os pedintes optem por lançar maldições, as quais supostamente fariam com que as plantações e os vinhos a serem produzidos pelas famílias no ano fossem de algum modo prejudicados. A nosso ver em tudo isso se revela, então, uma efetiva percepção da parte desses sujeitos de tais elementos – e da vitivinicultura, em sentido amplo – como elementos, além de integrados, especialmente significativos no contexto de suas vidas – com o que viria justificada, portanto, tanto a validade das ameaças quanto das ações orientadas à sua suspensão.

Passando ao âmbito da religiosidade local, é interessante observar que a mesma condição se faz presente, ou seja, a cultura vitivinícola e seus componentes são igualmente percebidos como elementos integrados e significativos na vida das comunidades, sendo, por isso, também aí incorporados. Renato Vai (RITUALI..., 2019), estudioso da história do território nascido no município de Alba, assim o atesta relatando:

Lembro-me de quando em Alba, aí eu era criança, videiras eram cortadas por vingança. Lembro-me, o pároco havia dito que era um anátema cortar videiras e cortá-las por vingança. Então, quanta proteção as videiras tiveram. E a tiveram também em momentos difíceis, quando pensamos na

<sup>139</sup>Original em italiano: “Nella nostra zona, la vigna, il vino sono inscindibili della vita quotidiana. È una zona dove la vita stessa si basa — si è basata da secoli — sulla vigna, sul vino. Quindi, è molto difficile, molto complicato individuare delle tradizioni, dei rituali specifici per la vigna, per il vino. Proprio perché sono rituali che scandiscono la vita del contadino e non solo del contadino.”

filoxera, um drama vivido que causou a imigração. [...] Perderam-se vinhas autóctones, perderam-se colheitas que agora estão a ser recuperadas [...]. Uma outra narrativa [...] pode ser realizada a partir dos *piloni*<sup>140</sup>. Bem, vem-me à mente, uma vez catalogamos os *piloni* em Langa: eram mais de seiscentos *piloni* votivos em Langa. (RITUALI..., 2019, tradução nossa<sup>141</sup>).

Esses elementos, os *piloni*, segundo nos informa Vai, eram utilizados durante os períodos de guerra para solicitar às figuras de devoção das comunidades a proteção daqueles que haviam sido convocados para os combates. Entretanto, serviam também – como chegam a servir ainda hoje – para pedir proteção para as vinhas pertencentes às famílias.

Outros são, porém, em termos de elementos construídos, aqueles que figuram com maior expressividade na percepção da *Paisagem Vitivinícola* pelos habitantes de seu território – ou, para usar o termo de Turri (2011), figuram como seus iconemas –, inserindo-se igualmente nos respectivos mundos vividos desses habitantes. Os castelos, torres e igrejas são alguns desses elementos que, além de encontrarem-se vinculados à identidade mais geral, por assim dizer, de tal paisagem, encontram-se antes vinculados à identidade própria de cada localidade contida no referido território.

Esta condição, que havíamos já indicado no capítulo 4 no âmbito da apresentação dos componentes antrópico e perceptivo dessa paisagem, vemos revelar-se, por exemplo, nas imagens exibidas a seguir (Ilustrações 76 a 78). Datadas do século XIX, correspondem, respectivamente, a uma gravura de autoria de Francesco Gonin (1808-1889) (Ilustração 76) e a duas pinturas de autoria de Angelo Morbelli (1853-1919) (Ilustrações 77 e 78):

<sup>140</sup>Optamos por manter o termo no idioma original pela falta de termo correspondente no português. Um *pilone* corresponde a uma pequena estrutura construída em tijolo ou pedra, normalmente implantada à beira de estradas, com finalidade memorial ou devocional.

<sup>141</sup>Original em italiano: “La vigna è sempre stata rispettata. Mi ricordo quando ad Alba, lì ero bambino, sono stati tagliate per vendeta delle vite. Ricordo, il paroco ha detto che era un anatema tagliare le vite e tagliarle per vendeta. Quindi, quanta protezione hanno avuto le vite. E poi l'ha hanno avuto anche nei momenti difficili quando noi pensiamo alla fillossera, drama vissuto che ha causato la imigrazione. [...] si sono persi vitigne autoctoni, si sono persi colture che adesso si ripristinano [...]. Un'altra narrazione [...] può dire dei piloni. Ecco, mi viene in mente, una volta abbiamo catalogato i pilone in Langa: erano più di seicento piloni votivi in Langa.”

Ilustração 76 – Gravura de porção do território da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte* realizada por Francesco Gonin



Fonte: (SiTI, 2009a, p. 97).

Ilustração 77 – Pintura *Estrada de Monferrato com o Castelo de Uviglie*, realizada por Angelo Morbelli



Fonte: Adaptado pela autora de CITTÀ DI CASALE MONFERRATO (2021).

Ilustração 78 – Pintura de porção do território da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte* situada na região de Monferrato realizada por Angelo Morbelli



Fonte: (SiTI, 2009a, p. 97).



Fazendo uma breve contextualização dessas imagens, encontram-se associadas ao gosto pelo pitoresco típico do Romantismo, sendo pertencentes, portanto, àquela fase em que ocorre a dita consagração da paisagem. Tal gosto, como sabido, conduzia à apreciação da relação estabelecida entre os elementos ditos históricos nela presentes e aqueles de caráter natural, e este era, então, o motivo adotado por muitas obras da época que contribuíam para evidenciar, assim, um processo de profunda valorização do território (SiTI, 2009a, p. 96), junto de seus elementos considerados representativos.

Tratando especificamente da primeira imagem, é parte de uma coleção com outros duzentos registros feitos por Godin – pintor e gravador conhecido por seu interesse pelo tema das paisagens – de castelos medievais e residências nobres presentes na região da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*. Nesses registros, ora adotando amplas perspectivas, ora centrando-se em detalhes, buscava então representar a “multiplicidade de relações visuais e estruturais entre as povoações fortificadas medievais e a paisagem envolvente” do lugar (SiTI, 2009a, p. 96-97, tradução nossa<sup>142</sup>), constituintes daquele que Bordone (1992 *apud* SiTI, 2009a, p. 97, tradução nossa<sup>143</sup>, grifo nosso) reconhece como um **“patrimônio coletivo que perdura no tempo, assumindo significado universal”**.

Quanto às pinturas de Morbelli, dedicadas principalmente à representação do território da *Paisagem Vitivinícola* correspondente à região de Monferrato, observamos que destacam, além das formas, texturas e cores das colinas e vinhas, também as construções consideradas icônicas a que nos referíamos há pouco em sua relação com a paisagem local. Reiteram, desta forma, a representatividade dessas construções na conformação e percepção de tal paisagem; representatividade da qual o pintor, aliás, também dá indícios em uma carta endereçada a Angelo Barrabino com orientações sobre como chegar à sua residência: nela, menciona – demonstrando aí, a nosso ver, inclusive a estima sentida por seu território e sua paisagem – a localização da casa “em uma posição panorâmica, com um terraço acima do escritório [...] de onde se contemplam as pirâmides [os campanários de Monferrato]”. (SiTI, 2009a, p. 97, tradução nossa<sup>144</sup>).

<sup>142</sup>Original em italiano: “[...] molteplicità di rapporti visivi e strutturali tra gli insediamenti fortificati medievali e il paesaggio circostante [...]”

<sup>143</sup>Original em italiano: “[...] 'patrimonio collettivo che perdura nel tempo, assumendo significato universale'.”

<sup>144</sup>Original em italiano: “[...] sono in una posizione panoramica, con terrazza al di sopra dello studio [...] donde si contemplano le piramidi [i campanili monferrini].”

Reiterando e enfatizando a mesma representatividade desses elementos construídos, no âmbito da literatura encontramos ainda as referências, datadas de épocas mais recentes, a eles feitas, por exemplo, por Beppe Fenoglio e Davide Lajolo em suas respectivas obras *Il partigiano Johnny* e *Il merlo di campagna e il merlo di città*, já citada. Em trecho da primeira, ambientada na região das Langhe e publicada em 1969, Fenoglio destaca, pois, uma torre em sua implantação característica no território, enquanto em trecho da segunda, cuja publicação já informamos datar de 1983, Lajolo alude, por seu turno, simultaneamente a um castelo e uma igreja:

Os vapores da manhã alçavam-se lentamente e as colinas pareciam como se um vestido lhes estivesse sendo tirado de baixo para cima. A estrada à frente estava deserta e quieta, exceto pelos voos e pousos dos pardais e o ar, o próximo e o distante, era um poço de dourada transparência. A paisagem era tão nítida que podia-se perceber o menor movimento, e o propósito do camponês na beira do quintal mais alto e longínquo, e a torre na última colina que se podia sonhar em tocar-lhe o ventre com o dedo recém umedecido. (FENOGLIO, 1968 *apud* ASSOCIAZIONE..., p. 85, 2019, tradução nossa<sup>145</sup>).

Leonardo Sciascia escreveu, retomando e compartilhando [a fala de] Borges a respeito da ternura pela terra natal: “Tenho a impressão de que meu nascimento é um pouco posterior à minha residência aqui. Eu já morava aqui e depois é que nasci”.

Não pode ser de outra forma. Essa arcana magia também se aplica a mim. Se encho a palma da minha mão com esta terra, entrando na vinha enquanto o camponês a lavra, sinto-a palpitar quente como se tivesse sangue e alma. Estas colinas nas paisagens noturnas sob a lua são verdadeiramente míticas. As pontas dos montes, a sinuosidade dos vales, a queda abrupta das ravinas, as estradas que serpenteiam por entre aveleiras e castanheiros, as planícies opiáceas despertam o ardor bélico e a angústia do sexo. As amoreiras de largas folhas de verde verdadeiro, como cantava o antigo libertário Angelo Brofferio diante de Quasimodo em nosso dialeto de Monferrato, lembram os ecos das antigas canções sertanejas e aquela ária “suma auni a canté uiev, a fé la serenada...” (Vimos cantar os ovos e fazer a serenata...)

E quero mencionar ainda o conterrâneo rebelde Angelo Brofferio. Ele escreve em sua autobiografia aventureira, para destacar sua localidade, Castelnuovo Calcea<sup>146</sup>: “Quem não viu o voo do melro do campanário da igreja em direção à torre do castelo não viu nada de belo no mundo”. (LAJOLO, 1983, p. 17, tradução nossa<sup>147</sup>).

<sup>145</sup>Original em italiano: “I vapori del mattino si alzavano adagio e le colline apparivano come se si togliesse loro un vestito da sotto in su. La strada davanti era deserta ed immota, salvo per i voli e gli atterraggi dei passeri e l'aria, la vicina e la lontanissima era un pozzo di dorata trasparenza. Il paesaggio era così nitido che potevi cogliere il minimo movimento, e lo scopo del contadino al margine dell'aja più alta e distante, e la torre sull'ultima collina potevi sognare di toccarle il ventre col dito appena intriso.”

<sup>146</sup>Castelnuovo Calcea é um município pertencente à província de Asti que se encontra inserido no sítio da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*.

<sup>147</sup>Original em italiano: “Ha scritto Leonardo Sciascia, riprendendo e condividendo Borges a proposito della tenerezza per il luogo natio: ‘Ho l'impressione che la mia nascita sia alquanto posteriore alla

Oportunamente devemos pontuar que, além de abarcarem as construções em questão, tanto a narrativa de Lajolo quanto a de Fenoglio comportam outros daqueles elementos trazidos e destacados em narrativas precedentes como componentes fundamentais da *Paisagem Vitivinícola* – as colinas, as vinhas, a presença dos vitivinicultores, etc. –, os quais deste modo têm novamente reforçada sua percepção como tais. E é igualmente oportuno observar que as mesmas narrativas fazem também referência às qualidades sensíveis de tal paisagem, remetendo-nos, uma vez mais, à concepção da experiência paisagística como uma experiência que se vive, a partir do corpo, com todos os sentidos, e à qual são ainda agregados – como já dito e aqui nos ilustra especialmente o texto de Davide Lajolo – conteúdos adquiridos tanto em experiências individuais passadas quanto naquelas de caráter intersubjetivo.

Retornando à abordagem dos elementos construídos, com o intuito de reforçar aqui a condição a eles atribuída nas narrativas há pouco apresentadas, gostaríamos de relembrar primeiramente uma das narrativas já exibidas, reportando-nos especificamente àquela em que vimos ser feita menção ao “maravilhoso castelo que dá um toque de vida [à paisagem]” (CONTI, [20--], p. 147). Acrescentando, pois, a ela, os dois desenhos apresentados a seguir (Ilustrações 79 e 80), também elaborados por indivíduos jovens que possuem vínculos com o território da *Paisagem Vitivinícola*, demonstra-se, afinal, não só tal condição como – item particularmente importante no âmbito de nossa investigação – sua conservação ao longo do tempo.

---

mia residenza qui. Risiedevo già qui e poi vi sono nato'. / Non può essere diversamente. Questa arcana magia vale anche per me. Se mi riempio il palmo della mano di questa terra, entrando nel vigneto mentre il contadino zappa, la sento palpitare calda come avesse sangue e anima. Queste colline nei paesaggi notturni sotto la luna sono davvero mitiche. Le punte dei bricchi, la sinuosità delle valli, lo srapiombo degli anfrattí, le strade che salgono a girovolta tra nocioleti e castagni, le piane opime suscitano ardori guerreschi e angosce di sesso. I gelsi delle larghe foglie di vero verde, come cantava prima di Quasimodo nel nostro dialetto monferrino, il libertario anticavurriano Angelo Brofferio, richiamano agli echi di antiche canzoni campagnole e quell'aria 'suma auni a canté uiev, a fé la serenada...' (Siamo venuti a cantare le uova e a fare la serenata...). / E voglio citare ancora il conterraneo rivoltoso Angelo Brofferio. Questi scrive nella sua avventurosa autobiografia, per dare risalto al suo paese, Castelnuovo Calcea: 'Chi non ha visto il volo del merlo dal campanile della chiesa alla torre del castello non ha visto nulla di bello al mondo'."

Ilustração 79 – Desenho representativo da Paisagem Vitivinícola do Piemonte



Fonte: (CONTI, [20--], p. 139).

Ilustração 80 – Desenho representativo da Paisagem Vitivinícola do Piemonte



Fonte: (CONTI, [20--], p. 145).

Somando-se a esses castelos, torres e igrejas, outros elementos edificados que também se encontram como componentes destacados na percepção dos habitantes da *Paisagem Vitivinícola* são as casas camponesas<sup>148</sup>. Estão presentes, por exemplo, na narrativa de Laurana Lajolo, em alguns dos desenhos já exibidos (Ilustrações 74, 75, 79 e 80), além do ensaio *I paesaggi del vino e del cielo* (*As paisagens do vinho e do céu*) do fotógrafo albese Bruno Murialdo, realizado precisamente com a finalidade de narrar, através de imagens, o território e a paisagem em questão. É oportuno citar que, no texto introdutório do referido ensaio, Murialdo enfatiza – dentre outros importantes elementos que indicamos previamente e aqui observamos, portanto, serem outra vez reforçados – o papel dessas edificações na configuração de tal paisagem, a qual descreve da seguinte maneira:

Vinhas de mil diversidades, lugares do coração e da mente, singularidade fantástica, estradas que sobem entre casas e cachos de uvas. [...] Langa, o antigo canto de um galo que parece chegar como um presságio a recordar a voz de nossos pais, patronos destes cansaços que hoje retribuem seus filhos. Terra feita de hortas e folhas, a cada colina corresponde um tempo e um modo, a cada homem, uma forma. (MURIALDO, 2022, pág. 3, tradução nossa<sup>149</sup>).

Pierfisio Bozzola (LE CASCINE..., 2019), presidente da associação cultural La Bricula<sup>150</sup>, relata que vislumbra, pois, as construções em questão, que associam-se ainda a outras como os já citados *ciabot*, precisamente como os grandes testemunhos do trabalho daqueles que começaram a tornar, através da vitivinicultura, efetivamente possível o modelamento do território pelo qual ele hoje se faz, como se sabe, mundialmente reconhecido:

Elas foram as verdadeiras fábricas da modelagem desse território. Tanto é que há um provérbio que diz [...] “para fazer uma casa e plantar uma vinha, não há quem imagine o trabalho árduo que deve ser feito”. Esforços foram realizados na construção desta fábrica que estava a serviço da principal

<sup>148</sup>Essas construções abrigam espaços dedicados tanto à vida da família quanto ao processo de fabricação do vinho. As mais antigas conformam-se como exemplares da utilização de uma técnica bastante tradicional na região, porém hoje em desuso, correspondente ao *mattone crudo* (tijolo cru), fabricado com argila obtida no próprio território.

<sup>149</sup>Original em italiano: “Vigne dalle mille diversità, luoghi del cuore e della mente, fantastica unicità, strade che si inerpicano tra cascine e grappoli d'uva. [...] Langa il canto antico di un gallo che sembra arrivare come un pressagio a ricordare la voce dei nostri padri, padroni di queste fatiche che oggi ripagano i loro figli. Terra fatta di orti e di foglie, ad ogni collina corrisponde un tempo e un modo, ad ogni uomo una forma.”

<sup>150</sup>Trata-se de associação dedicada a resgatar, valorizar e promover a cultura camponesa do território.

fonte de renda que era a viticultura. (LE CASCINE..., 2019, tradução nossa<sup>151</sup>).

Bozzola refere-se, no caso, ao trabalho – aludido por Murialdo, além de Laurana Lajolo e outros – dos antigos antepassados de muitos dos vitivinicultores atualmente presentes na região. Antepassados que, tendo transmitido a esses últimos esse legado material, transmitiram-lhes também, como já indicado previamente, um conjunto de saberes, costumes, tradições, histórias, memórias, significados e valores, os quais, associados principalmente à cultura vitivinícola local, observa-se que se encontram diretamente vinculados ao território no qual essa é há tempos desenvolvida, bem como à paisagem a ambos relacionada.

Dessa transmissão, já apontada por nós como um fator fundamental à resiliência da paisagem referente à sua dimensão patrimonial, gostaríamos de oportunamente pontuar que podemos encontrar vários vestígios em diversas das narrativas antes apresentadas, as quais identificamos que a ela terminam remetendo, de uma ou outra forma, e reforçando, portanto, sua ocorrência. E isto consiste, obviamente, apenas em uma pequena mostra do quanto tal transmissão se faz presente, de maneira difusa, no cotidiano dos habitantes da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*, influenciando o modo como os indivíduos percebem, experimentam e se relacionam com tal paisagem. Neste sentido, é devido ponderarmos que enquanto nos referíamos, por exemplo, à manutenção do emprego de antigos saberes na organização e cultivo das vinhas, da tradição de festejos ligados à vitivinicultura e das construções associadas à história e à identidade local, referíamos-nos, também, a essa mesma transmissão.

Podemos torná-la, quiçá, um pouco mais evidente se tomarmos, ainda dentro do universo das narrativas, algumas que a ela remetem mais diretamente. E este é o caso daquelas oferecidas por Giuseppe Rivetti e Italo Cabutto, dois vitivinicultores da região das Langhe que relatam, respectivamente, no que tange à realização do trabalho nas vinhas – em relação ao qual demonstram, a propósito, lembrando-nos da narrativa de Laurana Lajolo, orgulho e afeição particulares<sup>152</sup> –, que “Meu pai,

---

<sup>151</sup>Original em italiano: “Sono state le vere fabbriche artifici del modelamento di questo territorio. Tant'è che un proverbio recita [...] ‘fare una casa e piantar un vigneto non c'è nessuno che si immagina quello di fatica che si devono fare’. Gli sforzi erano punto nel costruire questa fabbrica che fosse a servizio della fonte principale di reddito che era quella della viticoltura.”

<sup>152</sup>Italo Cabutto (VITE!, 2019, tradução nossa) afirma que: “Não é que o primeiro que chega seja capaz de podar. Se pretende podar com um determinado critério, justamente para fazer estes vinhos de qualidade de que necessitamos, deve ter esta paixão. E depois, é claro que é belo. É

meu pai me ensinou” (VITE!, 2019, tradução nossa<sup>153</sup>) e “Eu pessoalmente aprendi assim: indo à vinha e observando aquilo que fazia meu pai, aquilo que não fazia, e depois você o transmite” (VITE!, 2019, tradução nossa<sup>154</sup>). É válido pontuar que os pais de Rivetti e Cabutto, de sua parte, haviam igualmente sido, no passado, receptores da transmissão dos mesmos saberes, os quais, transmitidos na sequência, portanto, aos filhos, vemos que encontram uma **continuidade** na transmissão que estes também tratam de realizar, por sua vez, a seus próprios descendentes, assim como a outros habitantes do território. Deve-se destacar que há, a propósito, um profundo gosto dos vitivinicultores da *Paisagem Vitivinícola*, de modo geral, nesse **raccontare**, isto é, nesse **narrar** seja a história envolvida em seu trabalho, seja aquela da formação do território do qual fazem parte, etc., dado que ao fim as reconhecem, como é possível constatar, claramente como componentes de suas próprias história e identidade.

Remetendo a um dos elementos construídos componente dessa paisagem, a narrativa a seguir, elaborada por um jovem habitante do território, além de remeter a esse mesmo *raccontare* e, logo, à transmissão de que estamos falando, também nos auxilia, por seu turno, a reconhecer, de forma bastante clara, aspectos daquela engrenagem entre subjetividades. Nela identificamos, pois, o modo como se articulam às percepções e experiências de um indivíduo àquelas pertencentes a outros indivíduos, junto de significados e valores próprios:

Impossível não se deixar transportar ao passado, esses lugares parecem não conhecer a passagem do tempo: solitários "ciabot" espreitam no meio das fileiras, todos em pedra, porque, como diz o avô, a pedra era no passado o material de construção mais comum, mais barato e mais fácil de trabalhar. [...] os ciabots estão desabitados [...] mas os ciabots estão sempre lá para nos falar do trabalho do passado. Eles nos contam sobre o temor dos camponeses que encontravam abrigo entre aquelas paredes de pedra quando uma tempestade irrompia.

Para viver as mais belas emoções é preciso ir à vinha com um camponês idoso: é a melhor forma de descobrir os tesouros desta terra. Descobrimos assim, de um amigo da família, que a pedra era recuperada dos campos durante os periódicos trabalhos de aragem ou escolhida nos riachos durante os meses de seca do verão: é surpreendente descobrir que cada uma

---

bonito porque no final você encontra a narrativa de um trabalho que realizou ao longo do ano sem sequer chegar a colhê-lo.”

(Original em italiano: “Non é che il primo che arriva è capace a potare. Se vuoi potare con un certo criterio, proprio per fare questi vini di qualità che abbiamo bisogno noi, deve avere questa passione. E poi, è certo che è bello. È bello perché alla fine tu trovi un raccolto di un lavoro che hai fatto lungo l'anno senza nenemmo cogliertene.”).

<sup>153</sup>Original em italiano: “Mi papà. Mi papà mi ha insegnato...”

<sup>154</sup>Original em italiano: “Io personalmente ho imparato così: andando in vigna e guardando quello che faceva mi papà, cosa non faceva, e poi lo trasmetti.”

dessas pedras agora bem empilhadas na formação da “casa dos elfos”, como todos chamamos agora os ciabots, foram transportadas por nossos idosos, que, com uma habilidade de fazer inveja aos arquitetos modernos, assim as dispuseram a seco. Gostamos de pensar que cada pedra tem sido testemunha de sacrifícios, dificuldades, pobreza, medos, mas também de afetos e muitas satisfações. (CONTI, [20--], p. 32-34, tradução nossa<sup>155</sup>).

\*\*\*

Situando-nos, então, diante do conjunto de análises efetuadas até aqui, avaliamos que algumas sínteses e conclusões fundamentais podem já ser elaboradas a respeito dos modos com os quais os indivíduos percebem a *Paisagem Vitivinícola* e das relações que esses mesmos modos possuem com a resiliência exibida por esta mesma paisagem no tocante à sua dimensão patrimonial. Constatase, afinal, sobretudo na articulação das referidas análises às descrições apresentadas no capítulo precedente, algumas veementes e importantes correspondências que já nos possibilitariam definir, pois, os modos e relações em questão.

Ocorre que, como informado previamente, é necessário ainda realizarmos a apresentação e análise das narrativas associadas aos sítios de Barolo e Barbaresco com o intuito de conhecermos suas realidades específicas e de colhermos suas próprias contribuições a essas sínteses e conclusões. A tais apresentação e análise, portando, passamos agora.

## 5.2 Era uma vez em Barolo...

Retomando os aspectos gerais anteriormente identificados em nossa análise do contexto amplo da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*, relativos ao modo como essa se faz percebida e vivida por seus habitantes, de antemão podemos dizer que,

<sup>155</sup>Original em italiano: “Impossibile non lasciarsi portare nel passato, questi posti sembrano non conoscere il passare del tempo: in mezzo ai filari fanno capolino solitari ‘ciabot’, tutti in pietra, perché, come dice il nonno, la pietra era in passato il materiale da costruzione più comune, più economico e più facile da lavorare. [...] i ciabot sono disabitati [...] ma i ciabot stanno sempre lì a parlarci del lavoro di un tempo. Ci raccontano le paure dei contadini che trovavano ricovero tra quei muri di pietra quando scoppiava un temporale. / Per vivere le emozioni più belle bisogna andare nella vigna con un contadino anziano: è il modo migliore per scoprire i tesori di questa terra. Noi lo abbiamo scoperto in questo modo, da un amico di famiglia, che la pietra veniva recuperata dai campi durante i periodici lavori di scasso oppure scelta nei torrenti durante i mesi di siccità estiva: è sorprendente scoprire che ognuna di quelle pietre ora ben accastate a formare la ‘casa dei folletti’, come tutti noi chiamiamo i ciabot ora, è stata trasportata dai nostri anziani, che, con un’abilità da far invidia ai moderni architetti l’hanno sistemata, così, a secco. Ci piace pensare che ogni pietra è stata testimone di sacrifici, fatiche, povertà, paure, ma anche di affetti e di tante soddisfazioni.”



no tocante a Barolo, observamos que também se fazem presentes e igualmente difundidos, quando não entre todos, ao menos entre boa parte dos indivíduos que possuem vínculos com a localidade. É o que nos revelam, afinal, além da própria conformação da paisagem – como pontuávamos no início deste capítulo a partir das considerações de Turri e Merleau-Ponty – e do contato com o cotidiano desses indivíduos, as narrativas fornecidas por estes a respeito do sítio e sua respectiva paisagem (ver APÊNDICES C e D).

Baseando-nos em tais narrativas sobre o referido modo, podemos dizer, então, que envolve o reconhecimento e o destaque de certos elementos e qualidades sensíveis da paisagem. E a esses vêm atribuídos significados e valores tanto a partir da forma como esses elementos e qualidades são experimentados e integrados pelos indivíduos em seus respectivos mundos vividos quanto a partir da transmissão que recebem, de outros indivíduos, de conteúdos – saberes, costumes, tradições, histórias, memórias, outros significados e valores – a eles relacionados.

Daniele Ronco (ver APÊNDICE C), vitivinicultor vinculado ao território de Barolo, ressalta, por exemplo, dentre esses elementos e qualidades, o perfil das colinas com sua coloração esverdeada, o dialeto falado no território, assim como os produtos típicos locais junto de seus respectivos sabores e odores. Federico Scarzello (ver APÊNDICE D), outro vitivinicultor local que exerce também a função de assessor administrativo do município e reside na localidade desde o nascimento, ressalta, por sua vez, especialmente

[...] o aspecto... acredito que o aspecto [...] das vinhas que circundam o município é o aspecto fundamental. Depois, sim, o castelo, o burgo... tudo [...] tem o seu encanto, mas é certamente o aspecto estético da paisagem exterior, é o que mais caracteriza. Porque é o que tem mais identidade. É... depois, são tantas paisagens vitivinícolas... Eu faço esse trabalho, então... um pouco por [...] trabalho, um pouco por [...] paixão eu já visitei muitas e... cada uma é diferente da outra... Depois, há zonas onde [...] há mais intensidade, zonas onde há menos, mas em todo caso a diferença é fundamental. Assim, a característica deste local é dada pelas suas vinhas: como são feitas, por que são feitas assim, a ordem que representam, então... é isso que certamente caracteriza esta área em relação a outras. (SCARZELLO, 2022, APÊNDICE D, tradução nossa<sup>156</sup>).

<sup>156</sup>Original em italiano: “[...] l'aspetto... lo credo l'aspetto [...] dei vigneti che circondano il paese sia l'aspetto fondante. Poi, sì, il castello, il borgo... tutto [...] ha un suo fascino, però sicuramente è l'aspetto estetico del paesaggio esterno, è quello che caratterizza di più. Perché è quello più identitario. Eh... poi, ci sono tanti paesaggi viticoli... lo faccio questo lavoro, quindi... un po' per [...] lavoro, un po' per [...] passione ne ho visitati molti e...ogniuno è diverso dall'altro... Poi, ci sono zone dove [...] c'è più intensità, zone dove c'è ne meno, ma comunque la differenza è fondamentale. Quindi, la caratteristica di questo luogo è dato dalle sue vigne: come sono fatte, perché sono fatte

Ronco e Scarzello, deve-se oportunamente informar, são ambos oriundos de tradicionais famílias camponesas, as quais desde cedo lhes transmitiram, como dirá o primeiro, “o amor pela terra, a cultura camponesa” (RONCO, 2022, APÊNDICE C, tradução nossa<sup>157</sup>). Assim, somado ao fato de que entendemos que destacam os elementos e qualidades sensíveis em questão em sua percepção da paisagem pelo entrelaçamento particular que esses possuem com suas próprias vidas cotidianas, podemos dizer que também o fazem dispendo-se dos conteúdos adquiridos nessa transmissão, precisamente como afirmávamos há pouco. Compreendemos como especialmente significativa, neste sentido, inclusive a definição que ambos apresentam daquilo que para eles representa o território: para Scarzello trata-se, em síntese, de “identidade” (SCARZELLO, 2022, APÊNDICE D, tradução nossa<sup>158</sup>) – palavra que vemos inserida, aliás, na fala acima, aludindo ao tradicional trabalho dos vitivinicultores do lugar – e para Ronco consiste, de forma um pouco mais ampliada, em

Raiz, pertencimento, identidade [...] Origem, família... Todas essas palavras aqui são o campo semântico que me faz pensar no meu território, enfim. E depois, estas principalmente: tradição, comer bem, [...] beber bem [...] estar junto, em síntese. (RONCO, 2022, APÊNDICE C, tradução nossa<sup>159</sup>).

Da referida transmissão, pode-se dizer que vem, assim, reconhecida pelos próprios indivíduos que dela participam como elemento fundamental à conformação do território e de sua paisagem. E, embora pudéssemos já apreender tal condição ao simplesmente observarmos o modo como esses mesmos indivíduos atuam nessa paisagem – incorporando o emprego de saberes tradicionais no plantio e cultivo das vinhas, por exemplo, ou narrando a outros indivíduos antigas histórias sobre o lugar –, aqui nos remetemos, no entanto, a uma manifesta consciência que têm a respeito da relevância dessa transmissão para a manutenção – e resiliência, acrescentaríamos – da cultura que reside na base daquela conformação, expressa em falas como a seguinte:

---

così, l'ordine che rappresentano, quindi... quello è che caratterizza sicuramente questa zona rispetto ad altre.”

<sup>157</sup>Original em italiano: “[...] l'amore per la terra, la cultura contadina [...].”

<sup>158</sup>Original em italiano: “[...] identità.”

<sup>159</sup>Original em italiano: “Radice, appartenenza, identità, eh... [...] Origine, famiglia... Tutte queste parole qua sono il campo semantico che mi fa pensare al mio territorio, insomma. E poi, queste principalmente: tradizione, mangiare bene, [...] bere bene, eh... stare insieme, insomma.”

Patrimônio cultural é o ambiente e as pessoas que nele estão. É um museu a céu aberto o que vivenciamos aqui. E é dado [...] pelo território, mas também é dado por, na minha opinião, a própria pessoa que vive neste território faz parte deste patrimônio. Seus conhecimentos... A coisa também belíssima da nossa empresa é ver como podem conviver em uma empresa três gerações: o jovem, o homem de meia-idade que é o verdadeiro gerente e o avô, não é? Em uma rede de comunicação de três gerações em que talvez o jovem agora estuda, ele também vai para o exterior, o avô fala a língua local e o pai também... E há terminologias, conhecimentos, um idoso sabe porque aquele lugar se chama assim, mas sabe também porque naquele lugar você tem que trabalhar assim... E isso é fundamental porque se os nossos idosos, uma cultura a temos inserida em um lugar até agora, tem um motivo, não? Então, é muito belo este território aqui... ainda há todo esse vínculo familiar com um território. Então para mim patrimônio é quem está sobre e o território em si. Ou seja, o que, na minha opinião, é muito belo nesta zona aqui é que ainda há [...] famílias, pessoas, talvez muito mais do que em outra área onde tem [...] havido mais investimentos fundiários, não é? Aqui há uma história que se conta e se conta com a videira, com a trufa, com... de muitas outras maneiras. [...] Ou seja, tudo isso é patrimônio, não é? E isso é essencial que seja [...] levado adiante também para as gerações seguintes, isso. Mesmo que o mundo torne tudo global... as pessoas se lembram de onde vieram e que coisa lhes contaram, que coisa lhes deixaram quem estava antes delas. (RONCO, 2022, APÊNDICE C, tradução nossa<sup>160</sup>).

Ao ressaltar a rede de comunicação entre as distintas gerações e o próprio *raccontare*, podemos compreender que Ronco alude, portanto, ao papel que já indicamos ser capaz de exercer tal transmissão – correspondente em si mesma a um dado modo dos indivíduos perceberem e se relacionarem com o território e a paisagem, deve-se lembrar – sobre o modo de outros indivíduos perceberem e se relacionarem com os mesmos território e paisagem. E, embora a importância dessa transmissão, como dizíamos, se manifeste ao longo da fala do vitivinicultor, oportunamente a reforçamos por observarmos que, à medida que contribui para vincular essas novas percepções e relações a significados e valores que têm em sua

---

<sup>160</sup>Original em italiano: “Patrimonio culturale sono l'ambiente e le persone che ci sono dentro. È un museo a cielo aperto quello che viviamo qui. Ed è dato [...] dal territorio ma è dato anche dalle, secondo me, la persona in se che vive su questo territorio fa parte di questo patrimonio. Le sue conoscenze... La cosa anche bellissima della nostra azienda è vedere come ci possono convivere in una azienda tre generazioni: ragazzo, l'uomo di mezza età che è il gestore vero e proprio e il nonno, non? In una rete di comunicazione di tre generazioni in cui magari il ragazzo adesso studia, va anche all'estero, il nonno invece parla la lingua del posto e anche il padre... E ci sono terminologie, conoscenze, un anziano sa perché quel luogo si chiama così ma sa anche perché in quel luogo bisogna lavorare così... E questo è fondamentale perché se i nostri vecchi, una cultura la abbiamo messa in un luogo fino ad oggi, c'è un motivo, non? Quindi è proprio bello che questo territorio qua... ancora tutto questo legame familiare con un territorio. Quindi per me il patrimonio è chi ci sta sopra e il territorio in se. Cioè, la cosa, secondo me, proprio bellissima di questa zona qua è che ci sono ancora le [...] famiglie, le persone, magari molto di più che in altra zona dove ci sono [...] stati più gli investimenti fondiari, non? Qua c'è una storia che si racconta e si racconta con la vite, con il tartufo, con... in tanti altri modi. [...] Cioè, tutto questo è patrimonio, non? E questo è fondamentale che venga [...] portato avanti anche per le generazioni successive, ecco. Anche se il mondo diventa globale tutto... le persone si ricordano da dove vengono e che cosa li ha raccontato, cosa li ha lasciato chi c'era prima di loro.”

origem um desdobramento no cuidado com o território e a paisagem – remetendo-nos à própria fala de Ronco acerca do “amor pela terra” e pela cultura camponesa a ele transmitido por seus antepassados –, termina contribuindo, enfim, para a continuidade deste cuidado e, logo, para a resiliência da paisagem relativa à sua dimensão patrimonial.

Uma primeira demonstração dessa contribuição pode, pois, ser fornecida por outra fala do vitivicultor na qual evidencia o entendimento de que “somos nós que fazemos a paisagem” (RONCO, 2022, APÊNDICE C, tradução nossa<sup>161</sup>). Destaca, em seguida, particularmente as figuras dos vitivicultores, que define como fundamentais por serem “os verdadeiros gestores do território” (RONCO, 2022, APÊNDICE C, tradução nossa<sup>162</sup>) que têm, deste modo, em suas mãos não “somente o poder de administrar seu negócio” (RONCO, 2022, APÊNDICE C, tradução nossa<sup>163</sup>): têm em suas mãos, ao contrário, “tantíssimo” (RONCO, 2022, APÊNDICE C, tradução nossa<sup>164</sup>), ou seja, a responsabilidade do próprio cuidado para com esse território e, logo, para com a paisagem.

Este cuidado vemos, então, exercido por esses vitivicultores notadamente através da forma como atuam em suas vinhas, componentes essenciais e destacados, como se sabe, do território e da paisagem de Barolo. Ronco (ver APÊNDICE C), de sua parte, atenta especialmente às formas de implantação dessas no terreno de modo a respeitar a inclinação presente e garantir a estabilidade do solo, à forma como deve ser efetuada a defesa fitossanitária – isto é, devendo-se utilizar produtos sustentáveis cujas moléculas dispersas pelo ar não venham a impactar outras áreas no entorno –, junto da busca pela conservação da biodiversidade local. Já Scarzello (ver APÊNDICE D), dedicando-se a uma atenção que define como voltada sobre os mínimos detalhes, observa, para além da mesma questão do modo de implantação das vinhas no terreno, por exemplo, o uso de telas de proteção destas contra a ameaça representada pelas chuvas de granizo – telas estas que não existiam no passado e que se configuram, portanto, como uma nova presença na paisagem – que sejam o menos impactantes e o mais integradas possível a essa última.

---

<sup>161</sup>Original em italiano: “[...] siamo noi che facciamo il paesaggio.”

<sup>162</sup>Original em italiano: “[...] i veri gestori del territorio.”

<sup>163</sup>Original em italiano: “[...] solo il potere di gestire la sua azienda [...].”

<sup>164</sup>Original em italiano: “[...] tantissimo [...].”

Mas, tratando agora de outros componentes igualmente essenciais na conformação dessa paisagem – as edificações ali presentes, às quais também se vê dedicado um cuidado –, é preciso inicialmente mencionarmos que vemos o Castello di Barolo, citado anteriormente por Scarzello, sobressair-se na percepção dos indivíduos como o elemento dotado de maior protagonismo. E isto porque, além de obviamente destacar-se, dadas as suas dimensões, nas perspectivas obtidas no âmbito da própria localidade e atuar como maior referente visual desta quando vista a partir de outros pontos do território da *Paisagem Vitivinícola*, possui também perante esses mesmos indivíduos um significado e um valor particulares associados à sua função de representante da história e identidade de Barolo: pela relação que possui com a formação e desenvolvimento do povoado medieval, bem como por aquela que possui com o surgimento do famoso vinho que carrega o próprio nome do lugar. Destes significado e valor, assim como daquele cuidado, podemos dizer que consideramos especialmente representativo, aliás, o fato de que a construção teve, como dito no capítulo precedente, seu projeto de restauração financiado pela própria comunidade após ter sido adquirida pela Câmara Municipal no ano de 1970.

Quanto às demais edificações, às quais Scarzello também se reporta ao mencionar “o burgo”, nota-se, logo, que são igualmente percebidas como parte daquela que se conforma como a imagem geral da paisagem de Barolo. Todavia, não tendo sua percepção limitada a esta condição meramente visual, trata-se de construções que, em maior ou menor medida, também participam do cotidiano dos habitantes – inserindo-se, portanto, em seus mundos vividos – e são relacionadas àquelas mesmas história e identidade indicadas acima. No que diz respeito especificamente às casas, é válido ressaltar que a maioria ainda pertence e é ocupada por antigas famílias de vitivinicultores locais que, como relatam tanto Ronco (ver APÊNDICE C) quanto Scarzello (ver APÊNDICE D), mantêm um vínculo profundo com o território e, assim, nelas seguem permanecendo através dos anos, conservando-as. Outras dessas casas, no entanto, nos últimos anos sofreram modificações em seu uso devido à combinação de dois fatores, correspondentes a seu ingresso em estado de vacância pelo falecimento dos antigos proprietários e o aumento na demanda por serviços ligados ao crescimento expressivo da atividade turística no município.

Com relação a essa situação, é necessário pontuarmos que, na visão de Scarzello, compartilhada por outros habitantes, trata-se de algo que, embora não

passível de ser completamente impedido ou revertido, deve, no entanto, ser devidamente orientado e acompanhado a fim de se poder controlar seus impactos sobre a dinâmica e, em certo sentido, sobre a própria identidade da localidade. Esses impactos relacionam-se notadamente a um incentivo extra que a criação de eventuais novas estruturas poderia vir a gerar à expansão do turismo na região, sendo demonstrados já hoje em Barolo, por exemplo, por aquilo que o vitivinicultor nos narra a seguir:

O município de Barolo mudou de forma assustadora. [...] Houve uma mudança mais importante nos últimos vinte, vinte e cinco anos do que nos trezentos anos anteriores. Por quê? Porque claramente houve um desenvolvimento tão rápido do [...] conhecimento dos produtos. Portanto, dos vinhos que viajaram, que foram reconhecidos e consequentemente [houve] uma chegada e um interesse por parte do público que objetivamente mudou o município. Se você pensar vinte e cinco anos atrás, eu era um garotinho e trinta anos atrás andávamos de bicicleta aos domingos. No povoado havia alguém que talvez viesse comer em um ou dois restaurantes que estavam presentes. Hoje com a bicicleta, meu filho, aos domingos é difícil passar pelo povoado porque está cheio de gente. (SCARZELLO, 2022, APÊNDICE D, tradução nossa<sup>165</sup>).

Neste sentido, é interessante acrescentarmos que Ernesto Abbona, empreendedor responsável por uma tradicional vinícola no município, em entrevista concedida em maio de 2022 ao jornal *Corriere della Sera* na qual evidencia percepção e preocupação semelhantes às de Scarzello, sugere, no que diz respeito ao controle desse fluxo intenso de visitantes, a adoção em Barolo de medidas como aquelas propostas há pouco tempo para a cidade de Veneza por seus habitantes, ou seja, o ingresso permitido apenas conforme a capacidade das hospedagens e restaurantes existentes no lugar. Abbona pondera, afinal, que

Nossa fortuna está se tornando uma ruína. Venha ver como Barolo é reduzido nos finais de semana. Uma superlotação que deixa os moradores desconfortáveis e torna a visita menos atraente para os turistas. Os fluxos devem ser regulados, caso contrário corremos o risco de perder o status de Langhe de alta qualidade.  
[...]

<sup>165</sup>Original em italiano: “Il paese di Barolo è cambiato in un modo spaventoso. Eh... C'è stato un cambio più importante negli ultimi ventanni, venticinque anni che nei trecento anni precedenti. Perché? Perché chiaramente c'è stato uno sviluppo talmente rapido della [...] conoscenza dei prodotti. Quindi, dei vini che hanno viaggiato, che sono stati riconosciuti e di conseguenza un arrivo e un interesse dalla parte del pubblico che ha oggettivamente modificato il paese. Se voi pensate venticinque anni fa, io ero un bimbetto e trentanni fa giravamo in bicicletta la domenica. In paese c'era qualcuno che magari veniva a mangiare in uno, due ristoranti che erano presenti. Oggi con la bicicletta, mio figlio, la domenica fa fatica passare in paese perché è pieno di gente.”

O Piemonte é um território precioso e ao mesmo tempo frágil. Uma terra para apaixonados. Devemos interceptar esses fluxos, caso contrário nos tornamos outra coisa. Barolo está se tornando uma longa fila de carros na beira da estrada. (ABBONA, 2022, tradução nossa<sup>166</sup>).

O turismo de massa a que Scarzello e Abbona se referem é, portanto, algo que começa a se apresentar como uma ameaça hoje incidente sobre a pequena localidade – além, obviamente, daquela representada pelas mudanças climáticas em curso no planeta<sup>167</sup> –, surgindo como um efeito, como dizia o primeiro, da fama alcançada através de seus vinhos, mas também do próprio reconhecimento de seu território e de sua paisagem como Patrimônio Mundial pela UNESCO há cerca de uma década. E é preciso dedicar atenção, de fato, a essa questão porque, caso não seja bem administrada, entendemos que para além dos impactos que por ora se limitam à dinâmica da vida dos habitantes pode, no futuro, ocasionalmente trazer consigo outros que se estendam sobre a própria conformação da paisagem, como já se viu e se vê ainda acontecer em vários sítios ao redor do mundo – e como pontuávamos, a propósito, na introdução deste trabalho.

No entanto, a partir de nossas análises da realidade de Barolo, podemos dizer que alguns fatores aí presentes nos permitem elaborar um prognóstico favorável no que diz respeito à manutenção do comportamento resiliente de sua paisagem e, logo, à conservação do caráter tradicional desta em face de futuras transformações. O primeiro destes fatores corresponde, pois, à já indicada ausência de espaços disponíveis no antigo núcleo urbano e seu entorno imediato, o que contribui significativamente para que a situação encontre-se consolidada, tendo alcançado aquele que Scarzello (2022, APÊNDICE D, tradução nossa<sup>168</sup>) define como seu “ponto de saturação”. Como pontua ainda o vitivinicultor, tampouco a localidade possui interesse em expandir-se com a criação de novos empreendimentos imobiliários, dando preferência – como evidenciam, a propósito, tanto sua fala

---

<sup>166</sup>Original em italiano: “La nostra fortuna sta diventando una iattura. Venite a vedere come si riduce Barolo nei weekend. Un affollamento tale che mette a disagio i residenti e rende meno attraente la visita dei turisti. I flussi vanno regolati, altrimenti rischiamo di perdere lo status di Langhe di alta qualità. / [...] / Il Piemonte è un territorio prezioso e insieme fragile. Una terra per appassionati. Noi dobbiamo intercettare questi flussi, altrimenti diventiamo un'altra cosa. Barolo sta diventando una lunga fila di auto sul ciglio della strada.”

<sup>167</sup>Sabe-se que, no futuro, estas podem vir a comprometer as condições que desde o passado até o presente mostraram-se propícias ao desenvolvimento da vitivinicultura no território da *Paisagem Vitivinícola*. Neste sentido, é válido informar que ações de conscientização acerca de estratégias para a prevenção e mitigação de impactos vêm sendo já desenvolvidas pela Associazione per il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe Roero e Monferrato junto às comunidades locais.

<sup>168</sup>Original em italiano: “[...] punto di saturazione [...]”

recente quanto a de Abbona – à manutenção de suas atuais proporção e conformação.

O segundo fator é, por sua vez, relativo à existência de um conjunto de ferramentas que auxiliam a gerir as transformações em curso no território. Entre essas há, por exemplo, no âmbito do município, um plano de regulamentação construtiva que define, portanto, uma série de critérios a serem observados para as edificações, tanto em eventuais obras novas quanto em reformas, e no âmbito do reconhecimento pela UNESCO há um *Plano de Gestão da Paisagem* que contempla, dentre outros aspectos, definições referentes ao planejamento e gestão desta, à conservação e gestão de seu patrimônio cultural e de sua identidade territorial<sup>169</sup>.

Por fim, o terceiro fator – e, arriscamo-nos a dizer, o mais importante – compreende os próprios modos dos habitantes perceberem e se relacionarem com o território e a paisagem de Barolo. Dos primeiros, verificamos que abarcam, pois, retomando e reiterando as considerações feitas ao início desta seção, aqueles que são os elementos e qualidades sensíveis característicos desse território e dessa paisagem – as colinas com suas formas e cores, as vinhas com sua configuração própria, os edifícios simbólicos, os sabores do vinho e dos pratos típicos, etc. –, a partir do entrelaçamento que esses estabelecem com os mundos vividos daqueles habitantes tanto através de suas experiências subjetivas quanto daquelas de caráter intersubjetivo. A esses mesmos elementos e qualidades vêm, então, atribuídos significados e valores que simultaneamente expressam e reforçam o vínculo estabelecido entre os mesmos habitantes com o território e sua paisagem, e que se desdobram naquilo que definimos propriamente como um cuidado em relação a essa última que, mantido ao longo do tempo, observa-se que se traduz, afinal, na conservação de seu caráter tradicional e em sua resiliência.

---

<sup>169</sup> Julga-se oportuno informar que para as ações de monitoramento do território e sua paisagem previstas no plano em questão foram definidas três categorias de indicadores conforme os três componentes fundamentais que embasaram a análise do sítio (natural, antrópico e perceptivo), descritos no capítulo 4. Estas categorias correspondem, pois, a: indicadores ambientais (valor naturalístico; superfícies cobertas por vinhas), indicadores histórico-culturais (variação das superfícies cobertas por vinhas em comparação com 1884; quantidade de variedades de uva historicamente verificadas; quantidade de cursos de treinamento oferecidos a mestres tanoeiros, projetistas, técnicos municipais; duração da permanência de visitantes; quantidade de visitas; quantidade de ingressos vendidos em museus) e indicadores perceptivos (quantidade de vistas panorâmicas, quantidade de projetos de conservação e requalificação da paisagem). (SITI, 2014, p. 609).



Diante disso, cumpre-nos acrescentar que em Barolo é possível verificarmos também a atribuição de um sentido compartilhado à sua paisagem, isto é, um sentido que se desdobra a partir da reunião das percepções do conjunto de seus habitantes, as quais estabelecem entre si um certo grau de concordância. E tal condição, devemos ressaltar, é de absoluta relevância à resiliência apresentada por essa paisagem, uma vez que determina, como já ponderado, precisamente o caráter dos interesses que sobre ela são incidentes. Esses, na paisagem de Barolo, felizmente vemos que se orientam, assim, de modo geral, a sua contínua valorização e a sua **transformação positiva**: os habitantes reconhecem que a paisagem tem suas próprias dinâmicas, “evolui” com o tempo e em alguma proporção se modifica, porém é imprescindível que, com o passar deste tempo, sua identidade, uma valiosa herança do passado, faça-se, afinal, **sempre presente**.

### 5.3 Era uma vez em Barbaresco...

No que se refere a Barbaresco, tanto quanto em Barolo, é possível reconhecermos, servindo-nos igual e especialmente das narrativas de indivíduos vinculados à localidade, que se aplicam os mesmos aspectos por nós previamente levantados em nossa análise do sítio da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*. Isto equivale a dizer que em Barbaresco também há, nos modos pelos quais sua paisagem se faz percebida e experimentada por esses indivíduos, o destaque concedido a alguns de seus elementos e qualidades sensíveis, os quais, relacionando-se aos significados e valores atribuídos por tais indivíduos à paisagem, de forma geral correspondem aos mesmos historicamente observados como participantes da conformação dessa, constituintes hoje daquele que é definido como seu patrimônio cultural.

Tomemos, então, algumas dessas narrativas (ver APÊNDICES E, F, G e H), a fim de ilustrarmos nossa fala. Naquela fornecida por Giorgio Pelissero (ver APÊNDICE E), vitivinicultor proprietário de uma vinícola na região, vemos que a atenção se volta especialmente sobre as colinas, as vinhas sobre elas implantadas e as antigas casas: colinas que definem, como pontua, a caracterização fundamental do território, vinhas e casas que remetem, por sua vez, à história deste mesmo território associada particularmente à sua produção vitivinícola. Luca Cravanzola (ver APÊNDICE F), responsável comercial na associação de produtores do vinho

Barbaresco (Produttori del Barbaresco), inclui em sua narrativa, além das colinas – que para ele aludem não à imagem de colinas puramente bucólicas, mas ao *cru*<sup>170</sup>, como explica, fazendo de sua parte também uma referência à vitivinicultura local –, o rio Tanaro que atravessa o município e o pequeno burgo no qual enfatiza a Torre di Barbaresco.

As colinas – com suas vinhas – e a torre são os elementos que igualmente se fazem presentes nas narrativas de Marisa Fogliati (ver APÊNDICE G), diretora da Enoteca Regionale del Barbaresco, e Michela Adriano (ver APÊNDICE H), jovem vitivinicultora local. No entanto, além desses, Fogliati destaca também a sede da enoteca (a antiga Igreja de São Donato) como edificação de destaque na conformação do antigo núcleo urbano, os sabores da culinária típica local, das uvas e do vinho, ao lado do perfume exalado na localidade durante a época da vindima e do prazer tátil obtido na realização desta a partir do contato com as videiras. Adriano, por sua vez, acrescenta os *ciabot*, a sensação de subir e descer proporcionada pelo relevo da região, as variações de temperatura próprias dessa, além da cor verde-esmeralda da vegetação e seu perfume no outono.

Como é possível observar, trata-se, pois, de elementos e qualidades que se destacam na percepção desses indivíduos a partir de um engajamento na paisagem – realizado, como claramente se nota, com o corpo e a participação de todos os sentidos – e do entrelaçamento que esses mesmos elementos e qualidades estabelecem com seus respectivos mundos vividos. Desse entrelaçamento despontam, então, os significados e valores que vêm atribuídos primariamente, digamos assim, pelos mesmos indivíduos aos mesmos elementos e qualidades, demonstrados, por exemplo, no relato de Pelissero reproduzido abaixo, referente às colinas e suas vinhas:

Acontece, no entanto, muitas vezes, de pararmos para admirarmos o que é a natureza, o que é a paisagem sem lhe dar muito peso, o que por vezes é um pouco contestado, porque há um mundo que gira à nossa volta que vem aqui propriamente por essas coisas, que vem aqui admirar o trabalho do homem, o trabalho da natureza... E às vezes não lhe damos peso suficiente. Mas porque conhecemos os esforços, os sacrifícios que tivemos que fazer para obter esse resultado e, portanto, muitas vezes você não desfruta como seria... correto desfrutá-lo. Mas... o próprio fato de abrir a janela todas as manhãs e ver as colinas [...] como se fossem pinturas é uma grande satisfação. Uma [...] história é a que o meu colega vivenciou em primeira

<sup>170</sup>“*Cru*” é um termo em francês utilizado, no âmbito da vitivinicultura, para fazer referência a uma vinha ou conjunto de vinhas nas quais são produzidos vinhos com características particulares e de reconhecida qualidade.

mão, não acostumado a viajar o mundo, porque dentro da empresa dele a pessoa que se dedica à comunicação para, digamos, entrar em contato com o cliente é outra, seu sócio, e ele nunca... nunca teve muitas oportunidades de viajar, de se apresentar... E aconteceu com ele uma vez que seu sócio não pôde ir por vários motivos e ele precisou ir [...] apresentar sua empresa... E depois de quinze dias que estava viajando ao redor do mundo, quando chegou na praça da cidade, parou o carro [...] e beijou a praça... “Felizmente voltei para casa, estou [...] nas minhas colinas.” O que talvez seja a melhor coisa a dizer quando se faz parte de um território. Parar na frente de sua casa, abrir a porta do carro, descer e beijar o território... “Felizmente cheguei a casa...” (PELISSERO, 2022, APÊNDICE E, tradução nossa<sup>171</sup>).

A narrativa refere-se, em síntese, ao sentimento de vínculo e pertencimento ao território cultivado na profunda relação que os indivíduos estabelecem com ele em seu cotidiano e que, como indica a própria observação inicial de Pelissero e é válido aqui ressaltarmos, associa-se a uma atribuição de significados e valores de ordem distinta – pode-se dizer intrínseca, ligada à essência do próprio território e dos próprios indivíduos – daqueles atribuídos por quem ali está apenas de passagem, contemplando superficialmente a beleza da paisagem. E isto é algo que se confirma também através das narrativas de Fogliati, Cravanzola e Adriano, nas quais o mesmo sentimento, as referências a esses significados e valores e mesmo essa diferença veem-se de algum modo expressos. Quanto à primeira, vemo-la empregar, pois, a própria palavra “sentimento” (FOGLIATI, 2022, APÊNDICE G, tradução nossa<sup>172</sup>) para sintetizar aquilo que Barbaresco para ela representa, abarcando tanto sua relação com a localidade como aquela que possui com a comunidade. Cravanzola (2022, APÊNDICE F, tradução nossa<sup>173</sup>) o manifesta já dizendo que “nós somos parte das colinas, vivemos nas colinas”, enquanto Adriano,

---

<sup>171</sup>Original em italiano: “Ci capita, però, molto spesso, di fermarci ad ammirare quella che è la natura, quello che è il paesaggio senza dargli troppo peso, cosa che a volte ci viene un po' contestata, perché c'è un mondo che ruota intorno a nostro territorio che viene qua proprio per queste cose, che viene qua proprio per ammirare il lavoro dell'uomo, il lavoro della natura... E noi a volte non ci diamo sufficiente peso. Ma perché sappiamo quelli che sono gli sforzi, i sacrifici che abbiamo dovuto fare per ottenere questo risultato, e quindi molto spesso non lo godi come sarebbe... giusto godere. Ma... il fatto stesso di aprire la finestra tutte le mattine e vedere le colline [...] come si fossero dei quadri è una grossa soddisfazione. Una [...] novella è quella che ha vissuto in prima persona il mio collega, non abituato a viaggiare per il mondo, perché all'interno dell'azienda sua la persona dedicata alla comunicazione, al, diciamo così, al contatto con cliente è un'altra, il suo socio, e lui non ha mai... non ha mai avuto molte occasione di poter viaggiare, di potersi presentare... E gli è successo una volta che il suo socio non è riuscito ad andare per motivi vari e lui è dovuto andare [...] a presentare la sua azienda... E dopo quindici giorni che era in giro per il mondo, quando è arrivato nella piazza del paese, ha fermato la macchina [...] e ha baciato la piazza... “Per fortuna sono tornato a casa, sono [...] fra le mie colline.” Che forse è la cosa più bella da dire quando si parte di un territorio. Fermarsi davanti a casa propria, aprire la porta della macchina, scendere giù e baciare il territorio... “Per fortuna sono tornato a casa...”

<sup>172</sup>Original em italiano: “[...] sentimento.”

<sup>173</sup>Original em italiano: “[...] noi siamo parte delle colline, viviamo nelle colline...”

por sua vez, o faz servindo-se do emprego da mesma palavra “casa” presente na narrativa de Pelissero, que associa, no caso, para além das colinas e das vinhas, também à torre e aos *ciabot*:

[...] a Torre di Barbaresco. Eu quando já, só te digo, se chego naquela estrada... apenas a vejo e digo: ok, cheguei a casa. Mais dez minutos de carro, mas isso já é casa para mim. E então, sim, talvez até um daqueles que chamamos de *ciabots*. *Ciabot*, uma palavra em piemontês, mas são aquelas casinhas... aquelas estruturas de galpões de ferramentas que amamos e que estão nas vinhas, feitas de tijolos. Que quase não são mais usadas. Mas isso sempre foi sinônimo do que era tradição; de todo modo, algo comum de se encontrar. (ADRIANO, 2022, APÊNDICE H, tradução nossa<sup>174</sup>).

“Tradição”, palavra que aqui oportunamente nos permite passar, então, à consideração de que há, para além daquela condição a que nos referíamos antes da última fala de Pelissero, ainda uma outra que se vê igualmente associada à percepção da paisagem por esses indivíduos e aos significados e valores que esses vêm atribuir a essa mesma paisagem: já identificada em nossas análises precedentes, corresponde à influência exercida pelas experiências de caráter intersubjetivo que abarcam, como sabemos, a transmissão de conteúdos – histórias, memórias, saberes, tradições, também significados e valores – relacionados aos elementos e qualidades sensíveis destacados pelos indivíduos naquela percepção; conteúdos esses que se aderem, portanto, a essa última, acrescentando novas camadas de significados e valores àqueles previamente atribuídos àquilo que é percebido.

Consideremos, neste sentido, o relato apresentado a seguir, fornecido por Cravanzola:

Minha família sempre nasceu aqui e meu avô foi um dos fundadores desta cooperativa onde estamos agora, [...] a Produttori del Barbaresco. E minha família... inclusive, meu bisavô foi o cocheiro de Domizio Cavazza que foi o pai fundador do verdadeiro Barbaresco. Então, [tenho] um vínculo extremamente forte com a velha história de Barbaresco e com as raízes de Barbaresco, propriamente partindo de meu bisavô. (CRAVANZOLA, 2022, APÊNDICE F, tradução nossa<sup>175</sup>).

<sup>174</sup>Original em italiano: “[...] la Torre di Barbaresco. Io quando già, solo ti dico, se arrivo a quell'autostrada... appena la vedo e dico: ok, sono arrivata a casa. Ancora dieci minuti di macchina, ma già quello per me è casa. E poi, sì, magari anche uno di quelli che noi chiamiamo i *ciabot*. *Ciabot*, una parola in piemontese, ma sono quelle casette... quelle strutture ricovero attrezzi che amiamo e che ci sono nelle vigne, di mattoni. Che non si usano quasi più. Però quello sempre è stato un sinonimo di quello che era la tradizione, comunque, una cosa comune da trovare.”

<sup>175</sup>Original em italiano: “La mia famiglia è nata qui da sempre e mio nonno è stato uno dei fondatori di questa cooperativa dove siamo adesso, [...] la Produttori di Barbaresco. E la mia famiglia...”

A tal narrativa, acrescentemos também a de Adriano que se lê na sequência:

[...] meus avós ambos vieram de famílias camponesas de Mezzadri... a uma hora de carro daqui de Alta Langa... e fizeram a vida tradicional clássica de chegar em Langa e dar tudo de si... Seus esforços, sacrifícios em Langa... [...] Então, há também essa história nascida de uma maneira muito tradicional que gostamos de contar. Temos um painel na adega com todas as fotos para lembrar aos turistas que, de todo modo hoje somos uma zona talvez, suponho [...] na Itália muito turística, mas há trinta anos era o contrário: as pessoas passavam fome. E, portanto, também graças ao território que é uma área particular, especial, mas também graças às pessoas que o criaram. Então, sempre, na minha opinião, é importante vincular-se também à história que passou. (ADRIANO, 2022, APÊNDICE H, tradução nossa<sup>176</sup>).

Constata-se que ambos os relatos se reportam, pois, a uma história e, antes, a uma verdadeira cultura profundamente ligada ao território, à sua comunidade e sua vitivinicultura, que vai sendo própria e continuamente transmitida entre as gerações pela comunicação que estabelecem entre si. E essa cultura, que consegue assim, então, manter-se viva ao longo do tempo à medida que é também, como dizíamos antes, continuamente incorporada e vivida pelos indivíduos, nota-se, portanto, que igualmente contribui para amalgamar as percepções desses em relação ao território e à paisagem e as relações que vêm, na sequência, a desenvolver com os mesmos.

Em Barbaresco, especialmente representativo deste processo podemos dizer que é, a propósito, o fato de que “autenticidade” é a palavra que tanto Cravanzola (ver APÊNDICE F) quanto Adriano (ver APÊNDICE H) associam instantaneamente à localidade. Isto porque essa autenticidade remete precisamente – como denotam, inclusive, em suas respectivas narrativas – à condição de que há uma cultura constituída no passado que até hoje, graças àquela transmissão, continua a fazer parte da vida da comunidade e que se manifesta em seu território e sua paisagem através da conservação de seus elementos e características tradicionais. E disso

---

addirittura, mio bisnonno è stato il cochiere di Domizio Cavazza che è stato il padre fondatori del Barbaresco vero e proprio. Quindi, [ho] un legame estremamente forte con la vecchia storia di Barbaresco e con le radici di Barbaresco, proprio partendo dal mio bisnonno.”

<sup>176</sup>Original em italiano: “[...] i miei nonni sono entrambi arrivati da famiglie contadine di Mezzadri... da un'oretta di machina da qua dell'Alta Langa... e hanno proprio fatto la vita classica tradizionale da arrivare in Langa e mettere tutto per tutto... I loro sforzi, sacrifici in Langa... [...] Quindi, c'è anche questa storia nata in un modo molto tradizionale che ci piace raccontare. Abbiamo in cantina un pannello con tutte le foto per ricordare ai turisti che comunque adesso siamo una zona forse, presumo [...] in Itala molto turistica, però trent'anni fa era l'oposto: la gente faceva la fame. E quindi, anche grazie al territorio che è una zona particolare, speciale, però grazie anche a le persone que lo hanno creato. Quindi, sempre, secondo me, è importante legarsi poi anche a la storia che è stata.”

desponta, enfim, tanto a importância que se nota atribuída aos agentes de tal transmissão quanto àqueles que a ela dão continuidade, reconhecidos, logo, tal como visto em Barolo, também como parte daquele que constitui o patrimônio do lugar:

[...] as pessoas. A tradição, mas narrada pelas pessoas. [...] Além, claro, das pessoas que cuidam fisicamente do território [e], portanto, o patrimônio parte de mim que tenho uma vinha, que a cuido bem, que faço um bom vinho, entende, é isto. Mas as pessoas. [...] a meu ver, nosso patrimônio [...] são as pessoas. (FOGLIATI, 2022, APÊNDICE H, tradução nossa<sup>177</sup>).

“Pessoas” dentre as quais os próprios narradores, de modo geral, também tratam de se incluir. E o fazem porque demonstram perceber, afinal, o território e sua paisagem como reflexos ou extensões de si, possuindo uma clara consciência acerca da responsabilidade que têm sobre sua conformação e sua conservação que abarca, como se vê expresso na fala de Fogliati, para além da dedicação à continuidade das narrativas relacionadas à história, à gente e à identidade da localidade, um modo próprio de nela atuarem.

Referindo-se a este modo, Adriano (ver APÊNDICE H) então aponta, indo na mesma direção da diretora da enoteca, para uma atuação bastante cuidadosa nas vinhas: uma atuação atenta aos saberes tradicionais e que preza, por exemplo, pela não utilização de herbicidas e outros produtos químicos que podem comprometer, no final, não só as videiras e as uvas como também a qualidade do ambiente como um todo. Pelissero e Cravanzola, de sua parte, abordando-o já como um cuidado mais amplo, voltam-se também ao conjunto dos demais elementos da paisagem, como verifica-se na narrativa desse último:

[...] nós temos — nós, quero dizer, nós jovens de Barbaresco [...] —, nós temos um papel fundamental, que é o da salvaguarda [...]. Precisamos [...] raciocinar com outra mentalidade, isto é, agora precisamos conservar o território cem por cento, portanto não devemos ter ambições de expandi-lo e devemos conservá-lo. E recuperar tudo o que é recuperável em vez de construir. Portanto, buscar limitar as novas construções, recuperar as velhas casas, as coisas velhas que podem ser recuperadas e buscar manter tudo um pouco inalterado. Acho que é isso que deveríamos fazer. Isto é, enquanto os nossos avós construíram e os nossos pais trouxeram [...] para os nossos dias, hoje, a meu ver, devemos colocar tudo sob uma campânula de vidro, tornar tudo o mais funcional possível... Mas, com um olhar

<sup>177</sup>Original em italiano: “[...] le persone. La tradizione, ma raccontata dalle persone. [...] Oltre naturalmente le persone che poi fanno fisicamente, curanno il territorio, quindi, il patrimonio parte da me che ho il vigneto, che lo tengo bene, che faccio un vino buono, capisce, è questo. Però, le persone. [...] secondo me il nostro patrimonio [...] sono le persone.”

direcionado principalmente para a proteção do território, em primeiro lugar, e em segundo também para a produção de vinhos. Mas são duas coisas que andam... devem andar de *pari passu*. (CRAVANZOLA, 2022, APÊNDICE F, tradução nossa<sup>178</sup>).

Na narrativa em questão, nota-se que Cravanzola evidencia, pois, uma preocupação com a conservação do caráter do território e de sua paisagem – suas tradicionais feição e proporção mantidas até os dias atuais –, tendo como intuito a conservação dos elementos que se reportam diretamente à história e à identidade de Barbaresco, bem como a conservação das condições ambientais que garantem a realização de sua vitivinicultura. E neste contexto o turismo, que por ora ali ainda se apresenta com menor intensidade que em Barolo, começa, no entanto, igualmente a ser alvo da atenção dos habitantes, sendo já visto como algo que na localidade também deve ser submetido a um tipo de controle a fim de não fazer-se acompanhar de impactos negativos:

[...] nós sentimos muita responsabilidade [sobre a conservação do território, da paisagem e de seu patrimônio]. Seja como pessoa, em primeiro lugar como cidadãos desta zona aqui, seja pelo trabalho. E por um lado também gosto muito de falar sobre isso, [...] também gosto de receber muitas pessoas para fazê-las compreender aquilo que há aqui. Por outro lado, também percebo que, se houvesse um grande turismo todos os dias, seria também outro tipo de poluição. Então, na minha opinião, outra coisa importante a se ter sempre em mente é como entender, como equilibrar esse aspecto aqui. (ADRIANO, 2022, APÊNDICE H, tradução nossa<sup>179</sup>).

Essa atenção, que também reconhecemos como um cuidado em relação à paisagem, podemos dizer que contribui, somada aos mesmos dois fatores listados

<sup>178</sup>Original em italiano: “[...] noi abbiamo – noi, inteso noi giovani di Barbaresco [...] –, abbiamo un ruolo fondamentale, che è quello della salvaguardia [...]. Bisogna [...] ragionare proprio con un'altra mentalità, cioè, adesso bisogna conservare il territorio al cento per cento, quindi non dobbiamo avere velleità di espandere il territorio e dobbiamo conservarlo. E recuperare tutto recuperabile invece di costruire. Quindi, cercare di limitare le nuove costruzioni, recuperare le vecchie cascine, le vecchie cose che si possono recuperare e cercare di mantenere un po' tutto inalterato. Secondo me è questo quello che dovremo fare. Cioè, mentre i nostri nonni hanno costruito e i nostri padri hanno [...] portato ai giorni nostri, oggi, noi, secondo me, dobbiamo mettere tutto sotto una campana di vetro, rendere tutto il più funzionale possibile... Però, con un occhio principalmente alla salvaguardia del territorio, primo, e secondo anche per la produzione dei vini. Però sono due cose che vanno... devono andare di pari passo.”

<sup>179</sup>Original em italiano: “[...] responsabilità ci ne sentiamo tanta. Sia come persone, in primi come cittadini di questa zona qui che come lavoro. E da una parte mi piace anche molto raccontarlo, [...] mi piace anche accogliere un sacco di gente per farli capire quello che c'è qui. Dall'altra mi rendo anche conto che se fosse grande turismo tutti i giorni sarebbe anche un'altra sorta di inquinamento. Quindi, secondo me un'altra cosa importante da sempre tenere a mente è come capire, come bilanciare questo aspetto qui.”

para Barolo que ali também se fazem presentes, para que em Barbaresco também se possa desenhar um prognóstico favorável acerca de suas condições futuras, ou seja, a manutenção de seu comportamento resiliente diante de transformações. Contudo, oportunamente reiteramos que, dentre todos os fatores, os modos pelos quais os indivíduos percebem e se relacionam com a paisagem constitui-se, com efeito, também em Barbaresco, como o fator de maior importância, pois, afinal, como podemos atestar, são estes que terminam determinando ao longo do tempo o caráter de tais transformações.

Diante disso, deve-se reconhecer que os mesmos modos constituem, inclusive, o suporte sobre o qual os demais fatores apoiam-se e precisam seguir apoiando-se a fim de obterem, assim, sua validade. E isto porque, como já tivemos a oportunidade de pontuar e os sítios analisados a sua maneira nos atestam, não obstante a existência de determinadas condições e mecanismos que imponham certas limitações e restrições a alterações que poderiam constituir-se como prejuízos à conservação da paisagem, essas mesmas condições e mecanismos só têm sua manutenção e eficácia asseguradas se encontram, afinal, sustentação naqueles que são os verdadeiros agentes/atores dessa paisagem, isto é, seus **habitantes**.

#### **5.4 Perceber, significar, valorar, cuidar... e continuar**

Considerando as análises apresentadas acerca dos sítios de Barolo e Barbaresco, pode-se dizer que nos indicam que há, como supúnhamos inicialmente através de nossa hipótese, uma estreita relação entre os modos como suas respectivas paisagens se fazem percebidas, experimentadas, significadas, valoradas e subsequentemente cuidadas pelos indivíduos a elas vinculados. Diante disso, pode-se dizer ainda que tais análises, fornecendo-nos uma visão mais aproximada e clara do contexto geral da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*, validam e reforçam determinadas características desses modos que ali também podem ser identificadas, explicitadas nas sínteses e conclusões que realizamos a seguir.

Inicialmente, no que diz respeito a uma síntese do modo pelo qual tal paisagem se faz percebida, devemos pontuar que envolve, como apontado por Merleau-Ponty em sua investigação do fenômeno perceptivo, primeiramente um contato a que chamaremos original dos indivíduos com o território – equivalente, no caso, àquele que se designa como mundo dado –, que se realiza precisamente com



a percepção de que esses indivíduos dispõem – que lhes dá, pois, algo, o território, a perceber – e que é manifestada, por sua vez, a partir do engajamento de seus respectivos corpos, incluídos todos os seus sentidos, em tal território. Em seguida, compreende o reconhecimento de determinados elementos e qualidades sensíveis daquele dentre os quais alguns, dada a forma como se integram à experiência dos mesmos indivíduos, adquirem em suas percepções um destaque ou vibração particular, tornando-se aí participantes daquela que seria a apreensão do território em sua forma paisagística, ou seja, dotado de um *Stimmung* próprio e, conseqüentemente, de significados e valores igualmente próprios.

Ocorre, entretanto, como também Merleau-Ponty já nos indicava através de sua fenomenologia da percepção e tivemos a oportunidade de verificar, que a estas percepções a que denominaremos primárias – advindas, pois, desse contato original dos indivíduos com o território – aderem-se ainda outras, a que denominaremos secundárias, provindas tanto do acúmulo das sucessivas experiências de caráter individual vividas por esses indivíduos no âmbito de suas próprias existências, quanto daquelas que vivenciam relacionando-se com outros indivíduos – isto é, de suas experiências de caráter intersubjetivo. E dessas resulta, por sua vez, um outro acúmulo, de novos significados e valores aos antes atribuídos ao território e sua paisagem, sendo que todos esses tomados em conjunto incidem, por fim, no caráter das relações que se estabelecem entre os indivíduos e essa paisagem, nos níveis individual e coletivo, com o que se determina, afinal, o grau de sua conservação e resiliência referente a sua dimensão patrimonial ao longo do tempo.

No que tange aos referidos elementos e qualidades, observamos então que correspondem não somente àqueles que dizem respeito à percepção visual da paisagem. Incluem, por exemplo, as colinas cobertas de vinhas com suas respectivas formas, texturas e cores características, os antigos assentamentos urbanos com suas conformações tradicionais e seus edifícios icônicos, os sabores dos vinhos e dos pratos da culinária local, o perfume da vegetação e das uvas em fermentação, o som das palavras do dialeto local e do trabalho na época da vindima, etc., consideradas ainda suas inter-relações. E são elementos e qualidades que, como pudemos identificar, reiterando o que dizíamos há pouco, constatamos que são destacados, significados e valorados pelos indivíduos tanto a partir de sua inserção em seu cotidiano enquanto habitantes dessa paisagem quanto a partir de sua ligação àquelas que vêm a conformar-se, enquanto membros da sociedade

“criadora” da mesma paisagem, como suas história e identidade apreendidas em sentido amplo.

Com relação a essa última condição, é oportuno esclarecermos que alude, no caso, às influências que os indivíduos recebem em suas percepções a partir da transmissão de conteúdos relacionados a essas mesmas história e identidade, assim como à cultura a que essas se associam. Realizada fundamentalmente com o auxílio da linguagem, essa transmissão permite àqueles indivíduos ultrapassarem as dimensões temporais de suas existências particulares – ou seja, o presente oferecido à sua percepção e o passado e o futuro do próprio ser que a este presente continuamente se entrelaçam –, e efetuarem a tessitura daqueles fios intencionais que os conectam também ao passado e ao futuro dessa sociedade; fios esses que lhes possibilitam, então, comunicar-se com esses mesmos passado e futuro e de certa maneira integrá-los aos seus. No âmbito da resiliência patrimonial da paisagem, disso resulta, como repetidas vezes já o dissemos e aqui outra vez oportunamente reforçamos, a importância de tal transmissão, porque essa contribui, assim, para que um dado modo de perceber, significar e valorar aqueles que ao longo do tempo vieram conformando-se como os componentes característicos de tal paisagem possa dispor, no passar deste tempo, de uma certa continuidade e cooperar, por conseguinte, para a conservação dos mesmos componentes.

Neste sentido, a esses processos é devido, pois, relacionarmos também tanto a manutenção da tradicional autorreferencialidade quanto o emprego da lógica da temporalidade que podemos identificar, como expresso em nossas análises, na *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*. No que diz respeito à primeira, dá-se porque, como sabemos, é necessário que os mitos fundadores, iconemas, enfim, a conformação da paisagem permaneça, no transcorrer das gerações, sendo não apenas reconhecível, mas sobretudo significativa para aqueles que nela habitam – como vimos que ali ocorre – vindo desta maneira a ser, portanto, continuamente respeitada. Já no que concerne ao segundo, as relações se dão a partir daquela que pode ser reconhecida como uma transposição à paisagem daquilo que se vincula à tessitura dos fios intencionais à qual nos referíamos há pouco, isto é, da percepção integrada, pelos habitantes da paisagem em questão, das três dimensões temporais. Recordemo-nos, afinal, que a paisagem expressa, como dizia Rosario Assunto (2011, p. 349-350), formas de espacialização do tempo tal como esse é percebido, vivido e compreendido pelos indivíduos e, uma vez que nestas percepção, vivência e

compreensão esse tempo não é, como se constata, o tempo objetivo, fragmentado, senão o tempo fenomenal, articulado, eis que o passado, o presente e o futuro na paisagem apresentam-se, por conseguinte, do mesmo modo.

Por falar em articulação, nota-se que é manifestada, para além dessas dimensões de caráter espacial e temporal, igualmente na dimensão correspondente à percepção que os indivíduos têm da relação que possuem com o território e a paisagem – que se associa diretamente, aliás, a essas outras dimensões. Trata-se de uma articulação que parte, pois, da percepção que vimos que esses indivíduos têm desse território e dessa paisagem como correspondentes ou extensões de si, advinda, por sua vez, tanto do fato de que os habitam e os vislumbram como resultados de uma permuta permanente entre a natureza e suas ações no presente, quanto do fato de que, no passado, os mesmos território e paisagem conformaram-se com a contribuição das ações de seus antepassados, aos quais, na condição de seus sucessores, encontram-se e reconhecem-se intrinsecamente vinculados. De tal articulação poderíamos, assim, dizer que nos reporta à ideia de uma outra continuidade, aqui apreendida, portanto, não na acepção substancialmente temporal até o momento adotada nesta seção, mas precisamente naquela que se aproxima do conceito merleau-pontyano de quiasma que implica, em síntese, o reconhecimento da parte desses indivíduos de que eles e o mundo – o território, a paisagem – são feitos, enfim, de uma mesma carne (MERLEAU-PONTY, 2014).

Do reconhecimento em questão, isto é, dessa reciprocidade e mesmo dessa relativa unidade que se veem aí estabelecidas, vemos despontar, logo, aquele que viemos designando como um cuidado dedicado aos mesmos território e paisagem, exercido, como pudemos constatar, de distintas maneiras pelos habitantes da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*, mas do qual podemos dizer que possui, contudo, um caráter universal: o caráter de um amor pelo território, por sua paisagem e por sua cultura que termina englobando o amor desses próprios habitantes por si mesmos, uma vez que, de modo geral, não há a percepção de uma separação entre uns e outros. Cada ação exercida sobre a paisagem vem compreendida, pois, como uma ação exercida diretamente sobre os seus habitantes, do mesmo modo que cada ação exercida sobre estes é compreendida como uma ação que termina, afinal, reverberando sobre sua paisagem.

Diante disso, pode-se chegar então à conclusão de que, no que tange à resiliência apresentada pela paisagem, relaciona-se, com efeito, a **um dado modo**

**de perceber essa paisagem.** E esse modo, que, retomando nossas considerações anteriores, se serve primordialmente do corpo dos indivíduos como seu veículo e referência e inclui, para além do reconhecimento de elementos e qualidades sensíveis da paisagem, a atribuição de significados e valores a essa a partir de como é vivenciada pelos mesmos indivíduos, consiste, em suma, na percepção efetiva de que tanto a paisagem **é** nestes últimos quanto estes **são** em sua paisagem. Dizendo-o com outras palavras, trata-se, portanto, da condição de que tanto é a partir de seus habitantes que a existência da paisagem se manifesta da forma como se manifesta, nas suas dimensões objetiva e subjetiva, quanto é a partir dessa mesma paisagem que o ser-no-mundo próprio destes habitantes pode igualmente ser exercido e manifestar-se com suas particularidades.

Cumpre-nos acrescentar que, sendo esse um modo de perceber a paisagem que é, como vimos, compartilhado por grande parte desses habitantes, torna essa “Paisagem” – a *Paisagem Vitivinícola do Piemonte* – constituída, afinal, de “paisagens” que abertamente dialogam e concordam entre si, que se entrecruzam e se entrelaçam e definem, a partir daí, um sentido comum atribuído a essa mesma “Paisagem”. Esta última, assim, remete-nos à ideia de um **amalgama** de percepções para o qual particularmente contribui, como falávamos anteriormente, a forte e vibrante presença da tradicional cultura vitivinícola vinculada ao território da referida paisagem. Tal cultura, envolvendo e articulando, pois, de uma maneira própria, **espaço, tempo, sujeito e coletividade**, coopera para que tais percepções ou “paisagens” igualmente abarquem e articulem a si esses elementos e suas inter-relações, de modo não só a terminarem sendo condizentes quanto àquele sentido, mas também quanto à direção em que optam por conduzir a “Paisagem”: a de sua **contínua valorização**, de sua **contínua conservação** e de sua **contínua transmissão**.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível, ao longo desta tese, elaborarmos importantes considerações e reflexões acerca do fenômeno perceptivo, de suas relações com a percepção paisagística e, por fim, das relações entre esta última e a capacidade de resiliência da paisagem referente a sua dimensão patrimonial, servindo-nos especialmente das contribuições da fenomenologia da percepção proposta pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty e do estudo do sítio da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte: Langhe-Roero e Monferrato*. Deste modo, foi possível igualmente respondermos às questões apresentadas na introdução de nosso trabalho e adicionar, por conseguinte, aquelas que consideramos como importantes evidências a favor de nossa hipótese, definida, como convém lembrar, pela proposição de que no modo como aquilo a que chamamos paisagem se articula à nossa percepção e, logo, à nossa existência, é que reside parte expressiva do potencial de resiliência da paisagem relativa à sua dimensão patrimonial.

No que diz respeito a tais questões, recordemos que a primeira consistia na forma com que os mecanismos perceptivos exercem sua participação na constituição de paisagens pelos sujeitos e podem influenciar, em seguida, as relações estabelecidas por estes últimos com as mesmas paisagens. Enquanto isso, a segunda referia-se ao que poderia encontrar-se por detrás dos dois comportamentos distintos observados por nós nas paisagens, ou seja, em algumas, uma maior resiliência compreendida pela preservação de seus traços identitários fundamentais ao longo do tempo mesmo em face de processos de transformação e, em outras, uma maior permeabilidade ou mesmo permissividade a mudanças vinculadas a esses processos e nem sempre comprometidas com aquela preservação.

Tratando da primeira, pudemos ver, em síntese, que tais mecanismos, constatados como efetiva e intrinsecamente vinculados à referida constituição, manifestam-se primeiramente a partir do engajamento do sujeito no mundo – efetuado essencialmente não com seu corpo objetivamente concebido, senão com aquele dito próprio ou fenomenal –, com o qual torna-se possível o estabelecimento de uma comunicação entre ambos. Nessa comunicação, equivalente à própria percepção – realizada, como convém frisar, com a participação integrada e simultânea de todos os sentidos e em correspondência com a percepção exercida

pelo sujeito em relação àquele seu corpo próprio – dá-se então o reconhecimento de determinados elementos e qualidades sensíveis do mundo que assumem uma espécie de pulsação particular a partir da maneira como são integrados às experiências do mesmo sujeito, passando a constituir-se como componentes de tal mundo apreendido como paisagem e dotado aí, portanto, de significados e valores próprios. Ocorre, porém, que dessa percepção e, logo, dessas experiências, posteriormente vêm a participar também aqueles que Merleau-Ponty designa como saberes adquiridos, provenientes tanto do acúmulo sucessivo das percepções e experiências individuais do sujeito no curso de sua vida quanto daquelas de caráter intersubjetivo em que se realiza o que nós, de nossa parte, designamos como uma transmissão. E especialmente através dessa – que compreende, como já dissemos ser possível considerar, influências culturais e modos de perceber e experimentar a paisagem pertencentes aos indivíduos que aí exercem o papel de doadores – são recebidos e, na sequência, articulados pelos sujeitos outros significados e valores àqueles iniciais, sendo precisamente o caráter positivo ou negativo do conjunto de significados e valores daí resultantes que vem a determinar, por fim, o caráter das relações entre os sujeitos e suas paisagens, traduzido em ações que conduzem a sua conservação ou a sua degradação.

Diante disso, passando à segunda questão, a explicação para os dois referidos comportamentos relativamente opostos reconhecidos nas paisagens, para cuja formulação contribuem as análises realizadas da *Paisagem Vitivinícola do Piemonte*, observamos que se assenta, portanto, no modo como os indivíduos que habitam essas paisagens as percebem, as experimentam e com elas desenvolvem, em seguida, determinados tipos de relações. Assim, no caso de paisagens em que se identifica uma maior resiliência de sua dimensão patrimonial, o modo em questão corresponde ao reconhecimento e ao destaque dos elementos e qualidades associados à identidade tradicional da paisagem como elementos e qualidades significativos e valorosos no contexto das existências dos indivíduos – por intermédio do processo perceptivo antes sinteticamente descrito –, os quais vêm a admiti-los, por conseguinte, como itens dignos de continuarem integrados a essas mesmas existências através de sua conservação na paisagem. Desta maneira, transformações cujos efeitos possam vir a impactar negativamente essa conservação são, senão totalmente impedidas, ao menos geridas por tais indivíduos a fim de que os efeitos em questão sejam ao máximo mitigados. Aspecto importante

a ser considerado, ainda, é aquele referente ao fato de que nessas paisagens essa forma determinada de percebê-las, experimentá-las e relacionar-se com elas encontra-se, de modo geral, difundida entre seus habitantes, permitindo que os interesses dos distintos grupos dialoguem entre si e estejam orientados a um objetivo comum. Quanto ao segundo caso, isto é, de paisagens que, no âmbito patrimonial, possuem uma menor capacidade de resiliência, o modo com o qual os indivíduos as percebem e experimentam, ainda que contemple o reconhecimento de alguns daqueles elementos e qualidades ligados à identidade dessas como itens relativamente relevantes, caracteriza-se por uma tendência a apresentar, contudo, aquilo que classificaremos como lacunas em relação ao primeiro modo. E entre essas podem ser incluídas, por exemplo, uma percepção fragmentada da paisagem, que privilegia apenas alguns desses itens e desconsidera as inter-relações que estabelecem com outros componentes paisagísticos, a ausência de vínculos fortes dos indivíduos com os elementos e qualidades associados à identidade tradicional da paisagem e a falta de concordância entre os interesses dos diversos grupos que atuam nesta última, com uma tendência ao prevalectimento de interesses de grupos dominantes eventualmente em desconformidade com a intenção de sua preservação.

Vinculadas a essas considerações, encontram-se, portanto, aquelas que no início deste capítulo dissemos representarem importantes evidências a favor de nossa hipótese, correspondentes precisamente às constatações que pudemos obter a partir de nossas análises do sítio da *Paisagem Vitivinícola*. É devido acrescentarmos que essas constatações nos apresentam ainda dois pontos essenciais a serem observados, os quais gostaríamos de abordar aqui relacionando-os à esfera das contribuições que esperamos que possa vir a prestar este trabalho.

Antes de tratarmos dos pontos em questão, há, no entanto, uma observação que desejamos reiterar, atinente ao fato de que as discussões e proposições contidas nesta tese não devem de forma alguma ser associadas à promoção de uma pretensa estaticidade ou congelamento da paisagem no tempo, o que deveria já fazer-se bem compreendido, aliás, no próprio uso do conceito de resiliência que adotamos com o objetivo de contemplar a natureza essencialmente dinâmica daquela. Refletindo uma preocupação com as condições do patrimônio tanto presente quanto constituído pela paisagem, o que se busca é, afinal, contribuir com a garantia de que essas condições sejam as mais apropriadas a sua devida

preservação no âmbito de processos de transformação da mesma paisagem, a fim de que possa perdurar no tempo exercendo seu papel fundamental de grande referencial identitário da sociedade a que corresponde.

Passando, então, ao primeiro ponto, consiste na importância da experiência paisagística como fator essencial ao conhecimento, sensibilização, valorização e cuidado dos indivíduos em relação à paisagem, recordando-se aqui oportunamente o substrato existencial no qual, para além daquele de caráter sensível, compreendemos que se apoia a constituição paisagística. Essa experiência deve, assim, no âmbito de políticas e práticas vinculadas à conservação da dimensão patrimonial da paisagem, ser continuamente promovida, através principalmente de ações que estimulem o engajamento dos indivíduos nessa paisagem, permitindo-lhes percebê-la e vivenciá-la de forma ampla, ou seja, abarcando todos os seus componentes e suas inter-relações, bem como as qualidades desses componentes comunicantes com todos os sentidos. Deste modo, no que tange particularmente ao cuidado citado acima, é possível que os indivíduos venham a atentar, pois, inclusive para aqueles componentes ou qualidades prejudiciais ao caráter tradicional e à qualidade da paisagem, tratando de dedicar-lhes, por conseguinte, medidas apropriadas: quer seja para sua eliminação, quer seja para sua adequação aos mesmos caráter e qualidade.

No que tange ao segundo ponto, corresponde à importância dos vínculos dos indivíduos com o território e sua paisagem como outro fator essencial sobretudo à valorização e cuidado, da parte desses indivíduos, para com os mesmos território e paisagem. E tais vínculos, possíveis de serem estabelecidos primordialmente por intermédio da percepção e experiência paisagísticas, sabemos que podem também vir a estabelecer-se, ou mesmo, se já estabelecidos, podem vir a reforçar-se através da transmissão anteriormente falada, que consideramos que deve igualmente ser contemplada, portanto, nas mesmas políticas e práticas voltadas à preservação da paisagem. Isto entendemos que pode, por sua vez, ser efetuado por meio da inclusão nessas de ações que contribuam com a formação de uma consciência acerca da paisagem e sua dimensão patrimonial como expressão e referencial fundamentais da história e da própria identidade de seus habitantes. Essas ações devem visar, além disso, o estabelecimento de uma continuidade daquela mesma transmissão como forma de garantir que essa consciência não só se faça disseminada como duradoura entre aqueles habitantes e suas sucessivas gerações.



Trata-se de condição imprescindível, como pudemos constatar, à própria manutenção da autorreferencialidade da paisagem e, logo, à sua resiliência.

É digno de particular destaque, a nosso ver, o fato de que em tudo isso faz-se evidente, afinal, a grande contribuição verdadeiramente prestada pela fenomenologia merleau-pontyana à abordagem paisagística, que se desdobra, inclusive – como igualmente se faz evidente –, em uma contribuição prestada à lida com a conservação de sua dimensão patrimonial. E compreendemos que isto se dá essencialmente através do protagonismo que tal fenomenologia nos permite atribuir ao sujeito, com sua forma de perceber e experienciar o mundo servindo-se primordialmente de seu corpo e de seus sentidos, como elemento no qual fundamentalmente apoia-se tanto a constituição da paisagem quanto sua conservação. Considerando, porém, que neste trabalho não poderiam ser abarcadas e esgotadas todas as facetas dessas contribuições, gostaríamos de apontar aqui especialmente uma em que reconhecemos um grande potencial a ser ainda explorado em ocasião oportuna.

A faceta em questão corresponde, pois, à integração do método fenomenológico de análise da percepção da paisagem aos chamados Sistemas de Informação Geográfica (SIG), usualmente empregados na coleta e organização de dados relativos a um dado território para a promoção de sua gestão e monitoramento. Ocorre que, embora esses sistemas eventualmente incorporem dados referentes à percepção visual desse território, nota-se que não fazem o mesmo com dados referentes à sua percepção pelos demais sentidos, que, como repetidas vezes já o dissemos a partir de Merleau-Ponty, participa igualmente da constituição da paisagem e deve, logo, ser também contemplada na abordagem dessa e naqueles mesmos monitoramento e gestão. Servindo-nos, portanto, do referido método como ferramenta basilar para o levantamento dos elementos e qualidades sensíveis que atuam como componentes essenciais da paisagem, inclusive dos significados e valores atribuídos a essa, entendemos que seria possível contribuir para uma otimização da forma como se estruturam e atuam os referidos sistemas, direcionando-os a uma abordagem, a uma gestão e a um monitoramento da paisagem efetivamente integrados como, enfim, precisam de fato ser.

Por fim, como última consideração, cumpre-nos realçar aquela que, para nós, conforma-se como a principal mensagem deste trabalho: ela equivale à

compreensão de que, como expresso na epígrafe emprestada de texto de Bernardo Soares – pseudônimo do grande escritor Fernando Pessoa –, “É em nós que a paisagem tem paisagem” (PESSOA, 2006, p. 409), o que significa compreender a potência e também a responsabilidade de nosso papel como seres, mais que perceptores, criadores, cultivadores e protetores da paisagem. É essa compreensão, afinal, aquela que entendemos ser o que nos permite dispor não só das paisagens que amamos em nós – em nossa memória ou em nossa imaginação –, mas, especialmente, em torno de nós. Assim, não só podendo dizer, como no verso de Pessoa, “Paisagens, quero-as comigo” (PESSOA, 1996, p. 419)<sup>180</sup>, poderemos continuar dizendo também, no presente que já existe e no futuro que virá: **Paisagens, tenho-as comigo.**

---

<sup>180</sup>O poema em questão é utilizado como epígrafe do capítulo de introdução da tese.

## REFERÊNCIAS

ABBONA, Ernesto. Barolo come Venezia, a numero chiuso. Si entra solo con il biglietto. [Entrevista cedida a] Christian Benna. **Corriere della Sera**, Torino, 18 maio 2022. Disponível em: [https://torino.corriere.it/economia/22\\_maggio\\_18/barolo-come-venezias-numero-chiuso-si-entra-solo-il-biglietto-e4143928-d6d6-11ec-a70e-c4b6ac55d57f.shtml?refresh\\_ce/](https://torino.corriere.it/economia/22_maggio_18/barolo-come-venezias-numero-chiuso-si-entra-solo-il-biglietto-e4143928-d6d6-11ec-a70e-c4b6ac55d57f.shtml?refresh_ce/). Acesso em: jun. 2022.

ALVES, Rubem. Sacramento. *In*: ALVES, Rubem. **Creio na ressurreição do corpo: meditações**. São Paulo: Paulus, 1984.

ANDRADE, Caio Augusto de. **Superação do psicologismo por meio da Epoché nos textos husserlianos de 1906/7**. 2013. 94 p. Dissertação (Mestrado). – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Paisagem: como se faz. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. **As impurezas do branco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARGENTINA. **Proyecto de Ley**: Presupuestos Minimos para la planificacion, proteccion, preservacion, conservacion, restauracion, gestion, ordenamiento y creacion de paisajes. Buenos Aires: Cámara de Diputados de la Nación, 2019. Disponível em: <https://www.diputados.gov.ar/proyectos/proyecto.jsp?exp=1952-D-2019>. Acesso em: dez. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ARQUITETOS PAISAGISTAS. **A Carta Brasileira da Paisagem**. 2010. Disponível em: [https://www.caubr.gov.br/anexos/noticias/CARTA\\_BRASILEIRA\\_DA\\_PAISAGEM.pdf](https://www.caubr.gov.br/anexos/noticias/CARTA_BRASILEIRA_DA_PAISAGEM.pdf). Acesso em: mar. 2021.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **Associazione**: Patrimonio. [201-?]a. Disponível em: <https://www.paesaggivitivinicoliunesco.it/patrimonio/>. Acesso em: jun. 2021.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **Canelli e l'Asti spumante**: La tradizione spumantiera. [201-?]b. Disponível em: <https://www.paesaggivitivinicoliunesco.it/patrimonio/nizza-monferrato-e-il-barbera/>. Acesso em: jun. 2021.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **Etichetta del Barolo prodotto nelle cantine dell'Opera Pia Barolo**. [...]. [201-?]c. Disponível em: [https://live.staticflickr.com/65535/48869234406\\_6258674ab2\\_o.jpg](https://live.staticflickr.com/65535/48869234406_6258674ab2_o.jpg). Acesso em: jun. 2022.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **Il Castello di Grinzane Cavour**: La prima Enoteca Regionale del Piemonte. [201-?]d. Disponibile em: <https://www.paesaggivitivinicoliunesco.it/patrimonio/la-langa-del-barolo/>. Accesso em: jun. 2021.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **Il Monferrato degli Infernot**: La Pietra da Cantoni. [201-?]e. Disponibile em: <https://www.paesaggivitivinicoliunesco.it/patrimonio/la-langa-del-barolo/>. Accesso em: jun. 2021.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **Il paesaggio del vino di Langhe-Roero e Monferrato**: Sito iscritto nella Lista del Patrimonio Mondiale dell'Umanità. [S.l.]:[s.n.], 2019.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **La cartolina, in B/N, descrive il concentrico di Barbaresco oltre il suo primo intorno agreste e naturale del paesaggio limitrofo**. [201-?]f. Disponibile em: [https://live.staticflickr.com/65535/48974009303\\_e3734c3601\\_o.jpg](https://live.staticflickr.com/65535/48974009303_e3734c3601_o.jpg). Accesso em: jun. 2022.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **La foto in B/N mette in risalto l'attiva partecipazione delle donne con le loro ceste ad una dura giornata di lavoro nelle vigne**. [...]. [201-?]g. Disponibile em: [https://live.staticflickr.com/65535/48868776483\\_35ea594663\\_o.jpg](https://live.staticflickr.com/65535/48868776483_35ea594663_o.jpg). Accesso em: jun. 2022.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **La foto, in B/N, descrive la possibile costruzione di un'abitazione**. [...]. [201-?]h. Disponibile em: [https://live.staticflickr.com/65535/48974840767\\_8b3b2e753b\\_o.jpg](https://live.staticflickr.com/65535/48974840767_8b3b2e753b_o.jpg). Accesso em: jun. 2022.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **La foto, in B/N, descrive una operazione di vendemmia con il trasporto dei grappoli vendemmiati mediante l'utilizzo di bigonce in legno**. [201-?]i. Disponibile em: [https://live.staticflickr.com/65535/48935089362\\_2ec3b7f471\\_o.jpg](https://live.staticflickr.com/65535/48935089362_2ec3b7f471_o.jpg). Accesso em: jun. 2022.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **La foto, in B/N, descrive una operazione di vendemmia con il trasporto dei grappoli vendemmiati mediante l'utilizzo di bigonce in legno**. [...]. [201-?]j. Disponibile em:

[https://live.staticflickr.com/65535/48934362603\\_ba7bbf49e6\\_o.jpg](https://live.staticflickr.com/65535/48934362603_ba7bbf49e6_o.jpg). Accesso em: jun. 2022.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **La fotografia, in B/N, descrive longitudinalmente il concentrico di Barbaresco oltre il suo primo intorno agreste e naturale del paesaggio limitrofo; in basso, da sinistra a destra, alcuni fondi agricoli vitati delimitati da una strada ad uso veicolare.** [201-?]l. Disponivel em: [https://live.staticflickr.com/65535/48974778772\\_3532799abd\\_o.jpg](https://live.staticflickr.com/65535/48974778772_3532799abd_o.jpg). Accesso em: jun. 2022.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **La fotografia, in B/N, descrive longitudinalmente il concentrico di Barbaresco oltre il suo primo intorno agreste e naturale del paesaggio limitrofo; in basso, in primo piano, un fondo agricolo vitato.** [201-?]m. Disponivel em: [https://live.staticflickr.com/65535/48974568071\\_408980787a\\_o.jpg](https://live.staticflickr.com/65535/48974568071_408980787a_o.jpg). Accesso em: jun. 2022.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **La fotografia, in B/N, descrive longitudinalmente il concentrico di Barbaresco oltre il suo primo intorno agreste e naturale del paesaggio limitrofo; in basso, in primo piano, un fondo agricolo vitato lambito da un canneto.** [201-?]n. Disponivel em: [https://live.staticflickr.com/65535/48974564731\\_0398e22aab\\_o.jpg](https://live.staticflickr.com/65535/48974564731_0398e22aab_o.jpg). Accesso em: jun. 2022.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **La fotografia, in B/N, descrive puntualmente il concentrico di Barbaresco; grande rilevanza viene data alla sua collocazione rispetto al paesaggio collinare circostante.** [...]. [201-?]o. Disponivel em: [https://live.staticflickr.com/65535/48974027548\\_39a875154d\\_o.jpg](https://live.staticflickr.com/65535/48974027548_39a875154d_o.jpg). Accesso em: jun. 2022.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **La grafica, a colori, indica l'Esposizione-Fiera nel Maggio 1898 ad Asti, durante la quale fu prevista l'esposizione di vini e attrezzature meccaniche utili alla conduzione vinicola del fondo.** [...]. [201-?]p. Disponivel em: [https://live.staticflickr.com/65535/49053940512\\_26c8d2fb2a\\_o.jpg](https://live.staticflickr.com/65535/49053940512_26c8d2fb2a_o.jpg). Accesso em: jun. 2022.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **La grafica, a colori, riporta il Manifesto della prima mostra campionaria dei vini piemontesi svoltasi ad Asti dal 4 all'11 maggio del 1924.** [...]. [201-?]q. Disponivel em: [https://live.staticflickr.com/65535/49053228558\\_36c468c9b7\\_o.jpg](https://live.staticflickr.com/65535/49053228558_36c468c9b7_o.jpg). Accesso em: jun. 2022.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **La Langa del Barolo**: I luoghi del vino Barolo. [201-?]r. Disponível em: <https://www.paesaggivitivinicoliunesco.it/patrimonio/la-langa-del-barolo/>. Acesso em: jun. 2021.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **La locandina in B/N illustra la Festa dell'Uva in prgramma dal 12 al 19 Settembre 1937 a Cassine, corrispondente al XV anno della cosiddetta Era Fascista**. [...]. [201-?]s. Disponível em: [https://live.staticflickr.com/65535/48868782403\\_c039c1ed0c\\_o.jpg](https://live.staticflickr.com/65535/48868782403_c039c1ed0c_o.jpg). Acesso em: jun. 2022.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **Le Colline del Barbaresco**: Barbaresco e Neive. [201-?]t. Disponível em: <https://www.paesaggivitivinicoliunesco.it/patrimonio/le-colline-del-barbaresco/>. Acesso em: jun. 2021.

ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO. **Nizza Monferrato e il Barbera**: La cultura del vino. [201-?]u. Disponível em: <https://www.paesaggivitivinicoliunesco.it/patrimonio/nizza-monferrato-e-il-barbera/>. Acesso em: jun. 2021.

ASSUNTO, Rosario. A paisagem e a estética. *In*: SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). **Filosofia da paisagem**: uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. Cap. 2, pp. 341-375.

BAROLO: Sul borgo. **E-borghi**, Milano, [20--]. Disponível em: <https://www.e-borghi.com/it/borgo/Cuneo/295/barolo>. Acesso em: jun. 2022.

BELFRAGE, Nicholas. Barolo: a Love Story. **The World of Fine Wine**, [S.l.], 15 jun. 2016. Disponível em: <https://worldoffinewine.com/2016/06/15/barolo-a-love-story-4923447/>. Acesso em: jun. 2022.

BERLEANT, Arnold. **Living in the landscape**: toward an aesthetics of environment. Lawrence: University Press of Kansas, 1997.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BRASIL. Portaria N.º 127, de 30 de abril de 2009. Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 83,

p. 17, 5 maio 2009. Disponível em:  
[portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria\\_127\\_de\\_30\\_de\\_Abril\\_de\\_2009.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_127_de_30_de_Abril_de_2009.pdf).  
 Acesso em: ago. 2018.

CAEIRO, Alberto. Não basta. *In*: PESSOA, Fernando. **Poemas Inconjuntos**, 1925. [20--]. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000003.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000003.pdf). Acesso em: dez. 2020.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. **10 lições sobre Merleau-Ponty**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CANTINA GIUSEPPE CORTESE. **È stata una grande vendemmia**. [...]. Barbaresco, 20 out. 2021. Instagram: #cortese giuseppecantina. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CVPkTE7oDLW/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D>. Acesso em: jun. 2022

CARVALHO, José Maurício de. Percurso fenomenológico. **Revista Estudos Filosóficos**, São João del-Rei, nº 10, p. 1-15, 2013. Disponível em: [www.seer.ufsj.edu.br/index.php/estudosfilosoficos/article/view/2186](http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/estudosfilosoficos/article/view/2186). Acesso em: ago. 2018.

CASPAR David Friedrich – Wanderer above the sea of fog. Wikimedia Commons, [20--]. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caspar\\_David\\_Friedrich\\_-\\_Wanderer\\_above\\_the\\_sea\\_of\\_fog.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caspar_David_Friedrich_-_Wanderer_above_the_sea_of_fog.jpg). Acesso em: dez. 2020.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAVAZZA, Domizio. **Barbaresco e i suoi vini**. Estratto dall'Almanasco dell'Italia agricola, anno 1907. Piacenza: Stabilimento Tipografico V. Porta, 1907.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CITTÀ DI CASALE MONFERRATO. **Mostra "Angelo Morbelli pittore del Monferrato" – Fotogallery**. 14 jan. 2021. Disponível em: <https://www.comune.casalemonferrato.al.it/museo-morbelli-gallery>. Acesso em: jun. 2022.

COMUNE DI BARBARESCO. **Edifici e monumenti: Il Castelo**. [20--?]a. Disponível em:

<https://www.comune.barbaresco.cn.it/ita/pagine.asp?id=159&idindice=5&title=Edifici%20e%20Monumenti>. Acesso em: jun. 2022.

COMUNE DI BARBARESCO. **Edifici e monumenti**: La Torre. [20--?]b. Disponível em:

[https://www.comune.barbaresco.cn.it/ita/pagine.asp?id=159&idindice=5&title=Edifici%20e%20Monumenti#tab\\_119](https://www.comune.barbaresco.cn.it/ita/pagine.asp?id=159&idindice=5&title=Edifici%20e%20Monumenti#tab_119). Acesso em: jun. 2022.

COMUNE DI BARBARESCO. **Luoghi di culto**: Chiesa di San Donato. [20--?]c. Disponível em:

<https://www.comune.barbaresco.cn.it/ita/pagine.asp?id=160&idindice=5&title=Luoghi%20di%20culto>. Acesso em: jun. 2022.

COMUNE DI BARBARESCO. **Luoghi di culto**: Chiesa parrocchiale San Giovanni Battista. [20--?]d. Disponível em:

<https://www.comune.barbaresco.cn.it/ita/pagine.asp?id=160&idindice=5&title=Luoghi%20di%20culto>. Acesso em: jun. 2022.

COMUNE DI BARBARESCO. **Origini e storia**. [20--?]e. Disponível em:

[https://www.comune.barbaresco.cn.it/archivio/pagine/Origini\\_e\\_storia.asp](https://www.comune.barbaresco.cn.it/archivio/pagine/Origini_e_storia.asp). Acesso em: jun. 2022.

COMUNE DI BAROLO. **Castello della Volta**. [20--?]a. Disponível em:

[www.comune.barolo.cn.it/Home/Guida-al-paese?IDDettaglio=23539](http://www.comune.barolo.cn.it/Home/Guida-al-paese?IDDettaglio=23539). Acesso em: jun. 2022.

COMUNE DI BAROLO. **Castello Falletti di Barolo**. [20--?]b. Disponível em:

[www.comune.barolo.cn.it/Home/Guida-al-paese?IDDettaglio=23540](http://www.comune.barolo.cn.it/Home/Guida-al-paese?IDDettaglio=23540). Acesso em: jun. 2022.

COMUNE DI BAROLO. **Chiesa Parrocchiale di San Donato**. [20--?]c. Disponível em:

[www.comune.barolo.cn.it/Home/Guida-al-paese?IDDettaglio=23543](http://www.comune.barolo.cn.it/Home/Guida-al-paese?IDDettaglio=23543). Acesso em: jun. 2022.

COMUNE DI BAROLO. **Storia e luoghi**. [20--?]d. Disponível em:

[www.comune.barolo.cn.it/Home/Guida-al-paese?IDDettaglio=23538](http://www.comune.barolo.cn.it/Home/Guida-al-paese?IDDettaglio=23538). Acesso em: jun. 2022.

CONSELHO DA EUROPA – COMITÊ DE MINISTROS. **Recomendação Europa**.

Sobre a conservação integrada das áreas de paisagens culturais como integrantes das políticas paisagísticas [...]. 1995. Disponível em:

[portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Europa%201995.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Europa%201995.pdf). Acesso em: mar. 2020.



CONSELHO DA EUROPA. **Convenção Europeia da Paisagem**. Florença, 2000. Disponível em: <https://rm.coe.int/16802f3fb7>. Acesso em: mar. 2020.

CONSORZIO DI TUTELA BAROLO BARBARESCO ALBA LANGHE E DOGLIANI. **Storia**. [20--?]. Disponível em: <https://www.langhevini.it/consorzio-barolo-e-barbaresco/storia/>. Acesso em: jun. 2022.

CONTI, Sergio (coord.). **Il nostro patrimonio**: I bambini raccontano le Langhe, il Monferrato e il Roero. [S.l.]: Umberto Allemandi & C, [20--].

D'ANGELO, Paolo. **Filosofia del paesaggio**. Macerata: Quodlibet srl, 2014.

ENOTECA REGIONALE DEL BARBARESCO. **La storia**. [20--?]. Disponível em: [www.enotecadelbarbaresco.com/storia/](http://www.enotecadelbarbaresco.com/storia/). Acesso em: jun. 2022.

FOUR examples of the "Mount Sainte-Victoire" series. **The Artwolf.com Online Art Magazine**. [S.l.], [20--?]. Disponível em: [www.theartwolf.com/masterworks/cezanne.htm](http://www.theartwolf.com/masterworks/cezanne.htm). Acesso em: dez. 2020.

GIORGIONE, The tempest. Wikimedia Commons, [20--]. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Giorgione,\\_The\\_tempest.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Giorgione,_The_tempest.jpg). Acesso em: dez. 2020.

GIOVANNONI, Gustavo. Velhas cidades e nova construção urbana. *In*: KÜHL, Beatriz Mugayar (org.). **Gustavo Giovannoni**: textos escolhidos. Tradução de Renata Campello Cabral, Carlos Roberto M. de Andrade e Beatriz Mugayar Kühl. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013. p. 91-135.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Tradução de Andréa Souza de Menezes, Bruna Beffart, Camila Rocha de Moraes, Maria Cristina de Alencar Silva, Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HUMBOLDT, Alexander von. **Cosmos**: ensayo de una descripción física del mundo. Tomo I. Buenos Aires: Eduardo Perié, 1875.

I RITUALI CONTADINI. Produção da Associazione per Il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato. Alba: Associazione per Il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato, 2019. 1 DVD (18 min.), son., color.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

INICIATIVA LATINO AMERICANA DEL PAISAJE. **Quiénes somos**: La iniciativa. 2020. Disponível em: <https://www.lali-iniciativa.com/la-iniciativa/>. Acesso em: jan. 2022.

INSTITUTO DA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DAS FLORESTAS. **Paisagem protegida**. 2017. Disponível em: <https://www.icnf.pt/conservacao/paisagensprotegidas/ppoquee>. Acesso em: jan. 2022.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LANDSCAPE ARCHITECTS – AMERICAS. **Carta da Paisagem das Américas**. 2018. Disponível em: [www.abap.org.br/abap/wp-content/uploads/2021/09/CARTA-DA-PAISAGEM-DAS-AMERICAS.pdf](http://www.abap.org.br/abap/wp-content/uploads/2021/09/CARTA-DA-PAISAGEM-DAS-AMERICAS.pdf). Acesso em: jan. 2022.

ISTITUTO SUPERIORE SUI SISTEMI TERRITORIALI PER L'INNOVAZIONE. **I paesaggi vitivinicoli tipici del Piemonte**. Dossier di candidatura alla World Heritage List dell'Unesco. Volume 1 – Dossier – Parte 1. [S.l.]:[s.n.], 2009a.

ISTITUTO SUPERIORE SUI SISTEMI TERRITORIALI PER L'INNOVAZIONE. **I paesaggi vitivinicoli tipici del Piemonte**. Dossier di candidatura alla World Heritage List dell'Unesco. Volume 2 - Approfondimenti – Core Zone 7. Barbaresco. [S.l.]:[s.n.], 2009b.

ISTITUTO SUPERIORE SUI SISTEMI TERRITORIALI PER L'INNOVAZIONE. **I paesaggi vitivinicoli tipici del Piemonte**. Dossier di candidatura alla World Heritage List dell'Unesco. Volume 2 - Approfondimenti – Core Zone 8. Barolo. [S.l.]:[s.n.], 2009c.

ISTITUTO SUPERIORE SUI SISTEMI TERRITORIALI PER L'INNOVAZIONE. **The vineyard landscape of Piedmont**: Langhe-Roero and Monferrato. Executive summary. 2014. Disponível em: <https://whc.unesco.org/uploads/nominations/1390rev.pdf>. Acesso em: ago. 2018.

ITALIA. **Decreto Legislativo 22 gennaio 2004 n. 42**. Codice dei beni culturali e del paesaggio, ai sensi dell'articolo 10 della legge 6 luglio 2002, n. 137. Roma: Presidenza della Repubblica, 2004. Disponível em: <https://web.camera.it/parlam/leggi/deleghe/04042dl.htm>. Acesso em: jan. 2022.

ITALIA IN DETTAGLIO - Comune di Barbaresco. **Italia.indettaglio.it**: I comune e le Frazioni di Italia, Trapani, [20--]a. Disponível em: [italia.indettaglio.it/ita/piemonte/barbaresco.html](http://italia.indettaglio.it/ita/piemonte/barbaresco.html). Acesso em: jun. 2022.

ITALIA IN DETTAGLIO - Comune di Barolo. **Italia.indettaglio.it**: I comune e le Frazioni di Italia, Trapani, [20--]b. Disponível em: [italia.indettaglio.it/ita/piemonte/barolo.html](http://italia.indettaglio.it/ita/piemonte/barolo.html). Acesso em: jun. 2022.

JEAN-BAPTISTE Camille Corot – Ville-d’Avray. Wikimedia Commons, [20--]. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jean-Baptiste\\_Camille\\_Corot\\_-\\_Ville-d'Avray.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jean-Baptiste_Camille_Corot_-_Ville-d'Avray.jpg). Acesso em: dez. 2020.

JOHN Constable - Hadleigh Castle – Google Art Project. Wikimedia Commons, [20--]. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:John\\_Constable\\_-\\_Hadleigh\\_Castle\\_-\\_Google\\_Art\\_Project.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:John_Constable_-_Hadleigh_Castle_-_Google_Art_Project.jpg). Acesso em: dez. 2020.

JULINI, Milo. Il maniero della marchesa – Il Castello Barolo. **Civico 20 News**, Torino, 18 maio 2022. Disponível em: <https://www.civico20news.it/mobile/articolo.php?id=44758>. Acesso em: jun. 2022.

LAJOLO, Davide. **Il merlo di campagna e il merlo di città**. Milano: Rizzoli, 1983.

LA LETTERATURA COME MEMORIA DEL MONDO CONTADINO DI LANGHE ROERO E MONFERRATO. Produção da Associação per Il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato. Alba: Associação per Il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato, 2019. 1 DVD (20 min.), son., color.

LE CASCINE CONTADINE DEL TERRITORIO UNESCO. Produção da Associação per Il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato. Alba: Associação per Il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato, 2019. 1 DVD (20 min.), son., color.

MARIA, Yanci Ladeira. L. **Paisagem**: entre o sensível e o factual, uma abordagem a partir da geografia cultural. 2010, 134 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Tradução de Sílvio Rosa Filho e Thiago Martins. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Tradução de José Artur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MOTA, Lindomar Rocha. Kant e o Idealismo: a relação do *eu penso* com a fundação de toda a ciência do pensamento alemão. **Sapere aude**, Belo Horizonte, v. 10, n. 19,

p. 203-220, jan./jun. 2019. Disponível em: [periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/19393](http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/19393). Acesso em: dez. 2019.

MURIALDO, Bruno. **I paesaggi del vino e del cielo**. Alba: Edizione Langhe Roero Monferrato Casa Editrice, 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Recomendação de Nairóbi**. Nairóbi, 1976. Disponível em: [portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20de%20Nairobi%201976.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20de%20Nairobi%201976.pdf). Acesso em: jan. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Recomendação sobre a Paisagem Histórica Urbana**. Paris, 2011. Disponível em: [https://unescoportugal.mne.gov.pt/images/cultura/recomendacao\\_sobre\\_a\\_paisagem\\_historica\\_urbana\\_unesco\\_2011.pdf](https://unescoportugal.mne.gov.pt/images/cultura/recomendacao_sobre_a_paisagem_historica_urbana_unesco_2011.pdf). Acesso em: mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE. **Declaração sobre o ambiente humano**. Estocolmo, 1972. Disponível em: [portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20de%20Estocolmo%201972.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20de%20Estocolmo%201972.pdf). Acesso em: mar. 2020.

PAESAGGI VITIVINICOLI UNESCO. **Il 2020 è, per noi tutti, un ano particolare**. [...]. Alba, 26 nov. 2020. Instagram: #paesaggivitivinicoliunesco. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CIC\\_Vz9CJ8g/](https://www.instagram.com/p/CIC_Vz9CJ8g/). Acesso em: dez. 2020.

PAESAGGI VITIVINICOLI UNESCO. **Un raggio di luce tra le linee delle vigne...** [...]. Alba, 1º jan. 2021. Instagram: #paesaggivitivinicoliunesco. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJfvpKtlKYR/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D>. Acesso em: jun. 2022.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2016. *E-book*.

PAVESE, Cesare. Il diavolo sulle colline. *In*: La bella estate. [S.l.]: Liber Liber, 2021a. *E-book*.

PAVESE, Cesare. La vigna. *In*: FERIA d'agosto. [S.l.]: Liber Liber, 2021b. *E-book*.

PERCEPÇÃO. *In*: MICHAELIS, Dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2018. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/percepção/>. Acesso em: dez. 2018.

PESSOA, Fernando. 451. *In*: PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PESSOA, Fernando. Paisagem, quero-as comigo. *In*: PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

POMPEII – Temple of Isis 2 – Man. 2009. Wikimedia Commons, 2009. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pompeii\\_-\\_Temple\\_of\\_Isis\\_2\\_-\\_MAN.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pompeii_-_Temple_of_Isis_2_-_MAN.jpg). Acesso em: dez. 2020.

PORTUGAL. [Constituição (1976)]. **Constituição da República Portuguesa**. 1976. Artigo 66º. Lisboa: Presidência da República, 1976. Disponível em: [www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx](http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx). Acesso em: jan. 2022.

PORTUGAL. Resolução do Conselho de Ministros nº. 45/2015. **Diário da República**: 1ª série, Lisboa, n. 130, p. 4657, 7 jul. 2015. Disponível em: <https://files.dre.pt/1s/2015/07/13000/0465704667.pdf>. Acesso em: jan. 2022.

RITTER, Joachim. Paisagem. Sofre a função do estético na sociedade moderna. *In*: SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). **Filosofia da paisagem**: uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. Cap. 1, p. 95-122.

RITUALI RELIGIOSI NELLA COLTIVAZIONE DELLA VIGNA. Produção da Associazione per Il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato. Alba: Associazione per Il Patrimonio dei Paesaggi Vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato, 2019. 1 DVD (17 min.), son., color.

ROGER, Alain. **Breve tratado del paisaje**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2014. *E-book*.

RUSKIN, John. **A Lâmpada da Memória**. Tradução de Maria Lúcia Bressan Pinheiro. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

SASSONE, Paolo. La "Pietra da Cantoni" del Monferrato Casalese (AL): ipotesi di ripresa produttiva per la conservazione della tradizione edilizia locale. **Rivista GEAM – Geingegneria Ambientale e Mineraria**, n. 2-3, p. 67-76, 2005. Disponível em: [studiosassone.it/public/catalogo/150451\\_22.06.2018\\_ArtSassone.pdf](http://studiosassone.it/public/catalogo/150451_22.06.2018_ArtSassone.pdf). Acesso em: abr. 2022.

SIMMEL, Georg. **A filosofia da paisagem**. Tradução de Artur Mourão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009. Disponível em: [http://www.lusosofia.net/textos/simmel\\_georg\\_filosofia\\_da\\_paisagem.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/simmel_georg_filosofia_da_paisagem.pdf). Acesso em: jan. 2019.

SOUZA, Marilza Terezinha Soares de; CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. Resiliência psicológica: revisão da literatura e análise da produção científica. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 40, n. 1, p. 119-126, 2006. Disponível em: [pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v40n1/v40n1a13.pdf](https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v40n1/v40n1a13.pdf). Acesso em: jan. 2020.

THÉODORE Rousseau – Landscape with a clump of trees – Google Art Project. Wikimedia Commons, [20--]. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Théodore\\_Rousseau\\_-\\_Landscape\\_with\\_a\\_clump\\_of\\_trees\\_-\\_Google\\_Art\\_Project.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Théodore_Rousseau_-_Landscape_with_a_clump_of_trees_-_Google_Art_Project.jpg). Acesso em: dez. 2020.

TORRE DI BARBARESCO. **Storia**. [201-?]. Disponível em: <https://www.torredibarbaresco.it/la-torre-di-barbaresco-storia/>. Acesso em: jun. 2022.

TROMBETTA, Tommaso. **Basilica di Sant'Apollinare in Classe, mosaico**. 2019. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Basilica\\_di\\_Sant%27Apollinare\\_in\\_Classe,\\_mosaico.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Basilica_di_Sant%27Apollinare_in_Classe,_mosaico.jpg). Acesso em: dez. 2020.

TURRI, Eugenio. A paisagem como teatro. *In*: SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). **Filosofia da paisagem**: uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. Cap. 2, p. 169-184.

UNIVERSIDADE DE LISBOA. **2º CONGRESSO IBERO AMERICANO EM ESTUDOS DE PAISAGEM**, 2019. Disponível em: <https://cibampaisagemsintr.wixsite.com/sintra2020>. Acesso em: dez. 2020.

UNIVERSIDADE DO ALGARVE. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM PAISAGENS RESILIENTES**, 2016. Disponível em: <https://cibampaisagemsintr.wixsite.com/sintra2020>. Acesso em: dez. 2020.

VILLA, Paolo. **02 2020 Grecia photo Paolo Villa FO190102bis (Museo archeologico di Atene) Affresco della primavera da Akrotiri, Arte Minoica NAMA BE 1974.29, rondini, gigli, senza gimp**. 2020. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:02\\_2020\\_Grecia\\_photo\\_Paolo\\_Villa\\_FO190102bis\\_\(Museo\\_archeologico\\_di\\_Atene\)\\_Affresco\\_della\\_primavera\\_da\\_Akrotiri,\\_Arte\\_Minoica\\_NAMA\\_BE\\_1974.29,\\_rondini,\\_gigli,\\_senza\\_gimp.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:02_2020_Grecia_photo_Paolo_Villa_FO190102bis_(Museo_archeologico_di_Atene)_Affresco_della_primavera_da_Akrotiri,_Arte_Minoica_NAMA_BE_1974.29,_rondini,_gigli,_senza_gimp.jpg). Acesso em: dez. 2020.

VITE!. Produção da Associazione per Il Patrimonio dei Paesaggi Vitivincoli di Langhe-Roero e Monferrato. Alba: Associazione per Il Patrimonio dei Paesaggi Vitivincoli di Langhe-Roero e Monferrato, 2019. 1 DVD (65 min.), son., color.

**APÊNDICE A – Roteiro original de entrevista semiestruturada realizada no idioma italiano com membros das comunidades de Barolo e Barbaresco**

- 1 – Quale il Suo nome e occupazione?
- 2 – Che tipo di legame Lei ha con la località (discendenza di antichi abitanti e/o lavoro, ecc.)?
- 3 – Cosa significa per Lei la località? Con quale parola esprimerebbe questo significato?
- 4 – Se dovrebbe fornire una descrizione del luogo, sotto forma di testo o immagini, quali dei suoi elementi e caratteristiche (colori, trami, odori, sapori, suoni, ecc.) inserirebbe nella sua composizione?
- 5 – Cosa intende come il paesaggio della località e come lo vive nella Sua vita quotidiana?
- 6 – Cosa per Lei costituisce il patrimonio della località?
- 7 – Lei ritiene di avere un ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e nella conservazione del suo patrimonio? Se sì, come lo vede (piccolo o grande, eseguito in qualche modo particolare, ecc.)?
- 8 – Come vede il rapporto degli altri membri della comunità con la località e la consapevolezza che hanno sul loro ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e della conservazione del suo patrimonio?

**APÊNDICE B – Tradução do roteiro original de entrevista semiestruturada realizada no idioma italiano com membros das comunidades de Barolo e Barbaresco**

- 1 – Qual seu nome e ocupação?
- 2 – Qual o tipo de vínculo que tem com a localidade (descendência de antigos habitantes e/ou trabalho, etc.)?
- 3 – O que a localidade significa para o(a) senhor(a)? Com qual palavra expressaria esse significado?
- 4 – Se tivesse que fornecer uma descrição da localidade, em forma de texto ou imagens, quais de seus elementos e características (cores, texturas, odores, sabores, sons, etc.) incluiria na composição da mesma?
- 5 – O que o(a) senhor(a) entende como a paisagem da localidade e como a experimenta em seu cotidiano?
- 6 – O que para o(a) senhor(a) constitui o patrimônio da localidade?
- 7 – O(a) senhor(a) considera que tem um papel na conformação do território, de sua paisagem e na conservação de seu patrimônio? Se sim, como o vê (pequeno ou grande, a ser exercido de algum modo particular, etc.)?
- 8 – Como vê a relação dos demais membros da comunidade com a localidade e a consciência que têm acerca de seu papel na conformação do território, de sua paisagem e na conservação de seu patrimônio?



## APÊNDICE C – Transcrição de entrevista realizada com Daniele Ronco

Entrevista realizada em 25 de outubro de 2022:

**Isabela Berg:** Quale il Suo nome e occupazione?

**Daniele Ronco:** Io sono tecnico, sono laureato in Scienze Agrarie all'Università di Torino, sono un tecnico agronomo e opero sulla... nella azienda Terre di Barolo, società cooperativa, e mi occupo della gestione dei, dei vigneti della cantina, ma soprattutto del supporto tecnico ai nostri associati che sono duecentoventi soci conferenti (inintelligível) e per una superficie di seicento ettari di produzione nella zona del Barolo, eh... (inintelligível) confine che vanno fra Alba, Dogliani, Cherasco, tutto questo (inintelligível) abbiamo queste duecento e più famiglie che fanno parte di questa nostra cooperativa e le supportiamo in tutti i lavori.

**IB:** Che tipo di legame Lei ha con la località (discendenza di antichi abitanti e/o lavoro, ecc.)?

**DR:** Le mie origini sono qui. Sono roerino, sono di Montà d'Alba, eh... sono... vivo il territorio da sempre, anzi sono molto radicato sul territorio, ma per... perché in questa... vado fiero di questa terra, ci lavoro in continuo e le mie, le generazione che mi hanno preceduto della mia famiglia erano anche tra altro famiglie contadine. Quindi mi hanno trasmesso l'amore per la terra, la cultura contadina e quindi ho poi investito anche negli studi e tutto il resto per... in questa zona. Perché in questo territorio ci credo e qui sono nati anche i miei figli e quindi ci tengo tanto a... a conservarlo nel modo giusto, a valorizzarlo perché sono mia eredità.

**IB:** Cosa significa per Lei la località? Con quale parola esprimerebbe questo significato?

**DR:** Radice, appartenenza, identità, eh... queste sono sicuramente le, le... Origine, famiglia... Tutte queste parole qua sono il campo semantico che mi fa pensare al mio territorio, insomma. E poi, queste principalmente: tradizione, mangiare bene, sul tante... bere bene, eh... stare insieme, insomma.

**IB:** Tutte queste cose...

**DR:** Sì.

**IB:** Perfetto. Bello significato.

**IB:** Se dovrebbe fornire una descrizione del luogo, sotto forma di testo o immagini, quali dei suoi elementi e caratteristiche (colori, trami, odori, sapori, suoni, ecc.) inserirebbe nella sua composizione?

**DR:** Certo. Sicuramente il profilo delle colline, il dialetto che si parla in questa terra, il... i raccolti della... dei nostri prodotti che sono poi tanti... E poi ci sono delle immagini... le immagini io penso tanto legato all'ambiente, quindi le mie immagini vanno tanto... sul, sul verde, sul quello... Cioè, se penso alle mie zone penso tanto questo. Poi dipendo... Eh... sì, principalmente sono queste. Se devo... Delle immagini visive anche di quando sono lontano, mi vengono in mente queste cose qua. Anche i gusti, gli odori, cioè, tante volte uno mangiando una cosa gli viene in mente un momento, non? Quindi, tutte queste cose qui si legano poi...

**IB:** Oltre le colline, alcuni costruzioni in particolare che sono, che vengono distaccati in queste immagini... O proprio le coline, l'immagine delle colline? Lo dico perché qui voi avete tanti castelli, torri... Ci sono alcuni di questi elementi che sono significativi?

**DR:** Ma io per esempio, nel mio personale, un luogo che ho proprio nel cuore è il santuario del paese in cui sono nato, che è (inintelligível), dove tra altro, eh... mi sono anche sposato, dove... Anche se non abito più in paese perché adesso abito ad Alba è un luogo che proprio... Se mi chiedono il luogo del cuore quello è un luogo del cuore. Perché è una collina in cui c'è un santuario, ha tutto un percorso votivo, ci sono vigneti, castagne, frutteti, eh... una strada con un... che mi piace anche fare con i bambini quando andiamo a farci un giro... Quello è proprio uno dei luoghi del cuore. Poi, io nei luoghi del cuore ho anche le campagne dei miei nonni perché adesso le gestisco io, è una cosa un po' mistica, però mi tiene tra... mi trattiene tanto a loro, però, beh... lo... Adesso non è legato ad Alba e le Langhe-Roero (inintelligível) io poi ho una, un forte attaccamento alla, alla montagna, vado tanto a camminare in montagna. Quindi le alpi cunesi per me sono... sono un forte riferimento... Ho bisogno ogni (inintelligível) di sedere in montagna, è una cosa proprio che mi, mi fa bene. Però, la montagna ma come anche tutti i nostri sentieri, la sentieristica, le passeggiate, quello... che sia in Langhe, in Roero sono cose...

**IB:** Significativi.

**DR:** Significativi. Sì. Sì, sì, sì.

**IB:** Cosa intende come il paesaggio della località e come lo vive nella Sua vita quotidiana?

**DR:** Ma poi io ho studiato la domanda, perché... Non, non per questo incontro, ma perché quando studiamo l'università ha Diritto Amministrativo Ambientale e c'era proprio la domanda "professore, che cosa è il paesaggio?". Questo mi era rimasto impresso perché mi hanno anche poi chiesto in giorno del, dell'esame e il significato di paesaggio adesso lo reduco così: era proprio l'unione dell'antropizzazione e della natura, non? Le due cose insieme fanno il paesaggio. La natura da sola è paesaggio nel... insieme al lavoro dell'uomo che, eh... Quindi, ancora di più rende, amplifica questo, il significato di questa parola, perché siamo noi che facciamo il paesaggio. E allo stesso tempo reputo che la, le nostre figure di coloro che lavorano la terra siano fondamentali perché sono i veri gestori del territorio. Cioè, l'agricoltore non ha in mano solo il potere di gestire la sua azienda e tutto, ma l'agricoltore ha in mano tantissimo. Una cosa fondamentale, e anche per questo motivo che secondo me è giusto che ci siano degli aiuti a coltivar la terra... Poi, come vengono fatte e dove possiamo discutere fin che vogliamo... Però, eh, in pianura come in collina come in montagna il gestore dell'ambiente è colui che, tra virgolette, si deve anche opporre a un (inintelligível), colui che deve gestire il territorio è l'agricoltore. Quindi mi viene da dire l'impegno che forse non vediamo tutti, ma è quello. Cioè, uno deve totalmente crear reddito, perché per farsi le cose per sopravvivere deve creare reddito... Però, poi ha in mano un nobilissimo ruolo l'agricoltore sul territorio, ecco.

**IB:** Sì, perfettamente. Quindi il paesaggio per Lei sarebbe questa integrazione fra la natura e il lavoro dell'uomo, propriamente qui rappresentato dalla viticoltura...

**DR:** Sì, nel nostro caso qui, viticoltura, anche tanto (inintelligível) di coltura, perché qua c'è anche moltissimo nocciolo... E poi nelle parte un po' più (inintelligível) sicuramente i campi coltivati. L'elemento prato purtroppo è sempre meno presente, perché mancano gli allevamenti, però anche quello è un bellissimo elemento, mi piace tantissimo perché è il massimo esempio di biodiversità. Che purtroppo viene a mancare in questi territori... È tristemente così... È già bello salire un po' di più l'Alta Langa perché si iniziano a vedere dei boschi veri... Eh... Nella mia zona, anche del Roero è bello il fatto che ci sia un po' più di comistione fra il vigneto, il frutteto, il nocciolo, cioè, è bello, eh... Non si può, non si può avere sempre, però è una cosa bella quando sia un po' di, di comistione di tutte queste cose qua. L'elemento prato, il bosco, il vigneto, il frutteto, il nocciolo... questo sì. La biodiversità.

**IB:** Cosa per Lei costituisce il patrimonio della località?

**DR:** Beh, un po' tutto quello che abbiamo detto, perché... Patrimonio culturale sono l'ambiente e le persone che ci sono dentro. È un museo a cielo aperto quello che viviamo qui. Ed è dato da, dal territorio ma è dato anche dalle, secondo me, la persona in se che vive su questo territorio fa parte di questo patrimonio. Le sue conoscenze... La cosa anche bellissima della nostra azienda è vedere come ci possono convivere in una azienda tre generazioni: ragazzo, l'uomo di mezza età che è il gestore vero e proprio e il nonno, non? In una rete di comunicazione di tre generazioni in cui magari il ragazzo adesso studia, va anche all'estero, il nonno invece parla la lingua del posto e anche il padre... E ci sono terminologie, conoscenze, un anziano sa perché quel luogo si chiama così ma sa anche perché in quel luogo bisogna lavorare così... E questo è fondamentale perché se i nostri vecchi, una cultura la abbiamo messa in un luogo fino ad oggi, c'è un motivo, non? Quindi è proprio bello che questo territorio qua... ancora tutto questo legame familiare con un territorio. Quindi per me il patrimonio è chi ci sta sopra e il territorio in se. Cioè, la cosa, secondo me, proprio bellissima di questa zona qua è che ci sono ancora le (inintelligível), le famiglie, le persone, magari molto di più che in altra zona dove ci sono più, stati più gli investimenti fondiari, non? Qua c'è una storia che si racconta e si racconta con la vite, con il tartufo, con... in tanti altri modi. Si racconta poi anche in maniera molto interessante con la fabbrica, la agricoltura, perché la cosa bellissima dell'albese è che c'è un tessuto di gente nella... che nel secondo dopo guerra ha deciso di andare in, in a... in fabbrica ma mantenendosi anche in campagna. Questo anche è merito delle fabbriche dalla zona che lo hanno permesso, eh, di non scappare come in altri luoghi totalmente. Cioè, tutto questo è patrimonio, non? E questo è fondamentale che venga, eh... venga portato avanti anche per le generazioni successive, ecco. Anche se il mondo diventa globale tutto... le persone si ricordano da dove vengono e che cosa li ha raccontato, cosa li ha lasciato chi c'era prima di loro.

**IB:** Lei ritiene di avere un ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e nella conservazione del suo patrimonio? Se sì, come lo vede (piccolo o grande, eseguito in qualche modo particolare, ecc.)?

**DR:** Io sinceramente penso di sì. Penso che il ruolo sia abbastanza importante. Nel mio caso, io sono tecnico a Terre del Barolo, comunque, eh... Noi siamo molto capilare sul territorio, quindi anche le scelte che facciamo hanno tutte un peso. Dalla

realizzazione del vigneto che deve essere fatto in un certo modo, rispettando il, il pendio, perché come tu impianti un vigneto e gestisci un territorio hai automaticamente una risposta della natura. La natura risponde (inintelligível). Questo è quello che si nota tanto nei, nelle cose che succedono. Cioè, se noi abbiamo cambiato tutto, ma se l'acqua andava là fino a ieri, è difficile che... Cioè, da qualche parte ci dovrà andare anche un domani che se tu hai cambiato la morfologia... Quindi cercare sicuramente di rispettare un territorio nel realizzare un vigneto, ma anche rispettare un territorio nel fare scelte di, eh... della difesa fitossanitaria, perché comunque la, il vigneto si protegge con prodotti più o meno sostenibile e quando noi facciamo una scelta di intervenire per proteggere la vite dobbiamo sapere che mettiamo molecole nel, nell'ambiente, un ambiente di tutti, non è solo nostro, la molecola viene (inintelligível) nel vigneto ma poi si muove anche nella zona limitrofe. Quindi noi dobbiamo (inintelligível), per forze di cose, in fossati, ambiente e tutto. Insomma, quello che decidiamo qua è una cosa che coinvolge tutti. Quindi deve essere fatto bene, nella maniera migliore, senza pensare solo al proprio orticello ma pensando a un comparto comprensoriale, ecco. Ma questo appunto nella, la difesa fitossanitaria, nella concimazione... Cioè, gli input che la agricoltura ha sul territorio sono tantissimi. Sono in tutti i sensi. E quindi cerchiamo di fare della roba buona, bene, con il minimo del... dell'input necessario, ecco. Quindi il ruolo nostro è molto importante. Assolutamente.

**IB:** Come vede il rapporto degli altri membri della comunità con la località e la consapevolezza che hanno sul loro ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e della conservazione del suo patrimonio?

**DR:** Credo che negli ultimi anni, comunque la risposta turistica, tutto quello che, che è il... la fruizione di questo territorio, tutto dimostra che la direzione è abbastanza disegnata. E quindi, credo che anche coloro che magari fino a otto anni fa non si rendevano conto del potenziale di questo territorio se lo, se ne... se ne accorgono molto ora e quindi penso che più o meno, in particolare in questa zona qui, eh... la gente si stia muovendo in modo da dare più bellezza e rispetto possibile al territorio. Poi non è sempre così, eh? Perché non tutti sono così. Però in generale sicuramente negli ultimi tempi si sono fatti passi avanti molto importanti in questa zona e a volte per consapevolezza, per amore per l'ambiente, a volte forse più per... per la

possibilità economica che questo ambiente può produrre. Però, per un motivo, per l'altro, in generale adesso si cerca di lavorare in quella direzione lì un po' tutti, ecco.

## APÊNDICE D – Transcrição de entrevista realizada com Federico Scarzello

Entrevista realizada em 25 de outubro de 2022:

**Isabela Berg:** Quale il Suo nome e occupazione?

**Federico Scarzello:** Federico Scarzello. Io... Ma in ambito amministrativo o per quanto riguarda il mio lavoro?

**IB:** Il suo lavoro.

**FS:** Io ho un'azienda agricola in comune qui di Barolo, una cantina, quindi sono un produttore di vino.

**IB:** Perfetto, perfetto. Anche in senso amministrativo...

**FS:** In senso amministrativo sono assessore da... per troppo tempo, e... e quindi ho conosciuto bene tutto il percorso legato alla... al riconoscimento, alla candidatura... varie vicende prima e dopo... Quindi è un aspetto che conosco perché lo ho vissuto in prima persona proprio come amministratore. Dall'inizio, sostanzialmente.

**IB:** Che tipo di legame Lei ha con la località (discendenza di antichi abitanti e/o lavoro, ecc.)?

**FS:** Sì. Io sono... beh, sono nato ad Alba per questione anagrafiche, perché... quando sono nato io se nasceva già in ospedale a Barolo, cioè... Ma sono... vivo a Barolo da, dalla nascita... La mia famiglia è insediata a Barolo da... qualche centinaio di anni, poi quanti non lo so, ma in grosso modo questo è, e... e quindi diciamo che sono un indigeno, è, (inintelligível), mettiamola così.

**IB:** Sì, perfettamente.

**IB:** Cosa significa per Lei la località? Con quale parola esprimerebbe questo significato?

**FS:** Vabeh. Il legame è un legame forte anche perché voi immaginate un piccolo paese, è... Chiaramente chi poi, per altro come ho fatto io nella mia vita, è legato anche alla, alla attività... agli aspetti di volontariato, di, di, di... vive molto la comunità, è... chiaramente crea un legame profondo... A Barolo ci hanno sempre detto che noi siamo particolarmente orgogliosi di questo aspetto e normalmente i paesi limitrofi ce lo rinfacciano come un aspetto quasi... quasi eccessivo, ma noi ne andiamo fieri perché abbiamo un nome importante e oggi è riconosciuto in modo piuttosto

internazionale, una volta allora un po' meno ma noi ne andavamo orgogliosi lo stesso. Quindi, questo aspetto, questa identità è estremamente forte. Quindi, se devo usare una parola sicuramente è identità. Perché è quello che ci rappresenta, cioè, essere barolese per noi è qualcosa di importante, poi.

**IB:** Che bello. Perfetto.

**FS:** Questo poi si ripercuote chiaramente anche negli aspetti amministrativi, quindi... nelle, nelle questioni legate agli aspetti elettorale, queste piccole cose che sono chiaramente non aspetti politici ma sono aspetti, ecco, amministrativi che per certi versi vuol dire la stessa cosa, per altri è molto diverso, cioè, la politica è un'altra cosa. L'amministrazione di, di un comune è legata a rapporti personali, alle persone, più che agli aspetti più alti, politici, più, più... teorici.

**IB:** Capisco bene. Perché questa identità è forte, finisce a, diciamo... distribuita in tutti gli aspetti della vita.

**FS:** Certamente.

**IB:** Se dovrebbe fornire una descrizione del luogo, sotto forma di testo o immagini, quali dei suoi elementi e caratteristiche (colori, trami, odori, sapori, suoni, ecc.) inserirebbe nella sua composizione?

**FS:** Beh, sicuramente è più lo aspetto visivo che lo aspetto sensoriale, perché poi, sì, entrano in gioco altri aspetti. Ma aspetto visivo, sicuramente. Barolo è caratterizzato da un ambiente agricolo molto, molto particolare. Quasi estremo nel senso... (inintelligível) è una monocoltura forzata che ha il suo limite ma... la riconosciamo anche che ha i suoi grandi vantaggi perché chiaramente rappresenta un territorio di estrema vocazione. Quindi, si è stata una concentrazione importante. Per altro, visto che parliamo di paesaggio, è un paesaggio fortemente antropico nel senso fatto dall'uomo, non è un qualcosa "qui continuiamo a riempire la bocca di naturale". Qui di naturale non c'è praticamente nulla perché, sì, c'è qualche bosco che è sopravvissuto, ma il resto è tutto costruito, tutto disegnato, tutto pianificato. Quindi questo è, dal mio punto di vista, è il valore aggiunto forte perché questa zona fosse una zona boschiva, eh... naturale, probabilmente sarebbe affascinante (inintelligível). L'aspetto della viticoltura, la viticoltura così intensa, così coprente, caratterizza in modo, in modo... assoluto il paesaggio di questi comuni che (inintelligível) attorno a Barolo. Quindi, questo è l'aspetto caratterizzante forte. Poi, (inintelligível) la monocoltura ha dei limiti e dobbiamo anche dire che questa monocoltura si



concentra in un territorio all'interno di un ambito più vasto dove c'è una certa varietà e quindi, cioè, non parliamo di centomila ettari di copertura, ma parliamo di un'area di tremila ettari comunque attorniata dalla pianura che ha tutta la sua varietà, un'Alta Langa che ne ha altrettanta... Quindi, è all'interno delle piccole fasce di, di alternative, diciamo, ci sono. Sono piccole, sempre più piccole, ma, eh... qualcosa, qualcosa di varietà esiste ancora. Chiaro che dal punto di vista agricolo la concentrazione è andata tutta in quella direzione. Con l'aggiunta del nocciolo che negli ultimi anni già era presente in modo marginale e negli ultimi anni ha occupato gli spazi non vocati alla vite. Quindi, perché, perché il nocciolo è un'altra... un'altra coltura che nel nostro territorio ha avuto un grande... una grande crescita, ha avuto una grande valorizzazione con la crescita, perché la crescita (inintelligível) se stessa non avviene, avviene perché c'è qualcuno che costruisce dritto. Quindi...

**IB:** Sì. Però, per sintetizzare, se Lei dovesse fornire precisamente un'immagine, una descrizione per qualcuno che non conosce Barolo, quali elementi? Le colline, le vigne...

**FS:** Sì, l'aspetto... lo credo l'aspetto del, del, dei vigneti che circondano il paese sia l'aspetto fondante. Poi, sì, il castello, il borgo... tutto, tutto ha un suo fascino, però sicuramente è l'aspetto estetico del paesaggio esterno, è quello che caratterizza di più. Perché è quello più identitario. Eh... poi, ci sono tanti paesaggi viticoli... lo faccio questo lavoro, quindi... un po' per, per lavoro, un po' per, per passione ne ho visitati molti e... ognuno è diverso dall'altro... Poi, ci sono zone dove sono, c'è più intensità, zone dove c'è ne meno, ma comunque la differenza è fondamentale. Quindi, la caratteristica di questo luogo è dato dalle sue vigne: come sono fatte, perché sono fatte così, l'ordine che rappresentano, quindi... quello è che caratterizza sicuramente questa zona rispetto ad altre.

**IB:** Cosa intende come il paesaggio della località e come lo vive nella Sua vita quotidiana?

**FS:** Noi, noi, devo dire (inintelligível), non abbiamo una percezione così forte del, del... del valore del paesaggio perchè siamo abituati a viverlo. Quindi, (inintelligível) siamo estremamente abituati. Eh... quello che posso dirvi è che per il nostro lavoro (inintelligível), ma per il nostro lavoro viaggiando molto. Tutti i produttori oggi meno male hanno un mercato internazionale, quindi si spostano e... ci rendiamo conto di più di quello che è il paesaggio, ma lo dico perché è una sensazione che avviene

spesso quando viaggiamo per un certo periodo, siamo fuori, e rientriamo. Magari si arriva con l'autostrada dalla parte di Cherasco, ecc., si sale alla Morra, quando si scollina la Morra, uno dice "eh, guarda...". Mi sembra così. È chiaro che noi magari siamo più colpiti quando arrivi, vede il mare... Ieri ero a Livorno a una degustazione su una scogliera sul mare, (inintelligível) "che bello!". Poi torni a casa e dice "ma poi non è che sia così brutto". Però l'abitudine fa sì che sia un qualcosa di assolutamente normale. Hai questo, questa sensazione di normalità che poi in effetti non è, però è normale per noi che comunque ce la abbiamo in continuo sotto gli occhi. Quindi, abbiamo questa sensazione meno di stupore, che però, ognitanto, devo dire quando si è (inintelligível) per un po' di tempo, quando si torna in effetti si dice "beh, forse capisco perché tutta questa gente viene qui a vedere". Perché anche, anche per me. Adesso chi non ci butta gli occhi da un po' stupisce, ecco. Questo è... Quindi, è chiaro che però si vive una quotidianità che ti porta a considerare tutto normale, perché lo fai di lavoro, ci sai, ci sei azionato queste vigne...

**IB:** Però si tratta proprio di vivere, non solo ammirare il paesaggio.

**FS:** No, per noi, per noi è vivere perché il paesaggio per noi è lavoro. Cioè, l'aspetto è... se parliamo di, per carità, anche pescatore usa il mare... Però se parliamo il mare è un paesaggio che ammiro. La scogliera è una cosa esteticamente molto bella, ma... E per noi la vigna invece è uno, uno strumento di lavoro... è la quotidianità anche materiale di tutti i giorni. E quindi non lo vive solo con un aspetto estetico, con un aspetto bucolico, lo vive con un aspetto di, di, di lavoro, di, di, di...

**IB:** Un'estensione, diciamo, della propria vita.

**FS:** Sì, noi ci passiamo un tempo in vigna. Quindi, la vigna per noi è qualcosa di, di, di... un'aspetto del nostro lavoro. Tanto quanto un campo di mais per un coltivatore di mais in pianura, ecco...

**IB:** Sì, perfetto, ho capito bene.

**IB:** Cosa per Lei costituisce il patrimonio della località?

**FS:** Il patrimonio sicuramente è costituito dalla conservazione della situazione... attuale e la sua evoluzione perché, siamo onesti, pensare di cristallizzare tutto così com'è non avrebbe neanche un senso. Può avere un senso se parliamo (inintelligível) di una foresta, di un qualcosa di, eh... estremamente statico, ma questo è un territorio dinamico. Deve, si deve trasformare con attenzione, con grande, con grande... lungimiranza, anche per guardare il futuro. Però, è un, è un territorio che,

che evolve, che matura, che si muove e quindi, eh... sicuramente non vuol dire mantenimento fine a se stesso, ma vuol dire, essendo una (inintelligível) coltivazione del territorio. Quindi, gestione.

**IB:** Sì. É proprio, diciamo, quello che io intendo che sia la resilienza. Avere dei cambiamenti, però mantenere la sua identità.

**FS:** Certo. Poi, capite, l'identità, anche l'identità da quando io ero un bambino ad oggi... Il paese di Barolo è cambiato in un modo spaventoso. Eh... C'è stato un cambio più importante negli ultimi vent'anni, venticinque anni che nei trecento anni precedenti. Perché? Perché chiaramente c'è stato uno sviluppo talmente rapido della, della... della conoscenza dei prodotti. Quindi, dei vini che hanno viaggiato, che sono stati riconosciuti e di conseguenza un arrivo e un interesse dalla parte del pubblico che ha oggettivamente modificato il paese. Se voi pensate venticinque anni fa, io ero un bimbetto e trent'anni fa giravamo in bicicletta la domenica. In paese c'era qualcuno che magari veniva a mangiare in uno, due ristoranti che erano presenti. Oggi con la bicicletta, mio figlio, la domenica fa fatica passare in paese perché è pieno di gente. Quindi, questo ha cambiato radicalmente la situazione del paese, ma, eh... credo che sia anche una conseguenza, no? Uno sviluppo che va gestito, che va gestito con attenzione, ma è un qualcosa che viene da un percorso. Eh... Bisogna fare attenzione che questo non snature completamente, ma chiaramente cambia. Il paese, il paese, eh, si dedica ad un'accoglienza che prima non, non necessitava e quindi le camere, e questo porta a meno residenti perché se una casa viene trasformata in camera e ci sono meno abitanti, e i ristoranti, e quindi un pubblico, un pubblico più "vado e vengo" che non un pubblico locale... Eh... c'è chiaramente una, una modificazione, ma, eh, questa va gestita, va in parte seguita, non sempre può essere dominata o può essere impostata, (inintelligível) è progettata. E quindi, sì, alcune cose si, si progettano, si gestiscono, si impostano anche in una visione più di lungo periodo, altre si vivono e si cerca di gestirle nel momento in cui avvengono. Questo è un po', è un po' quello che, quello che succede qui ora.

**IB:** Sì. Però c'è una cosa che vorrei capire un po' meglio: la proporzione di persone che sono barolesi è più alta di... diciamo, l'uso residenziale è ancora un po' più alto di quello orientato al turismo? Com'è questa relazione?

**FS:** Voi contate che il paese di Barolo fa circa setecento abitanti tra il centro, il centro abitato, il capoluogo e la frazione di Vergne che è qui sopra. Nell'ambito del centro abitato, eh... diverse strutture che magari erano anche vuote... Quindi, non è che c'è

stata una, una decadenza di abitanti, ma strutture che magari erano vuote o erano case di, di anziani fino a tanti anni fa e poi nel, nel momento in cui non ci sono stati più proprietari la casa è rimasta vuota da tempo e oggi viene generalmente venduta e poi chi la acquista la ristruttura e crea un, un ambito ricettivo, crea una struttura... E questo è avvenuto per tantissimi, tantissimi abitazione. Quindi dico: un ricambio, quindi un arrivo da fuori, queste cose qua negli ultimi anni non, non è più avvenuto perché non ci sono... Cioè, se voi cercate un appartamento a Barolo in affitto, per esempio, no esiste. Eh... quindi, questa è la tendenza ed è quello che è avvenuto fin'ora. È anche vero che siamo sostanzialmente saturi. Cioè, quindi, grosso modo quello che fin'ora ha mantenuto una destinazione residenziale probabilmente lo manterrà perché è occupato da famiglie che hanno un legame con il territorio. Quindi, hanno un interesse nel mantenerlo e quello che si è trasformato probabilmente indietro non ritornerà e quindi rimarrà un ambito ricettivo, ecc.. Ma credo che siamo al punto, al punto di saturazione in quel, in quel senso. Per quanto riguarda residenziale, siamo in saturazione perché non abbiamo sbocchi di nuovi, di nuovi sviluppi edilizi, perché... Hai visto, lo spazio è questo e quindi, e quindi, grosso modo, siamo in una situazione di, tra virgolette, stallo, ma, eh, non... non è che abbiamo nemmeno l'esigenza di andare a trasformare, a trasformare ancora altre cose. È chiaro che l'ambito residenziale per comuni molto piccoli è un po', un po', la demografia scende, perché è... perché abbiamo una popolazione anziana abbastanza importante, giovani ce ne sono pochi e quindi un arrivo dall'esterno ci sarebbe un interesse, molti verrebbero. Però (inintelligível) i costi che chiaramente, eh... tutto il comparto turistico fa aumentare ed (inintelligível) gli spazi, non ci sono spazi. Quindi, è una situazione abbastanza, abbastanza ferma, ecco, questo è.

**IB:** Lei ritiene di avere un ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e nella conservazione del suo patrimonio? Se sì, come lo vede (piccolo o grande, eseguito in qualche modo particolare, ecc.)?

**FS:** Il mio ruolo dovrebbero dirlo gli altri, non dovrei dirlo io... Per quanto mi riguarda come, come il mio impiego privato, quindi, la mia azienda, mio lavoro, chiaramente c'è una responsabilità come ce la hanno tutti i viticoltori, tutti i produttori che gestiscono una parte delle vigne di questo, di questo territorio. E quindi l'attenzione nei piccoli dettagli, eh... Ovvero oggi non si fanno più impianti di un certo tipo e quindi dove si predilige magari il cemento per più evidente si passa più al ferro perché è

meno, è meno impattante... eh... L'utilizzo, per esempio, negli ultimi anni, c'è un po' la tendenza ad andare, visto che la produzione è una produzione economicamente rilevante, e qui il rischio più grande è la grandine, quindi il danno più grande poi riguarda la grandine e l'utilizzo di queste reti che a livello paesaggistico hanno un impatto, eh... E quindi l'attenzione nell'utilizzare colori meno sgargianti, meno... e più integrate possibile, eh... Poi devo dire che... e di nuovo, in un paesaggio che evolve, che cresce, cambia un'esigenza, c'è la soluzione a un problema che prima non c'era. Queste reti non esistevano in passato e quindi bisogna anche accettare che ci sia questo tipo di cambio gestito nel migliore modo possibile, non una cosa casuale – una viene rossa, l'altra verde, l'altra blu –, ma probabilmente nei prossimi anni ne vedremo di più e quindi il paesaggio avrà quel cambio, leggero cambio che, che lo modificherà, eh... Io credo, ad esempio, se immaginiamo le valate del sud dove si coltivano uva da tavola, dove in autunno vengono coperte prima della raccolta, in estate vengono coperte con questi (inintelligível), non? (inintelligível) E qualcuno dice "ah, è una cosa orrenda". Secondo me, invece, rappresenta molto bene l'esigenza di quella realtà. Poi deve essere fatta il meglio possibile, in modo esteticamente più, più corretto possibile. Però rappresenta quella cosa, rappresenta il motivo per cui quella cosa esiste. E quindi, anche lì, gestito con attenzione, quindi il produttore deve oltre che dire "voglio difendere la mia uva", che è una cosa sacrossanta, ma deve anche dire "sono in un territorio dove devo avere una certa attenzione". Quel tipo di rete che non riflette costa di più, sì, ma in questo territorio è il caso di farlo. Ecco, avere questa, chiamola sensibilità un pochettino più, più sviluppata. Ecco, questo è la responsabilità che un produttore deve sentire, un viticoltore deve sentire rispetto magari ad altri territori dove se viene messo qualcosa di meno impattante sicuramente male non fa. Però c'è meno pressione, c'è meno... sì, si può essere più leggeri, ecco, mettiamo in questo modo. Qui, dovrebbe essere un qualcosa che andrebbe dato per scontato, cioè, non dovrei andare a pensare una, una norma, un qualcosa che vada a regolare nello specifico perché sarebbe bene che in modo generalizzato ci fosse una sensibilità naturale qui dei produttori legata uno al fatto che c'è il piacere di avere comunque dei riconoscimenti, di sapere che questo territorio è un valore, e allo stesso tempo dovuto al fatto che tutte queste cose messe insieme portano dei valori economici decisamente importanti. Quindi, ci si può permettere di disporsi di un (inintelligível) che magari in un altri territori non è

possibile fare. Questo, cioè, queste due cose messe insieme dovrebbero portare a una consapevolezza comune naturale di tutti coloro che operano.

**IB:** Come vede il rapporto degli altri membri della comunità con la località e la consapevolezza che hanno sul loro ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e della conservazione del suo patrimonio?

**FS:** Sì, quello che ho detto, poi c'è da dire... Voi tenete presente che noi adesso stiamo parlando del comune di Barolo, ma il comune di Barolo e i comuni limitrofi, essendo molto piccoli, da tempo lavorano abbastanza in sinergia, c'è un collegamento. Quindi, se parliamo, ad esempio, dal lato amministrativo-organizzativo, ci sono tutto una serie di strutture che non sono nate negli ultimi anni in seguito ai riconoscimenti, non. Ma essendo un territorio che ha un patrimonio comune, ovvero il vino e questo tipo di attività, da tempo ci si organizza e ci si confronta e quindi c'è un, un modo di, di, di collaborare, di fare un po'... di creare le linee programmatiche in modo comune. Quindi, (inintelligível) aree comuni, l'enoteca regionale che io presiedo da, da, da diversi anni, è un insieme, cioè, tutti i comuni che partecipano nell'enoteca ci si confronta su questi aspetti... Il consorzio di tutela di cui faccio parte, eh... che riunisce la stragrande maggioranza dei produttori. E, quindi, il consorzio lavora più su, sul vino e quindi su, sull'aspetto materiale del vino... L'Unione dei Comuni lavora più sull'aspetto politico... L'enoteca, la fondazione che gestisce il castello sono più operative dal punto di vista turistico... Quindi la accoglienza e queste cose... Ma c'è un, un, un'abitudine a collaborare tra i vari comuni che credo sia anche stata una forza importante nel passato, che ha portato a certi risultati. Perché certe cose non arrivano da sole. E la stessa cosa la posso dire in ambito privato, cioè, i produttori... Quando è che c'è stato un cambio di passo di questo territorio? Quando i produttori hanno cominciato a fare sinergia. A lavorare insieme e quindi a... più che lavorare, a promuovere insieme, a parlare tutti nello stesso modo, a raccontare una storia comune. E a valorizzare, uno valorizzare l'altro. Fino agli anni... Primo dopo guerra c'erano anche necessità economiche, qui non si stava così bene, e a ognuno sembrava che il vicino gli togliesse il pane da sotto letto. E quindi c'era molto questa invidia, questa, questa competizione, che è rimasta, ma è rimasto della competizione l'aspetto sano, non l'aspetto un po' perverso. E quindi questa cosa "ah, il mio vicino, ma, beh, io lì non lascerei perdere". La cosa positiva è quando la stragrande maggioranza dei produttori ha cominciato uno a

valorizzare l'altro. E questo ha dato una crescita importante, ha dato un'immagine diversa al territorio, ha favorito quella sana competizione che ha portato alla, al voler competere, ma in un senso assoluto. Cioè, la vigna, la curo in un certo modo perché, caspita, la mia è più bella di quella del vicino, ma non perché voglio fare sfigurare il vicino. Ma perché questo sprona anche il mio vicino a fare ancora meglio, perché poi, anche solo a livello personale, non è una cosa che dobbiamo andare a discutere con il mondo, ma tra di noi. Eh, "hai visto che però la mia..." E, e, e tutto questo fa sì che ci sia stata una crescita. L'aspetto economico, lo ha sostenuto, perché nel frattempo questo ha sostenuto questa crescita, e oggi chiaramente siamo in una posizione di particolare vantaggio rispetto a tanti altri territori. Perché tutti questi piccoli pezzi messi insieme hanno portato a un risultato decisamente importante. Mi permetto di dire inaspettato, perché nessuno si aspetta di arrivare così avanti, però è la cosa positiva. Però la collaborazione sicuramente in tutti gli ambiti, tutti gli aspetti e ciò che, in ambiti così piccoli, così ristretti ha fatto la differenza e continuerà a farla sicuramente. Quindi, questo è un aspetto che è... I nostri ambiti di confronto vanno, vanno salvaguardati perché senza... Ognuno per conto suo, siamo tutti persone molto intelligenti, ma rischiamo che ognitanto qualcuno sia troppo intelligente, quindi gli scappi un po', gli scappi un po' la linea. Eh, anche questo, quindi, questa mediazione è importantissima.

**IB:** Sì, perfetto. E questo, diciamo, ha una, una, come dico... si riflette nella propria conformazione del paesaggio...

**FS:** Per forza, per forza.

## APÊNDICE E – Transcrição de entrevista realizada com Giorgio Pelissero

Entrevista realizada em 29 de setembro de 2022:

**Isabela Berg:** Quale il Suo nome e occupazione?

**Giorgio Pelissero:** Io me chiamo Giorgio Pelissero e faccio il contadino.

**IB:** Che tipo di legame Lei ha con la località (discendenza di antichi abitanti e/o lavoro, ecc.)?

**GP:** Noi siamo come sede aziendale a Treiso. Treiso è uno dei tre comuni del territorio, della zona di Barbaresco, però a differenza dei altri due, Treiso fino a millenovecentocinquantasette era una frazione del comune di Barbaresco. Noi diventiamo un comune solo dal millenovecentocinquantasette e quindi tutto il territorio che è legato alla denominazione Barbaresco del comune di Treiso è un po' più nuovo rispetto al comune di Barbaresco. Infatti, il comune di Treiso, il paese di Treiso è forse uno dei pochi paesi di Langa a non avere un centro storico. Perché essendo nato come frazione del comune di Barbaresco, noi non abbiamo un centro storico, abbiamo una chiesa molto bella che è stata costruita dagli abitanti della frazione che volevano fare un qualche cosa di molto bello per essere più bello di quella che è la chiesa del comune dal quale noi prendiamo... abbiamo preso, diciamo, siamo staccati. Per cui la storia della nostra famiglia è legata al comune di Barbaresco. Mio padre è nato nel comune di Barbaresco, pure essendo nato a Treiso, perché fino, come ripetto, al millenovecentocinquantasette era una frazione del comune di Barbaresco. La nostra famiglia è qua non so da quante generazioni perché essendo una famiglia di origine contadina, come tantissime delle famiglie di estrazione contadina che ci sono nel territorio delle Langhe, probabilmente mio nonno viveva nella stessa casa dove viveva il nonno di mio nonno. Nasciamo tutti come contadini e nasciamo tutti con estrazione agricola. Ma la coltivazione della terra e in seguito la specializzazione nella coltivazione dell'uva sono cose che fanno parte veramente della nostra storia, fanno parte veramente di quello che è, quella che è la storia del territorio. Io ho trovato delle informazioni legate alla produzione di Barbaresco che risalgono al milleduecento in questa zona. Quindi, sono tantissimi anni che la coltivazione della vite c'è su questo territorio e sono tantissimi anni che le famiglie di estrazione contadina come la nostra sono legate a questo territorio. Mio



papà all'interno della storia familiare è stata la prima persona in questa famiglia a mettere il vino in bottiglia. Fino ad allora il vino era venduto per la maggior parte sfuso, era venduto per la maggior parte a commerciale, a negozianti... era venduto spesso anche sfuso (inintelligível) con rispetto a bottiglia. Il fatto di iniziare ad imbottigliare è stata la prima grande sfida delle famiglie contadine che vivevano in questo territorio e per potersi creare una propria indipendenza e iniziare quella che è stata la strada che ci ha portato e oggi adesso regola nei territori più importanti e più riconosciuti a livello internazionale per quella che è la produzione di vino.

**IB:** Cosa significa per Lei la località? Con quale parola esprimerebbe questo significato?

**GP:** Il territorio per fortuna è stato molto di aiuto allo sviluppo di quella che è stata la viticoltura sulle colline di Langa ed è stato, per fortuna nostra, quello che ha fatto d'allora (inintelligível) per dare la possibilità a questo territorio di entrare in uno di quelli che sono considerati per gli... i paesaggi mondiali tutelati dalla UNESCO. Questo perché? Perché la grossa sfida che abbiamo intrapreso è stata proprio quella di cercare di trasformare una produzione di uva da commerciale a produzione qualitativa e quello di trasformare un territorio non in una zona di fuga e in una zona di (inintelligível) di mano d'opera da parte dell'industria ma una zona (inintelligível) alla quale le famiglie contadine potrebbero avere la loro dignità e potevano mantenere un proprio tenore di vita tale da poterli permettere di rimanere in campagna. Forse uno dei pochi territori al mondo, questo qua, che grazie all'industria l'agricoltura ha potuto sopravvivere e grazie all'industria l'agricoltura ha potuto diventare quello che è oggi. Tanti anni fa molte famiglie di questo territorio hanno mantenuto il legame con la terra perché usavano una parte del loro tempo per lavorare nelle grosse industrie che circondano (inintelligível) il territorio di Alba – una è la Fiat, la seconda è la Ferrero – e grazie, però, al tempo che avevano loro a disposizione, la poca quantità di terra che era rimasta, loro riuscivano comunque sia a dedicare un po' di tempo all'agricoltura, a dedicare un po' di tempo alla campagna e non hanno abbandonato le terre. Quindi, grazie all'industria non hanno abbandonato le terre e hanno continuato a lavorare su questo tempo. La nostra generazione, credo che sia la generazione che... eh, materialmente ha proprio stravolto quello che è questo territorio. E il grosso, la grossa rivoluzione l'hanno fatta, secondo me, ma non è parere solo mio, eh?, è parere condiviso da più parti... la grossa rivoluzione su

questo territorio l'hanno fatta tutte quelle figure professionali che oggi hanno tra i cinquantacinque e i settanta anni. Prima di quella generazione lì era molto più difficile e tantissimi scapavano, tantissimi andavano via oppure dedicavano come... come prima una parte del loro tempo a fare altre attività mantenendo comunque i piedi in una parte di lavoro in agricoltura. Quella generazione di... delle persone che fanno parte di quella generazione hanno voluto un po' stravolgere quelle che erano le velleità di un tempo provando a esaltare quello che questo territorio (inintelligível)... Questo è il motivo per cui ho detto che grazie al territorio è successo quello che è successo. Hanno voluto, hanno provato a esaltare questo territorio, quello che questo territorio poteva dare, iniziando a confrontarsi con i più grandi territori del mondo per quello che riguarda la produzione di vino di altissima qualità. Quando è iniziato questo confronto, è iniziato come una vera e propria sfida perché tutti volevano in qualche modo dimostrare quello che il territorio poteva dare, soprattutto legando il territorio a quella che è la nostra varietà (inintelligível) che si chiama Nebbiolo, e quindi c'è stato un po' di stravolgimento nel sistema di coltivazione dell'uva, nel sistema di produzione del vino, nel sistema di commercializzazione del vino. Non più solo ai commercianti ma la produzione diretta. Non più solo produzione di vino, per essere molto sfuso, o produzione di uva, ma iniziare con le prime bottiglie, cambiare il sistema di produzione delle bottiglie, cercare di portare in bottiglia e esprimerlo con la propria etichetta una parte del territorio, una parte della propria professionalità e delle proprie particolarità. Tutte queste cose legate alla voglia di emergere, quindi, alla voglia di dimostrare quello che il territorio poteva dare, ha portato a questa grossa rivoluzione. Ha portato a questo grosso cambiamento. Quando abbiamo iniziato noi, quando ho iniziato io, questa era una zona, un territorio di economia mista, c'erano (inintelligível) dei campi, c'erano gli animali (inintelligível), c'erano frutta, tutte le aziende agricole avevano un pezzo di terra vicino al fiume Tanaro per fare il fieno e per fare quello che serviva per gli animali (inintelligível), ma non era redditizio perché un ettaro di terreno in collina viene remunerato (inintelligível) allo stesso modo di un ettaro di terreno in pianura con resa (inintelligível) più bassa. Cioè, tu fai un ettaro di grano (inintelligível) in collina, hai dei costi molto più alti, delle rese molto più basse, ma il prezzo finale non è diverso. E questo non era più remunerativo, per cui ci siamo un po' tutti specializzati in quella che era l'unica coltura che poteva permettere la nostra generazione di rimanere in campagna. Questa coltura era la vite e, in modo particolare, (inintelligível) quello che riguarda la vite, la... considerazione è

stata subito rivoluta a quella che era la nostra varietà di importante, che è Nebbiolo, e quindi siamo partiti un po' tutti di lì confrontandoci, chiacchierando molto, viaggiando molto all'estero un po' tutti per confrontarsi e per confrontarci. E lì è successa la grande rivoluzione che ha portato ad avere delle specializzazioni che oggi ci sono invidiate un po'... un po' da tutti perché questo territorio, con la specializzazione che ha, con... la vocazione che abbiamo saputo esaltare con quello che abbiamo fatto è chiaramente sempre di più considerato uno dei territori di riferimento dell'enologia mondiale.

**IB:** Perfetto. E davanti tutto questo che Lei ha detto, quale sarebbe questa parola che sintetizza questo significato, diciamo, questa rivoluzione, tutto questo che è successo nel territorio?

**GP:** Ma è la voglia, come ho detto prima, di esprimere quella che è la nostra forza e quei lì che sono i valori che normalmente tutte le persone in qualche modo hanno, tutti cercano di esprimere, chi in un modo, chi in un altro, ma in modo particolare chi ha che fare con la natura deve in qualche modo confrontarsi con quelli che sono gli elementi della natura. Quindi, saper gestire la natura, modelarla e portarla a dare quelli che sono i frutti che in qualche modo si vogliono ottenere, quella è la soddisfazione più grossa e la cosa più bella. Quando dopo tutti questi sacrifici si arriva a dieci, quindicemila chilometri di distanza e sei seduto a un tavolo di un ristorante importante e vede il tavolo vicino al tuo che apre una bottiglia tua, questa è la più grossa soddisfazione. Perché è un qualche cosa non di statico, ma come tutti i prodotti alimentari è qualche cosa che entra a far parte di te perché lo mangi... o lo bevi. E quindi entrando a far parte di te è una soddisfazione doppia, non è un bicchiere che usi, tochi e poi lo riposi lì sul tavolo, è un qualche cosa che comunque viene, entra a far parte di quella che è la tua esistenza.

**IB:** Io potrei dire che la parola sarebbe integrazione perchè c'è questa integrazione fra l'uomo e la natura, il territorio, l'integrazione fra la bevanda, il vino, e l'uomo che lo produce...

**GP:** Bravissima!

**IB:** Se dovrebbe fornire una descrizione del luogo, sotto forma di testo o immagini, quali dei suoi elementi e caratteristiche (colori, trami, odori, sapori, suoni, ecc.) inserirebbe nella sua composizione?

**GP:** Noi, purtroppo o per fortuna, abbiamo lavorato tanto per arrivare a questo punto e i risultati li abbiamo tutti i giorni davanti agli occhi, perché quando ci svegliamo la mattina e apriamo la finestra vediamo le colline che ci circondano e queste sono un po' parte di questo. Ci capita, però, molto spesso, di fermarci ad ammirare quella che è la natura, quello che è il paesaggio senza dargli troppo peso, cosa che a volte ci viene un po' contestata, perché c'è un mondo che ruota intorno a nostro territorio che viene qua proprio per queste cose, che viene qua proprio per ammirare il lavoro dell'uomo, il lavoro della natura... E noi a volte non ci diamo sufficiente peso. Ma perché sappiamo quelli che sono gli sforzi, i sacrifici che abbiamo dovuto fare per ottenere questo risultato, e quindi molto spesso non lo godi come sarebbe... giusto godere. Ma... il fatto stesso di aprire la finestra tutte le mattine e vedere le colline (inintelligível) come si fossero dei quadri è una grossa soddisfazione. Una battuta, una... novella è quella che ha vissuto in prima persona il mio collega, non abituato a viaggiare per il mondo, perché all'interno dell'azienda sua, la persona dedicata alla comunicazione, al, diciamo così, al contatto con cliente è un'altra, il suo socio, e lui non ha mai... non ha mai avuto molte occasione di poter viaggiare, di potersi presentare... E gli è successo una volta che il suo socio non è riuscito ad andare per motivi vari e lui è dovuto andare (inintelligível) a presentare la sua azienda... E dopo quindici giorni che era in giro per il mondo, quando è arrivato nella piazza del paese, ha fermato la macchina (inintelligível) e ha baciato la piazza... "Per fortuna sono tornato a casa, sono (inintelligível) fra le mie colline." Che forse è la cosa più bella da dire quando si parte di un territorio. Fermarsi davanti a casa propria, aprire la porta della macchina, scendere giù e baciare il territorio... "Per fortuna sono tornato a casa..."

**IB:** Cosa intende come il paesaggio della località e come lo vive nella Sua vita quotidiana?

Observação: a pergunta não foi realizada porque considerou-se ter sido já respondida com a resposta oferecida à pergunta anterior.

**IB:** Cosa per Lei costituisce il patrimonio della località?

**GP:** Il... patrimonio inteso come territorio è... ripetto, un qualche cosa del quale siamo molto fieri e del quale siamo molto orgogliosi. Eh... quello che abbiamo potuto costruire, quello che abbiamo voluto portare avanti per fare (inintelligível) che questo

territorio diventasse uno dei più importanti a livello mondiale per quello che riguarda alla nostra produzione di vini... è un qualche cosa del quale siamo molto orgogliosi. Però dall'altra parte a volte ci dispiace un po' perché abbiamo creato una situazione che oggi è, sotto gli occhi di tutti, è... tutti ne parlano e tutti in qualche modo vogliono di mettere i piedi su queste colline. Siamo contenti perché si parla di mercato, siamo contenti perché se i valori di queste colline riguardo ad essere un valore, uno dei valori più importanti a livello mondiale per quello che riguarda le zone di produzione sia di Barbaresco che Barolo, dall'altra parte... ci dispiace un po' quando teniamo che... arrivano su queste colline persone che non hanno nulla che fare, nulla da spartire... con quella che è la storia del territorio. Era molto più bello quando tanti anni fa si faceva fatica, ma se c'era un pezzettino di terra da comprare, la guerra se... – in qualche modo vogliamo così definire, anche se è una parola molto brutta in questi tempi – diciamo che il, la discussione, ecco, che si faceva, si faceva col vicino. E se la... la base di partenza tra quel piccolo angolo di terra che poteva fare comodo alle due proprietà era dieci, (inintelligível) si discuteva: dieci virgola uno, dieci virgola quindici, dieci virgola diciotto, dieci virgola diciannove... Si giocava un po' per fare in modo di trovare una soluzione giusta per potersi accaparrare un pezzettino di terra. Oggi con quello che è e che ruota intorno a questo mondo è facile vedere qualcuno che arriva, che non ha storia... ripetto: che non ha... diciamo così, un attaccamento a questo territorio, e arriva e invece di dire dieci virgola diciannove, va diece, quindice, subito venti. E quindi ha creato tutto un (inintelligível) intorno a questo territorio che è quello che noi abbiamo voluto per carità di Dio. Però, questa è una cosa che mi piace molto. Preferirei continuare a discutere con i miei vicini e continuare a discutere con quelli che effettivamente fanno parte di questo territorio per poter portare avanti quella che è la storia di queste colline. Che è una storia fatta da famiglie contadine, che è una storia fatta da piccoli imprenditori, a volte anche piccolissimi, che legate al proprio pezzo di terra sono riusciti a costruire negli anni un macchio e una notorietà per le poche bottiglie, anche le poche bottiglie che riescono a fare, che è a livello internazionale. Ma tutti quelli che arrivano qua, arrivano qua perché dietro a quelle poche bottiglie, quel piccole realtà, c'è una famiglia, c'è una storia, c'è un territorio, c'è una vigna o una cascina che si tramanda da generazioni. Quando arriva qualcuno che la compra, tanto per comprarla, tanto perché è di moda, tanto perché è importante avere un pezzo di terra su queste colline, a noi, a me

personalmente non mi piace tanto. Ma fa parte di quella che è l'evoluzione del territorio.

**IB:** Lei ritiene di avere un ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e nella conservazione del suo patrimonio? Se sì, come lo vede (piccolo o grande, eseguito in qualche modo particolare, ecc.)?

**GP:** Purtroppo, come ho detto prima... agli inizi... nel primo dopo guerra, agli inizi degli anni sessanta, degli anni sessanta, settanta, qui c'era tanta fame, c'era poco da mangiare, c'era... difficoltà a mantenere in piedi quelli che erano le strutture, c'era difficoltà a mantenere quella che era la storia del territorio e in quelli anni lì purtroppo una... – assolutamente comprensibile, ma è da fare un po' di cronistoria – ci sono stati dei disastri dal punto di vista della gestione del territorio. Perché se c'era una casa vecchia che era abitata da tre generazioni prima dalla tua e tu abitavi in quella lì, se avevi una piccola possibilità, se avevi un modo di poter iniziare a lavorare fuori e vedere quelle che erano le case, le strutture, i palazzi fatti con materiali moderni – brutti, ma materiali moderni – che toglievano dalla tua memoria le fatiche e i sacrifici del territorio, all'otica (inintelligível) è di stravolgere tutto. Quindi, prendere piastrelle vecchie e butarle via da mettere piastrelle più brutte, ma che ricordavano qualcosa di nuovo, che non ti ricordavano la fatica. Buttare via una casa, costruirla in maniera più brutta, ma che non... non ti lasciava ricordo della porta che tu aprivi e da una parte c'era la cucina, dall'altra parte c'era la stalla. Comunicavano, perché la stalla serviva per riscaldare. Tutte queste cose purtroppo sono cose figlie della... del primo dopo guerra che hanno stravolto un po' il territorio. Molte strutture sono andate perse proprio per questo motivo qua e molte strutture che si vedono oggi non sono e non fanno parte di quella che è la storia di questo territorio. Per fortuna negli ultimi anni ci è iniziato di nuovo a ricostruire in maniera un po' più (inintelligível) a quella che è la storia di queste colline, ma purtroppo determinati errori (inintelligível) li portiamo dietro e determinati errori però ci fanno anche capire quella che è stata l'evoluzione del territorio: (inintelligível) case fatte di pietra o di mattoni, queste che c'erano una volta, ma quelle che ricordano i momenti brutti. Quindi, hai avuto voglia, quando non hai avuto occasione di (inintelligível) ricostruirle in maniera un po' più moderna. E queste strutture, queste proprietà in questo territorio purtroppo non sono molto belle da vedere. Perché sono state costruite in un momento in cui probabilmente il pensiero legato al territorio non era quello che abbiamo adesso. Adesso c'è una bella

evoluzione, anche da questo punto di vista, molte amministrazioni stanno facendo quello che si chiama Piano Colori, per cui danno delle direttive, delle regole per fare in modo che tutte le costruzioni, quindi, anche la (inintelligível) stessa del paesaggio sia fatta in maniera diversa e per fortuna si va in quella direzione. Ma d'altronde la rivoluzione industriale c'è stata in tutto il mondo, in Italia come in tutto il resto del mondo, quindi anche noi nonostante tutto (inintelligível).

**IB:** Come vede il rapporto degli altri membri della comunità con la località e la consapevolezza che hanno sul loro ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e della conservazione del suo patrimonio?

**GP:** Oggi sempre di più, per fortuna. Oggi sempre di più proprio legato anche a quelle che sono le esposizioni che il comune, (inintelligível) le unità comunali danno quanto c'è da costruire qualcosa, quando c'è da fare qualcosa, è... Questo legame che in qualche modo ci aduna un po' tutti con il territorio è un qualche cosa del quale abbiamo tutti un po' più di consapevolezza. Questo, grazie Dio, negli anni, negli ultimi anni soprattutto, è un qualche cosa che fa parte di... della mentalità un po' di tutti. Non solo di quelli che sfruttano e utilizzano il territorio, ma anche di chi lavora da un'altra parte e ha mantenuto la casa dei nonni, non l'ha buttata giù e rifatta in maniera moderna... L'ha, magari, ristrutturata mantenendo un po' di quella che era la storia e quella che era la filosofia che una volta si utilizzava per le colline di queste zone.

## APÊNDICE F – Transcrição de entrevista realizada com Luca Cravanzola

Entrevista realizada em 29 de setembro de 2022:

**Isabela Berg:** Quale il Suo nome e occupazione?

**Luca Cravanzola:** Luca Cravanzola e mi occupo di mercato di vendita. Per la Produttori di Barbaresco mi occupo principalmente d'Italia ma un po' di tutto il mondo.

**IB:** Che tipo di legame Lei ha con la località (discendenza di antichi abitanti e/o lavoro, ecc.)?

**LC:** Sì, la mia famiglia è nata qui da sempre e mio nonno è stato uno dei fondatori di questa cooperativa dove siamo adesso, per la Produttori di Barbaresco. E la mia famiglia... addirittura, mio bisnonno è stato il cocchiere di Domizio Cavazza che è stato il padre fondatori del Barbaresco vero e proprio. Quindi, un legame estremamente forte con la vecchia storia di Barbaresco e con le radici di Barbaresco, proprio partendo dal mio bisnonno. Un paese piccolo, quindi è facile, non, che per gli abitanti di Barbaresco ci sia una connessione... Oggi siamo seicentodiciassette abitanti, quindi, il paese è microscopico e le famiglie qui dell'epoca, soprattutto i soci fondatori di questa cantina qui sono tutti molto connessi sia con... Domizio Cavazza sia poi dopo con (inintelligível).

**IB:** Cosa significa per Lei la località? Con quale parola esprimerebbe questo significato?

**LC:** Autentico. Sì, autentico. Per adesso, vuol dire, siamo ancora... siamo ancora molto autentici. Ci sono le famiglie dietro le aziende. E tutte le aziende, a partire da Angelo Gaja, passando per noi, per tutti i nome (inintelligível)... Cioè, Barbaresco e anche Barolo, possiamo dirlo, ma Barbaresco soprattutto ancora ha il cento per cento delle proprietà in mano delle famiglie storiche. Quindi, non ci sono investitori, non ci sono capitali esterni, e non que questo sia un male, eh? Però, diciamo, c'è ancora molta, molta autenticità. Anche se siamo nel duemilaventidue, anche se l'UNESCO è già arrivata quattro o cinque anni fa, il turismo è decuplicato quasi con l'UNESCO... Quindi...



**IB:** Se dovrebbe fornire una descrizione del luogo, sotto forma di testo o immagini, quali dei suoi elementi e caratteristiche (colori, trami, odori, sapori, suoni, ecc.) inserirebbe nella sua composizione?

**LC:** Io metterei le nostre colline dolci e semplici, non? Quindi, noi non abbiamo colline su colline come magari si vede a Barolo, ma una collina molto più semplice, e il fiume, il Tanaro, che lambisce... che praticamente fa il confine di una parte di Barbaresco. E ovviamente la torre del paese. Sono questi tre elementi secondo me che identificano Barbaresco così in un attimo: la torre, le colline dolci e il fiume.

**IB:** Cosa intende come il paesaggio della località e come lo vive nella Sua vita quotidiana?

**LC:** È la stessa cosa. E noi siamo parte delle colline, viviamo nelle colline... Non, la foto<sup>184</sup> non è, come dirlo, non è una foto commerciale, è una foto reale quella lì. E Barbaresco per noi è un piccolo paese con una torre (inintelligível) in cima, fatto di dolci colline semplici e col fiume che ci passa accanto. Eh... Guarda, io sto cercando casa perchè mi voglio spostare da Barbaresco a Barbaresco. E (inintelligível) sto cercando una casa che abbia queste caratteristiche: voglio vedere il fiume, voglio vedere le colline, voglio vedere la torre. Poi questo è proprio nostro.

**IB:** Cosa per Lei costituisce il patrimonio della località?

**LC:** È proprio questo. Poi ovviamente le colline per noi vuol dire anche uguale produzione di vino. Quindi, diciamo che sono abbastanza unite le due cose, non? La collina non è l'immagine della collina bucolica, ma è l'immagine del *cru*. Ok? L'immagine di... che cose ci danno in cambio queste colline. Non solo la bellezza artistica tra virgolette ma anche la bellezza di fare grandi vini. La bellezza della produzione, non?

**IB:** Che è propria un'arte...

**LC:** Sì. E secondo me poi è un po' tutto il concetto di *terroir* alla francese, non? Dove dentro non c'è solo paesaggio o clima, ma ci sono anche le persone che lo vivono, le famiglie, le piccole borgate, i piccoli... ah, come si può dire, (inintelligível) i piccoli... le piccole usanze che ci sono nelle varie borgate (inintelligível). Ovviamente un paese

---

<sup>184</sup> O entrevistado refere-se a uma foto da paisagem da localidade presente no local de realização da entrevista.

talmente piccolo che ci conosciamo tutti... Però, nonostante ciò, ogni collina, la sua piccola borgata... E rimane, tornando da capo, molto autentica la cosa.

**IB:** Lei ritiene di avere un ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e nella conservazione del suo patrimonio? Se sì, come lo vede (piccolo o grande, eseguito in qualche modo particolare, ecc.)?

**LC:** Allora, noi abbiamo – noi, inteso noi giovani di Barbaresco, quello che volevo dire –, abbiamo un ruolo fondamentale, che è quello della salvaguardia (inintelligível). Bisogna... non so nennemo come dire... bisogna ragionare proprio con un'altra mentalità, cioè, adesso bisogna conservare il territorio al cento per cento, quindi non dobbiamo avere velleità di espandere il territorio e dobbiamo conservarlo. E recuperare tutto recuperabile invece di costruire. Quindi, cercare di limitare le nuove costruzioni, recuperare le vecchie cascine, le vecchie cose che si possono recuperare e cercare di mantenere un po' tutto inalterato. Secondo me è questo quello che dovremo fare. Cioè, mentre i nostri nonni hanno costruito e i nostri padri hanno, diciamo, portato ai giorni nostri, oggi, noi, secondo me, dobbiamo mettere tutto sotto una campana di vetro, rendere tutto il più funzionale possibile... Però, con un occhio principalmente alla salvaguardia del territorio, primo, e secondo anche per la produzione dei vini. Però sono due cose che vanno... devono andare di pari passo.

**IB:** Come vede il rapporto degli altri membri della comunità con la località e la consapevolezza che hanno sul loro ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e della conservazione del suo patrimonio?

**LC:** Li vedo tutti belli orgogliosi. Siamo tutti... – beh, adesso non posso parlare per tutti, però voglio dire... siamo... Ci sono tanti giovani che stanno... che lavorano a Barbaresco, che scelgono di non andare via ma di rimanere... Cioè, sono tutte... tutte le cose al contrario di quando... di quando Barbaresco è nato (inintelligível). Quindi, per quello dico che li vedo tanti orgogliosi. Perché sarebbe più facile oggi trovare casa magari fuori da questa zona, fuori dalla zona UNESCO o come... come è normale per tanti giovani, andare a studiare all'estero, fare nuove esperienze... E anche per fortuna lo fanno, cioè, si va a studiare fuori, si gira il mondo, eccetera, però poi si cerca di fare qualcosa qua. E questo secondo me è... è il valore dei valori, non? Mentre in Italia tutti questi piccoli micropaesi si stanno polverizzando praticamente, e solo grazie all'immigrazione riusciamo a tener vivi alcuni paesi,

soprattutto al sud Italia, qui invece ci sono un sacco di case che vengono comprate dagli abitanti stessi e ce le strapiamo di mano con i turisti... È questo genere, non, come dire, un... un extra benessere anche dei cittadini. Ovviamente nel piccolo paese... Io sono genitore di tre bambini, è un casino perché non ci sono gli asili, non ci sono i servizi per la famiglia, e su quello deve sopperire, non? Per assurdo, se noi vivessimo a Poirino, voglio dire in una città della (inintelligível) di Torino, avremmo mille servizi in più a rispetto qua. Ma sicuramente non avremmo questa bellezza, quest'autenticità, e il fatto anche che secondo, che è quello che mi piace sempre molto di ricevere gente da tutto il mondo qui. Questo secondo me è proprio una cosa unica, non? Noi possiamo girare il mondo rimanendo in un paese di seicento abitanti. Essendo proprio tanta roba, come dicono i toscani.

## APÊNDICE G – Transcrição de entrevista realizada com Marisa Fogliati

Entrevista realizada em 29 de setembro de 2022:

**Isabela Berg:** Quale il Suo nome e occupazione?

**Marisa Fogliati:** Marisa Fogliati. Sono la direttrice dell'Enoteca Regionale del Barbaresco qui a Barbaresco.

**IB:** Che tipo di legame Lei ha con la località (discendenza di antichi abitanti e/o lavoro, ecc.)?

**MF:** Allora, io vengo da un piccolo paese a sei chilometri di qua che si chiama Neviglie, dove ho ancora la mia famiglia e dove vivo. Però lavoro qui all'Enoteca di Barbaresco da più di trent'anni. Diciamo che sono molto più barbareschese che nevigliese, sicuramente, conosco tutti gli abitanti di Barbaresco, tutti i produttori naturalmente. Quindi mio legame di lavoro che è diventato quasi familiare, ecco, diciamo così.

**IB:** Cosa significa per Lei la località? Con quale parola esprimerebbe questo significato?

**MF:** Allora, Barbaresco è, alla fine, è il mio paese. Quindi, è un posto dove, come posso dire, i legami del paese sono difficili da descrivere perché sono legami non solo di amicizia, ma di mutuo soccorso, se posso di usare così. Quindi, adesso faccio, posso fare un esempio banale: mi si scurcia l'orlo dei pantaloni, io attraverso la piazza, suono il campanello della casa di fianco e mi faccio cucire l'orlo. Ecco, quindi, è una sorta di grande famiglia.

**IB:** Sì, ho capito bene. Anche perché è un piccolo paese...

**MF:** Esatto. A Barbaresco vivono più o meno seicentoottanta persone, quindi, molto piccolo e il nucleo qui del paese vivrà forse duecento persone.

**IB:** Sì, e le altre persone sono disperse nel territorio...

**MF:** Esatto.

**IB:** E quale parola Lei utilizzerebbe per descrivere questo tipo di rapporto con il territorio o anche questo significato che il territorio ha per Lei?

**MF:** Allora, sempre precisando che è una cosa mia personale, perché poi dipende dall'approccio, la parola che uso direi sentimento. Non dico amore perché è troppo.

Sentimento. È proprio una questione di affetto, di conoscenza, di aiuto, ecco, (inintelligível) sentimento, una (inintelligível) di sentimento di affetto.

**IB:** Se dovrebbe fornire una descrizione del luogo, sotto forma di testo o immagini, quali dei suoi elementi e caratteristiche (colori, trami, odori, sapori, suoni, ecc.) inserirebbe nella sua composizione?

**MF:** Barbaresco, lo definirei come un paese tipico delle nostre Langhe. Quindi, con un nucleo storico, nell senso, quindi... La Torre e l'Enoteca, che è quella dove lavoro io. Il comune di Barbaresco, le due, diciamo, eccellenze, le due cose che attirano gente... Anzi, metiamo in ordine, l'Enoteca. Che è, quindi, un'unione di produttori, ma anche una, uno, un punto di incontro di... anche (inintelligível) di mutuo soccorso, di coinvolgimento umano, poi la Torre. Tipico paese di Langa perché abitato naturalmente da quelli che noi chiamiamo i langhetti, che sono tipico popolo piemontese, in senso negativo e positivo, naturalmente. Eh... non so se sa, c'è il proprio modo di dire, il piemontese (inintelligível) cortese nel senso che siamo molto gentile, però siamo molto, anche molto chiusi, molte... eh, molto... ognuno per se stesso. C'è una pochissima sensazione di comunione. Però, allo stesso tempo, una generosità, una bontà d'animo grande. Quindi, il comune di Barbaresco lo definirei proprio un classico posto dai langhetti, con l'evoluzione che ha avuto negli ultimi anni, adesso un paese ricco. Non siamo più i langhetti di una volta che hanno fatto la fame. Quindi, sono persone che adesso stanno molto bene economicamente parlando, però si sono guadagnati tutto. Quindi, sono delle persone cui genitori andavano ancora con gli zoccoli nei piedi e adesso i figli viaggiano a New York a comprarsi una borsa di Prada, per dire. Quindi, è una... secondo me è un posto...non posso dire altro che un classico esempio di... di grande lavoro, di grande piemontesità. È proprio questo.

**IB:** Però se Lei, diciamo, forma un'immagine del territorio, del paese nella sua testa... Diciamo, quando pensa a Barbaresco, com'è quest'immagine?

**MF:** Allora, l'immagine mia del paese di Barbaresco è in estate con tutti i fiori lungo il paese, con tutte queste sue (inintelligível) che sono fucsia, con... ah... il banchetto di quello che vende le torte e qualcuno che cammina per il paese. Non troppo pieno di gente, però con qualche turista che rimane abbagliato da questa camminata dall'Enoteca alla Torre.

**IB:** Cosa intende come il paesaggio della località e come lo vive nella Sua vita quotidiana?

**MF:** Allora, dico solo, faccio solo un esempio semplice. Io vengo lavorare in bicicletta normalmente. Quindi tutti i giorni faccio nove chilometri in bicicletta in mezzo ai questi paesaggi. E ho più di cinquant'anni e ancora mi fermo a fare delle fotografie. Quindi, vuol dire che il paesaggio ancora mi stupisce. Capisci? Quindi, queste... questi... Ma soprattutto alla sera. C'è nella zona martinenga un versante in cui le foglie sono verdissime. Col sole che tramonta dietro il Monviso, quello è l'immagine del paesaggio. Ordinato, pulito, curato... ah... non so (inintelligível) sembrano sempre pettinate queste foglie. Ecco, per me il paesaggio è questo. Proprio sono i vigneti, questi splendidi vigneti... patrimonio UNESCO... e sono quelli. E ripetto: se faccio delle foto io che abito qua e lo vedo tutti i giorni, immagina chi arriva (inintelligível) Baviera, per dire di un posto anche bello.

**IB:** Come me...

**MF:** Esatto. (inintelligível) è una cosa, beh, non so come dirti, mi stupisce ancora.

**IB:** Questo è bello: avere la possibilità di avere questo incantamento continuo con il territorio...

**MF:** Assolutamente. Assolutamente sì.

**IB:** Diciamo che con lo sguardo ci sono gli altri sensi, come sentire il territorio, i suoi colori, gusti... Questo ha un significato per Lei o quello che è più distaccato è questo panorama?

**MF:** Allora, come sensi... siamo in Piemonte, siamo qua, io sono piemontese... il gusto, naturalmente. E lo mettiamo in primo posto. Ah... punto: io sono proprio piemontese, mia mamma era una che faceva i ravioli a mano, ancora grandi, così con ripieno, il tagliarin infatti a mano... non dico tutti i giorni ma quasi... Quindi, la cucina piemontese per quanto ormai, naturalmente – non c'è quasi più nessuno che si fa la pasta in casa, il tagliarin in casa, o il brasato – è una cosa che... io cel'ho. Quindi, quando vado a mangiare a ristorante, posso mangiare – (inintelligível) parlo per me personalmente – il polpo con patate che è buonissimo perché mi piace. Però quando mi danno un piatto di tagliarin o una carne cruda... cavolo... quello è il mio gusto, il mio sentire questi posti. Quindi, la tradizione culinaria, assolutamente, e poi si vogliamo parlare banalmente di sensi, in questa stagione il profumo del vino. Che senti se siete andate (inintelligível) fino alla Produttori del Barbaresco, su alla cima lo senti, ecco, lo senti proprio. Quindi, è quello. E poi... e poi, adesso come profumi, la

lavanda. Ci sono delle lavande in questi giorni – punto: me (inintelligível) in bicicletta, che sono andata su in Langa – questi profumi di lavanda buonissimi. Quindi, senti proprio fisicamente ci sono, eh. Tutti. Poi io... eh... ho ancora una vigna di Moscato, quindi parliamo anche di tatto in vendemmia. Quindi, il piacere anche della vendemmia... È mangiarsi l'uva, del tagliare i grappoli del lavoro.

**IB:** Io percepisco che questo sia molto presente nel territorio, diciamo, a volte le persone non lo esprimono così chiaramente, ma questo possiamo capire attraverso le sue parole o le sue pratiche...

**MF:** Assolutamente sì. Sì, (inintelligível) poi adesso io tiro fuori sempre la mia età, normalmente sono cose, questa tradizione, cose che tornano. Perché quando ai venticinque, trent'anni ti sembra quasi una cosa che deve staccare da queste cose. Per quello che dico i figli dei produttori vanno a New York, vanno... girano il mondo, mangiano in tutto il mondo, conoscono le lingue, però poi, alla fine, la tradizione, quello che ti è seminato, torna e alla fine torni poi in qua. Assolutamente.

**IB:** Cosa per Lei costituisce il patrimonio della località?

**MF:** Allora, adesso io torno un po' su questo, ma io... le persone. La tradizione, ma raccontata dalle persone. Se... Oltre naturalmente le persone che poi fanno fisicamente, curano il territorio, quindi, il patrimonio parte da me che ho il vigneto, che lo tengo bene, che faccio un vino buono, capisce, è questo. Però, le persone. Guarda che (inintelligível) ho i tanti anni che lavoro qua, venire qua, fare le foto e i panorami bellissimi, proprio a incontrare veramente il produttore che ti racconta quello che fa, eh... com'è il suo approccio... Poi, siamo appunto, sempre ai piemontesi, ogni produttore è diverso. Ognuno pensa che il suo vino sia migliore, che il suo lavoro sia quello giusto, naturalmente, e quindi tu vai a incontrare dieci persone che curano questo territorio alla fine alla stessa maniera, dieci storie diverse: perché sono lì, perchè lo fanno in quella maniera lì, quali sono i suoi progetti per il futuro. Quindi, secondo me il nostro patrimonio – e bisognerebbe forse puntare, cioè, è bello puntarci, insomma – sono le persone.

**IB:** Io sono d'accordo con Lei perchè di questo rapporto fra le persone e il territorio dipendono, diciamo, i valori che sono assegnati al patrimonio rappresentato dagli edifici, quelle cose...

**MF:** Certo. E tiene in conto che la tradizione, che naturalmente cambia perché siamo in evoluzione, come dico sempre, però la tradizione è quella. La tradizione siamo...

alla fine siamo noi che... lo esco di casa, guardo intorno e so benissimo: oggi devo andare a potare. E devo potare così perché questa è la maniera migliore di farla, perché il mio nonno lo faceva già così. Magari non lo faccio più con le forbici, ho la forbice meccanica, quindi, ho qualcosa che mi aiuta perché non...non siamo rimasti... è impossibile rimanere... e non è giusto, è naturale. Però è quello. Capisci? Questo è il mio pensiero. Però ripeto: è mio perché non tutti hanno questa... piacevolezza del amare le persone. Io sì, come vuoi che ti dica?...

**IB:** Lei ritiene di avere un ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e nella conservazione del suo patrimonio? Se sì, come lo vede (piccolo o grande, eseguito in qualche modo particolare, ecc.)?

**MF:** Allora, eh... Non so dirti qualcosa in più di quello che ti ho già detto fino adesso, però... eh... allora, adesso ti faccio solo una piccola storia qui dell'Enoteca. L'Enoteca quando è nata, quindi, all'inizio degli anni ottanta, e sono arrivata negli anni novanta, qui a Barbaresco era un'altro paese. Quindi, il turismo del vino praticamente non esisteva, c'erano (inintelligível) qualcuno dalla Svizzera o dalla Germania che venivano a comprare il vino, non era...non era un turismo, capisci? Venivano qua comprare il vino buono, se era necessario si fermavano qua un giorno o due negli hotel e negli alberghi... che erano pochissimi... ma, giusto, per comodità. Adesso è cambiato tantissimo. Soprattutto con la riconoscimento del patrimonio UNESCO. Adesso c'è la gente che arriva qua per il territorio e poi dopo dice: "guarda, c'è anche il vino ma non lo conosco". Hai capito? Quindi, è proprio cambiato l'approccio. Naturalmente ci sono sempre ancora quelli che arrivano per il Barbaresco, però ci sono tantissime persone che arrivano qua e non conoscono la zona. Hanno letto: "Barbaresco Patrimonio UNESCO, vado a fare un weekend a Barbaresco". Io, lavorando qua – adesso un po' di meno, ma c'è la mia collega dietro al balcone che lavora nella mia stessa maniera –, io prendo queste persone qua e le racconto com'è il territorio. Quindi, capisci che se uno arriva anche solo da Milano e viene qua per vedere colline, fa dieci foto, le foto su Instagram, però non sa come si... perché c'è il Barbaresco, il Nebbiolo è nel versante nord... scusami, sud... perché il produttore vendemmia e porta le ceste e non butta tutto dentro un trattore (inintelligível). Quindi, io faccio la promozione di questo territorio qua raccontando delle persone, di quello che succede e in più ci metto anche il vino. All'inizio invece era total... proprio una... Sono persone diverse che stanno arrivando. E come stiamo diventando anche un...



Tu hai scelto dal Brasile di venire a parlare di Barolo e Barbaresco... Pensa quello: come... dove siamo arrivati. Siamo cresciuti tantissimo. L'unica cosa è che crescendo tanto non siamo tanto pronti ancora all'accoglienza di tutta questa gente. Piccoli produttori non possono aprire le porte a cento persone al giorno, devono lavorare. Quindi, cambieranno un po' le cose perché il turismo positivo... e negativo naturalmente... Quindi, il mio ruolo è proprio... Ma lo faccio perché mi piace, non perché è il mio lavoro. Potrei vendere due bottiglie di vino e basta. Però mi piace proprio far sì che una persona quando va a casa... non solo se beve una bottiglia di Barbaresco, ma diciamo: "guarda te, non sapevo che quel produttore è stato il primo ad andare in Borgogna a vedere come (inintelligível), ma non lo sapevo".

**IB:** È un, diciamo, un ruolo importante ed è bello che Lei lo capisca così bene perché, per tutto quello che mi ha detto prima, io capisco studiando il territorio che, per esempio, se c'è un vino ci sono tante altre cose prima di esistere quel vino. E ci sono millenni...

**MF:** Certo, certo. Esatto. Io cerco di raccontare quello, soprattutto alle persone che vengono qua soltanto perché è Patrimonio UNESCO e non sanno queste cose. Perché noi diamo per scontate tante cose... Invece, bisogna spiegarle. Non so, allora io faccio quello.

**IB:** Come vede il rapporto degli altri membri della comunità con la località e la consapevolezza che hanno sul loro ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e della conservazione del suo patrimonio?

**MF:** Allora, secondo me veramente le cose cambiano, ma per quello che dicevo prima. E non tutti sono così disponibili a raccontare ma per una questione di tempo, io capisco. Non... C'è... Sta arrivando tanta gente e non sono preparati ancora a gestire questa cosa. Quindi, non posso immaginare se fra dieci anni, magari Lei viene a Barbaresco, il paese ha chiuso le cantine, bisogna prenotare, mandarle cose, non può più avere rapporto ma perché è difficile da gestire. In questo momento siamo ancora lì, a mezzo, ecco. Però, non lo so. (inintelligível) i barbareschesi, che come, punto, come tutti i langhetti hanno grande entusiasmo, grande generosità, ma adesso tanti non ce la hanno proprio. E allora dispiace che viene qua della gente e non... le cantine sono chiuse. La domenica trovare una cantina aperta comincia a essere dura. Quindi, non lo so come sarà al futuro. Io mi godo questo momento

perché va bene... Però penso che questa tradizione, questo... passione nel raccontare comincia a diventare... essere un po' difficile da gestire.

**IB:** Per il turismo, Lei dice...

**MF:** Esatto. Sì.

**IB:** Però se non pensiamo ai turisti, pensiamo alla comunità, i racconti esistono fra le persone, fra le generazioni...

**MF:** Sì, quello, eh... esistono. Assolutamente tiene conto che essendo adesso, punto, una zona ricca, non ci sono più i figli che vanno a lavorare da un'altra parte. Sono eccezioni. La maggior parte delle aziende continuano a essere famigliare. Quindi, nonno che ha insegnato al papà e adesso c'è il figlio, poi ci sarà il nipote. Perché è uno stimolo, è un'occasione... È bello, è la tua azienda che cresce. Quindi la tradizione c'è. La tradizione proprio anche come tutela del territorio, come modo di lavorare, sempre con un'evoluzione. Il turismo rende il fatto che la gente si incontra anche un po' di meno. Non so che è una cosa... Però quando c'è tanto lavoro, mille cose da fare, solo dieci anni fa uscivi la sera e al bar c'erano dieci produttori che si prendevano l'aperitivo. Adesso è una cosa più difficile da farsi proprio per una questione di lavoro. In questi casi qua, comunque, il ruolo dell'Enoteca o che sia del Consorzio di Tutela (inintelligível) è un ruolo molto importante perché fa incontrare le persone. Anche solo durante un'assemblea in cui si parlano uno all'altro. Sono cambiati un po' i modi di relazionarsi proprio anche... E parlo di produttori, ma anche la gente di Barbaresco. Vai a vederti che (inintelligível)... – adesso dico ancora una partita di pallone elastico – magari parli col tuo vicino che hai a casa e non lo vedi quasi mai. Si sta un po' perdendo, ma io non so, è normale, la comunità del paese. Le feste del paese, eh, che erano il luogo ideale in cui tutti si incontravano, adesso sono diventate un po' delle feste... posso dire, un po' baraccone, scusa, perché ormai non puoi... La proloco... Queste cose forse non si pratica qui, in ogni comune c'era una proloco. Proloco vuol dire che c'erano gli abitanti del paese che si ritrovavano due volte all'anno e organizzavano la festa. La festa, facevano venire due giostre, facevano le cene (inintelligível), adesso proprio per una questione di cambio di legge non puoi più dare da mangiare della gente senza l'autorizzazione sanitaria, senza quel... E allora le feste del paese vengono organizzate da... degli uffici appositi, capisci? Quindi si perde un po' il senso di comunità. Nei paesi piccoli, piccoli come Barbaresco, ci si incontra proprio fisicamente, io attraverso la strada e incontro, parlo, mi vedo delle persone. Però in un paese già un (inintelligível) più grande tipo

Neive, che fa tremila abitanti, si perde un po' questo aspetto della... della comunione, dello scambio, del vivere il paese...(ininteligível) al bar, seduto su una panchina... quello. Ma penso che sia una cosa, giusto, che vedete in tutti i posti. Quindi, ripetto, quando è fisicamente piccolo come Barbaresco ti incontri lo stesso. Perché se io attraverso la piazza incontro dieci abitanti di Barbaresco. In un paese leggermente più grande, ma non enorme, cominci un po' a perdere queste cose che, ripetto, è naturale. Io ho fatto l'esempio della festa perché (ininteligível) solo dieci anni fa a Barbaresco c'era questa festa ma alla proloco lavorava una settimana. Vuol dire che per (ininteligível) sete giorni gli abitanti... O quasi uno, ma almeno uno per famiglia si trovava lì e cucinava e allargava il tavolo e (ininteligível) i tendoni e discuteva prima, discuteva dopo... Adesso quello è già più difficile.

**IB:** Ma il problema del turismo è che deve essere controllato perché si perde precisamente questa dinamica. Ho visto questo succedere in un comune vicino alla città dove sono natta in Brasile e le persone sono spostati ad altre zone perché non potevano pagare il valore, le tassi delle case al centro...

**MF:** Quella è una cosa... Ne avrete già parlato anche qui, questo valore delle terre e delle case che è aumentato. Poi, se è andata a Barolo, è intocabile. Il problema è che se, eh... Io ho una piccola azienda qui a Barbaresco, di quattro ettari. Il mio vicino di casa è un ottantene, manca e l'azienda è in vendita. Io che avrei il piacere di avere un ettaro in più perché ho una famiglia (ininteligível) non posso permettermi di comprarlo. Guarda che è una cosa che uno non ci pensa ed è (ininteligível), è difficile. E poi, magari oppure che (ininteligível) sono un padre con i suoi figli, uno lavora alla Ferrero e uno all'azienda, non possono liquidare, fare la divisione dell'azienda. E allora è molto più facile che arriva (ininteligível) un investitore americano (ininteligível) o da un'altra parte che ha il valore di cooperare oppure un'azienda molto famosa con molti soldi che può comprare. Questo è... ed è una... questa bolla economica è... è buona per chi vende l'azienda e si prende un milione di euro, però ripetto, per i vicini, lo che avrebbe piaciuto, farebbe piacere comprare un ettaro o un mezzo ettaro... non riesce.

**IB:** Giusto. E anche dalla parte di questi tradizioni, significati, questo non è, diciamo, una cosa positiva.

**MF:** Esatto. Però dobbiamo anche pensare che le cose cambiano...

**IB:** Dobbiamo cercare un equilibrio...

**MF:** È, un equilibrio, poi le cose cambiano... Io sono già, secondo me già è molto bello in queste zone che, punto, la gente si fermi a casa, ci sono delle aziende qui che magari il figlio ha fatto ingegneria elettronica e poi, dopo aver lavorato due anni a Milano, torna qua e si mette a fare il vino, si mette a fare il contadino, e con grande soddisfazione. Guarda che è una cosa non da tutti i paesi, tutt'altro, eh, quando si parla di campagna. Assolutamente. Già vai che (inintelligível) nell'Alta Langa è già un pochettino più difficile. Che sono zone bellissime, comunque.

## APÊNDICE H – Transcrição de entrevista realizada com Michela Adriano

Entrevista realizada em 29 de setembro de 2022:

**Isabela Berg:** Quale il Suo nome e occupazione?

**Michela Adriano:** Michela Adriano. Lavoro nell'azienda di famiglia che si chiama Adriano, Marco e Vittorio e io più che tutto gestisco la parte commerciale, di comunicazione. Poi, essendo un'azienda familiare, c'è da fare un po' tutto.

**IB:** Che tipo di legame Lei ha con la località (discendenza di antichi abitanti e/o lavoro, ecc.)?

**MA:** Ok. Ma sicuramente noi prendiamo il nostro lavoro non solo come produzione di una bevanda, ma ha già un forte legame col territorio. Infatti, noi produciamo vini solo dei nostri vigneti perché la parte importante per noi, che è importante promuovere ma anche tutelare, sono soprattutto i vigneti che ci legano al territorio. Perché se non fossimo qua non potremmo fare queste tipologie di vini. Quindi, sicuramente c'è un forte orgoglio che lega al territorio, al livello di colline e pedoclima, che poi ci permette di produrre, fare quello che stiamo facendo... Eh... Oltre il vigneto, ho visto che comunque rischia di essere una monocoltura, ci impegniamo anche ad avere una ventina di ettari, oltre i trenta di vigneti, che non sono vigneti, ma sono divise tra nocioleti a fondo collina e una dozzina di bosco. Il bosco per noi è molto importante, sia per la piccola biodiversità del vigneto in se ma anche per tutta la zona. Quindi, ci impegniamo a prendercene cura... giusto, tenerlo pulito nel senso... togliere dei... degli alberi se sono caduti, favorire la crescita di altri... capire se c'è qualche problema con qualche insetto in particolare... Quindi, cercare comunque di favorire la crescita di questi boschi e tutelarli in... ah... tutto per tutto. E la natura è giusta, ci danno anche qualche tartufo, quindi... è importante trattarli bene. Quindi, (inintelligível) legame col territorio e comunque per quello che facciamo, per il nostro lavoro, ma ci teniamo più a trattarlo bene. L'altra cosa è che comunque tutte le volte che anche andiamo in giro a vendere i vini... eh... sia una volta (inintelligível) si faceva più un lavoro di singoli. Quindi, aziende più grandi sono cresciute molto e hanno aperto la strada ad aziende più piccole. Quello che si fa adesso secondo me è tanto lavorare di squadra e parlare di territorio. Quindi, anche quando vengono i turisti e degli importatori non li faccio venire solo qui, ma già facciamo tutto il giro della zona di

Barbaresco, oltre a guardare gli aspetti legati proprio al vino e li porto, per esempio, anche sulla Torre di Barbaresco... Quindi, per me è molto importante che la gente capisca sia com'è il stretto pedoclima di un vigneto ma anche la storia e tutto quello che c'è qua. Perché è grazie a quello siamo arrivati a questo punto qua. Poi i miei nonni sono entrambi arrivati da famiglie contadine di Mezzadri... da un'oretta di macchina da qua dell'Alta Langa... e hanno proprio fatto la vita classica tradizionale da arrivare in Langa e mettere tutto per tutto... I loro sforzi, sacrifici in Langa... e... Quindi, c'è anche questa storia nata in un modo molto tradizionale che ci piace raccontare. Abbiamo in cantina un pannello con tutte le foto per ricordare ai turisti che comunque adesso siamo una zona forse, presumo (inintelligível) in Italia molto turistica, però trent'anni fa era l'opposto: la gente faceva la fame. E quindi, anche grazie al territorio che è una zona particolare, speciale, però grazie anche a le persone che lo hanno creato. Quindi, sempre, secondo me, è importante legarsi poi anche a la storia che è stata. Qui a me piace ovunque lavorare per il territorio, oltre al lavoro che ho qui ufficialmente come azienda. Sempre con mio ruolo di produttrice sono nell'assemblea dell'Enoteca Regionale del Barbaresco e nella Cantina Comunale dei Quattro Vini di Neive. Proprio perchè sì, sono sempre iniziative legate al vino, ma si cerca comunque sempre di pensare al livello di territorio e di promozione.

**IB:** Cosa significa per Lei la località? Con quale parola esprimerebbe questo significato?

**MA:** Hum... lo credo che la cosa che mi viene più in mente sia l'autenticità. Perché comunque... vabeh... è un territorio bellissimo, quello non escludo e devo anche dire che il mio lavoro al contatto con i turisti e anche il lavoro che faccio quando viaggio tanto mi permette ancora di più di valorizzarlo. Probabilmente quando sono, crescevo qui, andavo a scuola non... non mi meravigliavo così tanto. Adesso, ognitanto guardo e dico: (inintelligível) che la gente paga migliaia di euro per venire qui e quindi mi sento ancora più orgogliosa e anche un pochino più responsabile su trattarlo bene. E poi quello che mi rendo conto è che le persone vogliono venire qui non tanto magari come in certe altre zone... Non è un turismo superficiale, ma un turismo proprio vero. Si vogliono immergere nei tradizioni, in tutto quello che sono le culture e quindi, secondo me è un territorio che rimane ancora autentico. C'è un

rischio di sfiorare, quindi, diventare qualcosa di finto, però secondo me se tutti quanti sappiamo lavorare nella... linea giusta, la autenticità rimarrà sempre.

**IB:** Sì. È perché, diciamo, ci sono delle trasformazioni che sono naturali perché si tratta di un paesaggio: c'è la natura, c'è l'uomo... Però Lei percepisce che c'è questa autenticità mantenuta nel territorio...

**MA:** Sì, che comunque questo lega tutto... Da... il vigneto strutturato così, il paesaggio (inintelligível) così, legato a una certa tradizione.

**IB:** Se dovrebbe fornire una descrizione del luogo, sotto forma di testo o immagini, quali dei suoi elementi e caratteristiche (colori, trami, odori, sapori, suoni, ecc.) inserirebbe nella sua composizione?

**MA:** Sicuramente una vigna. Ua vigna almeno deve esserci se no non è casa. Deve essere una collina anche pendente, perché se no a volte... Tanti si immaginano che sia molto più piatto, invece, comunque, le salite e le discese ci sono e sono importanti anche per certi microclime e le correnti. Sarebbe perfettamente un'immagine autunnale che è la più bella, ricca di colori, è la più bella... Poi è bella anche la primavera quando ha quel verde smeraldo che ti carica solo al guardarlo... Deve esserci un piccolo bosco, sicuramente un castelo e una torre medievale... Perché quello comunque, ogni volta ti giri, in cima una collina c'è... Quindi, ti ripor... mi riporta subito a questa immagine e...

**IB:** Un castello speciale o una torre speciale?

**MA:** Per me la Torre di Barbaresco. Io quando già, solo ti dico, se arrivo a quell'autostrada... appena la vedo e dico: ok, sono arrivata a casa. Ancora dieci minuti di macchina, ma già quello per me è casa. E poi, sì, magari anche uno di quelli che noi chiamiamo i *ciabot*. *Ciabot*, una parola in piemontese, ma sono quelle casette... quelle strutture ricovero attrezzi che amiamo e che ci sono nelle vigne, di mattoni. Che non si usano quasi più. Però quello sempre è stato un sinonimo di quello che era la tradizione, comunque, una cosa comune da trovare. Sicuramente quello, sì.

**IB:** Cosa intende come il paesaggio della località e come lo vive nella Sua vita quotidiana?

**MA:** Io me la immagino... Cioè, la prima cosa che penso... mi viene in mente colline. Colline e proprio questo senso di sali e scendi continuo. Infatti, per dirti, oggi andare

in bici – da piccola ci andavo tantissimo –, adesso abbiamo iniziato una collaborazione con un'azienda che va... beh, il cartello è un po' sfortunato, sta cadendo, però un'azienda che affitta bici elettrica. Con quella, invece, torno ad andare in bici. E la cosa che mi piace di più è... non è fare magari un solito circuito, ma fare un circuito che include la salita e la discesa perché ti dà proprio una prospettiva diversa di quello che è il territorio con l'intorno. A livello di sensi, sicuramente io avrò anche una deviazione... professionale, dato... sulla temperatura e clima, ma... ti rende proprio conto passando da una vallata all'altra le temperature quanto cambiano (inintelligível). Era pazzesco quanto, io uscivo sempre a Neive, Neive ci sono dei miei amici, e a Neive facesse molto più caldo che qua. Qua siamo una vallata comunque più fredda e umida di altre, ma tanto più fredda che (inintelligível) in estate, se io arrivavo di Neive mezzanotte, l'una, nemmeno troppo tarde, stavo bene anche in maniche corte, ne sa, comunque non fa freddo. E arrivavo nella strada di San Roche e sentivo proprio i brividi, dicevo: (inintelligível) qua fa sempre freddo. Ed è una cosa che ancora adesso, ogni tanto con la macchina, tengo giù il finestrino per sentire questa cosa e mi fa capire quanto puoi... Da una vallata all'altra ci siano due chilometri ma cambi totalmente. Le temperature le vivo tanto... A me quello che piace di qua è il fatto che... è una zona abitata, ci sono tante persone, ma è tanto verde. Quindi... Mi piace un sacco sentire sempre i profumi che ci sono, che comunque arrivano soprattutto in autunno – (inintelligível) sempre quella stagione lì –, anche il profumo un pochino più di sotto bosco, di bagnato che però... per noi è già presagio di una bellissima stagione tra il vino che ormai sta fermentando. Tra i tartuffi e i funghi che ci sono, quindi, insomma già ti suscita altre emozioni. E come me lo vivo, vabeh, a parte dei giri in bici, mi piace anche tanto andare a camminare... Quello è proprio una... La trovo molto rilassante.

**IB:** Cosa per Lei costituisce il patrimonio della località?

**MA:** Per me un sacco di cose... Parlando anche solo di paesaggio, quello per me è già una cosa da mantenere. Sicuramente tutta la storia che si tramanda a volte anche solo realmente, però io vedo le cose che riesce a raccontare il mio nonno che si è vissuto delle differenze totali, perché lui dove era piccolo non aveva... il bagno in casa... E si parla solo di novant'anni fa perché questa settimana compie novant'anni. Quindi, è passato relativamente poco tempo, ma addirittura dove è nato mio papà con mio zio nel sessantacinque non c'era il bagno. Quindi, mi sembra preistoria, però



secondo me quei ricordi lì, quelle memorie lì già sono importanti da tutelare, comunque, come importanza... I prodotti che vengono fatti qui, non solo il vino ma tutto quello che si produce qui, anche perché comunque la maggioranza delle aziende sono aziende legate al territorio, che lo fanno in certo modo tradi... artigianale, quindi, sempre "made in Italy" che... In Italia siamo sempre stati molto bravi a mantenerlo, avere questo rapporto artigianale che segue un po' quasi tutti i processi. Che a volte può limitarti in certe cose, però da altra parte riesci a avere anche una qualità molto alta. Altre cose? Eh... no lo so. Io sono una persona molto terra a terra, quindi, per me...

**IB:** Ma questo è bello perché, quello che Lei me dice che, avendo questo rapporto con il territorio, percepisce l'importanza di questo territorio, dei suoi valori, è tutto legato... Perché un'altra persona che viene qua solo per produrre il vino e non tiene in mente tutte queste tradizioni, questi valori, significati che sono importanti, a volte non si preoccupa tanto con questa conservazione. Non importa il contesto, importa forse la vigna, che è dove si fa la produzione...

**MA:** Sì, sono d'accordo. Ma infatti ti dico che, essendo ormai una zona molto gettonata in Italia, ci sono tanti investitori che stanno arrivando... Io non sono contraria, nel senso che... Per ora quelli che sono arrivati, la cosa che mi ha reso molto contenta è che hanno... sono arrivati investendo e avendo le proprie idee. Però la maggioranza di questi investitori hanno voluto mantenere le persone del posto, comunque a dare una continuità e ad avere quei valori aggiunto che uno da fuori magari non avrebbe. Quindi, quella è una nuova fetta di mercato che si aggiunge, che (inintelligível) potrebbe spaventare, ma (inintelligível) in questi termini secondo me, comunque, siamo sempre sulla stessa linea comune.

**IB:** Lei ritiene di avere un ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e nella conservazione del suo patrimonio? Se sì, come lo vede (piccolo o grande, eseguito in qualche modo particolare, ecc.)?

**MA:** Sicuramente mi sento responsabile. Come azienda e come anche persona. Per dirti... Già solo il fatto che finalmente se sia capito che nei vigneti non si usi diserbanti, per me ormai è scontato che non serve a niente, anzi imbruttisce e crea disagi e problemi. Per altri, magari non. Quindi, sai, quando vedi delle vigne ancora diserbate ti senti sempre un pochino... nonostante no l'abbia fatto tu, io mi sento sempre un po' in colpa perché dico: perché non siamo ancora riusciti ad arrivare al

cento per cento? E quello che vedo con tutti i miei amici che lavorano in questo ambito qua... Cerchiamo sempre di fare un po' di divulgazione. Quindi, di farsi confronto in modo che poi... Ovvio, non è che tutti poi la penseranno mai tutti uguali, però si cerca che almeno la maggioranza vada a ragionare in modo di tutela. Quindi, secondo me, responsabilità ci ne sentiamo tanta. Sia come persone, in primi come cittadini di questa zona qui che come lavoro. E da una parte mi piace anche molto raccontarlo, quindi, mi piace anche accogliere un sacco di gente per farli capire quello che c'è qui. Dall'altra mi rendo anche conto che se fosse grande turismo tutti i giorni sarebbe anche un'altra sorta di inquinamento. Quindi, secondo me un'altra cosa importante da sempre tenere a mente è come capire, come bilanciare questo aspetto qui.

**IB:** Come vede il rapporto degli altri membri della comunità con la località e la consapevolezza che hanno sul loro ruolo nella conformazione del territorio, del suo paesaggio e della conservazione del suo patrimonio?

**MA:** Io credo che la maggioranza, anche chi non fa il mio lavoro, io credo comunque sì, sia anche perché, comunque, per un motivo molto... concreto: la maggioranza di persone che comunque vive qui lavora in ambiti anche di ospitalità o comunque turismo, quindi... il turismo... già solo il fatto di dover tutelare un territorio per poi (inintelligível) raccontare è quello che ti da mangiare. Quindi, in un certo senso, secondo me, un minimo ti devi sentire responsabile. C'è gente che invece fa tutt'altro, lavora, magari non (inintelligível) ne frega niente, però comunque è la stessa persona che gli piace vivere in un certo modo e gli piace dove ha la propria casa, quindi, di conseguenza anche nel suo piccolo (inintelligível) va a tutelare.

**IB:** Contribuisce...

**MA:** Esatto. Quindi, io credo che la maggioranza delle persone sia in un'ottica... di consapevolezza di quello che c'è. È una fetta molto piccola invece di chi non ne se rende conto oppure contro, oppure... mette i bastoni tra le ruote per ostacolare queste cose qua.